



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Rafaela Taísa Menin

**A queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol na narrativa de jornais:
sentidos e (re)ações na constituição do acontecimento**

Florianópolis

2019

Rafaela Taísa Menin

**A queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol na narrativa de jornais:
sentidos e (re)ações na constituição do acontecimento**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Jornalismo da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de Mestre em
Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Terezinha da Silva

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Menin, Rafaela Taísa

A queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol na narrativa de jornais: sentidos e (re)ações na constituição do acontecimento / Rafaela Taísa Menin ; orientador, Maria Terezinha da Silva, 2019.

160 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Acontecimento. 3. Tragédia. 4. Associação Chapecoense de Futebol. 5. Cobertura jornalística. I. Silva, Maria Terezinha da. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Jornalismo. III. Título.

Rafaela Taísa Menin

**A queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol na narrativa de jornais:
sentidos e (re)ações na constituição do acontecimento**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Maria Terezinha da Silva, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.(a) Daiane Bertasso Ribeiro, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Bruno Kegler, Dr.
Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Jornalismo.

Coordenação do Programa

Prof.(a) Maria Terezinha da Silva, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2019.

AGRADECIMENTOS

Dediquei os últimos 1.032 dias da minha vida para o Mestrado. Foram 912 dias como aluna da Pós-Graduação em Jornalismo e, antes disso, 120 dias estudando para ingressar. É impressionante o quanto este ciclo de vida afetou-me. É impressionante como em alguns momentos você ama e, em outros, você odeia o que você mesmo escolheu. No meu caso, penso que isso ocorreu porque o Mestrado me fez encarar “fraquezas” e “verdades” que eu havia deixadas escondidas em uma caixinha que nem mesmo eu tinha acesso.

Em certo momento, os sentidos e reações que eu buscava apreender ao olhar para o objeto de estudo da minha dissertação (...o acontecimento/tragédia da Chapecoense...) também passaram a ser uma busca pessoal. Isso me fez observar meu próprio passado, dar/mudar sentidos para vários acontecimentos ao longo da minha vida e, a partir daí, gerar futuros certos (e outros incertos) para minha própria existência. Assim, aos poucos, o principal teórico desta dissertação, o francês Louis Quéré, passou a fazer mais sentido.

Precisei encarar meu histórico de muito trabalho e pouca pesquisa. Em razão disso, também encarei minhas bases e valores de vida. Encarei minhas culpas, meus medos. Busquei auxílio. Comecei a repensar em tudo. Encontrei respostas variadas para tudo que questionei e, com medo, aproveitei para mergulhar em cada uma delas. Lutei e luto contra parte do que me foi ensinado, mas também reforcei muito do que me foi mostrado e dito ao longo da vida.

Repensei cada parte da minha existência – física e espiritual. Repensei minhas bases e mantive no que me mantém firme. Repensei meus próprios pensamentos e tornei-me mais consciente. Redefini o sentido de minhas ações, discursos e pensamentos e continuei executando o que me mantém ativa. Para algumas perguntas, escolhi uma resposta, por enquanto. Para outras, escolhi várias ou nenhuma resposta, não sei até quando.

Pensei que fosse fraca, em vários momentos, nos últimos anos. Hoje, tenho certeza, que estou mais forte. Refiz-me. Reencontrei-me. Descobri-me. Redescobri-me. Obrigada, Mestrado. Obrigada por me aproximar do que mais preciso: da minha família de sangue e sua compreensão pela minha presença e, especialmente, ausência; da família que estou formando com a determinação do meu marido e alegria dos meus cachorros; de amigos compreensíveis, especialmente do IFSC, do Jornalismo, e àqueles conquistados durante as buscas emocional e espiritual dos últimos anos; e, claro: obrigada por uma orientadora persistente em ensinar.

Agradeço e deixo você ir. Continuo certa: nada é por acaso.

A morte é um evento fascinante para o jornalismo especialmente quando reúne o embate entre o homem e a natureza. O homem, que desenvolve a tecnologia para vencer seus limites naturais, por vezes sucumbe. Não tem asas, mas criou um modo de voar; não tem nadadeiras, mas encontrou um jeito de navegar. É temeroso deixar a terra, mas o mar tem a matéria primordial (Bachelard, 2002) que seduz o homem. É assim que os acidentes aéreos e os naufrágios nos obrigam a uma consciência sobre o acaso, o destino, a impotência, a responsabilidade e a finitude. Essas tragédias são estatisticamente raras, e isso só aumenta seu poder de atração para o jornalismo. O que é eventual tem mais peso do que é habitual, porque se torna novo. Se o acontecimento reunir outros elementos de repetível universalidade, evidentemente ganhará mais visibilidade (BENETTI, 2012, p. 154).

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado tem como objeto de estudo a constituição da queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol como um acontecimento na narrativa de jornais. O objetivo geral é apreender, através da cobertura jornalística realizada, o modo como o acontecimento adquire sentidos e desdobra-se em (re)ações por parte de diferentes atores que colaboram para a sua constituição social e simbólica. Busca-se compreender por que e como o acontecimento afeta e repercute tanto na esfera público-midiática e o que ele revela sobre o contexto sociocultural em que surge. A pesquisa está fundamentada na abordagem de acontecimento formulada por Louis Quéré (2005), que trata do processo de constituição social e simbólica dos acontecimentos, destacando suas duas características marcantes: o poder de revelação e o poder de afetação. Desta perspectiva, retiramos um modelo analítico para ler e analisar relatos jornalísticos sobre a queda do avião que transportava o time da Chapecoense, composto por duas dimensões de análise: 1) a descrição e a narração; e 2) a afetação do acontecimento. O *corpus* da pesquisa é constituído por um conjunto de 146 textos selecionados da cobertura feita pelos jornais *Folha de S.Paulo* (de circulação nacional), *Diário Catarinense* (Santa Catarina), e *Diário do Iguçu* (Chapecó). A análise mostra que diferentes sentidos são utilizados para interpretar o que aconteceu (acidente, desastre, fatalidade, assassinato), predominando, porém, uma descrição do acontecimento que o define como a maior tragédia do esporte, com disputas de sentido em torno das responsabilidades sobre o ocorrido. Mostra ainda um conjunto de características que singularizaram este acontecimento (quantidade de mortos, relação com o mundo do futebol e da imprensa, interrupção abrupta de uma trajetória vitoriosa e de sonhos de um jovem time de futebol) e que contribuíram para a sua ampla repercussão público-midiática. A queda do avião produziu afetação de públicos de diferentes campos sociais e abrangência geográfica e os instigou a realizar distintos tipos de ação, que fazem parte do processo de constituição deste acontecimento e estão ligadas especialmente à vivência coletiva da dor e do luto e da expressão pública de formas de solidariedade.

Palavras-chave: Jornalismo. Acontecimento. Tragédia. Cobertura Jornalística. Associação Chapecoense de Futebol.

ABSTRACT

The object of study in this Master's research consists in the constitution of the airplane crash of Chapecoense Soccer Association as an event in newspapers narrative. The general objective is to apprehend, through the journalistic coverage, the way the event acquires meaning and unfolds in (re)actions by different actors that collaborate for its social and symbolic constitution. It seeks to understand why and how the event affects and resonates both in the public-media sphere and what it reveals about the sociocultural context in which it arises. The research is based on the event approach formulated by Louis Quéré (2005), which deals with the process of social and symbolic constitution of events, highlighting its two striking characteristics: the revelation power and the affectation power. From this perspective, we draw an analytical model to read and analyze journalistic reports about the airplane crash that carried Chapecoense's team, composed by two analysis dimensions: 1) the description and narration; and 2) the affectation of the event. The research *corpus* consists in 146 texts selected from the coverage made by the newspapers *Folha de S.Paulo* (national circulation), *Diário Catarinense* (Santa Catarina), and *Diário do Iguaçú* (Chapecó). The analysis shows that different senses are used to interpret what happened (accident, disaster, fatality, murder), predominating, however, a description that defines the event as the greatest tragedy of the sport, with disputes of meaning around the responsibilities about what happened. It also shows characteristics that singularized this event (number of deaths, relationship with the world of soccer and the press, abrupt interruption of a victorious trajectory and dreams of a young soccer team) contributed to its wide public-media repercussion. The airplane crash produced audience affectation in different social fields and geographical coverage and instigated them to carry out different types of action, which are part of this event constitution process and are linked especially to the collective experience of pain and grief and the public expression of forms of solidarity.

Keywords: Journalism. Event. Tragedy. Journalistic coverage. Chapecoense Soccer Association.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Capa do jornal *Diário do Iguçu*, edição 5.729, de 30/11/2016..... 89
- Figura 2:** Capa do jornal *Diário Catarinense*, edição 11.117, de 30/11/2016 89
- Figura 3:** Capa do jornal *Folha de S.Paulo*, edição 32.018, de 30/11/2016 89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Mapeamento temático do primeiro período de análise	90
Gráfico 2: Mapeamento temático do segundo período de análise	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características e motivação para o detalhamento das pesquisas encontradas nos bancos de dados nacionais e internacionais	19
Quadro 2: Categorias e exemplos de ocorrências nomeadas como tragédia.....	23
Quadro 3: Principais dados das pesquisas acadêmicas nacionais	33
Quadro 4: Exemplos e quantidade de ocorrências nomeadas como tragédia pelos pesquisadores estrangeiros.....	35
Quadro 5: Principais dados das pesquisas acadêmicas internacionais	49
Quadro 6: Principais informações encontradas na análise dos estudos brasileiros e estrangeiros publicados entre 2008 e 2018	51
Quadro 7: Períodos e motivos para seleção da cobertura jornalística	81
Quadro 8: Mídias selecionadas para a análise	82
Quadro 9: Corpus de análise em cada uma das mídias e por período	83
Quadro 10: Mapeamento temático – Categorias e descrição das características	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A TRAGÉDIA NA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E JORNALISMO	18
1.1 Panorama da pesquisa acadêmica	18
1.2 A tragédia na pesquisa nacional de comunicação e jornalismo	20
1.3 A tragédia na pesquisa internacional	32
1.4 Definindo tragédia	50
2 A QUEDA DO AVIÃO DA CHAPECOENSE COMO ACONTECIMENTO	57
2.1 Diferentes abordagens sobre acontecimento	57
2.2 O acontecimento na organização da experiência social e o papel do jornalismo	68
3 A QUEDA DO AVIÃO DA CHAPECOENSE NA COBERTURA DE JORNAIS	75
3.1 O contexto e a repercussão social e midiática	75
3.2 Problema de pesquisa e metodologia	78
3.2.1 <i>Corpus</i> e panorama da análise	80
3.2.2 O jornal local <i>Diário do Iguazu</i>	82
3.2.3 O jornal estadual <i>Diário Catarinense</i>	85
3.2.4 O jornal nacional <i>Folha de S.Paulo</i>	86
3.3 Mapeamento temático	88
3.4 Descrição e narração na <i>Folha</i> : a maior tragédia do esporte brasileiro e a disputa sobre as responsabilidades	92
3.5 A afetação a partir do relato da <i>Folha</i> : o luto e a solidariedade coletivos	100
3.6 Descrição e narração no <i>Diário Catarinense</i> : a maior tragédia do esporte	107
3.7 A afetação no relato do <i>DC</i> : o luto e a solidariedade coletivos	114
3.8 Descrição e narração no <i>Diário do Iguazu</i> : a maior tragédia de Chapecó	118
3.9 A afetação no relato do <i>DI</i> : quando a imprensa é afetada pela tragédia	123
3.10 O acontecimento na narrativa dos três jornais: sentidos e ações	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	142
REFERÊNCIAS DOS JORNAIS	154
ANEXO	160

INTRODUÇÃO

Os acontecimentos qualificados como tragédias costumam ter ampla cobertura jornalística e repercussão pública. Especialmente nos primeiros dias e semanas após a ocorrência trágica, há produção de notícias e reportagens em veículos de comunicação diversificados. Ao longo dos últimos anos há vários exemplos da grande reverberação público-midiática deste tipo de ocorrência: o ataque do “11 de setembro”, nos Estados Unidos, em 2001; o tsunami ocorrido na Ásia, em 2004; a passagem do furacão Katrina, nos Estados Unidos, em 2005; o desaparecimento de Madeleine McCann, em Portugal, em 2007; a queda do voo 447 da Air France, que seguia do Rio de Janeiro para Paris, em 2009; a morte de Isabella Nardoni, em São Paulo, em 2008; o incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), em 2013; o rompimento da barragem de Mariana (MG), em 2015; e a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol, ocorrido na Colômbia, em 2016.

A intensa midiaticização de todas as dimensões da vida social (o cotidiano, a política, a religião, o esporte, etc.) é certamente um fator a explicar a repercussão e o modo como este tipo de acontecimento reverbera e se desdobra para além do espaço e tempo de sua ocorrência. Da mesma forma, certas características específicas de cada acontecimento trágico – como a queda de um avião que transportava jogadores do “país do futebol” e vários jornalistas – também são razões importantes a considerar. Outros fatores socioculturais ainda podem ajudar a entender por que este tipo de acontecimento toca e interessa tanto a atenção pública e jornalística. É o que nos interessa explorar nesta dissertação.

A pesquisa toma como objeto de estudo a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol e o modo como este acontecimento reverberou através de narrativas jornalísticas produzidas logo após a ocorrência e um ano depois. O interesse surge a partir de 29 de novembro de 2016, quando o avião que transportava a Associação Chapecoense de Futebol caiu na Colômbia, por falta de combustível. Das 71 vítimas fatais, 19 eram jogadores de futebol, 21 eram profissionais da imprensa, 13 trabalhavam como membros da comissão técnica, e ainda faleceram nove dirigentes, dois convidados (empresários) e sete tripulantes. Dos sobreviventes, três são jogadores, um é jornalista (que faleceu em 2019), e ainda havia uma comissária e um técnico de voo na lista.

Mesmo não sendo torcedora de futebol, senti-me intensamente impactada por este acontecimento. Os motivos são inúmeros: por morar na cidade de Chapecó há 20 anos, por ter produzido matérias jornalísticas sobre o time antes e após a queda do avião, por ter me sentido

parte do luto coletivo ao perder o time da cidade e especialmente amigos e colegas de profissão. Em meio a este contexto, de luto, união e solidariedade coletivos, surgiram as perguntas desta dissertação: 1) Que sentidos e ações são desencadeados pelo acontecimento; 2) Por que e como ele afeta e repercute consideravelmente na esfera público-midiática; e 3) O que o acontecimento revela sobre o contexto sociocultural em que surge. Estas são nossas questões-problema, as quais buscamos investigar a partir da análise do acontecimento da Chapecoense em jornais.

Seja no senso comum, na crítica feita às coberturas jornalísticas das mídias e mesmo na pesquisa acadêmica que se dedica a analisar o tratamento dado a acontecimentos nomeados como tragédia (naturais – como grandes enchentes, terremotos etc. – ou de outros tipos –, como quedas de avião, ataques terroristas, etc.), há uma tendência a limitar a descrição e análise desses acontecimentos e sua ampla repercussão a partir da chave de leitura do apelo à emoção e ao sensacionalismo. Para além do sensacionalismo – que, algumas vezes, tende a acompanhar a cobertura deste tipo de acontecimento, ao menos no Brasil –, esta pesquisa busca explorar outra chave para pensar a relação que o jornalismo estabelece com a cobertura de uma tragédia.

Acreditamos que o tratamento e repercussão dados a essas ocorrências estão relacionados ao modo como o acontecimento afeta a experiência coletiva, tocando em questões coletivas e/ou valores sociais tidos como importantes naquele contexto. Da mesma forma, entendemos que o modo como a sociedade – mídias jornalísticas incluídas – trata o acontecimento e as suas consequências relaciona-se a formas socioculturais habituais de lidar com os problemas coletivos revelados no transcurso desses acontecimentos.

A elaboração deste estudo apoia-se em uma concepção de jornalismo enquanto atividade comunicacional que está profundamente vinculado à vida social (FRANÇA, 1998). Há entre ambos – mídias jornalísticas e sociedade – uma “dinâmica de reflexividade”, na medida em que as mídias falam da sociedade e que a sua contínua produção, renovação e circulação de discursos e representações repercutem e atuam de volta na sociedade (SILVA; FRANÇA, 2017, p.10). Assim, argumentamos que o jornalismo tem um papel importante nesta dinâmica comunicativa que promove e/ou atualiza valores sociais como solidariedade, justiça, entre outros. E isto a partir de suas práticas cotidianas, a exemplo de uma cobertura jornalística – entendida aqui como uma situação de comunicação que envolve tanto decisões operacionais de produção (seleção de fontes, estratégias de apuração, consideração da linha político-editorial da mídia) quanto à interação com diferentes atores (fontes, públicos, etc.), a

qual é atravessada por disputas de sentido e diferentes ideologias e valores (SILVA; FRANÇA, 2017).

Com base nestas concepções, estruturamos a dissertação em três capítulos. No primeiro, apresenta-se a revisão bibliográfica, mostrando um panorama da pesquisa acadêmica nacional e internacional sobre tragédias. Tratamos este capítulo como o estado da arte desta dissertação, levando em consideração que “a discussão teórica, o estado da arte, em um projeto, não aparece para mostrar nossa erudição, mas tem a função precípua de sustentar e abrir nosso problema. Ela transforma o problema em uma problemática” (FRANÇA; LOPES, 2017). A partir disso, definimos a nossa forma de entender uma tragédia – noção amplamente utilizada em pesquisas e em coberturas midiáticas – como sendo um tipo de acontecimento caracterizado por uma ruptura negativa na experiência coletiva, que implica em vítima(s), sobretudo fatais, que gera incertezas em função das possíveis consequências, que tende a desencadear uma intensa repercussão pública e midiática, e a impulsionar um conjunto de comportamentos e práticas que colaboram com a afirmação de valores sociais, a recomposição da experiência rompida e a renovação da sociedade.

A partir da compreensão de que tragédia é uma forma de qualificar um acontecimento, o segundo capítulo da dissertação traz as reflexões teóricas sobre acontecimento, apresentando diferentes abordagens deste conceito no âmbito da pesquisa em comunicação e jornalismo. Embora muitas destas perspectivas trouxeram e ainda trazem contribuições relevantes para as áreas da comunicação e do jornalismo, nas quais o conceito de acontecimento é tão importante, indicamos também o que consideramos certos limites: uma considerável ênfase no papel central que a mídia teria na construção do acontecimento, desconsiderando a participação de outros atores, e na dimensão discursivo-narrativa, desconsiderando que o acontecimento é constituído também a partir da experiência e da ação dos sujeitos.

Por isso, o destaque será dado à perspectiva do sociólogo francês Louis Quéré (1997, 2005, 2012). O autor francês destaca principalmente o papel que o acontecimento desempenha na organização da ação dos sujeitos e da experiência coletiva (SILVA, 2011). Também enfatiza duas características fundamentais de um acontecimento: o seu poder de revelação ou potencial hermenêutico e o seu poder de afetação de indivíduos e coletividades. O primeiro se refere ao potencial do acontecimento em originar novos sentidos e esclarecimento sobre ocorrências e experiências anteriores, de revelar problemas ou possibilidades antes não pensadas a respeito do passado e do futuro. O segundo corresponde

ao fato do acontecimento suscitar inquietações, demandar escolhas e provocar ações (QUÉRÉ, 2005; SILVA, 2016; FRANÇA, LOPES; 2017). Isto é, um acontecimento se define pela forma como toca e afeta a experiência dos sujeitos (poder de afetação) e pelo que expõe do contexto em que ocorre (poder de revelação).

Partimos desta fundamentação e do que Quéré discute sobre a individualização do acontecimento – o modo particular como cada ocorrência ganha sentido e identidade enquanto um acontecimento singular (QUÉRÉ, 2005; SILVA, 2011) para construir um modelo de análise da queda do avião da Chapecoense na cobertura jornalística com base nas dimensões do processo de individualização do acontecimento (QUÉRÉ, 2005). Com a inspiração nesta abordagem, construímos a grade analítica, composta por duas dimensões: 1) a *descrição e narração* do acontecimento, e 2) a *afetação* do acontecimento. É a partir desta grade que será lido e analisado o material do *corpus*, visando analisar o trabalho de constituição e produção de sentidos sobre a queda do avião na cobertura dos jornais, bem como identificar e discutir as ações desencadeadas por diferentes atores e os possíveis motivos da ampla repercussão ou afetação que o acontecimento gerou.

Para a análise, apresentada no capítulo três, tomamos como objeto empírico a cobertura jornalística da queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol em jornais. São analisadas publicações de três impressos: o jornal *Folha de S. Paulo*, de circulação nacional; o jornal *Diário Catarinense*, de circulação estadual; e o jornal *Diário do Iguazu*, veiculado na região de Chapecó/SC, sede do time da Chapecoense. Para cumprir com o objetivo desta investigação, selecionamos a cobertura realizada nessas mídias sobre dois momentos específicos que consideramos fundamentais para a compreensão do acontecimento. Elas abrangem o período de novembro de 2016 a dezembro de 2017 e são as seguintes: 1) queda do avião da Chapecoense e seus desdobramentos nos primeiros dias; 2) a memória de um ano da queda do avião. O *corpus* da pesquisa, então, é constituído por 146 matérias jornalísticas, sendo 66 matérias publicadas no *Diário do Iguazu*; 44 no *Diário Catarinense*; e 36 na *Folha de S. Paulo*.

Para termos uma visão geral dos textos jornalísticos selecionados como *corpus de análise* realizamos primeiramente um mapeamento temático. Mesmo não sendo foco desta pesquisa, percebemos já neste mapeamento algumas diferenças e semelhanças entre as coberturas jornalísticas, o que nos proporcionou chegar a cinco principais temas escolhidos como foco nos 146 textos dos três jornais: a ocorrência e suas causas; as (re)ações coletivas/públicas; as vítimas; as responsabilidades, indenizações e consequências; e a reconstrução, recuperação. Por último, apresentamos o resultado da análise do acontecimento

com base nas duas dimensões citadas acima (*descrição e narração, e afetação*). Analisamos primeiramente essas duas dimensões em cada um dos três jornais (*Folha de S. Paulo, Diário Catarinense e Diário do Iguçu*) e, em seguida, interpretamos o conjunto da análise nas três mídias, indicando respostas às questões centrais que motivaram esta pesquisa: que sentidos e ações são desencadeados pelo acontecimento, por que ele afeta e repercute tanto e o que revela sobre o contexto sociocultural em que surge e reverbera.

De forma geral, a *descrição e narração* das mídias revelaram que a queda do avião foi definida de forma predominante como a maior tragédia da história do futebol e que a disputa interpretativa ocorre nos momentos em que se avança na discussão sobre as causas e responsabilidades sobre a queda da aeronave e conseqüentemente sobre possíveis indenizações a familiares e sobreviventes – e que até o fechamento desta pesquisa, em dezembro de 2019, continuavam a ser reivindicadas na justiça. A análise ainda revela como o acontecimento constrói a sua temporalidade: recuperando passados e abrindo possibilidades de futuros. Além disso, ao concentrar o olhar na dimensão da *afetação*, observamos fatores que singularizaram a queda do avião e contribuíram para sua reverberação, como o número de mortos (71) e os vínculos destas pessoas com o mundo do futebol, da imprensa e do empresariado; além de a ruptura provocada na trajetória de sucesso de um time do interior do Brasil, um time em plena ascensão no mundo do futebol.

Ainda percebe-se que a forte afetação provocada por este acontecimento sobre públicos ou grupos de distintos campos sociais (torcedores, jogadores, familiares e clubes de futebol, inclusive de outros países; moradores e empresários de Chapecó e região; jornalistas e imprensa; figuras públicas, entre outros) não chega, porém, a desencadear um tipo de ação coletiva ou uma problematização nas narrativas jornalísticas – pelo menos não no período e mídias analisadas. Por outro lado, a afetação produzida pela queda do avião da Chapecoense desencadeou um conjunto de ações que revela o quanto este tipo de acontecimento (a tragédia, a morte) são apropriados socialmente como momentos para a afirmação de valores, com destaque aqui para a solidariedade ao outro e a união diante da dor e da perda.

CAPÍTULO I

1 A TRAGÉDIA NA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E JORNALISMO

Neste primeiro capítulo, discutimos a noção de tragédia e o modo como este tipo de ocorrência tem sido estudado nas pesquisas em comunicação, jornalismo e ainda naquelas de outras áreas, mas que de alguma forma abordam, mesmo indiretamente, coberturas jornalísticas no Brasil e em outros países. Trata-se do estado da arte construído a partir da pesquisa bibliográfica em artigos científicos, dissertações e teses desenvolvidas nacional e internacionalmente, no período de dez anos, entre janeiro de 2008 e maio de 2018.

1.1 PANORAMA DA PESQUISA ACADÊMICA

A fim de investigar os modos como as pesquisas nas áreas da comunicação, do jornalismo e àquelas que de algum modo mencionem coberturas jornalísticas, têm abordado a temática das tragédias – entendidas provisoriamente como ocorrências de grande repercussão social e midiática –, realizamos uma busca nos principais bancos de dados nacionais¹ e internacionais² que reúnem artigos científicos, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Para isso, definimos quatro critérios: **1)** período de busca delimitado aos últimos dez anos (2008 a 2018)³; **2)** definição da palavra “tragédia” para busca nos bancos de dados nacionais⁴, e definição do termo “jornalismo e tragédia” (“*journalism and tragedy*”)⁵ na revisão internacional; **3)** Identificação da palavra “tragédia”, inicialmente, nos títulos e/ou resumos das publicações; **4)** publicações ligadas à Comunicação, ao Jornalismo ou pesquisas de outras

¹ Nacionalmente, a pesquisa concentrou-se em bancos de dados sugeridos pela Biblioteca da UFSC e em outros vinculados ao Jornalismo: 1) Catálogo de Dissertações e Teses da Capes; 2) Scientific Electronic Library Online (SciELO); 3) Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós); 4) Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); 5) Congressos Regionais do Intercom (Sul, Centro-Oeste, Nordeste, Norte); 6) Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor); 8) Google Acadêmico.

² Internacionalmente, a pesquisa concentrou-se em bancos de dados sugeridos pela Biblioteca da UFSC: 1) Microsoft Academic Research (pesquisas de 20 universidades norte-americanas, inglesas, italianas, e duas brasileiras); 2) Directory of Open Access Journals (Diretório de revistas eletrônicas, mantido pela Lund University Libraries, na Suécia, e reúne mais artigos de 128 países); 3) Oxford Journals; 4) Pro Quest (Depósito oficial de teses e dissertações nos Estados Unidos. Acesso a mais de 2,7 milhões de publicações); 5) Sage Journals (reúne cerca de 1 mil jornais e 800 livros e artigos científicos); e 6) Ebsco Host (provedora de bancos de dados de pesquisa, fornece texto completo e indexação de periódicos acadêmicos para instituições de ensino).

³ O período de busca iniciou em janeiro de 2008 e encerrou-se em maio de 2018.

⁴ Decidimos por “tragédia” em razão dos resultados pouco significativos para “jornalismo e tragédia”.

⁵ Delimitação em razão da grande quantidade de conteúdo encontrado com o termo “tragedy” (“tragédia”).

áreas que abordem coberturas jornalísticas⁶. Com esta delimitação, encontramos 1.286 publicações: 188 resultados nos bancos de dados brasileiros e 1.198 artigos, dissertações ou teses nos espaços de busca internacionais⁷.

Depois da coleta desses dados, priorizamos a leitura de todos os títulos e resumos. Chegamos ao número final de 42 publicações brasileiras e de 84 estrangeiras com interesse direto para esta dissertação. Ao realizar uma breve análise deles, conseguimos apresentar um detalhamento das principais características dessas pesquisas, como o tipo e quantidade de cada publicação, o ano e a origem do estudo, as principais teorias, metodologias e autores escolhidos e ainda o tipo de ocorrência nomeada como tragédia (Quadro 1). Este material permitiu-nos identificar os modos como a pesquisa acadêmica tem abordado o tema das tragédias, nacional e internacionalmente. E, a partir disso, definimos o conceito de tragédia que utilizamos nesta dissertação e como podemos contribuir para a pesquisa deste tema.

Quadro 1: Características e motivação para o detalhamento das pesquisas encontradas nos bancos de dados nacionais e internacionais	
Característica	Motivo
Tipo de publicação e quantidade	Apresentamos que tipo de pesquisa (artigo, dissertação ou tese) foi encontrada e a quantidade de cada uma, para perceber o esforço que os pesquisadores têm conferido para o assunto.
Ano da pesquisa	Identificamos o ano de cada pesquisa para verificar se há e qual é o período dos estudos, a fim de compreender a relação com a “tragédia” estudada.
Origem das publicações	Aplicamos este filtro no caso da pesquisa internacional, para descobrir o tratamento conferido ao assunto em diferentes países do mundo.
Teorias/metodologias/autores	Buscamos as principais teorias, metodologias e autores, buscando compreender quais pesquisadores contribuem com as principais discussões relacionadas aos grandes temas desta dissertação: tragédia, jornalismo e acontecimento.
Tipo de ocorrência nomeada como tragédia	Identificamos as ocorrências descritas como “tragédias” nas pesquisas, para entender quem as nomeia (ex. pesquisador e/ou mídia). Ao perceber diversas semelhanças e diferenças, as aglutinamos em categorias para compreender a importância de cada uma, além de os principais enquadramentos conferidos a cada uma das ocorrências.

Fonte: elaboração própria.

⁶ Este filtro precisou ser aplicado, pois sem ele encontramos 8.973 resultados.

⁷ Número muito maior em comparação ao nacional em razão da gama de países que cadastram trabalhos nos bancos de dados estrangeiros.

1.2 A TRAGÉDIA NA PESQUISA NACIONAL DE COMUNICAÇÃO E JORNALISMO

Para uma análise mais detalhada, selecionamos 42 pesquisas nacionais que interessam diretamente para esta dissertação⁸. A maioria destes trabalhos são artigos científicos (26, no total), outros 10 são dissertações, e ainda há uma tese e dois Trabalhos de Conclusão de Curso⁹. Ao se debruçar sobre esses estudos, é possível inferir que há um padrão na forma com que eles foram desenvolvidos, já que os autores priorizaram, em 37 das 42 publicações, alguma cobertura jornalística que tratou de ocorrências nomeadas como “tragédia”¹⁰ como material empírico.

Essas análises concentram-se, especialmente, em coberturas realizadas por veículos de comunicação nacionais, mas também aparecem outros níveis de veiculação: local, estadual e até internacional. Os pesquisadores escolheram como objetos empíricos, em sua maioria, notícias publicadas sobre “tragédias” em mídias impressas ou televisão (CARVALHO, 2018; DELEVATI, 2013; ETGES; OLIVEIRA, 2014; LAGE, 2013b; MACIEL et al., 2017; MELLO, 2017; NEGRINI; NETO, 2017; RAMOS; ZAMBERLAN, 2010; RUBIN, 2011; SANTOS, 2014; SILVA, 2016; WERNECK, 2017). Outros autores, já em menor número, selecionaram notícias de portais de internet e mídias sociais (BASTOS; ZAGO, 2013; FLORES, 2017; PATROCÍNIO; SILVA, 2017); e apenas um trabalho analisou a cobertura radiofônica de uma “tragédia” (ZIMMERMANN, 2012).

Diferentes embasamentos teórico-metodológicos são utilizados para explorar questões ligadas ao Jornalismo nessas 37 análises de coberturas jornalísticas. Essas teorias e metodologias não necessariamente têm como interesse central a análise da cobertura jornalística realizada por uma mídia, embora abordem, mesmo indiretamente, o tratamento dado à ocorrência (“tragédia”) pelas mídias analisadas. Uma das semelhanças encontradas diz respeito às teorias utilizadas para embasar as pesquisas. Do total, 13 autores buscaram alguma abordagem sobre acontecimento, sendo que em 11 publicações esta é ou está entre as principais discussões teóricas (BORTOLI, 2011; CAMPOS, 2013; CARVALHO, 2018;

⁸ Do total de publicações encontradas com a palavra “tragédia” no título ou resumo, nos bancos de dados no Brasil, 50% são escritas por pesquisadores de Ciências Humanas; 32% na área de Linguística, Letras e Artes; e 14% na área de Ciências Sociais Aplicadas, sendo que destes, 42 ou 26% deles, estão voltadas especificamente à discussão de Jornalismo e “tragédia” ou à análise de coberturas jornalísticas sobre ocorrências nomeadas como tragédia – pela mídia e/ou pelos pesquisadores. A maior parte das divulgações envolve pesquisas que discutem o “trágico” de obras clássicas e abordam questões filosóficas e históricas.

⁹ Incluímos esses dois trabalhos, mesmo sendo de graduação, pois são ligados ao Jornalismo e tratam da queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol (objeto empírico desta dissertação).

¹⁰ As outras cinco publicações analisam interações de usuários em redes sociais como o *Facebook* ou discutem o assunto teoricamente, sem análise empírica da produção das mídias, mas com a preocupação de discutir enquadramento ou discurso.

FRANÇA, 2011; KEGLER, 2016; LAGE, 2012; LAGE, 2013b; MAIA; REIS, 2011; PIMENTA, 2014; SILVA, 2016; SIMÕES, 2014). Outra semelhança entre esses estudos está na maneira de compreender um acontecimento, já que todos os 11 pesquisadores apresentam e utilizam a abordagem pragmatista do sociólogo francês Louis Quéré (2005, 2012) – o qual praticamente não aparece entre os pesquisadores internacionais, como veremos adiante. Boa parte dos autores também expõem diferentes maneiras de conceituar acontecimento, com as reflexões de Tuchman (1983), Lesters; Molotch (2016), Meditsch (1997; 2010), Mouillaud; Porto (2002), Verón (1980, 2004), Traquina (2005), Sodré (2009), Alsina (2005) e França (2012), os quais serão abordados no segundo capítulo desta dissertação.

Os estudos de enquadramento também são uma das semelhanças nas 13 publicações. Em cinco delas, além de tratar sobre acontecimento, os pesquisadores dão ênfase para identificar e compreender os *frames* de uma “tragédia” a partir da análise de acontecimentos tratados pelas mídias (FRANÇA, 2011; FERRACIOLI et al., 2017; MAIA; REIS, 2011; LEAL; MATA, 2012; SILVA, 2016). Teoricamente, não há unanimidade; os estudiosos trabalham com autores como Goffman (2012), Entman (1993), Tuchman (1983), Bateson (1988), Anabela Carvalho (2000), Scheufele (2007) e Porto (2003, 2007) – diferente das pesquisas internacionais, nas quais os primeiros dois autores são os mais citados quando se trata de enquadramento, como veremos adiante.

Das 42 publicações separadas para a análise, oito artigos ou dissertações ainda dão ênfase à mediação dos veículos de comunicação ou dos jornalistas durante a produção de notícias relacionadas a ocorrências trágicas. O principal interesse é debater o papel do jornalismo e do jornalista enquanto mediador e/ou “Gatekeeper” (BASTOS; ZAGO, 2013; CARVALHO, 2018; COUTINHO; MATA, 2013; FLORES, 2017; KOCHHAN, 2017; LAGE, 2013b; NEGRINI; NETO, 2017; SANTOS, 2014). Outras cinco publicações preocupam-se em debater emoção e/ou sensacionalismo (GUIMARÃES; ORELLANA, 2013; MACIEL et al., 2017; MORETZSOHN, 2013; PATROCÍNIO; SILVA, 2017; SILVA, 2014), apresentando razão e emoção filosófica e sociologicamente (MORETZSOHN, 2013), refletindo sobre a forma de se “fazer jornalismo” em situações de “tragédia” (MACIEL et al., 2017) ou ainda relacionando a cobertura de tragédias a conceitos de sensacionalismo (PATROCÍNIO; SILVA, 2017). Duas pesquisas ainda debatem a solidariedade diante dessas ocorrências (GUIMARÃES; ORELLANA, 2013; SILVA, 2014).

Os autores ainda estudam as estratégias discursivas da mídia durante a cobertura de uma “tragédia”, priorizando a análise do discurso (AZEVEDO; MARTINS, 2009;

COSENZA, 2009; ETGES; OLIVEIRA, 2014; MELLO, 2017; RAMOS; ZAMBERLAN, 2010); o envolvimento do público na produção jornalística e/ou a formação de públicos/atores a partir da cobertura jornalística de uma “tragédia” (KEGLER, 2016; OLIVEIRA, 2016; SANTOS, 2014; ZIMMERMANN, 2012). Por fim, as demais publicações abordam a ocorrência trágica a partir de quadros teórico-conceituais relacionados a valores-notícia (RUBIN, 2011); história e evolução das mídias (SOUZA; SILVA, 2013); comunicação organizacional (PÉRSIGO, 2011); jornalismo esportivo (WERNECK, 2017); relações entre os campos midiático, científico e político (DELEVATI, 2013); e à semiótica e/ou semiologia (BERTOL; REBONATTO, 2014; RAMOS; ZAMBERLAN, 2010).

Percebe-se também ao analisar os trabalhos brasileiros selecionados, que a maior parte das publicações ocorreu no final da década pesquisada: das 42 publicações, 62% (ou 27) estão concentradas nos anos de 2013 a 2017. Ao ler os materiais, a principal explicação é a quantidade de grandes acontecimentos neste período, no Brasil, que foram denominados “tragédias”, seja pela imprensa, pelos cidadãos ou pelos pesquisadores. Como exemplos, citamos o incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), que matou 242 e feriu em torno de 680 pessoas, em janeiro de 2013 e inspirou 11 publicações ligadas ao Jornalismo, especialmente no mesmo ano e no ano seguinte (BASTOS; ZAGO, 2013; BERTOL; REBONATTO, 2014; BRANDALISE; NEGRINI, 2015; ETGES; OLIVEIRA, 2014; GUIMARÃES; ORELLANA, 2013; KEGLER, 2016; MORETZSOHN, 2013; OLIVEIRA, 2016; SANTOS, 2014; SILVA, 2014; SOUZA; SILVA, 2013). Outro exemplo é a barragem de Fundão, em Mariana (MG), que matou 17 pessoas no final de 2015 e levou a quatro publicações nos anos seguintes (BUENO, 2017; CARVALHO, 2018; FERRACIOLI et al., 2017; SILVA, 2016). E, ainda, a queda do avião da Chapecoense, no final de novembro de 2016, foi tema de oito pesquisas na sequência ao ocorrido (CARVALHO, 2017; FLORES, 2017; KOCHHAN, 2017; MACIEL et al., 2017; MELLO, 2017; NEGRINI; NETO, 2017; PATROCÍNIO; SILVA, 2017; WERNECK, 2017).

Essas e outras ocorrências escolhidas pelos pesquisadores como objetos empíricos também nos faz perceber a relação entre a data da “tragédia” e a publicação de artigos, dissertações ou teses. Como visto no parágrafo anterior, a maioria das produções inicia ainda no mesmo ano da ocorrência e segue nos dois anos seguintes. O desaparecimento do voo 447 da empresa *Air France*, no Oceano Atlântico, em maio de 2009, também pode ser citado como exemplo, pois a ocorrência inspirou três estudos na sequência da “tragédia” (AZEVEDO; MARTINS, 2009; COSENZA, 2009; PÉRSIGO, 2011). Ainda há o temporal que caiu no Rio de Janeiro, em abril de 2010, e foi tema de quatro pesquisas no mesmo ano e

no ano seguinte e inspirou outros estudos até 2014 (AMARAL et. al., 2010; DELEVATI, 2013; COUTINHO; MATA, 2013; MAIA; REIS, 2011; RAMOS; ZAMBERLAN, 2010; RUBIN, 2011; SANTOS, 2014).

Quando prestamos atenção especificamente às ocorrências estudadas em cada uma das pesquisas, as análises dos artigos, dissertações e teses brasileiros ainda levaram-nos a perceber que os pesquisadores costumam focar sua atenção e nomear como “tragédia” algumas ocorrências semelhantes, que categorizamos conforme detalhamento do Quadro 2:

Quadro 2: Categorias e exemplos de ocorrências nomeadas como tragédia	
Categoria	Exemplos de ocorrências
Incêndios e tiroteios em espaços coletivos	<ul style="list-style-type: none"> • Incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), em 2013; • Tiroteio na escola do bairro Realengo, no Rio de Janeiro (RJ), em 2011.
Ocorrências socioambientais	<ul style="list-style-type: none"> • Rompimento da barragem em Mariana (MG), em 2015; • Enchentes em Blumenau (SC), em 2008, e no Rio de Janeiro (RJ), em 2010 e 2011.
Quedas de avião	<ul style="list-style-type: none"> • Desaparecimento e queda do voo “447”, da <i>Air France</i>, que seguia do Brasil para a França, em 2009; • Queda da aeronave que transportava a equipe de futebol da Chapecoense, empresários e jornalistas, em 2016.
Morte de uma pessoa pública ou comum que gerou intensa midiatização	<ul style="list-style-type: none"> • Morte de Ayrton Senna, na Itália, em 1994. • Morte de Isabella Nardoni, em São Paulo, em 2008; • Sequestro e morte de Eloá Cristina, em 2008; • Morte de Marcos Matsunaga, herdeiro do grupo Yoki, em maio de 2012; • Morte do ex-governador Eduardo Campos, em agosto de 2014.

Fonte: elaboração própria.

Até este ponto, os indexadores nacionais revelam que, ao estudar algum acontecimento caracterizado como tragédia, na última década, os pesquisadores brasileiros publicaram principalmente artigos científicos, entre 2013 e 2017, para analisar o tratamento do acontecimento em mídias impressas ou televisionadas. No desenvolvimento destes estudos, priorizaram as teorias do acontecimento e do enquadramento, debateram o papel do jornalista enquanto mediador de uma notícia “trágica” e a relação da imprensa com o sensacionalismo ao informar sobre este tipo de ocorrência. Por fim, as pesquisas abordam coberturas da imprensa em “tragédias” com um perfil semelhante, que nos levaram a criar as seguintes categorias de ocorrências: incêndios e tiroteios em espaços coletivos; ocorrências

socioambientais; quedas de avião; e morte de uma pessoa pública ou comum que gerou intensa midiaticização. É sobre cada uma destas semelhanças que tratamos na sequência.

1.2.1 Incêndios e tiroteios em espaços coletivos

Ao concentrar o olhar para os 42 estudos brasileiros, duas ocorrências semelhantes nomeadas como “tragédias” se sobressaíram e deram vida a esta categoria: **1)** o tiroteio na escola de Realengo (RJ), em abril de 2011¹¹; e **2)** o incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), em janeiro de 2013¹². Apesar de serem apenas duas situações caracterizadas como trágicas, elas levaram à produção do maior número de pesquisas brasileiras encontradas a partir dos critérios da busca, sendo 13 das 42 publicações, o que equivale a 31%. São oito artigos (BASTOS; ZAGO, 2013; BERTOL; REBONATTO, 2014; ETGES; OLIVEIRA, 2016; GUIMARÃES; ORELLANA, 2013; LAGE, 2012; MORETZSOHN, 2013; BRANDALISE; NEGRINI, 2015; SOUZA; SILVA, 2013), quatro dissertações (LAGE, 2013b; OLIVEIRA, 2016; PIMENTA, 2014; SILVA, 2014) e a única tese localizada em toda a revisão bibliográfica, o que também demonstra a importância que a pesquisa acadêmica conferiu a este tipo de ocorrência, especificamente à “tragédia” da Boate Kiss (KEGLER, 2016).

Todos os pesquisadores definem as duas ocorrências como “tragédias”, e Lage (2012; 2013) ainda utiliza o termo “massacre”, referindo-se à forma como a mídia nomeou o tiroteio em Realengo. A base teórico-metodológica das publicações nessas ocorrências é diversificada, sendo que a semelhança fica por conta das teorias do acontecimento (LAGE, 2012, 2013b; PIMENTA, 2014; KEGLER, 2016), mas essas ocorrências ainda são analisadas sob outras perspectivas: história dos meios de comunicação (SOUZA; SILVA, 2013); valores-notícia (MORETZSOHN, 2013); semiótica (BERTOL; REBONATTO, 2014); análise do discurso (ETGES; OLIVEIRA, 2014), e análise sobre o papel das fontes jornalísticas (OLIVEIRA, 2016). Encontramos nesta categoria ainda pesquisas preocupadas em refletir sobre a emoção e/ou a solidariedade geradas a partir da própria “tragédia” ou da cobertura jornalística do acontecimento (GUIMARÃES; ORELLANA, 2013; MORETZSOHN, 2013; SILVA, 2014), sendo que, de maneira geral, a ideia desses três pesquisadores é compreender

¹¹ Em 7 de abril de 2011, um homem de 23 anos invadiu a escola de Realengo, no Rio de Janeiro, e atirou contra estudantes e professores. Deixou 12 mortos e 22 feridos.

¹² O incêndio foi na madrugada de 27 de janeiro de 2013, dentro da boate Kiss, em Santa Maria (RS). A banda Gurizada Fandangueira realizava um show e lançou um artefato pirotécnico, que atingiu o teto (isolado com uma espuma altamente inflamável e tóxica) e iniciou o incêndio. A ocorrência matou 242 pessoas e 680 ficaram feridas, principalmente jovens.

como uma cobertura jornalística ou a interação nas redes sociais geram sentimentos como o medo e a solidariedade, e fazem as pessoas agir.

Alguns trabalhos interessam-nos de forma mais detalhada, por trabalharem com teorias e/ou metodologias com alguma relação com nossa pesquisa. Um dos exemplos trata-se da pesquisa de Doutorado de Kegler (2016), a qual estuda “Redes de Comunicação Pública” que teriam sido criadas a partir do acontecimento da Boate Kiss e seriam formadas por “atores” distintos, já que, segundo o pesquisador, a tragédia gerou intensa midiaticização, mas também houve repercussão social, consequências políticas e judiciais. Esses “atores”, por sua vez, são “constituídos com objetivos distintos, que vão desde atividades beneficentes até as manifestações em busca de justiça” (KEGLER, 2016, p. 216). E, ao estudá-los, o pesquisador percebe que as redes de comunicação pública assumem diferentes níveis de protagonismo, o que pode estar relacionado a razões diversas, como: o interesse pelo tema, o envolvimento com o acontecimento, a finalidade institucional ou social, e a capacidade de comunicação – meios e competências técnicas e discursivas (KEGLER, 2016).

Lage, por sua vez, dedicou artigos e a dissertação (2012, 2013a, 2013b) para a análise do que chama de “tragédia”, “chacina” e “massacre”: o tiroteio na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro Realengo (RJ). Examina o conceito de acontecimento percorrendo diversas abordagens teóricas e, em um dos estudos (LAGE, 2013b), busca perceber “como ocorre a dinâmica configuradora do acontecimento, o que denomina de uma poética jornalística”. Para isso, analisa narrativas em notícias da *Veja* e da *Folha de S.Paulo* e, a partir delas, colhe evidências de uma poética jornalística do acontecimento enquanto “trabalho mediador que não apenas narra o acontecimento, mas também atua como vetor compreensivo daquela experiência” (LAGE, 2013b, p. 8).

Até este ponto, ao olhar para essas pesquisas sobre incêndios e tiroteios em espaços coletivos, podemos afirmar que este tipo de ocorrência gerou o maior percentual (31%) de estudos encontrados entre 2008 e 2018. Os pesquisadores e a mídia utilizam, praticamente em todos os momentos, o termo “tragédia” como forma de qualificar as ocorrências, mas, em alguns trechos, ainda as descrevem como “massacre” e “chacina”. As pesquisas detiveram-se na análise do tratamento midiático sob a perspectiva de teorias do acontecimento, ainda tiveram como foco o estudo de redes de comunicação, que seriam criadas a partir da “tragédia”, e refletiram sobre emoção e solidariedade.

1.2.2 Ocorrências socioambientais

Das 42 publicações selecionadas e analisadas para o *corpus* deste capítulo, encontramos 12 que selecionaram ocorrências socioambientais como objetos empíricos de pesquisa. São 28,5% do total, sendo oito artigos científicos (AMARAL et. al., 2010; BUENO, 2017; COUTINHO; MATA, 2013; DELEVATI, 2013; FERRACIOLI et al., 2017; MAIA; REIS, 2011; RAMOS; ZAMBERLAN, 2010; SILVA, 2016) e quatro dissertações (CARVALHO, 2018; RUBIN, 2011; SANTOS, 2014; ZIMMERMANN, 2012). A prioridade destes pesquisadores no período analisado foi relacionada a três tipos de ocorrências: **1)** dois deslizamentos de terra, após temporais, ocorridos no Rio de Janeiro, em abril de 2010¹³ e janeiro de 2011¹⁴ (AMARAL et. al., 2010; COUTINHO; MATA, 2013; DELEVATI, 2013; MAIA; REIS, 2011; RAMOS; ZAMBERLAN, 2010; RUBIN, 2011; SANTOS, 2014; ZIMMERMANN, 2012); **2)** rompimento da barragem de Mariana (MG), em 2015¹⁵ (CARVALHO, 2018; FERRACIOLI et al., 2017; SILVA, 2016); e **3)** enchente em Blumenau (SC), em 2008¹⁶ (SANTOS, 2014; ZIMMERMANN, 2012).

Todas as publicações analisam o tratamento midiático ou jornalístico sobre uma ocorrência. Além de nomeá-las como “tragédia”, os pesquisadores utilizam ou citam como sinônimos os termos “desastre” (SANTOS, 2014; ZIMMERMANN, 2012), “catástrofe” (AMARAL et. al., 2010; COUTINHO; MATA, 2013; SANTOS, 2014), “tragédia anunciada” (FERRACIOLI et al., 2017; ZIMMERMANN, 2012), “tragédia não anunciada” (CARVALHO, 2018), “crime socioambiental”, ou “acidente” (SILVA, 2016).

Embasam as pesquisas em teorias do acontecimento (CARVALHO, 2018; MAIA; REIS, 2011; SILVA, 2016) e/ou do enquadramento (AMARAL et. al., 2010; FERRACIOLI et al., 2017). Também se preocupam com o papel do jornalista ou do jornalismo como mediador (CARVALHO, 2018; SANTOS, 2014) ou como testemunha (COUTINHO; MATA, 2013). E ainda se interessam em investigar se os profissionais de imprensa recebem orientações para a cobertura desse tipo de ocorrência (SANTOS, 2014; ZIMMERMANN, 2012). Amaral et al. (2010), por exemplo, analisam as notícias veiculadas no Jornal Nacional,

¹³ A chuva intensa iniciou em 5 de abril de 2010, alagando várias cidades do estado do Rio de Janeiro. A ocorrência mais grave foi dois dias depois, um deslizamento no morro do Bumba, em Niterói, local que abrigava um lixão até o início da década de 1980. Ao todo, 231 pessoas morreram.

¹⁴ A chuva intensa, novamente, causou enchentes e deslizamentos em várias cidades, especialmente na região Serrana do estado do RJ.. Foram contabilizados 917 mortes e mais de 300 desaparecimentos.

¹⁵ Na tarde de 5 de novembro de 2015, a barragem “Fundão”, de rejeitos de mineração, rompeu-se. A lama inundou principalmente o distrito de Bento Rodrigues (MG), matando 18 pessoas, e seguiu pelo rio até o mar.

¹⁶ Após um período de chuvas, em novembro de 2008, a cidade de Blumenau (SC) ficou inundada e decretou estado de calamidade pública. Outras cidades do estado também sofreram. Ao todo, foram 135 mortes.

no dia 08 de abril de 2010, sobre o deslizamento no Morro do Bumba, em Niterói/RJ, para compreender o que chamam de “marcas de endereçamento”: como o telejornal enquadra o acontecimento e como posiciona a audiência durante uma “catástrofe”. Afirmam que “o resultado da tragédia legitima a ampla cobertura e autoriza, neste dia, uma postura mais indignada e opinativa e a busca de solidariedade e de piedade do telespectador” (AMARAL et al, 2010, p. 4).

O rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), ocorrido no final de 2015, foi o tema de inúmeras pesquisas. Enquadrando a ocorrência como o “maior desastre socioambiental do Brasil”, Carvalho (2018, p. 7) buscou investigar quais sentidos emergem da construção de personagens e papéis na cobertura do Jornal Nacional, e apontou que o telejornal apresentou informações superficiais e descontextualizadas, mas conferiu o protagonismo da história às vítimas e de vilã à Samarco. Silva (2016) também se debruça sobre a mesma ocorrência para identificar o modo como as mídias analisadas (sites das revistas *Veja*, *Época* e *Carta Capital*) realizaram a descrição (ou enquadramento) e a construção narrativa do rompimento da barragem, a partir da abordagem do acontecimento proposta por Queré (2005). Ou seja, aqui um dos objetivos é justamente identificar como as mídias jornalísticas e as fontes por elas acionadas definiram ou enquadraram o que ocorreu: se como “tragédia” e/ou “acidente” – definições que remetem a causas naturais –, ou se como “crime”. Entre as conclusões, aponta que *Veja* e *Época* interpretaram o acontecimento como “acidente”, depois o modificaram para “tragédia” ou “desastre ambiental”. *Época* ainda o definiu como “crime” ou “crime socioambiental”, assim como a revista *Carta Capital* (SILVA, 2016, p. 14).

A diversidade de enquadramentos disponíveis na mídia sobre o rompimento da barragem de Mariana (MG) também foi o centro da análise de Ferracioli et al. (2017). Os autores comparam o ângulo dado a notícias publicadas em “dias chave da cobertura”, ao longo de um ano, em uma mídia local (*Estado de Minas*), três portais de internet (*GI*, *R7*, *Uol*) e três veículos de comunicação nacionais (*Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*). Utilizam-se do conceito de enquadramento de Robert Entman (1993)¹⁷ e também de

¹⁷ De forma resumida, Entman (1993 apud FERRACIOLI et al., 2017) trata do enquadramento a partir dos conceitos como saliência e seleção, explicando que enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida, é tornar uma informação mais saliente em um texto. Aponta quatro características de um enquadramento, que não necessariamente precisam estar presentes simultaneamente: um *frame* diagnostica um problema, apontando o que um agente está fazendo; aponta causas para este problema, identificando as forças por trás daquela situação; faz julgamentos morais, avaliando os agentes e os efeitos de suas atitudes; e, por fim, sugere soluções, prevendo os possíveis efeitos dos problemas.

Mauro Porto (2003, 2007)¹⁸. Na comparação de enquadramentos apresentam que: **1)** no dia da “tragédia anunciada” a cobertura deu destaque para a contextualização do acontecimento; **2)** no dia seguinte, a mídia mescla a discussão de contextualização, meio ambiente, investigação e histórias de vida; **3)** após uma semana, o foco é o meio ambiente; **4)** um mês depois há coberturas de histórias de vida e do meio ambiente; **5)** em dois meses depois, além dos dois últimos ângulos, abordaram direitos/cidadania; e **6)** um ano depois, aborda-se meio ambiente.

Após a categorização e breve análise desta categoria, podemos destacar que, entre 2008 e 2018, o modo como as mídias e/ou o jornalismo tratou ocorrências socioambientais foram preocupações em 12 pesquisas. Para eles e para a imprensa que aparece nos estudos, essas “tragédias” também podem ser chamadas de “desastre”, “catástrofe”, “tragédia anunciada”, “tragédia não anunciada”, “crime socioambiental” e “acidente”. Como principais teorias, os autores utilizam o acontecimento e o enquadramento, sendo que Entman (1993) e Porto (2003, 2007) são destaques, e preocupam-se ainda com a mediação do jornalismo/jornalista.

Ao ler as pesquisas, acreditamos que as escolhas dos pesquisadores se dão em razão de as principais ocorrências escolhidas terem causado ampla repercussão midiático-jornalística; e, segundo, em razão da necessidade dos pesquisadores em entender como essas “tragédias” foram tratadas pelas principais mídias impressas jornalísticas do país. Necessidade esta que nos permite enxergar que parece existir uma grande diferença entre uma cobertura jornalística que descreve como “acidente” ou “tragédia” e outra que enquadra como “crime socioambiental” o rompimento da barragem de Mariana, em 2015, por exemplo.

1.2.3 Quedas de avião

A pesquisa bibliográfica revelou 11 publicações (ou 26,2%) que utilizaram o termo “tragédia” para se referir a alguma queda de avião¹⁹ (AZEVEDO; MARTINS, 2009; CARVALHO, 2017; COSENZA, 2009; FLORES, 2017; KOCHHANN, 2017; MACIEL et al., 2017; MELLO, 2017; NEGRINI; NETO, 2017; PATROCÍNIO; SILVA, 2017; PÉRSIGO, 2011; WERNECK, 2017). Como objetos empíricos dessas pesquisas, duas ocorrências destacaram-se: **1)** o desaparecimento do voo 447, da Air France, em 2009²⁰; e **2)** a queda do

¹⁸ Porto (2007 apud FERRACIOLI et al, 2017) trabalha com a noção de diversidade de enquadramentos, defendendo que esta diversidade permite ao cidadão compreender os diferentes ângulos, perspectivas e questões envolvidas em uma notícia ou acontecimento.

¹⁹ São oito artigos, uma dissertação e dois Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

²⁰ O voo era do RJ para a França, em 31 de maio de 2009, quando caiu no Oceano Atlântico com 228 pessoas.

avião da Chapecoense, em 2016²¹, sendo que todos os pesquisadores se basearam em coberturas jornalísticas para desenvolver os trabalhos.

Dentre as preocupações dos pesquisadores estão a comunicação organizacional (PÉRSIGO, 2011) e a estruturação discursiva gerada pela imprensa (AZEVEDO; MARTINS, 2009; COSENZA, 2009). Este, por exemplo, utiliza reportagens do francês *Le Figaro* sobre a queda do voo 447 para analisar o discurso a partir da perspectiva de Patrick Charaudeau (2006). Busca compreender a construção de dramatização e aponta que o impresso relata o acontecimento e, especialmente, as reações a ele com um “considerável teor dramático, porém desprovido de imagens fortes expressivas de tragédias” (COSENZA, 2009, p.14).

Apesar do desaparecimento do voo 447 ter sido assunto das publicações científicas citadas, a ocorrência aérea que mais chamou a atenção dos pesquisadores, no período analisado, foi a queda do voo com a Associação Chapecoense de Futebol (ACF), ocorrida em 29 de novembro de 2016. Mesmo sendo mais recente, encontramos seis artigos referentes a esta ocorrência (CARVALHO, 2017; FLORES, 2017; MACIEL et al., 2017; MELLO, 2017; NEGRINI; NETO, 2017; PATROCÍNIO; SILVA, 2017) e dois Trabalhos de Conclusão de Curso (KOCHHANN, 2017; WERNECK, 2017)²². Todos se referem ao acontecimento como “tragédia”, e alguns utilizam “desastre”, “acidente” ou “acidente aéreo” para a descrição.

Os TCC’s trabalham de forma mais generalista, analisando as coberturas jornalísticas como um todo. Werneck (2017) mapeia as notícias divulgadas, nos 30 dias seguintes, em dois portais de internet brasileiros (*GI* e *UOL*) e outros dois estrangeiros (*El Colombiano* e *La Razón*). Após a análise quantitativa nesses quatro veículos de comunicação mostrar 906 notícias e 25.921 comentários relacionados ao acontecimento, o estudante criou categorias para identificar os principais enfoques do material jornalístico encontrado. Com isso, descobriu que os portais focaram as notícias especialmente no assunto “solidariedade/homenagens” (30% das publicações), “mortes/sobreviventes” (27%), “queda/acidente” (16%), entre outros. Kochhann (2017), por sua vez, compara qualitativamente a cobertura jornalística sobre a queda do avião da Chapecoense em dois jornais impressos que circulam em Lajeado (RS). Escolhe os exemplares publicados entre 30 de novembro, dia seguinte ao acontecimento, e 10 de dezembro de 2016. Como similaridade entre as publicações jornalísticas, encontra especialmente a repetição das palavras

²¹ Jogadores da Associação Chapecoense de Futebol (ACF) estavam num voo para a Colômbia para disputar uma partida internacional. Com eles, estavam dirigentes, empresários e profissionais da imprensa; 71 pessoas morreram e seis sobreviveram.

²² Não foi realizada a pesquisa por trabalhos de conclusão de graduação, mas estes foram inclusos porque nos interessa aprofundar a leitura, já que tratam do mesmo objeto empírico desta dissertação.

“homenagens”, “dor”, “luto” e “tragédia”. Como diferenças, aponta um número superior de fotografias e fontes jornalísticas do jornal que realizou a cobertura *in loco* em comparação ao outro impresso, que não enviou jornalista para a cidade de Chapecó (SC).

Já os seis artigos científicos têm enfoques para identificar se houve ou não cobertura jornalística sensacionalista. Maciel (2017) busca refletir sobre a forma de fazer jornalismo em cenários de tragédia e a mudança repentina na linha editorial da TV *Globo*, que transformou os funcionários em entrevistados. Patrocínio; Silva (2017) compara conceitos de sensacionalismo com a cobertura realizada pelo *Catraca Livre* no dia da “tragédia”. A pesquisadora utilizou a cobertura deste site como exemplo, pois a forma como o site abordou o acontecimento fez com que 400 mil pessoas deixassem de seguir e/ou curtir a página do *Facebook* nos dias seguintes. Os comentários na rede social afirmavam que o *Catraca Livre* foi “oportunista” e “insensível” ao noticiar a “tragédia”, com títulos como: “Medo de voar? Saiba como lidar com isso!”, “Passageiros que filmam pânico em avião” e “10 mitos e verdades sobre viajar de avião” (PATROCÍNIO; SILVA, 2017, p. 7).

Utilizando também o portal de internet *Catraca Livre* como empírico, Flores (2017) discorre sobre a teoria do Gatekeeper para avaliar o papel de mediação do criador do portal, Gilberto Dimenstein, ao noticiar sobre a Chapecoense e compreender como as experiências pessoais e os juízos de valor influenciam na decisão de escolha da notícia. Chegou à conclusão de que “o criador do *Catraca Livre* não demonstrou remorso e nem solidariedade aos familiares das vítimas do acidente após as críticas que teve” (FLORES, 2017, p. 10). A mediação dos comunicadores também é o foco de Negrini (2017), que reflete sobre a importância de mediadores da Rede *Globo* (cinégrafistas, repórteres, editores, apresentadores) para a midiatização de tragédias. Além de avaliar a cobertura da emissora durante o velório das vítimas da queda do avião da Chapecoense, também analisa o velório de Ayrton Senna, em 1994. Acredita que “os mediadores sempre serão os principais responsáveis pela qualidade da transmissão” e que a *Globo* “respeitou famílias e mortos [...] e televisionou a dor e a saudade” (NEGRINI; NETO, 2017, p. 14).

Ao aglutinarmos nesta categoria 12 pesquisas que trataram de quedas de avião, percebemos que não é qualquer cobertura jornalística sobre aeronaves que caíram que se transformaram em objetos empíricos dos pesquisadores entre 2008 e 2018, mas sim duas ocorrências com muitas vítimas fatais, que envolveram algum outro país além do Brasil, como a França, no voo 447, e a Colômbia, no voo da Chapecoense, e o fato deste último ter um time de futebol dentro. Para se referir a estas duas ocorrências, os pesquisadores utilizaram especialmente o termo “tragédia” e, em algumas situações, “acidente” e “desastre”. Ao

analisar notícias, os autores descobriram coberturas focadas em drama, emoção, solidariedade, homenagens, luto. Em razão disso, preocupam-se em analisar questões como a mediação, o sensacionalismo e a dramatização no discurso jornalístico.

1.2.4 Morte de uma pessoa pública ou comum que gerou intensa midiaticização

Os bancos de dados também nos levaram a cinco estudos (12% do total): três artigos (CAMPOS, 2013; FRANÇA, 2011; NEGRINI; NETO, 2017; SIMÕES, 2014) e uma dissertação (BORTOLI, 2011) em que o termo “tragédia” está associado a outro tipo de ocorrência, também envolvendo vítimas, mas, neste caso, com um diferencial: o número de pessoas envolvidas. Enquanto nas demais ocorrências encontradas (incêndios e tiroteios em espaços coletivos; ocorrências socioambientais; e quedas de avião), há uma grande quantidade de vítimas, especialmente fatais, nesta categoria as publicações referem-se a coberturas da morte de uma única pessoa, mas que também foram denominadas “tragédia”. São elas: **1)** Ayrton Senna²³, **2)** Isabella Nardoni, em março de 2008²⁴; **3)** Eloá Cristina, em outubro de 2008²⁵; **4)** Marcos Matsunaga, herdeiro do grupo Yoki, em maio de 2012²⁶; **5)** o ex-governador Eduardo Campos, em agosto de 2014²⁷; e **6)** Robin Williams, em 2014²⁸.

A segunda diferença desta categoria para as demais diz respeito aos termos utilizados para nomear as ocorrências analisadas e a quem os utiliza: mídia ou pesquisador. Enquanto nas outras publicações, a maior parte dos próprios autores das publicações nomeia as ocorrências de “tragédias”, nesta categoria é a mídia quem confere mais ênfase a esta definição (BORTOLI, 2011; CAMPOS, 2013; SIMÕES, 2014). Quando os autores dessas três publicações utilizam o termo “tragédia”, eles o marcam entre aspas para mostrar que o enquadramento provém da mídia, e preferem usar termos como “crime”, “acontecimento”, ou alguns mais específicos como “Caso Isabella” ou “Caso Yoki”.

²³ Ayrton Senna, piloto brasileiro de Fórmula 1, faleceu em maio de 1994 e sua morte foi amplamente midiaticizada. Neste estudo (NEGRINI; NETO, 2017), os pesquisadores tratam desta morte, mas também da queda do avião da Chapecoense. Desta forma, como nos interessa mais esta segunda ocorrência, demos ênfase a este trabalho na categoria de “quedas de avião”.

²⁴ Isabella Nardoni, de 5 anos de idade, foi jogada do 6º andar de um edifício, por seu pai e sua madrasta. Os dois foram condenados a mais de 25 anos de prisão cada um.

²⁵ Eloá Cristina Pereira Pimentel, 16 anos, foi mantida em cárcere privado pelo ex-namorado, de 13 a 18 de outubro de 2008, em São Paulo. Uma amiga estava junto e saiu ferida. Eloá levou dois tiros e faleceu.

²⁶ O empresário da empresa alimentícia Yoki foi morto e esquartejado pela esposa, em maio de 2012.

²⁷ Quando o político era candidato à Presidência, em 2014, seu jato caiu e o matou, em Santos (SP).

²⁸ Ator e comediante norte-americano que se suicidou em 11 de agosto de 2014.

Bortoli (2011), por exemplo, analisa o discurso das reportagens de seis telejornais, de cinco diferentes emissoras, para identificar em que medida os fenômenos de linguagem – repetição ou redundância e diferença – são reproduzidos e transformados nos processos de construção do “Caso Isabella”. Aponta que todas as coberturas jornalísticas destacam a violência contra crianças dentro de casa, ao falar do acontecimento. Campos (2013) examina como se deu o processo de “individuação” (QUÉRÉ, 2005) do “Caso Yoki” na revista *Veja* para observar que valores da sociedade aparecem e são reforçados. Entre os resultados aponta a importância conferida a questões de gênero, como o machismo e a posição social.

Simões (2014) analisa duas mortes “trágicas” ocorridas em 2014: a do político brasileiro Eduardo Campos²⁹ e o suicídio do ator norte-americano Robin Williams. Visa apreender de que maneira esses acontecimentos são construídos nos discursos midiáticos e ainda discutir a morte nos dias atuais. A morte do político, segundo a análise, trouxe ao debate os acidentes aéreos e “o luto e o respeito, mas inúmeras piadas que exibem uma insensibilidade à morte” (SIMÕES, 2014, p. 13). Já o acontecimento do ator fez a mídia enfrentar a publicação sobre suicídio, assunto que costuma ser evitado, e refletir sobre esta problemática. França (2011), por sua vez, constrói o artigo sob a teoria do acontecimento de Quéré (2005, 2012) e aproveita o espaço também para refletir sobre a banalização da violência e da morte, apresentando estatísticas sobre os crimes passionais. A inspiração surge do “Caso Eloá”, que seria “apenas mais uma tragédia cotidiana na grande cidade, mas ganha repercussão que ultrapassa sua importância objetiva no cenário público” (FRANÇA, 2011, p. 1). Aposta nos *fait divers* (fato inusitado) como explicação para a forte cobertura midiática e inserção na pauta de conversação dos brasileiros.

Esta categoria foi uma surpresa durante a busca nos bancos de dados, pois deparamo-nos com uma característica que não havia aparecido até então: a morte de apenas uma pessoa, mas que mesmo assim gerou intensa cobertura da mídia e foi chamada de “tragédia” (especialmente pela mídia). Mesmo assim, este tipo de pesquisa suscitou a reflexão sobre problemas públicos, nas coberturas analisadas e nas próprias pesquisas, como o suicídio e a violência doméstica. Uma das explicações pode ser a ruptura causada, pois como tratam Brandalise; Negrini (2015), não é qualquer morte que ganha espaço na mídia, especialmente no caso de alguém que teve uma trajetória de vida comum: “a morte do cidadão comum ganha espaço na mídia quando causa algum tipo de ruptura na ordem estabelecida ou quando o seu perecimento se dá de uma forma tocante” (BRANDALISE; NEGRINI, 2015).

²⁹ Vítima junto a outras seis pessoas após a queda do avião em que estavam durante a campanha eleitoral presidencial de 2014.

Por fim, após separarmos as tragédias estudadas nas pesquisas acadêmicas em categorias e analisar as principais características de cada grupo, consolidamos os principais dados da pesquisa acadêmica nacional no Quadro 3, mostrando a quantidade e o tipo de publicação; também o(s) principal(is) ano(s) das publicações e sua ligação com a ocorrência estudada; ainda um resumo das preocupações dos pesquisadores, reveladas por meio de algumas teorias; e, por último, os sinônimos para “tragédia” em cada uma das categorias.

Quadro 3: Principais dados das pesquisas acadêmicas nacionais ³⁰				
Categoria/Dados	Incêndios e tiroteios...	Ocorrências socioambientais	Quedas de avião	Morte de uma pessoa...
Quantidade	31% ou 13 pesquisas	28,5% ou 12 pesquisas	26,2% ou 11 pesquisas	12% ou 05 pesquisas
Tipo ³¹	A: 08 / D: 04 T: 01	A: 08 / D: 04 T: 00	A: 08 / D: 01 T: 0 / TCC: 02	A: 04 / D: 01 T: 00
Principais anos das publicações	2013	2010, 2011 e 2013	2017	2011
Principal ocorrência	2013: Incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria	2010/2011: deslizamentos de terra no RJ	2016: queda do avião da Chapecoense	2011: Eloá Cristina e Isabella Nardoni
Principais teorias/ preocupações dos pesquisadores	Acontecimento, enquadramento, emoção, valores-notícia.	Acontecimento, enquadramento, mediação, testemunho e preparação do jornalista.	Enquadramento e sensacionalismo.	Acontecimento, construção midiática, discussão social (morte, violência).
Sinônimos para tragédia	Massacre, chacina	Desastre, catástrofe, tragédia (não)anunciada, crime socioambiental.	Acidente, desastre aéreo.	Crime e “Caso Eloá”, “Caso Nardoni”.

Fonte: elaboração própria.

1.3 A TRAGÉDIA NA PESQUISA INTERNACIONAL

As 84 pesquisas internacionais encontradas com base nos filtros e selecionadas para compor este item da pesquisa³² são compostas por 39 artigos científicos, 26 pesquisas de

³⁰ Ainda foi encontrado um trabalho que trata de conflitos/guerra, mas não se considerou necessário para a dissertação abrir uma coluna desta tabela apenas para ele.

³¹ O tipo refere-se a Artigo (A), Dissertação (D) ou Tese (T).

³² A busca nos bancos de dados internacionais revelou 1.198 pesquisas. A área da Comunicação detém 16,2% deste total (191).

Mestrado e 19 de Doutorado³³. Chama a atenção a quantidade de trabalhos de Doutorado ligados ao assunto, demonstrando a importância dada ao tema “jornalismo e tragédia” em pesquisas de mais fôlego – especialmente quando comparado ao Brasil, onde foi encontrada apenas uma tese com os parâmetros da busca. A partir da leitura e categorização dos 84 resumos, torna-se possível apontar que na revisão bibliográfica estrangeira todos os estudos preocupam-se em analisar coberturas jornalísticas sobre “tragédias”, geralmente notícias veiculadas no mesmo país da pesquisa, em impresso ou televisão (LIU, 2010; MACHADO; SANTOS, 2009; ROBINSON, 2009a; SHERIFF, 2011; WONDEMAGHEN, 2013). Mas também tratam de coberturas em diferentes locais (ARQUEMBOURG, 2009; ISA, 2015; WUCHER, 2014), sendo que nestes casos buscam identificar e compreender o porquê da diferença de enquadramentos entre os países para uma mesma ocorrência.

Teórica e metodologicamente, também há diferenças entre os pesquisadores brasileiros e estrangeiros: enquanto nacionalmente a vertente pragmatista da teoria do acontecimento já parece estar difundida, guiando vários dos estudos encontrados com os indexadores, lá fora o nome do francês Louis Quéré praticamente não aparece. Em contrapartida, as pesquisas para identificar e analisar enquadramentos aparecem com menos ênfase no Brasil e sem unanimidade de autores, já no exterior, a análise de coberturas jornalísticas com este viés são maioria e todas com base em Entman (1993), Goffman (2012) e, de forma mais tímida, Gitlin (1980).

Além dessas preocupações, os pesquisadores internacionais, assim como os brasileiros, também se utilizam da análise do discurso (BHATTACHARYA, 2008; BORAWSKI, 2016; CRANFIELD, 2011; LEE; SONG, 2017; UMAMAHESWAR, 2015) e debatem especialmente: jornalismo cidadão (DOWNMAN, 2013; FARINOSI; TRERÉ, 2014; ROBINSON, 2009a), comunicação pública (BUTLER, 2012; MAMADIEV, 2011; ZUVERINK, 2012) e memória coletiva (BRITTEN, 2008; LAGERKVIST, 2014; SOMERSTEIN, 2014). Por outro lado, as publicações internacionais diferem das nacionais em publicações com debates focados em gênero, raça e classe social (BAYNARD, 2010; HUCKSTEP, 2008; MORROW, 2016), e ainda no jornalismo de guerra e paz (AKINRO, 2016; BURR, 2017; CRISP, 2013). Outra diferença está na discussão sobre sensacionalismo e solidariedade, que aparece em várias pesquisas brasileiras, mas não em internacionais.

O maior número de estudos produzidos em outros países foi publicado em 2011. Foram 12 publicações, sendo oito delas baseadas em conflitos e guerras, especialmente na

³³ Nos Estados Unidos, as teses garantem o grau de Mestre e as dissertações são o projeto para obter o grau de Doutor. Mantive os números no padrão brasileiro.

“tragédia” do “11 de setembro” e suas consequências no mundo (BRYAN; LORENZO-DUS, 2011; CRANFIELD, 2011; EPKINS, 2011; MAMADIEV, 2011; ROSENBERG, 2011). O maior período de concentração do restante das publicações ocorre em 2014, 2015 e 2016, com 24 trabalhos preocupados principalmente com conflitos em países do Oriente Médio, na Síria e em Londres. Assim como na análise nacional, o levantamento dos artigos, dissertações e teses levaram-nos a perceber que os pesquisadores estrangeiros costumam focar sua atenção e nomear como “tragédia” algumas ocorrências com semelhanças (Quadro 4):

Quadro 4: Exemplos e quantidade de ocorrências nomeadas como tragédia pelos pesquisadores estrangeiros	
Tipo	Exemplos de ocorrências
Guerras e conflitos	<ul style="list-style-type: none"> • Ataques na Suécia; • atentados em Londres; • Queda do muro de Berlim; • Conflitos entre judeus e israelenses pelo território da Palestina.
Fenômenos da natureza	<ul style="list-style-type: none"> • Furacão Katrina; • Tsunami, na Ásia, em 2004; • Terremotos na China, Itália, Haiti e Japão.
Tiroteios e desabamento em espaços coletivos	<ul style="list-style-type: none"> • Tiroteio na escola Columbine (EUA), em 1999; • Tiroteio na escola de Sandy Hook (EUA), em 2012; • Tiroteio na Escola Primária de Dunblane, na Escócia, em 1996; • Tiroteio na universidade de Monash, na Austrália, em 2002; • Tiroteio na escola de Realengo (RJ), em 2011; • Tiroteio em shoppings (EUA), em 2007, e bases militares; Etc.
Quedas de avião	<ul style="list-style-type: none"> • Voo 007, da Korean Airlines, em 1983; • Voo 655, da Irã Air, em 1988; • Voo 5022, da Spanair, em 2008; • Voo MH17, da Malásia Airlines, em 2014.
Desaparecimento de pessoa comum que gerou intensa midiatização	<ul style="list-style-type: none"> • Desaparecimento de Madeleine McCann, em 2007.
Envolvimento psicológico dos profissionais da imprensa³⁴	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisas desenvolvidas em Singapura/Ásia, na Finlândia/Europa; Estados Unidos; Coreia do Sul e Canadá.

Fonte: elaboração própria.

³⁴ Esta categoria não é propriamente de ocorrências, mas também aparece com ênfase quando há a relação entre “tragédia e jornalismo” na pesquisa acadêmica. São artigos, dissertações e teses que debatem questões como traumas, reações emocionais e coragem diante da produção de notícias sobre “tragédias”.

Como se observa no quadro acima, essas pesquisas acadêmicas internacionais estão preocupadas com dois aspectos não encontrados nos em estudos brasileiros: **1)** as guerras e os conflitos³⁵ e **2)** o envolvimento psicológico/emocional dos profissionais da imprensa diante da cobertura jornalística de ocorrências traumáticas. Já as principais semelhanças estão relacionadas a: **1)** tiroteios, especialmente em escolas; e **2)** mortes e/ou desaparecimentos de pessoas comuns que geraram midiatização. Além disso, enquanto as pesquisas nacionais, no período analisado, tratam de ocorrências envolvendo acontecimentos socioambientais, como rompimento de barragem, enchentes e deslizamentos de terra, a pesquisa estrangeira aborda ocorrências ligadas especificamente a fenômenos da natureza (furacão, tsunamí, terremoto).

Não importa onde a produção foi desenvolvida, todos os pesquisadores estrangeiros nomeiam as ocorrências como “tragédia” e “acontecimento traumático”, sendo que o primeiro termo está presente com mais força em publicações de algumas ocorrências e menos de outras. Por exemplo: conflitos e guerras também são chamados de “terror”, “terrorismo”, “acontecimento traumático”; tiroteios são nomeados como “assassinatos” e “massacre”; quedas de avião também são “catástrofes”, “desastres” ou “acidentes”; fenômenos da natureza também são “desastre” e “tragédia americana”. Na sequência, detalhamos cada uma destas e as demais ocorrências semelhantes, consolidadas em categorias específicas.

1.3.1 Conflitos e guerras

Os materiais estrangeiros mostram uma intensa presença de pesquisas sobre conflitos e guerras relacionados à mídia. Encontramos 27 estudos com este foco (11 artigos, nove teses de Mestrado e sete dissertações de Doutorado), o que torna esta como a categoria que mais concentra pesquisas na busca internacional. A origem de 21 das 27 produções concentra-se em universidades dos Estados Unidos, mas também há seis publicações originárias de outras partes do mundo, como: Japão (LEE; SONG, 2017); Suécia (FALKHEIMER; OLSSON, 2015; LAGERKVIST, 2014); Reino Unido (BRYAN; LORENZO-DUS, 2011; WADE, 2015); e ainda uma parceria entre autores de Singapura e Estados Unidos (JENKINS; TANDOC, 2015). Dos 21 estudos norte-americanos, nove referem-se ao Jornalismo praticado a partir de duas ocorrências de dentro deste mesmo país: **1)** “11 de setembro”³⁶, ocorrido em

³⁵ Na pesquisa internacional, encontramos apenas uma publicação referente a quedas de avião e, na busca brasileira, há apenas uma pesquisa que tratou de guerras ou conflitos.

³⁶ O grupo fundamentalista islâmico conhecido como Al-Qaeda sequestrou três aviões lotados nos Estados Unidos, e os jogou contra dois prédios em Nova Iorque conhecidos como as “torres gêmeas”, e contra o Pentágono, em Washington. Cerca de 3 mil pessoas morreram.

2001, mas que completou 10 anos em 2011 (BHATTACHARYA, 2008; BRITTEN, 2008; EPKINS, 2011; LAGERKVIST, 2014; LINGLE, 2016; ROSENBERG, 2011; SOMERSTEIN, 2014, UMAMAHESWAR, 2015); **2)** Conflitos relacionados à raça, dentro dos EUA, que iniciaram na década de 1960 e duram até hoje (MORROW, 2016).

Os demais estudos encontrados referem-se a conflitos ou guerras em outros países: **3)** Ataques na Noruega, na Suécia³⁷ (FALKHEIMER; OLSSON, 2015); **4)** atentados em Londres (Reino Unido), em julho de 2005³⁸ (BRYAN; LORENZO-DUS, 2011; JENKINS; TANDOC, 2015); **5)** Queda do muro de Berlim (Alemanha), no final da década de 1980³⁹ (LEE; SONG, 2017); **6)** Guerra da Bósnia, no início da década de 1990⁴⁰ (WISE, 2016); **7)** Conflitos entre judeus e israelenses pelo território da Palestina (STAWICKI, 2009); **8)** Guerra na Síria⁴¹ (CRISP, 2013; LACKEY, 2015); **9)** Guerra do Iraque⁴² (BORAWSKI, 2016); **10)** “Massacre de Qana”⁴³ (MAKINSTER, 2014); **11)** “Ataque no Quênia, em 2013”⁴⁴ (BURR, 2017); **12)** Conflitos causados pelo Boko Haram, um grupo de islâmicos fundamentalistas que age principalmente no norte da Nigéria (AKINRO, 2016); **13)** “Genocídio em Ruanda”⁴⁵ (HERBIN, 2011); **14)** Guerra do Vietnã, entre 1955 e 1975⁴⁶ (WADE, 2015); **15)** “Massacre de Andijan”⁴⁷ (MAMADIEV, 2011).

Para referirem-se a estas ocorrências, além de utilizarem “tragédia” ou “história trágica”, os pesquisadores ou a imprensa também escolheram “conflito” (WADE, 2015; WISE, 2016), “guerra” (CRANFIELD, 2011; UMAMAHESWAR), “terror” ou “terrorismo” (BORAWSKI, 2016; MAKINSTER, 2014; STAWICKI, 2009; UMAMAHESWAR, 2015), e

³⁷ Em 22 de julho de 2011, uma bomba explodiu no Centro, próximo a prédios do governo e matou oito pessoas, e em seguida um atirador matou 69 jovens na ilha de *Utøya*.

³⁸ Várias bombas explodiram nos metrô da cidade britânica, deixando 56 mortos e mais de 700 feridos.

³⁹ Muro foi construído pela Alemanha Oriental para separar a Berlim Ocidental, não comunista, da Berlim Oriental. Começou a ser construído em 1961 e foi derrubado em 1989.

⁴⁰ Envolveu Bósnia, Croácia e Sérvia, após a dissolução da Iugoslávia. Terminou com cerca de 100 mil mortos.

⁴¹ Iniciou em 2011 com a Primavera Árabe e estende-se até os dias atuais contra o governo de Bashar Al’assad.

⁴² Iniciada em 2003, dois anos após os atos de terrorismo conhecidos como “11 de setembro”, nos Estados Unidos. Durou quase nove anos e estima-se que até 600 mil pessoas possam ter morrido.

⁴³ Uma estrutura das Nações Unidas, no vilarejo de Qana, no sul do Líbano, foi alvo de um ataque de Israel. Mais de 100 civis que se refugiavam no local morreram e este país alegou que o alvo era um refúgio dos terroristas do Hezbollah.

⁴⁴ Ocorrido em 21 de setembro de 2013, quando um grupo de islâmicos radicais da Somália, conhecidos como Al-Shabab, matou mais de 70 pessoas a tiros em um shopping de luxo na África, especificamente em Nairóbi, no Quênia.

⁴⁵ Deixou mais de 800 mil pessoas mortas em 100 dias de conflito entre os dois principais grupos étnicos do país africano: hutus e tutsis

⁴⁶ Entre Vietnã do Norte – apoiada por países comunistas – e Vietnã do Sul – apoiado por países anti-comunistas. Estima-se em torno de 2 milhões de mortos.

⁴⁷ Em 13 de maio de 2005, quando uma tropa do governo atirou contra civis em uma manifestação na cidade de Andijan, no Uzbequistão (Ásia). Os números de mortos variam entre 187, que foi divulgado pelo governo, e 1,5 mil, divulgado por civis.

“acontecimento traumático” (SEELY, 2017; SMITH, 2008). O objetivo de nove dos 27 pesquisadores é o de utilizar teórica e metodologicamente o enquadramento para identificar e compreender se e como a imprensa pode ter contribuído para discursos de paz ou guerra (BHATTACHARYA, 2008; CRANFIELD, 2011; CRISP, 2013; EPKINS, 2011; HERBIN, 2011; LACKEY, 2015; MORROW, 2016; FALKHEIMER; OLSSON, 2015; STAWICKI, 2009). Entre estes pesquisadores há uma semelhança: todos citam ou seguem a teoria de *framing* desenvolvida pelo canadense Erving Goffman, na década de 1970, e por outros dois autores que seguem seus estudos: o norte-americano Robert Entman (1993) e o sociólogo norte-americano Todd Gitlin (1980). As demais pesquisas dividem-se em: **1)** análise do discurso (BHATTACHARYA, 2008; BORAWSKI, 2016; CRANFIELD, 2011; LEE; SONG, 2017; UMAMAHESWAR, 2015); **2)** memória coletiva (BRITTEN, 2008; LAGERKVIST, 2014; SOMERSTEIN, 2014); **3)** teoria de jornalismo de paz e guerra, proposta pelo sociólogo norueguês Johan Galtung (AKINRO, 2016; BURR, 2017); e **4)** comunicação pública (MAMADIEV, 2011).

Para entender, por exemplo, o enquadramento conferido pela mídia para os “ataques terroristas” em Oslo e na ilha de Utóia, na Noruega, os pesquisadores noruegueses Falkheimer; Olson (2015) selecionaram 924 notícias, das duas primeiras semanas após a ocorrência (22 de julho de 2011), dos dois maiores impressos do país (*Verdens Gang* e *Aftenposten*). A análise revelou uma cobertura descritiva, focada no individual (a ocorrência teve apenas um autor), questionando as posições políticas do autor, mas sem analisar razões e consequências político-sociais. A palavra “terrorismo” foi utilizada somente duas vezes pelos jornais, já “tragédia”, “massacre” e “desastre” foram repetidos inúmeras vezes (FALKHEIMER; OLSON, 2015, p. 79).

O conflito da Palestina é explorado por Stawicki (2009), a partir da cobertura jornalística em três jornais dos Estados Unidos: *The New York Times*, *Christian Science Monitor* e *St. Louis Post Dispatch*. Com auxílio dos estudos de enquadramento de Gitlin (1980)⁴⁸, a pesquisa revelou que as coberturas jornalísticas de guerra são muito focadas no momento (naquele conflito) e não em um contexto histórico e social. Já a preocupação de Crisp (2013) foi comparar os enquadramentos midiáticos relacionados a um ataque químico na Síria, em 21 de agosto de 2013, que deixou mais de 1,4 mil civis mortos. Para isso, selecionou notícias publicadas nas duas semanas anteriores e nas duas semanas posteriores a

⁴⁸ Focados no movimento anti-guerra da década de 1960.

esta data, nos jornais *The New York Times* e *USA Today*. A análise dos *frames* foi feita com perspectivas de Entman (1993, 2004) e do professor norte-americano Daniel Hallin (1986).

A teoria do jornalismo de paz e guerra, proposta pelo sociólogo norueguês Johan Galtung, na década de 1970⁴⁹, foi a base para Burr (2017) analisar notícias dos jornais *The Daily Nation* e *The New York Times*, publicadas no mês seguinte a duas ocorrências: o “11 de setembro”, em 2001, nos Estados Unidos, e o “ataque” no Quênia, em 2013. Quando são analisadas somente as matérias do “11 de setembro”, os dois jornais apresentam o maior percentual voltado ao “jornalismo de paz”. E, quando observadas as matérias sobre o ataque no Quênia, *The Daily Nation* inclinou-se para uma posição neutra (58,8%) e *The New York Times* para uma orientação de guerra (51,4%).

Ao olhar apenas para este material, focado em estudar as coberturas jornalísticas de guerras/conflitos, percebe-se o interesse dos pesquisadores no assunto, tanto que existem autores como Galtung (1985), que desenvolvem uma teoria do jornalismo de paz e guerra. Percebe-se ainda a utilização de sinônimos mais fortes para tragédia do que em outras categorias, como “terror”, “terrorismo” e “acontecimento traumático”. E nota-se nitidamente como a ocorrência “11 de setembro” marcou o mundo e principalmente os norte-americanos, que continuam destinando espaço midiático e acadêmico para o conflito. Outro aspecto destacável é o fato de como interessa aos pesquisadores identificar e compreender as diferenças nas coberturas jornalísticas de diferentes países para a mesma ocorrência – por terem diferentes histórias, culturas, etc.

1.3.2 Fenômenos da natureza

Dos 84 trabalhos selecionados, 20 deles (24%) encaixam-se na categoria de fenômenos da natureza. São oito artigos (ARQUEMBOURG, 2009; ECKLER; KALYANGO, 2010; FARENOSI; TRERÉ, 2014; AKIRA et al., 2015; ROBINSON, 2009a; ROBINSON, 2009b; ZHANG, 2015), seis pesquisas de Mestrado (BUTLER, 2012; HUCKSTEP, 2008; LIU, 2010; PERREAULT, 2010; SHERIFF, 2011; ZUVERINK, 2012), e ainda seis estudos de Doutorado (BAYNARD, 2010; CALLOWAY, 2009; JONES, 2011; MCCANN, 2010;

⁴⁹ Galtung (1985) propõe uma tabela com a qual é possível observar uma matéria jornalística de conflitos/guerra e analisar se ela foi feita com foco no jornalismo de paz ou de guerra. Por exemplo: o jornalismo de paz explora a formação do conflito, com diversas vozes e objetivos. Já o jornalismo de guerra foca no conflito em si, em dois lados e em um objetivo e um vitorioso. A ideia surgiu quando Galtung (1985) notou uma tendência de as pessoas verem o jornalismo de guerra no mesmo contexto do jornalismo esportivo, com ênfase na vitória. Ele sugeriu que “deveriam se concentrar no aspecto do jornalismo de saúde, com foco nas causas e na cura de certas doenças” (GALTUNG, 1985 apud BURR, 2017).

ROBERTS, 2010; SURYANARAYAN, 2008). A maior parte foi desenvolvida nos Estados Unidos, com exceção de três, que tem origem na França (ARQUEMBOURG, 2009); na China (ZHANG, 2015); e com a parceria de um autor do México e outro da Itália (FARINOSI; TRERÉ, 2014).

A prioridade em nove pesquisas está relacionada com questões de comunicação ligadas a coberturas jornalística da seguinte “tragédia”: **1)** Furacão Katrina⁵⁰ (BAYNARD, 2010; CALLOWAY, 2009; ECKER; KALYANGO, 2010; HUCKSTEP, 2008; JONES, 2011; ROBINSON, 2009a, ROBINSON, 2009b; SHERIFF, 2011; ZUVERINK, 2012). Além deste, há como objetos empíricos: **2)** o tsunami ocorrido no sul da Ásia, em 2004⁵¹ (ARQUEMBOURG, 2009; SURYANARAYAN, 2008); **3)** quatro terremotos, na China (LIU, 2010; ZHANG, 2015), Itália (FARINOSI e TRERÉ, 2014), Haiti (PERREAULT, 2010; ROBERTS, 2010) e Japão (AKIRA et al., 2015)⁵². Uma pesquisa ainda se foca: **4)** no tornado ocorrido em abril de 2011, em Tuscaloosa, nos Estados Unidos, que terminou com 52 mortes (BUTLER, 2012). E, por último, um dos materiais encontrados analisa: **5)** a cobertura jornalística sobre o clima e “desastres climáticos” de uma maneira geral e não com base em alguma ocorrência específica (MCCAN, 2010).

Todos os pesquisadores utilizam a cobertura midiática sobre algum dos “desastres” citados acima para analisar em seus trabalhos. Em meio aos textos das pesquisas, a palavra “tragédia” é utilizada pelos próprios pesquisadores ou pela mídia para nomear as ocorrências, mas aparece com menos ênfase do que outros termos. Por exemplo, é unanimidade entre os pesquisadores que as ocorrências citadas acima são sinônimo de “desastre”, pois todos utilizam esta palavra inúmeras vezes em suas pesquisas para enquadrar o objeto empírico. Além dela, utilizam também “desastre natural” em alguns trabalhos (HUCKSTEP, 2008; JONES, 2011; ROBERTS, 2010) e Robinson (2009b) ainda nomeia o Furacão Katrina como “tragédia americana”.

O embasamento teórico-metodológico das pesquisas concentra-se principalmente no enquadramento, com ênfase nas teorias de Entman (1993) e Goffman (2012); mas também nos conceitos de acontecimento do francês Quéré (ARQUEMBOURG, 2009); na análise do discurso (ZHANG, 2015); no jornalismo cidadão (DOWNMAN, 2013; FARINOSI; TRERÉ,

⁵⁰ Atingiu a Flórida, nos Estados Unidos, em agosto de 2005, e deixou 1.836 mortos.

⁵¹ Deixou em torno de 290 mil mortos.

⁵² Na China, o terremoto matou quase 70 mil pessoas, em maio de 2008; o segundo matou 300 pessoas e destruiu a cidade de L'Aquila, na Itália, em 2009; o terceiro ocorreu no Haiti, em janeiro de 2010, e matou em torno de 300 mil pessoas; e o quarto foi em março de 2011, no Japão, causou um tsunami e resultou em cerca de 16 mil mortes.

2014; ROBINSON, 2009a); e na comunicação pública (BUTLER, 2012; ZUVERINK, 2012). Praticamente todas aplicam esses conceitos para analisar e/ou comparar publicações locais de jornais ou emissoras de televisão com as nacionais ou comparar notícias da mídia com as publicações de órgãos oficiais.

Os enquadramentos conferidos pela mídia ao Furacão Katrina são preocupação de pesquisadores, especialmente no que diz respeito aos pobres, negros e mulheres. Um dos pesquisadores (BAYNARD, 2010) afirma que a cobertura midiática sobre este fenômeno natural expôs uma longa história de desigualdade em Nova Orleans, principalmente baseada na raça, classe social e gênero. Huckstep (2008), por sua vez, analisou a cobertura jornalística imediatamente após a tempestade, seis meses e um ano depois, com base na teoria e metodologia propostas por Entman (1993). O objetivo era o de identificar como a imprensa enquadrou a pobreza em diferentes momentos. O pesquisador identificou que, logo após o ocorrido, a mídia focou as publicações no fato de a maior parte das vítimas serem mais pobres. Porém, conforme o tempo passou, a análise mostrou que a cobertura “não estimulou debates e nem inspirou esforços de auxílio aos pobres” (HUCKSTEP, 2008, p. 86).

Liu (2010) também trabalhou com o enquadramento (ENTMAN, 1993; GITLIN, 1980; GOFFMAN, 2012), mas o foco de sua pesquisa foi em outro “desastre natural”: o terremoto ocorrido na província de Sichuan, na China, em 12 de maio de 2008. Comparou os enquadramentos da cobertura jornalística de dois impressos do país da ocorrência (*People's Daily* e *West China City Daily*) com outros dois norte-americanos (*Washington Post* e *New York Times*). A análise mostrou a Liu (2010) que a mídia chinesa realizou seu papel de “guard dog”⁵³, mantendo a ideia de unidade e estabilidade nacional. Já os jornais norte-americanos construíram o acontecimento de uma maneira mais diversificada e emocional, com *frames* de histórias de pessoas que morreram, que sobreviveram e ainda sobre aquelas que sofreram danos psicológicos.

A única pesquisadora, nesta categoria, que explora uma “tragédia” na perspectiva do acontecimento trata-se de Arquembourg (2009). Ao estudar a cobertura do tsunami de 2004, no sul da Ásia, questiona: qual é o papel das narrativas midiáticas na construção de acontecimentos coletivos? Com base nos franceses Romano (1998, 1999) e Quéré (2005), aborda que o acontecimento não pode mais ser considerado um produto da mídia, mas sim um

⁵³ A teoria do “guard dog” (cão de guarda) sugere que o jornalismo “guard dog” tem três características: **1)** os meios de comunicação atuam como protetores de grupos particulares dentro das elites de poder; **2)** o foco e a abordagem dos meios de comunicação são moldados de acordo com quem está sendo protegido e quem é definido como a ameaça (externa / interna, política / racial, etc.); **3)** em tempos de conflito político e/ou escândalo, é comum o cão de guarda ligar um dos “mestres” (DONOHUE, TICHENOR e OLIEN, 1995).

produto de múltiplas interações entre atores e públicos midiáticos: “veremos, portanto, que o tsunami, como acontecimento midiático, abrange tanto a descrição científica do terremoto quanto os atos de generosidade que se seguiram” (ARQUEMBOURG, 2009, p. 2).

A pesquisadora utiliza a abordagem do acontecimento enquanto teoria e metodologia, e apoia-se na hermenêutica de Ricoeur (1983) para compreender como o tsunami foi narrado pela mídia. Ao analisar as primeiras notícias após o acontecimento, publicadas no jornal francês *Le Monde* e no principal impresso diário indiano em inglês, *The Hindu*, Arquembourg (2009) identifica e descreve três aspectos nas publicações – com base nas teorias do acontecimento escolhidas: **1)** a narrativização do acontecimento; **2)** a temporalidade das notícias; **3)** as formas de compreensão das ocorrências. As três categorias são trabalhadas pela francesa como “processos de compreensão da realidade”, que consistem em conectar vários elementos, como agentes, motivos, objetivos, significados, circunstâncias, consequências e assim por diante. Para Arquembourg (2009), o que as narrativas (entre elas, a jornalística) fazem é estabelecer as ligações entre esses elementos coletivos (criando modelos de conexão) e dizer o “quem” dos acontecimentos (criando modelos de atribuição): “quem fez o que para quem? Mas também, a quem o acontecimento aconteceu?” (ARQUEMBOURG, 2009, p. 390).

A partir do olhar para os estudos desta categoria, focados em coberturas jornalísticas sobre o que a mídia e os pesquisadores chamam de “tragédia”, mas principalmente de “desastre”, alguns pontos continuam se destacando. Entre eles, a escolha por estudos do enquadramento para identificar as descrições feitas pela mídia e pela sociedade, sendo que nesta categoria surgem diferentes enquadramentos de raça e gênero, por exemplo. De uma maneira bastante peculiar desta categoria, aparecem com força conceitos de jornalismo cidadão, em razão da necessidade que a mídia tem de contar com informações e imagens das comunidades atingidas por este tipo de “tragédia”. Ainda se sobressaem pesquisas sob a preparação (ou não) dos jornalistas que cobrem estas ocorrências e, por último, encontra-se uma pesquisa que trabalha o acontecimento para além de um produto midiático.

1.3.3 Tiroteios e desabamentos em espaços coletivos

As nove publicações (11% do total) encontradas com base nos indexadores internacionais e categorizadas aqui como pesquisas que tratam de tiroteios ou incêndios em espaços coletivos são compostas por cinco artigos (BERKOWITZ; LIU, 2014; HIGGINS; SMITH, 2011; HILT; LIPSCHULTZ, 2011; LAGE, 2013a; WONDEMAGHEN, 2013), duas

dissertações (DAGGETT, 2017; DEFOSTER, 2015) e duas teses de Mestrado (BUNTING, 2014; WUCHER, 2014). Seis estudos são originários dos Estados Unidos e os outros quatro são do Brasil (LAGE, 2013a), Reino Unido (HIGGINS; SMITH, 2011), Austrália (WONDEMAGHEN, 2013), e Noruega (ORGERET, 2016). Mesmo havendo pesquisadores de partes diferentes do mundo, nove dos dez tratam de um mesmo tipo de ocorrência: algum tiroteio, causado geralmente por um atirador, que causou mortes em instituição de ensino, e em shoppings ou bases militares. As “tragédias” em escolas dos Estados Unidos são o principal objeto empírico dos estudos (DAGGETT, 2017; BERKOWITZ; LIU, 2014; WUCHER, 2014)⁵⁴, mas também há ocorrências em outras partes do mundo (LAGE, 2013a; HIGGINS; SMITH, 2011; WONDEMAGHEN, 2013)⁵⁵. E ainda outros espaços coletivos também foram alvo de atiradores e utilizados para pesquisas posteriores⁵⁶.

Além de nomear todas essas ocorrências como “tragédias”, os pesquisadores e, especialmente a mídia, também utilizam termos como “assassinatos” (HIGGINS e SMITH, 2011) e “massacre” (LAGE, 2013a; DAGGETT, 2017) para descrever o que ocorreu. Este último é um “sinônimo” tão forte para tiroteios em escolas que alguns acontecimentos ficaram conhecidos como “Massacre de Columbine” e “Massacre de Realengo”. Assim como nas demais categorias, nesta, os pesquisadores também se valem de estudos de enquadramento de Entman (1993) e Goffmann (2012). Wucher (2014), por exemplo, analisou os *frames* dos diários *The New York Times*, dos Estados Unidos, e *Toronto Star*, do Canadá, sobre o tiroteio na escola Sandy Hook, em 2012. Após olhar para 60 notícias do ano seguinte à ocorrência, o pesquisador indica que dois grandes temas surgiram a partir da ocorrência: **1)** controle de armas e **2)** doença mental, sendo que estes geraram subtemas e foram abordados conforme a

⁵⁴ Exemplos de acontecimentos nos EUA: **1)** “Massacre na escola Columbine” (DAGGETT, 2017): Tiroteio em 20 de abril de 1999, em Columbine, no Colorado, terminou com 12 estudantes e um professor mortos, além dos dois autores que se suicidaram; **2)** “Tiroteio na escola de Sandy Hook”⁵⁴ (BERKOWITZ; LIU, 2014; WUCHER, 2014): Tiroteio em 20 de abril de 1999, em Columbine, no Colorado, terminou com 12 estudantes e um professor mortos, além dos dois autores que se suicidaram.

⁵⁵ Ocorrências: **1)** Tiroteio na Escola Primária de Dunblane, na Escócia: um atirador matou 16 crianças e uma professora, e depois suicidou-se, em 1996 (HIGGINS; SMITH, 2011); **2)** Tiroteio na universidade de Monash, na Austrália: um estudante atirou contra os colegas, matando dois deles, dentro de uma sala de aula, em 21 de outubro de 2002 (WONDEMAGHEN, 2013); **3)** “Massacre de Realengo”, em 7 de abril de 2011, terminou com 12 alunos mortos e ainda o autor do tiroteio que invadiu a escola, no Rio de Janeiro (LAGE, 2013a).

⁵⁶ Pesquisas em outros espaços: **1)** Tiroteio no shopping de Omaha (EUA), que foi invadido por um homem armado, em 2007, que matou oito pessoas e cometeu suicídio em seguida (HILT; LIPSCHULTZ, 2011); **2)** Tiroteios nas bases militares de Fort Bragg, em 1995, de Camp Liberty, em 2009, e de Fort Hood, também em 2009, nos Estados Unidos (DEFOSTER, 2015); **3)** desabamento de um prédio em Daca, capital de Bangladesh (Ásia), em 24 de abril de 2013 (ORGERET, 2016): Os oito andares de estrutura abrigavam um centro comercial com fábricas de vestuário, lojas e uma agência bancária. A ocorrência tornou-se fonte de pesquisa porque 1.127 pessoas morreram e oito foram presas; e no dia anterior haviam surgido rachaduras no edifício, mas os proprietários do local e os chefes das equipes garantiram que era seguro, ignorando os avisos das autoridades e chamando os funcionários ao trabalho.

política e cultura de cada um dos países. No caso das armas, o jornal dos EUA baseia-se no direito ao porte garantido pela Segunda Emenda da Constituição norte-americana; e o canadense reforça o fato de que no país o controle de armas não é um problema porque os cidadãos não podem ter posse ou porte de armas de fogo (WUCHER, 2014).

No outro lado do mundo, Wondemaghen (2013) também encontrou enquadramentos parecidos na mídia ao analisar 58 notícias sobre o tiroteio em uma universidade de Melbourne, na Austrália, em 2002, sendo que 50 publicações são dos três maiores diários do país: *Herald Sun*, *The Age*, e *The Australian*, e outras oito de dois jornais menores: *Sunday Herald Sun* e *Sidney Morning Herald*. “Todos enquadram a ocorrência como um problema de armas ao invés de um crime relacionado a questões sociais e psicológicas” (WONDEMAGHEN, 2013, p. 710).

Um estudo brasileiro também foi encontrado na busca internacional. Nele, Lage (2013a) preocupa-se com a memória e o esquecimento presentes nas narrativas jornalísticas diante do “Massacre de Realengo”. Com auxílio do pesquisador Ricoeur (2003), analisa reportagens de duas edições da revista *Veja*: a primeira dedicada à retrospectiva do ano de 2011 e a segunda publicada uma semana depois com a carta de uma professora, testemunha do “assassínio”. A partir delas, Lage (2013a) destaca que o trabalho de memória parece estar relacionado, sobretudo, ao uso estratégico. Mas, ao mesmo tempo, a revista parece ter um tipo de “dever de memória” estabelecido pela experiência de eventos específicos – especialmente os traumáticos – e incorporada pela própria lógica da produção jornalística, da qual espera-se que tudo seja lembrado.

Percebemos, então, ao ler os artigos desta categoria, que surge com mais força na cobertura midiática e nas próprias pesquisas acadêmicas uma série de debates de interesse público (segurança/armamento, saúde mental, cultura da sociedade), o que parece ser reforçado pelo fato de a maior parte das ocorrências ser em instituições de ensino e com pessoas jovens. Tanto que, assim como na categoria de conflitos/guerras, aqui os sinônimos de “tragédia” também são fortes: “assassinatos” e “massacre”. Inclusive esta é a única categoria internacional na qual encontramos um estudo brasileiro; uma explicação se dá pelo fato de que este tipo de ocorrência ocorre com mais frequência no exterior do que no Brasil.

1.3.4 Quedas de avião e desaparecimento de pessoa comum que gerou intensa midiaticização

Unimos essas duas categorias em razão de os resultados delas serem em menor quantidade que as demais. Na categoria de Desaparecimento de pessoa comum que gerou intensa midiaticização, apenas uma pesquisa se encaixa, um artigo produzido em Portugal (MACHADO; SANTOS, 2009), que aponta semelhanças com as pesquisas de sensacionalismo feitas no Brasil, sobre o desaparecimento de Madeleine McCann, em 2007. E, no caso das quedas de avião, a busca internacional por “tragédias” mostrou apenas dois estudos: um artigo (SANTAMARIA, 2010) e uma tese (ISA, 2015). Para estes pesquisadores ou para a mídia analisada por eles nos estudos, podem ser chamadas de “tragédias”, “catástrofes”, “desastres” ou “acidentes” as quedas das seguintes aeronaves: 1) Voo 007, da Korean Airlines, em 1983⁵⁷; 2) Voo 655, da Irã Air, em 1988⁵⁸; 3) Voo MH17, da Malásia Airlines, caiu na Ucrânia em 17 de julho de 2014⁵⁹; 4) Voo 5022, da Spanair, em 2008⁶⁰.

As primeiras três quedas de avião, estudadas na tese de Isa (2015), têm uma característica em comum: há fortes evidências de que as aeronaves foram “abatidas”, ou seja, a pesquisa detém-se a quedas de avião relacionadas a conflitos/guerras⁶¹. O trabalho foi produzido nos Estados Unidos para examinar a cobertura jornalística de dois diários impressos: o jornal norte-americano *The New York Times*, e o russo *The Moscow Times*. Nestes, o pesquisador busca entender – comparando enquadramentos de quedas de avião da década de 1980 e de 2014 – se o enquadramento da Guerra Fria existe duas décadas após o colapso da União Soviética, em 1991.

Assim como todos os pesquisadores internacionais citados até aqui que trabalharam com enquadramento, Isa (2015) também buscou Entman (1993, 2004)⁶², levando em

⁵⁷ Caiu em 1º de setembro de 1983 e matou 269 pessoas. Transportava os passageiros de Nova Iorque (EUA) para Seul (Coreia do Sul) e quando entrou em território russo, foi abatido por pilotos de um jato soviético, que acreditavam se tratar de um espião.

⁵⁸ Caiu em 3 de julho de 1988 com 290 pessoas a bordo. Seguia do Irã para Dubai (Emirados Árabes), quando foi abatido por navios de guerra norte-americanos, pois estes pensaram que o avião iria atacá-los.

⁵⁹ Queda matou 298 pessoas. Acredita-se que ele foi abatido quase na fronteira com a Rússia, mas não há certeza de quem teria derrubado a aeronave.

⁶⁰ Seguia de Madrid para a ilha de Gran Canária, na Espanha. Caiu logo após a decolagem, matando 153 passageiros (19 sobreviveram). A causa teria sido um erro dos pilotos por não acionar dispositivos (flaps e slaps) que geram mais elevação das asas, mantendo a aeronave no ar durante a decolagem.

⁶¹ Mesmo havendo fortes indícios de que esses aviões caíram porque foram abatidos (o que indicaria conflito/guerra), mantivemos esta categoria por dois motivos. Primeiro, porque não há certeza do motivo da queda e, segundo, por querer destacar as quedas de avião pesquisadas.

⁶² Neste caso, o autor utiliza Entman (1993, 2004) porque este tem uma conhecida análise relacionada aos enquadramentos das quedas dos aviões da Korean Airlines, em 1983, e da Iran Air, em 1988. Neste estudo,

consideração as questões políticas envolvidas nas “tragédias”. Os achados se basearam nas duas quedas de aeronaves na década de 1980 e também levaram em conta a “tragédia” mais atual do MH17. De forma geral, a tese sugere que os enquadramentos da mídia de um evento internacional dependem: “**1)** do tipo de fontes utilizadas; **2)** da extensão/envolvimento do governo, e **3)** dos interesses nacionais e geopolíticos” (ISA, 2015, p. 28).

O segundo trabalho desta categoria trata da “tragédia” com o avião da Spainair e estuda o uso de fontes de informação diante da situação de crise, gerada pela ocorrência. Santamaria (2010) ainda examina o jornalismo investigativo gerado pela “tragédia” e a aplicação de uma série de quadros éticos. Esses tópicos foram observados nos quatro meses seguintes ao acontecimento, em seis impressos, quatro rádios de grande porte e em cinco emissoras de televisão da Espanha. O pesquisador espanhol criou três categorias para dividir a análise e entender como a imprensa trata uma “tragédia”: **1)** o tratamento das fontes de informação; **2)** a hipótese do “acidente” e como os meios de comunicação a retrataram; **3)** o manejo da crise e a criação de certos “ruídos” de informação.

Na primeira, detectou a dificuldade da imprensa em acessar fontes primárias (testemunhas, quem esteve no local), o uso limitado de fontes secundárias (documentos, estatísticas), a preferência pelo uso de fontes oficiais, não necessariamente especialistas no assunto, e a tendência de divulgar informações imprecisas. Na segunda categoria, Santamaria (2010) detectou o alinhamento da mídia sobre as teses oficiais de investigação e pouca cobertura de testemunhos de sobreviventes, a pouca empatia pela dor das famílias. E, na última, relevou o despreparo em coletivas de imprensa organizadas pela empresa de aviação e o governo, que resultou em alinhamentos diferentes na mídia no momento de identificar responsáveis pela “catástrofe”. Além disso, a forma como o governo lidou com a situação também resultou no vazamento de uma conversa entre chefes da empresa aérea.

Já no contexto das ocorrências sobre desaparecimento de uma pessoa que gerou midiaticização, o estudo de Machado; Santos (2009) analisou dois impressos diários produzidos em Portugal (*Público* e *Correio da Manhã*), procurando estabelecer quais narrativas e dispositivos retóricos foram usados para enquadrar a cobertura jornalística do desaparecimento, em 3 de maio de 2007, de Madeleine McCann⁶³. Ao todo, os pesquisadores

Entman (2004) revela que a mídia americana usou o quadro de ‘assassinato’ na primeira cobertura, e o quadro de ‘falha técnica’ na cobertura da Iran Air, revelando que uma cobertura de dois incidentes estruturalmente semelhantes tiveram impactos políticos significativos na época.

⁶³ Menina inglesa de três anos de idade que passava férias com os pais e os dois irmãos mais novos, em Portugal, quando desapareceu do quarto de hotel em uma noite que os pais saíram.

analisaram 214 notícias no primeiro e 384 notícias no segundo impresso, a partir do dia seguinte da ocorrência até julho do ano seguinte.

Nas primeiras semanas, as duas coberturas foram muito parecidas: compaixão pela perda da família, a fé católica dos pais da menina e a pró-atividade em começar uma campanha mundial para encontrar a filha. O *Público* deu mais ênfase ao fenômeno midiático do que ao caso em si e ignorou informações não confirmadas pelas autoridades. Em alguns meses seguintes não publicou nada sobre o ocorrido ou suas novidades. Conforme a investigação avança, a cobertura jornalística começa a mudar. Entre os achados nos veículos de comunicação estão os *frames* utilizados pelos veículos: “tragédia humana” e “drama público”, sendo que este primeiro enquadramento foi encontrado especialmente no jornal *Correio da Manhã*, considerado mais popular.

É neste impresso que o pesquisador também encontra a construção de narrativas sensacionalistas e doses diárias do “drama criminal público” que encoraja a audiência a “tomar partido”, enquanto no *Público*, considerado “imprensa de qualidade”, a cobertura foi mais neutra e distanciada. Os pesquisadores acreditam que “as narrativas das mídias sensacionalistas podem potencialmente minar os princípios do julgamento justo e da presunção de inocência”, mas por outro lado, Machado; Santos (2009) também refletem com base na análise que essa mídia sensacionalista “também pode extrair energias coletivas relevantes direcionadas a iniciar processos de mudança” (MACHADO; SANTOS, 2009, p. 146). Então, apesar de só ter um estudo, esta categoria nos fez voltar aos interesses também dos pesquisadores brasileiros, especialmente o sensacionalismo. Já em relação às quedas de avião, ao abrir esta categoria, pudemos nos deparar com as teorias/pesquisadores mais escolhidas nessas pesquisas acadêmicas – mesmo elas sendo em menor número – e, assim, compreendemos mais aspectos da teoria do enquadramento de Entman (1993) e reforçamos o quanto um acontecimento possui diversos atores envolvidos (como política), indo para além do pensamento de que um acontecimento é apenas uma construção midiática.

1.3.5 Envolvimento psicológico dos profissionais da imprensa

Uma surpresa nos resultados internacionais foi a preocupação dos pesquisadores com os traumas psicológicos e emocionais aos quais estão sujeitos os jornalistas que participam da cobertura de “tragédias”. Entre 2008 e 2018, encontramos oito estudos que tratam deste tema, sendo três artigos e outros cinco de mais peso: três pesquisas de Mestrado e duas de

Doutorado. A origem das pesquisas é diversa: **1)** Singapura, na Ásia (TAKAHASHI; TANDOC, 2016); **2)** Finlândia, na Europa (BACKHOLM; BJORKQVIST, 2012); **3)** Estados Unidos (LEARY, 2013; SEELY, 2017; SMITH, 2008; TOWNLEY, 2011); **4)** Coreia do Sul (HA; LEE; PAE, 2017); e **5)** Canadá (LONG, 2013). Não importa onde a produção foi desenvolvida, todos os pesquisadores nomeiam como “tragédia” e “acontecimento traumático” ocorrências semelhantes e com um perfil já encontrado por esta dissertação (tiroteios em espaços coletivos, guerras/conflitos, fenômenos naturais).

Há dois tipos de pesquisas dentro desta categoria: **1)** parte dos pesquisadores decidiu estudar os profissionais de imprensa que trabalharam com coberturas jornalísticas de “tragédias” específicas, como o tiroteio na escola Columbine (LEARY, 2013); tiroteio na escola Jokela, na Finlândia, que deixou nove mortos (BACKHOLM; BJORKQVIST, 2012); e cobertura de guerra na África (LONG, 2013); **2)** outra parte dos pesquisadores aproveitaram os estudos para identificar em que tipo de “tragédia” os jornalistas já haviam trabalhado (SEELY, 2017; SMITH, 2008; TAKAHASHI; TANDOC, 2016; TOWNLEY, 2011).

Na pesquisa de Smith (2008), por exemplo, profissionais da imprensa de diferentes partes do mundo responderam a um questionário e entenderam como “tragédias” as ocorrências que podem “contribuir para aumentar o estresse e produzir sintomas de depressão na equipe que realiza a cobertura”. Entre elas: 1) grave acidente automotivo; 2) assaltos envolvendo famílias; 3) assassinatos; 4) crianças mortas ou machucadas; 5) estupro; 6) doenças com risco de vida; 7) incêndios; 8) tortura/sequestro; 9) desastre natural; 10) acidente de avião; e 11) guerra.

Quem estuda o impacto dessas ocorrências em profissionais que têm contato direto com elas, como bombeiros e policiais, também inclui os jornalistas na lista de vítimas dos traumas psicológicos, explicando que estes muitas vezes são os primeiros a ficar sabendo de acontecimentos, as vezes chegam em uma cena antes dos policiais ou paramédicos, sendo testemunhas “de primeira mão”. E, devido à natureza do trabalho, “os jornalistas, como policiais, bombeiros e soldados, são uma população de alto risco para depressão, esgotamento profissional, sofrimento emocional e culpa relacionada ao trauma” (SEELY, 2017, p. 1).

Long (2013) desenvolveu uma pesquisa com seis correspondentes de guerra na África para entender o impacto que a cobertura de conflitos causa neles. As descobertas mostram que, no caso de cada jornalista, testemunhar a dor e o trauma dos outros teve um impacto que mudou sua vida; que a empatia os ajudou a lidar com o que viram e experimentaram; e que eles compartilhavam uma tolerância para assumir riscos. Já Townley (2011) descobriu após entrevistas a 12 profissionais de imprensa que cobriram

acontecimentos trágicos, que o gerenciamento de questões emocionais na redação é frustrante. Tentando combater este último pensamento, o estudo de Townley (2011) também aponta a importância de iniciativas como um projeto chamado “Dart Center for Journalism and Trauma” (Centro para Jornalismo e Trauma/EUA), que garante recursos (grupos de apoio, treinamentos, etc.) para jornalistas que cobrem “violência, conflitos e tragédias”. O próprio Centro exemplifica com ocorrências o que entende por “violência, conflitos e tragédias”⁶⁴.

Quadro 5: Principais dados das pesquisas acadêmicas internacionais ⁶⁵					
Categoria/ Dados	Guerras e conflitos	Fenôme- nos da natureza	Tiroteios e desabamen- tos...	Quedas de avião	Envolviment o psicológico...
Quantidade (n° / %)	27 / 32%	20 / 24%	09 / 11%	02 / 2,4%	08 / 9,5%
Tipo (A, D, T)	A: 11 D: 09 T: 07	A: 08 D: 06 T: 06	A: 05 D: 02 T: 02	A: 01 D: 00 T: 01	A: 03 D: 03 T: 02
Principal (is) ano(s)	2011	2010	2014	2010 e 2015	2013 e 2017
Principal ocorrência	2001: ataques do “11 de setembro”	2005: Furacão Katrina	Tiroteios em Columbine e Sandy Hook	Quedas em 1983, 1988, 2008 e 2014	<i>não se aplica</i>
Principais países da public.	EUA, Japão, Suécia, Reino Unido	EUA, China, México, França, Itália	EUA, Brasil, Reino Unido, Austrália, Noruega	EUA	EUA, Singapura, Finlândia, Coreia do Sul, Canadá
Principais teorias e preocupa- ções dos pesquisado- res	Enquadra- mento, discurso, memória coletiva, teoria do jorn. de guerra e paz	Aconteci- mento, enquadra- mento, debates (desigual- dades)	Enquadramen- to, discussão social (posse de armas)	Enquadra- mento e importân- cia das fontes	Envolviment o psicológico dos profissionais de imprensa
Sinônimos para tragédia	Terror, terrorismo, acontecimento traumático.	Desastre, tragédia americana.	Assassinato e massacre.	Catástrofe, desastre e acidente.	Tiroteio, acidente, terremoto, assassinato, estupro, etc.

Fonte: elaboração própria.

⁶⁴ Exemplos: **1)** atentado com bombas em Oklahoma (EUA), em 1995, que destruiu um edifício federal e matou 168 pessoas; **2)** o atentado de “11 de setembro”; **3)** a Guerra do Iraque; **4)** o Furacão Katrina; **5)** tiroteios na escola Sandy Hook e na universidade da Virgínia; **6)** o tsunami na Indonésia; entre outros. Ou seja, exemplos iguais às categorias citadas anteriormente durante a pesquisa (conflitos, fenômenos naturais, tiroteios, etc.)

⁶⁵ Não incluímos no quadro a categoria “Desaparecimento de pessoa comum que gerou intensa midiaticização”, em razão do espaço e desta apresentar apenas 01 resultado.

Mesmo não sendo uma categoria específica sobre uma “tragédia”, observar os estudos focados no jornalista que realiza a cobertura dessas ocorrências, nos mostrou o que esses profissionais pensam, de forma geral, sobre este tipo peculiar de trabalho: basicamente, “tragédias” são ocorrências ruins: assassinatos, sequestros, estupros, acidentes graves, furacões, terremotos, guerras, e que são capazes de aumentar o estresse e causar depressão. E, ainda, percebemos o quanto as empresas de comunicação e as chefias e equipes como um todo destas redações precisam se preparar (estruturalmente, fisicamente e emocionalmente) para este tipo de cobertura jornalística.

Por fim, após dividirmos por categoria as tragédias estudadas nas pesquisas acadêmicas de países externos ao Brasil, consolidamos os principais dados da pesquisa acadêmica nacional no Quadro 5, assim como ao final da parte nacional. Abaixo resumimos a quantidade e o tipo de publicação – que demonstram a importância conferida para o tema jornalismo e tragédia e para cada uma das categorias –; também o(s) principal(is) ano(s) e países das publicações e sua ligação com a ocorrência estudada; um resumo das preocupações dos pesquisadores, reveladas por meio de algumas teorias; e, por último, os sinônimos para “tragédia” em cada uma das categorias.

1.4 DEFININDO TRAGÉDIA

Depois de se debruçar sobre 42 pesquisas nacionais e 84 internacionais que abordaram, de alguma forma, a tragédia tratada no âmbito do jornalismo ou das mídias tragédia, pode-se indicar o que tem sido os principais interesses dos trabalhos que se dedicam a analisar algum acontecimento caracterizado como tragédia. Eles giram em torno do modo como se dá a veiculação jornalística em casos de tragédias, especialmente dos enquadramentos sobre a ocorrência (pesquisa internacional) e associando o acontecimento ao sensacionalismo e à captação da emoção e de outros sentimentos por parte da audiência (pesquisa nacional). Ainda tratam da mediação do jornalismo e dos jornalistas na produção das notícias sobre a ocorrência; da participação do público no processo de produção jornalística; estratégias discursivas utilizadas pelas mídias ao relatar o ocorrido; o papel de redes sociais como o Facebook para a organização de mobilizações após o acontecido, etc, como detalhamos na tabela na sequência.

Quadro 6: Principais informações encontradas na análise dos estudos brasileiros e estrangeiros publicados entre 2008 e 2018		
Dados das pesquisas	Pesquisa nacional	Pesquisa internacional
Quantidade	42 pesquisas	84 pesquisas
Tipo	Artigos: 26 Dissertações de Mestrado: 10 Teses de Doutorado: 01	Artigos: 39 Teses de Mestrado: 26 Dissertações de Doutorado: 19
Origem	Brasil	Estados Unidos, Japão, Reino Unido, Singapura, França, China, Itália, México, Brasil, Austrália, Noruega, Coreia do Sul e Canadá.
Ano(s) com mais publicação e relação com “tragédia”	2014 (Um ano após a ocorrência na Boate Kiss)	2011 (Dez anos após a ocorrência “11 de setembro”)
Principais teorias e/ou metodologias e/ou pesquisadores utilizados	<ul style="list-style-type: none"> • Acontecimento (Quéré, 2005; Tuchman, 1983); • Enquadramento (Goffmann, 2012); • Mediação/Gatekeeper; • Sensacionalismo; • Análise do discurso. 	<ul style="list-style-type: none"> • Enquadramento (Entman, 1993; Goffmann, 2012; Gitlin, 1980); • Teoria de jornalismo de paz e guerra (Galtung, 1985); • Comunicação Pública; • Memória coletiva; • Jornalismo cidadão; • Gênero/Raça/Classe social; • Análise do discurso.
Principais tipos de ocorrências nomeadas como tragédia	<ol style="list-style-type: none"> 1. Incêndios e tiroteios em espaços coletivos (31%); 2. Ocorrências socioambientais (28,5%); 3. Quedas de avião (26,2%); 4. Morte de pessoa pública ou comum que gerou intensa midiatização (11%). 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Guerras e conflitos (31%); 2. Fenômenos da natureza (25%); 3. Tiroteios em espaços coletivos (12%); 4. Envolvimento psicológico dos profissionais da imprensa nestas ocorrências (9,5%); 5. Quedas de avião (2,3%); 6. Desaparecimento de pessoa comum que gerou intensa midiatização (1,2%).
Sinônimos para o termo tragédia	Massacre, desastre, assassinato, catástrofe, crime, acidente, tragédia anunciada/não anunciada, Caso “X”	Massacre, desastre, assassinato, catástrofe, crime, acidente, drama público, tragédia humana, terror, terrorismo, acontecimento traumático

Fonte: elaboração própria.

Nas pesquisas acadêmicas nacionais em Comunicação e Jornalismo, os autores utilizam a palavra “tragédia” em duas situações: a) para se referir a uma ocorrência específica e nomeada desta forma pelo próprio pesquisador ou pela mídia (BORTOLI, 2011; CAMPOS, 2013; FRANÇA, 2011; LAGE, 2013b; LEAL; MATA, 2012; SIMÕES, 2014); b) o termo é

usado simplesmente como um sinônimo para se referir à ocorrência analisada e ao longo dos textos é substituída por outros termos, de forma que parece ser mais pensada em algumas publicações, mas em outras não: b.1) “acidente”, especialmente nas quedas de avião (AZEVEDO; MARTINS, 2009; KOCHHAN, 2017; PATROCÍNIO; SILVA, 2017; WERNECK, 2017); b.2) “tragédia anunciada”, “catástrofe” ou “desastre” no lugar de “tragédias socioambientais” (AMARAL et. al., 2010; CARVALHO, 2018; COSENZA, 2009; COUTINHO; MATA, 2013; DELEVATI, 2013; FERRACIOLI et al., 2017; RUBIN, 2011; SANTOS, 2014; ZIMMERMANN, 2012); b.3) “crime” em ocorrências específicas como as mortes da jovem Eloá e do empresário da Yoki (CAMPOS, 2013; FRANÇA, 2011); e ainda b.4) “massacre” para o tiroteio na escola de Realengo (LAGE, 2012, 2013).

Nas 84 publicações estrangeiras, a utilização da palavra “tragédia” ocorre da mesma forma – ou ela é apenas um sinônimo ou ela é nomeia o acontecimento. Porém, os termos que a substituem são mais diversificados: a) “crime” e “massacre” são utilizados para o mesmo contexto de tiroteios (LAGE, 2013a; DAGGETT, 2017); b) “acidente” também é utilizado para as quedas de avião; c) “desastre” e “catástrofe” são fenômenos naturais (terremoto, tsunami, furacão); d) “tragédia americana” para ocorrências específicas e que causaram enorme repercussão midiática – como o “Furacão Katrina” e o “11 de setembro” (ROBINSON, 2009b; SOMERSTEIN, 2014); e) “terror” ou “terrorismo” quando os assuntos são os conflitos e guerras (BORAWSKI, 2016; MAKINSTER, 2014; STAWICKI, 2009; UMAMAHESWAR, 2015). Assim, podemos resumir os dados analisados por meio do quadro acima.

A partir desta revisão bibliográfica surgem inúmeras perguntas: como, afinal, podemos definir tragédia? Os pesquisadores encontrados a partir das buscas em bancos de dados nacionais e internacionais estão preocupados com uma definição ou eles apenas utilizam a palavra “tragédia” como sinônimo das ocorrências estudadas? Ou por que a mídia define a ocorrência desta forma?

Ao buscar o termo no dicionário, encontramos dois significados para tragédia: 1) Peça, geralmente em versos, que termina com um acontecimento fatal; e 2) Acontecimento triste, funesto, catastrófico, que infunde terror ou piedade (MICHAELIS, 2015). Em relação ao primeiro significado para o termo, deparamo-nos com um pensamento que parece unânime: não há um momento exato ao qual possa ser conferido o surgimento do termo “tragédia”. Acredita-se que a palavra deriva do grego “*tragoidia*”, que significa “peça ou poema com final infeliz”. Ao pé da letra, “*tragos*” significa “bode” e “*oidea*” significa

“canção”, sendo que a explicação vem das peças de teatro com atores que faziam sátiras (*oidea*) vestindo-se com as pernas cabeludas e chifres de bode (*tragos*)⁶⁶.

Já a pesquisa bibliográfica revela que, de maneira geral, não se trata de uma prática comum que os pesquisadores brasileiros e estrangeiros preocupem-se em explicar o termo “tragédia”, refletir sobre o que entendem por “tragédia” ou ainda tratar dos desdobramentos do que consideram uma “tragédia” quando utilizam o termo em seus estudos. Tentativas de explicitar uma compreensão desta noção apareceram, com mais ênfase, em 10 estudos: sete dos 42 trabalhos nacionais (AZEVEDO; MARTINS, 2009; ETGES; OLIVEIRA, 2014; GUIMARÃES; ORELLANA, 2013; KEGLER, 2016; NEGRINI; NETO, 2017; OLIVEIRA, 2016; ZIMMERMANN, 2012) e três dos 84 internacionais (HAYES et al, 2017; BALLENGEE, 2014; THEYE, 2008).

Ao tratar da cobertura jornalística sobre o incêndio na Boate Kiss, Guimarães e Orellana (2013, p. 2) considera tragédia como um “evento singular que extrapola as condições normais de compreensão do real, superando a própria lógica racional, na qual as leis (físicas, sociais e culturais) são anuladas e colocadas temporariamente de lado”. Chega a este entendimento ao analisar o modo como o discurso jornalístico articulou a formação do que ele chama de “comunidades emocionais” – grupos que se integraram a partir do sentimento de pertencimento e por uma ligação emocional (neste caso, a “tragédia”).

Abordando a mesma ocorrência, Oliveira (2016) entende que “as grandes catástrofes costumam desestruturar o ambiente e instaurar o sentimento de incerteza e vulnerabilidade” (OLIVEIRA, 2016, p. 22). Negrini; Neto (2017) tratam de outras duas ocorrências (queda do avião da Chapecoense e morte de Ayrton Senna), mas chegam a conclusões semelhantes, ao citar que as tragédias mexem com questões como a desestabilização da ordem social de forma imprevisível e irreversível (EMERIM; BRASIL, 2011 apud NEGRINI; NETO, 2017 p. 3). No entanto, há que se pensar que vários outros acontecimentos podem também gerar incertezas, vulnerabilidades e desestabilizar a ordem social sem, no entanto, ganharem um status de “tragédia” no âmbito da sociedade, das mídias ou da pesquisa.

Ao analisar a participação do público na cobertura radiofônica do “desastre” de 2008 em Blumenau (SC), Zimmermann (2012) percebeu que existiram quatro estágios na cobertura jornalística deste tipo de acontecimento: a) Estágio 1: Alerta, com profissionais e o público ainda demonstrando dúvidas e incertezas sobre a natureza e dimensão do desastre; b) Estágio 2: Socorro, entre interrupções na transmissão da emissora, é a fase mais crítica, com o público

⁶⁶ Fonte: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/tragedia/>

alarmado; c) Estágio 3: Solidariedade, entre interrupções na transmissão da emissora, mas com o registro de maiores operações de resgate e de auxílio aos atingidos; d) Estágio 4: Reabilitação, onde a população tenta retomar, em parte, a normalidade. Aqui, não há, porém, uma preocupação em discutir o próprio conceito de ‘tragédia’ ou de acontecimento trágico.

Já Hayes et al (2017) entendem que uma tragédia pode ser dividida em duas vertentes: pública e privada. A primeira seria um “acontecimento desastroso, catastrófico que causa danos físicos ou psicológicos em pessoas, comunidades, organizações e também apoio social em rede, independentemente de serem direta ou indiretamente afetadas pela circunstância” (HAYES et al., 2017, p. 257). Por outro lado, a tragédia privada é definida como um “acontecimento traumático que pode exercer um impacto estressante, como a sobrecarga dos mecanismos individuais de enfrentamento, resultando em sofrimento psicológico” (HAYES et al, 2017, p. 257).

Theye (2009) trata do impacto de uma tragédia e acredita que quando essas ocorrências de larga escala ocorrem inclusive a identidade nacional é balançada, e a mídia trabalha para reconstruir esta identidade, imediatamente após e nos “aniversários” das tragédias. A pesquisadora analisa editoriais de jornais publicados especificamente sobre ocorrências dos Estados Unidos, como o 11 de Setembro, o Furacão Katrina e as bombas colocadas na cidade de Oklahoma. “Os meios de comunicação reconstroem a identidade nacional usando a linguagem para unir os cidadãos uns aos outros, afirmando os valores americanos, repreendendo aqueles que se desviam dos ideais americanos e sustentando a crença nos americanos” (THEYE, 2009, p. 1). Ainda que aqui também não tenha uma definição mais explícita sobre tragédia, é interessante que estabelece a relação de uma tragédia com a identidade nacional e com valores sociais.

Além de todas estas definições e/ou características levantadas pelos autores em relação às tragédias, há uma que permeia praticamente todas as pesquisas: a morte. Tanto no que se refere a questões mais objetivas, como o número de mortos, quanto o impacto e a dificuldade para lidar com os sentimentos que ela causa. Azevedo e Martins (2009, p. 1) – que estudam as estratégias discursivas da revista *Veja* sobre a morte de 228 pessoas no contexto do desaparecimento do voo da Air France 447, em 2009, afirma que “o valor-notícia que aponta números de mortos está entre os fatores determinantes para um fato ser representado como ‘tragédia’”. Na mesma linha vai o entendimento de Etges e Oliveira (2014), que analisaram o discurso do *Diário de Santa Maria* sobre o incêndio na Boate Kiss. Para eles, “o verbete tragédia [...] hoje, é compreendido como um acontecimento que desperta horror e sofrimento, em geral, atrelado a um grande número de mortos” (ETGES; OLIVEIRA, 2014,

p. 1). Tem-se aqui, portanto, não só a morte – e a quantidade de mortes – como um elemento importante para caracterizar uma tragédia. Isto nos faz pensar, sobretudo, no valor da vida na sociedade e, portanto, além da quantidade de mortes em si, o tipo ou as condições em que ocorreu a morte é um aspecto importante para caracterizar uma tragédia – tendo em vista que a morte de um indivíduo apenas também pode, a depender do contexto, ser considerada socialmente como uma tragédia, a exemplo de casos como Isabela Nardoni, Eloá, etc.

Neste mesmo contexto, Negrini e Neto (2017, p. 4) lembram que a morte desperta o interesse, especialmente quando um grande ídolo morre, ou quando uma grande tragédia ocorre. E, assim, “a busca por informação e o período até a aceitação instiga as pessoas a acompanharem coberturas de tragédias.” Ao abordar em sua tese a morte das 242 pessoas na Boate Kiss, Kegler (2016) recorre a uma gama de autores que estudam a morte, tratando-a de uma forma mais profunda: “a morte tem, também, um sentido social, de descontinuidade, [...] de ruptura dos laços entre os que partem e os que permanecem” (RODRIGUES, 1988, apud KEGLER, 2016, p. 115). E ainda a conecta com as tragédias e a mídia: “quando a morte traz uma tragédia que envolve muitos personagens, um cenário de pânico, a falta de explicações, a força da natureza e a figura do herói, ela é ainda mais interessante ao jornalismo” (BENETTI, 2012, p. 154 apud KEGLER, 2016, p. 122).

A partir destas aproximações a uma tentativa de caracterizar “tragédia” em pesquisas acadêmicas nacionais e internacionais, pode-se resumir que o termo tem sido ligado a uma ocorrência: 1) singular; 2) que extrapola a lógica racional; 3) com morte, geralmente em grande número; 4) que desestrutura o ambiente e instaura a incerteza; 5) que pode balançar a identidade nacional e envolver valores importantes daquele contexto, sendo que a mídia auxilia na reconstrução desta identidade; 6) que pode ser pública ou privada, sendo que a primeira causa danos (físicos e psicológicos) para a comunidade e requer rede de apoio social, e a privada estressa, causa sofrimento individualmente; 7) que desperta o terror, o sofrimento, o alerta, o pedido de socorro; 8) que também desperta certos valores sociais, como a união, a solidariedade, e, por último, envolve reabilitação e reconstrução social.

A pesquisa apresentada nas primeiras páginas deste capítulo mostra que a mídia nomeia como tragédia ocorrências como as citadas acima (quedas de avião, fenômenos naturais, assassinatos, incêndios, casos individuais e midiáticos, etc.). Porém, em boa parte dos estudos, o termo tragédia é utilizado principalmente como sinônimo e não como um conceito que define aquele acontecimento, já que apenas 10 dos 126 pesquisadores nacionais e internacionais selecionados com os parâmetros de busca, trataram de “tragédia” de uma

forma mais reflexiva. Os demais, em sua maioria, tratam de analisar o modo como as mídias ou o jornalismo abordou o acontecimento definido como uma “tragédia”, mas não refletem acerca do termo.

A pesquisa bibliográfica aqui apresentada, portanto, permite inferir que a tragédia é compreendida como uma ocorrência que desestrutura ou modifica o contexto sociocultural onde ocorre, gera incerteza e vulnerabilidade, além de envolver vítimas, principalmente fatais. A quantidade de vítimas pode ser considerada um fator importante na caracterização de uma ocorrência trágica – como vimos nos diferentes tipos de ocorrências normalmente associadas ao termo “tragédia”: socioambientais e/ou naturais, como enchentes e terremotos; incêndios; tiroteios; quedas de avião; guerras. Mas não é apenas a quantidade de vítimas que importa, na medida em que a morte de apenas uma pessoa tem sido também caracterizada como tragédia. Isso nos leva a pensar que o tipo de morte e as condições de sua ocorrência podem ser fatores importantes a se considerar. Da mesma forma, a amplitude da repercussão social e midiática gerada pelo ocorrido parece-nos outro elemento importante.

Assim, na busca por delimitar um conceito, nesta pesquisa de Mestrado entendemos que *uma tragédia é um tipo de acontecimento caracterizado por uma ruptura negativa na experiência coletiva, que implica em vítima(s), sobretudo fatais, que gera incertezas em função das possíveis consequências, que tende a desencadear uma intensa repercussão pública e midiática, e a impulsionar um conjunto de comportamentos e práticas que colaboram com a afirmação ou atualização de valores sociais, a recomposição da experiência rompida e a renovação da sociedade.* Entendendo que o jornalismo é uma prática comunicacional que está em profunda relação com a sociedade e com a cultura na qual ele é praticado, que alimenta e é alimentado pelos valores vigentes (SILVA; FRANÇA, 2017), acreditamos que as coberturas midiático-jornalísticas de acontecimentos qualificados como tragédias têm um papel importante nesta (re)elaboração coletiva da sociedade, suas práticas e seus valores.

CAPÍTULO II

2 A QUEDA DO AVIÃO DA CHAPECOENSE COMO ACONTECIMENTO

Após compreendermos como tem sido abordada a temática das tragédias ou ocorrências consideradas trágicas nas pesquisas dos campos da comunicação, do jornalismo e/ou outras que se dedicaram a estudar o tema em sua relação com coberturas feitas pelas mídias – chegamos a um conceito próprio, ao final do primeiro capítulo, definindo tragédia como um tipo de acontecimento com características específicas, entre as quais a ruptura que provoca na experiência individual e/ou coletiva. Desta forma, consideramos o conceito de acontecimento central nesta pesquisa e detemo-nos a discuti-lo neste segundo capítulo apresentando estudos com diferentes perspectivas a respeito. Buscamos algumas referências fundamentais sobre acontecimento nas ciências humanas, com destaque para a comunicação e o jornalismo. Mas o maior destaque será dado à abordagem do acontecimento proposta pelo sociólogo e pesquisador francês Louis Quéré (2005, 2012). Nela nos fundamentamos para a construção do modelo de análise da constituição da queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol enquanto um acontecimento a partir da cobertura realizada por jornais.

2.1 DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE ACONTECIMENTO

Há quase 50 anos, ao propor uma abordagem multidisciplinar para acontecimento, o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin resumiu alguns desafios do estudo do acontecimento: “o termo é rico; ao mesmo tempo, é polissêmico, complexo, incerto, e é obviamente necessário distinguir, opor-se às diferentes variedades de acontecimentos, reconhecer-se na chuva de acontecimentos” (MORIN, 1972, p. 4). No geral, o tema passou a ganhar atenção dos pesquisadores por volta da década de 1970, quando publicações científicas como a revista *Communications* passaram a inserir artigos somente sobre o tema, como este de Morin (PINHEIRO, 2012). Além dele, inúmeros pesquisadores franceses teorizavam e, alguns ainda teorizam, sobre acontecimento – Patrick Charadeau, Patrick Champagne, Gilles Delleuze, Maurice Mouillaud, Pierre Nora, Jocelyne Arquembourg e Louis Quéré –, revelando a importância do tema para a pesquisa daquele país e, conseqüentemente, as contribuições para o restante da pesquisa mundial. Mais de 40 anos depois, existem

diferentes abordagens para se refletir sobre acontecimento. Isso porque, além dos franceses, o tema tem despertado o interesse de vários pesquisadores de outras nacionalidades, como o argentino Eliseo Verón, o português Adriano Rodrigues, e os brasileiros Beatriz Marocco, Eduardo Meditsch, Márcia Benetti, Muniz Sodré, Vera França, entre outros.

Além de serem originados em diferentes países, os estudos também tem origem em diferentes áreas do conhecimento. Detectamos, durante nossas inúmeras leituras nos últimos dois anos, pelo menos quatro grandes áreas que tratam do tema: **1)** Ciências Humanas, como nos campos da História e Filosofia, que abordam o significado de um acontecimento no geral, com enfoque para a experiência de vida individual e social (MAROCCO; ZAMIN, 2010); **2)** Linguística e Artes, com foco na Semiótica e na hermenêutica narrativa, que observa questões como o discurso e a interpretação dos acontecimentos (VOGEL, 2010); **3)** Ciências Sociais, com inúmeros estudos no campo da Sociologia, na tentativa de analisar que efeitos a notícia tem na produção de significados sociais (TUCHMAN, 1983); e **4)** Comunicação e do Jornalismo, focados em duas abordagens: tratar do conceito a partir das áreas citadas anteriormente, e/ou abordar o tema de uma forma mais exclusiva ligada à mídia, fazendo distinção teórica, em algumas, para “acontecimento” e “acontecimento midiático”.

Como forma de exemplificar essas grandes áreas e inclusive algumas de suas contribuições para o universo da Comunicação, Bloch (apud PONTES; SILVA, 2010) cita reflexões da História, questionando acontecimento a partir de temporalidades, ou seja, se um acontecimento é simplesmente algo que “aconteceu”, que ficou no passado, ou trata-se de uma abordagem mais contemporânea, como um fato que teria duração e, por isso, teria relação entre passado e presente e não apenas passado. Observamos ainda visões como as que inserem o acontecimento em debates filosóficos ligados à compreensão humana, como a causalidade, tratando o acontecimento como “o efeito que parece exceder suas causas” [...] “o espaço de um acontecimento é aquele aberto pela brecha que separa o efeito e a causa” (ARENDDT, 2008 apud ZIZEK, 2017, p. 9).

O campo da Linguística também tem encarado o tema e sido de grande importância para a Comunicação. Uma das abordagens, por exemplo, relaciona acontecimento com semiótica, tratando-o como a força propulsora da semiose (produção de significados), que se desdobra em infinitas possibilidades (HENN, 2010). Em “Discurso das Mídias”, o linguista francês Patrick Charadeau (2006) contribui com uma abordagem ao assunto, partindo da ideia de que “o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o

integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível” (CHARAUDEAU, 2006, p. 95).

Um acontecimento, sob o ponto de vista de Charaudeau (2006), faz parte de um “processo evenemencial”, composto por características que se complementam entre si: modificação no estado do mundo fenomenal que gera percepção dos sujeitos e significação digna de interesse notável para o sujeito como ser social. Ao relacionar esta forma de pensar com a mídia, o pesquisador defende que o acontecimento será selecionado e construído pela imprensa em função de três critérios: 1) “atualidade”, que separa o momento de aparição do momento da informação; 2) “socialidade”, que se trata da aptidão em representar o que acontece num mundo; 3) “imprevisibilidade”, ou seja, se o acontecimento perturba a tranquilidade dos sistemas de expectativa do sujeito que consome a informação (CHARAUDEAU, 2006, p. 98-99). Outra importante contribuição, da hermenêutica, para a discussão de acontecimento aparece por meio de reflexões de Ricoeur (2010 apud LAGE, 2013b, p. 78), que toma o acontecimento como o objeto da narrativa e pelo o que é instaurado por ela. Em outras palavras, “o autor coloca as narrativas como guardiãs do acontecimento, como mediação necessária para sua inteligibilidade” (LAGE, 2013b, p. 78).

Tem se tornado evidente, durante as leituras, que parecem existir duas principais perspectivas nas discussões acerca da relação entre o acontecimento e o campo da comunicação: um viés construcionista, no qual, em linhas gerais, se entende que um acontecimento não existe por si só e trata-se de uma construção midiática (CHAMPAGNE, 1991; KATZ, 2016; MOLOTCH; LESTER, 1974; MOUILLAUD, 2002; TUCHMAN, 1983; VERÓN, 1980). Aos críticos destas teorias, essas visões “tratam o acontecimento como um objeto primordialmente da linguagem e do pensamento humano, deixando em segundo plano ou negligenciando a dimensão existencial” (FRANÇA; LOPES, 2017, p.75). Tais críticas vêm, principalmente, de uma abordagem pragmatista do acontecimento, segundo a qual os acontecimentos “são coisas concretas, coisas reais, antes de serem colocadas no discurso” (FRANÇA, LOPES, 2017, p. 75). Tendo inspiração no sociológico francês Louis Quéré (2005), este viés destaca o “poder hermenêutico” do acontecimento, ou seja, um potencial de revelação sobre o contexto em que ele surge, assim como um “poder de afetação” (QUÉRÉ, 2005), de tocar, afetar as pessoas e impulsioná-las a se posicionar e a agir. Por isso, este viés destaca o papel do acontecimento na (re)organização da experiência e ação dos indivíduos, que é constituído coletivamente, socialmente, e não só pelas mídias (ARQUEMBOURG, 2009; BABO-LANÇA, 2008; FRANÇA, 2009; QUÉRÉ, 2005; SILVA, 2011).

Quando nos voltamos para a comunicação, algumas abordagens do viés construcionista são fortemente influenciadas pela área da Sociologia. Como exemplo, citamos a contribuição da socióloga norte-americana Gaye Tuchman, que trouxe ao Jornalismo a reflexão do termo “construção social da realidade”, dos também sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann (1966). A pesquisadora utiliza a frase quando faz observações sobre a mídia, questionando: até que ponto a mídia de massa contribui para a construção social da realidade e como as rotinas de trabalho informativo determinam a maneira de produção das notícias? Responde, entre outras questões, que os meios de comunicação de massa estão situados em uma espécie de papel mediador entre o Estado e o povo, modelando o conhecimento através do que os autores McCombs e Shaw (1972) chamavam de agenda setting – ideia de que a mídia é responsável pela agenda da sociedade (TUCHMAN, 1983). Para Meditsch (2010), no entanto, estão equivocadas as interpretações feitas por muitos pesquisadores sobre “a construção social da realidade” de Berger; Luckmann (1966). O pesquisador defende que o estudo dos sociólogos foi incorporado ao jornalismo de forma equivocada, porque “o jornalismo, como instituição, e seus agentes participam da produção da realidade, especialmente no seu âmbito simbólico, mas nunca isoladamente, porém em diálogo permanente com os demais atores sociais” (MEDITSCH, 2010, p. 40-41).

Outra contribuição ligada ao construtivismo trata-se dos estudos do argentino Eliseo Verón, no livro “Construir o acontecimento: a mídia e o acidente de Three Mile Island”, publicado na década de 1980. Nele, o pesquisador tratou do “discurso da informação da mídia” sobre o acidente em uma usina nuclear, na Pensilvânia (EUA), em 1979. Como estudava na França, Verón analisou as informações publicadas pela agência de notícias AFP, e notícias publicadas em jornais impressos, redes de televisões e rádios do país francês. Na introdução do material, revela sua perspectiva construcionista ao afirmar, por exemplo, que acontecimentos sociais não são objetos que seriam feitos em algum lugar no mundo real (que estariam já prontos), cujas propriedades e transformações a mídia apenas informaria depois com mais ou menos fidelidade. Para o pesquisador, “a mídia é o lugar onde as sociedades industriais produzem nosso real” (VERÓN, 1980, p. 8 – tradução nossa).

Em outra publicação, uma década depois, o argentino adota um discurso mais leve, de que “a mídia passa a ser criadora de ‘posições de discurso’ produtoras de realidades diversas sobre o acontecimento” (VERÓN, 1995 apud LAGE, 2013b, p. 61). Mesmo assim, continua colocando a mídia no centro: “a instância midiática permanece como lugar privilegiado de produção de sentido sobre o acontecimento [...] desprezando os demais atores envolvidos mesmo nos processos midiáticos” (LAGE, 2013b, p. 61). Também no início de

1990, o sociólogo francês Patrick Champagne deixava claro a vertente, que Verón iniciou quase dez anos antes, no título de um conhecido artigo: “A construção midiática do mal-estar social” (CHAMPAGNE, 1991, p. 64). O foco do pesquisador é voltado para a dominação social sob um viés construcionista. Acredita que os jornalistas não estão inventando os problemas dos quais estão falando e que esses profissionais pensam, com razão, que eles contribuem para tornar os acontecimentos conhecidos e os inserem no debate público, mas, para o autor, é ingênuo parar nesta conclusão.

“Longe de se limitar a registrar os acontecimentos, o campo jornalístico opera um trabalho real de construção que depende dos interesses em grande parte específicos desse setor de atividade” (CHAMPAGNE, 1991, p. 64). Esses interesses variam de acordo com alguns fatores, segundo o autor. Entre eles, a localidade onde o veículo de comunicação está inserido (provincial ou capital), a periodicidade (diária, semanal), o gênero midiático (impresso, audiovisual), o tipo de informação (geral, especializada) e o fato de os próprios jornalistas reconhecerem “como se marcassem suas diferenças, que ‘nem todos fazem o mesmo trabalho” (CHAMPAGNE, 1991, p. 75).

O espanhol Miquel Alsina, por sua vez, escolhe “representação” no lugar de “construção”, ao afirmar que “a notícia é uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 185). Para ele, este mundo possível se configura como um mundo narrativo construído pelo sujeito enunciator a partir dos outros dois mundos do jornalismo: o real e o de referência. No primeiro, se produz a verificação; no segundo, se determina a verossimilhança; e, no mundo possível, se dá a busca de persuasão com argumentos: “o enunciator deve fazer parecer verdade o mundo que constrói” (ALSINA, 2009, p. 185).

Contribuindo para termos uma visão geral dos estudos sobre acontecimento, Berger; Tavares (2010) pesquisam as principais abordagens feitas por teóricos que se dedicam a refletir sobre o acontecimento. Nesses estudos, os pesquisadores pendem, naturalmente, para a grande área do conhecimento da qual advém (a Comunicação) e, desta forma, tratam de denominar e explicar “acontecimento” de diferentes maneiras. Segundo Berger; Tavares (2010), “acontecimento” é o termo utilizado pela maioria dos pesquisadores (BOURDIEU, 1998; CHARAUDEAU, 2006; QUÉRÉ, 2005; RODRIGUES, 1993; SOUSA, 2002). Outros estudiosos ainda tratam o termo como: “acontecimento contemporâneo” (NORA, 1974); “acontecimento vivido” (CONTRERA, 2004); “acontecimento legítimo” (FRANÇA; VAZ, 2009); “acontecimento social” (MEDINA, 2008; VERÓN, 1995); “acontecimento

cotidiano/puro” (DELEUZE, 1975); “acontecimento bruto” (CHARAUDEAU, 2006); “acontecimento discursivo” (PECHÊUX, 1990), etc.

Outro trecho do levantamento de Berger; Tavares (2010) trata-se especificamente do “acontecimento da/na mídia”, ou seja, a discussão entre acontecimento e o seu tratamento e/ou construção na mídia. Entre os autores a trabalhar com esta abordagem, Katz (2016, p. 86) resume o que considera os aspectos básicos de um “acontecimento midiático”: 1) transmissão ao vivo; 2) enquadrado no tempo e no espaço; 3) centralidade de um grupo ou de uma personalidade heroica; 4) com grande significado dramático ou ritual; 5) com força de uma norma social que torna o ato de assistir obrigatório; e, por último, com grande força para este teórico está a condição: 6) o fato de que um acontecimento midiático é pré-planejado.

A partir dos elementos considerados por Katz (2016), é possível compreender que os pesquisadores abordam a previsibilidade ou imprevisibilidade de uma maneira crucial para definir seus pontos de vista: “dos acontecimentos jornalísticos, o mais claramente reconhecido é o que diz da cobertura do imprevisível. É a ação acidental aquela que ‘melhor’ corresponde aos critérios de noticiabilidade tão exaustivamente apontados pelos manuais de produção noticiosa” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 131). No entanto, dependendo do autor que aborda o tema, a característica da imprevisibilidade assume diferentes denominações. Santos (2005 apud BERGER; TAVARES, 2010) apoia-se em Niklas Luhmann para denominar os acontecimentos como micro (aqueles puramente referenciais dos sistemas), macro (provocam reações no meio ambiente dos sistemas, causam rompimento, são os midiáticos) e os mega-acontecimentos (os midiáticos, com uma importância potencializadora). Miranda (2005 apud BERGER; TAVARES, 2010) também se foca nos acontecimentos imprevistos, mas denominando-os de grandes e pequenos, refletindo que os grandes acontecimentos inclusive estariam em uma crise contemporânea.

Neste viés da previsibilidade do acontecimento midiático, Molotch e Lester (1974, p. 66) tratam da construção do acontecimento sob um olhar um pouco mais abrangente, inserindo três públicos ou “agências” na construção do acontecimento: 1) os “*news promoters*”, ou seja, os promotores de notícias, que identificam e tornam uma ocorrência especial, sendo que aqui os autores tratam da promoção “direta, grosseira e óbvia” dos relações públicas, dos políticos, mas também de um cidadão que tenta denunciar um mal para a saúde; 2) os “*news assemblers*” (montadores/construtores de notícias), grupo no qual se insere a mídia, a qual trabalha sob a perspectiva de que “um número finito de coisas acontecem realmente e as mais especiais, interessantes ou importantes são selecionadas; e 3) os “*news consumers*”, em português “os consumidores de notícia”, sendo que estes têm o

trabalho “truncado através do trabalho noticioso das outras duas agências” e não possuem, habitualmente, base institucional de onde possam difundir o seu trabalho (MOLOTCH; LESTER, 1974, p. 70)

Estas “agências” são responsáveis pela construção de quatro tipos de acontecimento, sendo dois realizados intencionalmente e dois involuntariamente. No primeiro caso, são os acontecimentos de rotina (exemplo: promover a viagem de um presidente) e os escândalos (tornam-se acontecimentos por meio da atividade intencional de um indivíduo). No segundo grupo, estão os acidentes e os acontecimentos “serendipity” (ocorrência dissimulada para parecer rotina), sendo que a explicação deste último parece ser mais intencional do que involuntária. De forma geral, para eles, quando o cidadão lê um jornal, ele precisa aceitar “como realidade o trabalho político através do qual os acontecimentos são considerados por aqueles que geralmente detêm o poder” (MOLOTCH; LESTER, 1974, p. 81).

Cada agência incorpora sucessivamente o mesmo tipo de trabalho de construção, baseado em propósitos que determinam dadas necessidades de acontecimentos. Mas o trabalho levado a cabo em cada ponto bloqueia ou inibe um grande número de possibilidades de criação. Neste bloqueio de possibilidades reside o poder do trabalho jornalístico e toda a atividade de informação (MOLOTCH; LESTER, 1974, p. 66).

Nesta mesma linha segue também o escritor francês Maurice Mouillaud (2002), ao afirmar que “o jornal é apenas um operador entre um conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último” (MOUILLAUD, 2002 apud PINHEIRO, 2012, p. 50). O autor relaciona jornalismo e acontecimento desta forma por defender que o acontecimento é extraído de uma experiência que continua externa ao texto e que na mídia aparece como mais uma informação. “A imprensa, portanto, apenas veicula alguns dos episódios particulares do acontecimento e recortes de opiniões de sujeitos envolvidos com ele” (PINHEIRO, 2012, p. 50).

Orientando de Mouillaud, o brasileiro Porto (2014) acredita que na cultura ocidental o acontecimento está muito ligado ao que o francês chama de *évènement*, “algo parecido com o que o assessor de imprensa ou de relações públicas chama de evento, um conceito muito próximo ao de informação, pois não há informação se algo de novo não acontece” (PORTO, 2014, s/n). Isso explica, para o autor, o porquê de as informações quase sempre apresentarem notícias ruins. “As notícias boas não seriam notícias, pois apenas dão continuidade ao useiro e vezeiro vivido por determinadas comunidades” (PORTO, 2014, s/n). Para ele, o acontecimento provoca estranhamento, é uma metáfora, ou seja, é algo meta, algo além do

fórum, do lugar habitual do acontecimento das coisas. A metáfora como mãe das figuras de linguagem indica que novos sentidos estão por acontecer, como descreve no trecho abaixo:

Tudo isso implica em compreender mais ainda como funciona a nossa profissão de comunicadores e jornalistas. O fato nos oprime na medida em que ele exige a nossa interpretação, ele requer que o transformemos em acontecimentos. O nosso poder interpretativo é condição *sine qua non* para que fundamentemos os objetos e os signos a que a realidade nos submete a cada momento. (PORTO, 2014, s/n)

“Meta”, lembram Benetti et al. (2011), significa além de, depois de, por meio de. Assim, os pesquisadores entendem que um meta-acontecimento permite dizer algo que está além de si. “Seu eixo de significação é longo e, por isso, transpõe a singularidade do fato relatado” (BENETTI et al., 2011, p. 55). O português Adriano Rodrigues (1993) também destaca a característica “meta” do acontecimento, defendendo que a notícia seria um meta-acontecimento discursivo, “que se dedica a falar sobre um acontecimento notável” (RODRIGUES, 1993 apud BERGER; TAVARES, 2010, p. 127). E, segundo Rodrigues (1993, p. 51), para ser “notável, digno de ser registrado na memória”, um acontecimento jornalístico necessita de um “registro de notabilidade”, além da imprevisibilidade: excesso, falha ou inversão. No primeiro caso, a irrupção está presente por excelência, já que o excesso se trata, por exemplo, de um massacre de uma aldeia por tropas que deveriam proteger, ou um juiz que aplica uma pena máxima sem levar em consideração possíveis atenuantes. O segundo registro de notabilidade, a falha, ocorre por defeito, insuficiência do funcionamento normal, como os acidentes, uma revolta em uma penitenciária, a queda repentina da bolsa de valores, a arma de fogo que não dispara. Por último, a inversão trata-se do homem que mordeu o cachorro (e não o cachorro que mordeu o homem) ou do militar que dispara contra o superior em um momento de revista (RODRIGUES, 1993).

É acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais. Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização. É, por isso, em função da maior ou menor previsibilidade, que um fato adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidades têm de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico (RODRIGUES, 1993, p. 39).

Na discussão sobre jornalismo e acontecimento, deparamo-nos com o brasileiro Muniz Sodré⁶⁷. Na tentativa de definir notícia, Sodré dedica o primeiro de três capítulos para

⁶⁷ Focado na resolução das dificuldades práticas e teóricas para uma definição de notícia, o autor publicou, em 2009, a primeira edição de um de seus principais trabalhos para o campo do Jornalismo, o livro “A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento”.

debater o fato, o acontecimento e a notícia. Para o pesquisador, o mundo dos fatos – a que podemos também chamar de ‘estado de coisas’ – é o mundo da experiência empírica, isto é, de relações contingentes, do fenômeno que pode acontecer ou não, fora de qualquer ordem necessária. Mas, há uma diferença entre fato e coisa: “a coisa diz respeito aquilo que resiste a qualquer relacionamento do sujeito (perceber, agir, ver), é aquilo de que o homem não pode prescindir na identificação do mundo, por consistir numa unidade de resistência à variação, à heterogeneidade, portanto, numa irreducibilidade” (WITTGEINSTEIN apud SODRÉ, 2012, p. 29). Para Sodré, então, o fato seria uma combinação dessas unidades de resistência, de coisas: “o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas [...] E, essa totalidade, determina o que acontece ou não” (SODRÉ, 2012, p. 29).

O acontecimento, por sua vez, é um tratamento do fato, uma “construção do real” (SODRÉ, 2012, p. 36-37), que pode ser tomado como sinônimo de fato sócio histórico e dividido em micro (o assassinato de um cidadão comum e um terremoto de pequenas proporções) ou macro (o assassinato de um presidente, a destruição das torres gêmeas em Nova Iorque, o tsunami no sul da Ásia). Fica claro aqui o viés construcionista do pesquisador:

[...] Relacionado à informação midiática, que é a atualização de um estado de coisas, o acontecimento é uma modalidade clara e visível de tratamento do fato, portanto é uma construção ou uma produção de real, atravessada pelas representações da vicissitude da vida social, o que equivale a dizer tanto pela fragmentação às vezes paradoxal das ocorrências quanto pelos conflitos em torno da hegemonia das representações. (SODRÉ, 2012, p. 36-37)

Por outro lado, ao tentar diminuir a responsabilidade excessiva do campo jornalístico, Sodré também declara que a construção do acontecimento não se efetua só neste espaço. Para ele, os jornalistas são uma das várias categorias mobilizadas para determinar os fatos e sua transformação em acontecimento midiático. Para respaldá-lo, o autor cita uma autora com viés pragmatista, Jocelyne Arquembourg: “os acontecimentos são certamente fruto de um trabalho de constituição coletiva, mas eles imbricam também a participação de atores e de um público que não é apenas massa de consumidores de informações” (ARQUEMBOURG apud SODRÉ, 2012, p. 40).

Após tratar dos conceitos de fato e acontecimento e trazer à tona outras discussões como verdade, objetividade e credibilidade, Sodré retoma o objetivo do capítulo, chegar a um conceito de notícia, por meio dos debates de fato e acontecimento:

Parte-se do “fato em bruto” (ou “fato bruto”) isto é, de qualidades ainda indiferenciadas de uma ocorrência, para transformá-lo em “acontecimento” por meio da interpretação em que implica a “notícia”, esse microrrelato que, desdobrado ou

ampliado, nos dará possibilidades de acesso argumentativo ao “fato social” (SODRÉ, 2012, p. 71).

Já Benetti (2010) defende que o fato só ocorre no presente, já os acontecimentos também tem passado e futuro: “o acontecimento faz parecer a dimensão do passado porque obriga o sujeito a buscar explicações, a considerar as condições que possibilitaram a emergência daquele fenômeno” (BENETTI, 2010, p. 153). Fonseca (2010, p. 168) resume que, para o jornalismo, acontecimento é o fato digno de registro na forma de notícia. Já Altivo et al (2010, p. 207) pensam o acontecimento como um fenômeno comunicacional, marcado por características específicas e dinâmica própria, desta forma, sem distinguir acontecimento de acontecimento jornalístico.

Esses pesquisadores (BENETTI, 2010; FONSECA, 2010, ALTIVO et al., 2010) tratam de acontecimento e jornalismo na coleção “Jornalismo e Acontecimento”, um conjunto de quatro volumes de pesquisadores brasileiros que se dedicaram nos anos recentes a refletir sobre esta relação, mostrando o quanto a problemática do acontecimento tem despertado a atenção da pesquisa no campo da comunicação e do jornalismo no Brasil.⁶⁸ A coleção foi dividida em quatro grandes temas: **1)** “Mapeamentos críticos”, **2)** “Percursos Metodológicos”; **3)** “Diante da morte”; e **4)** “Tramas conceituais”.

De acordo com a própria apresentação do primeiro volume, de forma geral, a pesquisa investiga o conceito de acontecimento em perspectiva multidisciplinar e pretende constituir uma epistemologia do acontecimento jornalístico. Assim, é deste primeiro livro que saem visões mais gerais sobre acontecimento e sobre a sua relação com o Jornalismo – como as que vimos nas últimas páginas –, além de reflexões novas, como a de Benetti (2010), a qual tenta caracterizar o jornalismo como um acontecimento, ao aproximar os conceitos de acontecimento jornalístico e acontecimento discursivo: “o jornalismo é acontecimento quando pode ser tomado como índice de um presente social, do imaginário que une os homens em uma rede comum de questões existenciais, como índice de uma época e dos valores hegemônicos desta época” (BENETTI, 2010, p. 162). A pesquisadora afirma ainda: “o jornalismo é acontecimento, por si só, quando ocupa este lugar único na organização e compreensão da vida cotidiana, quando escreve parte da história e quando adquire o estatuto de uma disciplina tomada como objeto de pesquisa científica” (BENETTI, 2010, p. 163).

⁶⁸ Os quatro livros da série são resultado do projeto de pesquisa “Tecer: jornalismo e acontecimento”, do qual participam pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos). As obras, inclusive, têm sido citadas ao longo deste capítulo, como é o caso do levantamento realizado por Berger; Tavares (2010) e publicado na coleção.

No volume seguinte da coleção, a preocupação é com os procedimentos que possibilitam a apreensão das articulações entre jornalismo e acontecimento. Antunes e Leal (2011) propõem a análise de conteúdo (AC) como metodologia para se olhar um acontecimento, desde que este não seja olhado como algo efêmero, pontual e estável, mas sim com suas temporalidades imbricadas a diversos processos sociais. Mesmo acreditando que esta metodologia seja de grande auxílio ao analisar os acontecimentos, sugerem que a AC não seja usada de maneira autônoma, mas de forma complementar.

Outro método para a análise de acontecimentos trata-se do método “Análise de Cobertura Jornalística (ACJ)”, proposto por Dourado; Silva (2011). O protocolo é voltado para textos jornalísticos impressos e informativos e organiza-se em três níveis analíticos. O primeiro analisa as marcas da apuração, recaindo exclusivamente sobre a matéria jornalística (exemplo: assinatura da matéria; local da apuração; origem da informação); o segundo observa as marcas da composição do produto, ou seja, o conjunto amplo do produto, como localização na página, diagramação, foto etc; e, por último, há a análise dos aspectos da caracterização do contexto da publicação, que oferece um plano geral do objeto, captando aspectos da dimensão organizacional e do contexto sócio-histórico-cultural em que se insere a produção jornalística (DOURADO; SILVA, 2011).

Os pesquisadores ainda propuseram-se a revisitar a trajetória da própria pesquisa, para ordenar e sistematizar posições epistemológicas sobre o acontecimento jornalístico (MEDITSCH; SILVA; VOGEL, 2013), no volume “Tramas Conceituais”. É possível ler sobre questões específicas dentro da reflexão sobre o acontecimento, como ciberacontecimento, que Henn (2013) trata como uma expressão das tensões semiosféricas da cultura contemporânea no ambiente das redes digital. Há ainda um estudo do acontecimento telejornalístico (PORCELLO, 2013); a ligação entre jornalismo, acontecimento e arte, etc.

No volume “Diante da Morte” (BERGER; MAROCCO; HENN, 2012), os pesquisadores publicaram artigos sobre acompanhamentos de coberturas jornalísticas focadas em morte e fizeram, em parte da obra, uma espécie de diário sobre tais acontecimentos, desde acidentes, assassinatos e a morte natural de pessoas comuns e famosas. Deixamos para tratar por último deste terceiro livro da coleção por termos conseguido realizar inúmeras conexões entre as reflexões sobre a morte, feitas na obra, com a pesquisa acadêmica sobre tragédia e as discussões sobre acontecimento, abordadas até aqui em nossa pesquisa. O trecho abaixo traduz nossas conexões:

A morte é um evento fascinante para o jornalismo especialmente quando reúne o embate entre o homem e a natureza. O homem, que desenvolve a tecnologia para vencer seus limites naturais, por vezes sucumbe. Não tem asas, mas criou um modo de voar; não tem nadadeiras, mas encontrou um jeito de navegar. É temeroso deixar a terra, mas o mar tem a matéria primordial (Bachelard, 2002) que seduz o homem. É assim que os acidentes aéreos e os naufrágios nos obrigam a uma consciência sobre o acaso, o destino, a impotência, a responsabilidade e a finitude. Essas tragédias são estatisticamente raras, e isso só aumenta seu poder de atração para o jornalismo. O que é eventual tem mais peso do que é habitual, porque se torna novo. Se o acontecimento reunir outros elementos de repetível universalidade, evidentemente ganhará mais visibilidade (BENETTI, 2012, p. 154).

Continuamos nosso percurso no próximo item deste capítulo, no qual abordamos acontecimento a partir de uma perspectiva pragmatista. Para chegar aqui, entretanto, precisávamos compreender, mesmo que de maneira breve, diferentes formas como o acontecimento têm sido pensado, especialmente em estudos do Jornalismo.

2.2 O ACONTECIMENTO NA ORGANIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA SOCIAL E O PAPEL DO JORNALISMO

Além do jornalismo, na área mais ampla da comunicação o acontecimento tem despertado grande interesse de pesquisa. Um conjunto de estudos a respeito tem sido desenvolvidos, desde meados dos anos 2000, especialmente no âmbito do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), dando origem a várias publicações nos anos recentes, tais como: FRANÇA, 2009; 2012; FRANÇA; OLIVEIRA, 2012⁶⁹; SILVA, 2013; SILVA; SIMÕES, 2014; FRANÇA; LOPES, 2017, dentre outras. Interessadas nos mais distintos objetos de estudos, estas pesquisas têm em comum o fato de se fundamentarem na abordagem de acontecimento proposta pelo sociólogo francês Louis Quéré (2005, 2012) – uma abordagem pragmatista, que relaciona o acontecimento com a experiência e a prática sociais.

A perspectiva desse autor permite analisar um acontecimento de forma um pouco distinta ao que é normalmente feito em alguns estudos do jornalismo que, como vimos, tendem a compreender o acontecimento quase como sinônimo de notícia (ou o fato transformado em notícia) e a destacar o papel de extrema centralidade da mídia na construção dos acontecimentos, conforme destacado por algumas pesquisas (FRANÇA, 2012; SILVA, 2011 e 2013; SILVA; SIMÕES, 2014). Distanciando-se da perspectiva midiacêntrica, a “concepção mais densa de acontecimento” (FRANÇA, 2012, p. 35) proposta pelo sociólogo

⁶⁹ Vale destacar aqui o livro “Acontecimento: reverberações” (2012), organizado por estas duas brasileiras (Luciana de Oliveira e Vera Regina Veiga França) que também têm estudado sobre acontecimento.

francês permite observar a ação de outros atores na constituição social e simbólica dos acontecimentos, sem perder de vista a própria participação das mídias (e do Jornalismo) nesta construção e produção de sentidos. É esta concepção que será adotada nesta pesquisa para compreender e analisar a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol e o modo como esta tragédia ecoou na cobertura das mídias e na sociedade.

Inspirado em contribuições de filósofos como George Mead (1863-1931), Hannah Arendt (1906-1975), Paul Ricoeur (1913-2005) e, especialmente, do pragmatista norte-americano John Dewey (1859-1952), o sociólogo francês Louis Quéré propõe pensar o acontecimento na sua relação com a experiência⁷⁰ e com as práticas dos indivíduos. Desde o início dos anos 90, ele publicou um conjunto de reflexões em que aponta alguns limites nas formas como as ciências sociais abordam a relação dos acontecimentos com a organização da experiência. Entre esses limites, estaria a redução da concepção de *acontecimento* à categoria de *fato* e também a não compreensão da relação existente entre os acontecimentos e a ação dos sujeitos neste mundo (QUÉRÉ, 2005, 2012; SILVA, 2014):

Não é seguro que as ciências sociais tenham efetivamente avaliado o lugar do acontecimento na estruturação da experiência individual e colectiva. Por diversas razões. Uma delas tem a ver com o facto de as ciências sociais tenderem a associar a acção a sujeitos movidos por razões de agir, por motivos ou por interesses, e menos a uma afecção por acontecimentos e por mudanças, nos objetos ou nas situações, no decurso da própria organização da experiência. Uma outra é que as ciências sociais apreendem, sobretudo, o acontecimento, como integrante da categoria do facto e recorrendo ao esquema da causalidade, hesitando em tratá-lo como um fenómeno de ordem hermenêutica (QUÉRÉ, 2005, p. 59-60).

A abordagem de Quéré (2005) busca justamente “evidenciar o lugar do acontecimento na organização da experiência, seja esta individual ou colectiva”, e “pôr em destaque o poder hermenêutico do acontecimento” (QUÉRÉ, 2005, p. 60), ou seja, seu caráter revelador e esclarecedor. O autor explica da seguinte forma:

[...] o acontecimento é um fenómeno de ordem hermenêutica: por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, ele faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação. Pode assim revelar uma situação problemática que aguarda resolução, ou descobrir ‘uma paisagem inesperada de acções, de paixões e de novas potencialidades [...]’ (ARENDRT, 1980, p. 76). [...] O acontecimento apresenta, pois, um carácter inaugural, de tal forma que,

⁷⁰ Experiência aqui é entendida como propõe Quéré quando a discute na relação com o acontecimento (2005, p. 70): “O acontecimento proporciona uma transacção e, a partir daí, dá lugar a uma experiência. Experiência ‘tida’ (para falar como Dewey), que é fonte de identidade, ao mesmo tempo para o acontecimento e para que, por ele, é atingido. A experiência é, pois, aquilo pelo que um sujeito e um mundo se constituem, confrontando-se com acontecimentos, na articulação mais ou menos equilibrada de um saber e de um agir. Abrindo um horizonte de sentido, transportando com ele possibilidades interpretativas, o acontecimento permite, ao que a ele se encontra exposto, descobrir algo de si próprio e da sua situação, aprofundar a compreensão de si e do mundo”.

ao produzir-se, ele não é, apenas, o início de um processo, mas marca também o fim de uma época e o começo de outra (QUÉRÉ, 2005, p.60).

No desenvolvimento de seu argumento, o sociólogo fala sobre a dualidade ou dupla natureza do acontecimento – na medida em que este pode ser visto ao mesmo tempo como “fato no mundo” e como “fonte de sentidos” (QUÉRÉ, 2005, p. 60). Em relação à primeira, o autor explica que, ao irromper, o acontecimento é tratado como algo que ocorreu no tempo e no espaço, que pode ser identificado através de uma “descrição”, indicando suas circunstâncias, seu passado e suas possíveis causas. “Desse ponto de vista, o acontecimento é apreendido como um fim, como o ponto de chegada de um encadeamento serial” (QUÉRÉ, 2005, p. 66): pode ser explicado pelo contexto onde ocorreu e pode ser comparado a similares já passados; tem um começo, meio e final, pode ter sido esperado, inesperado ou programado, atender ou não as expectativas, resolver situações/problemas ou criar novos, ou seja, pode reorganizar a experiência (QUÉRÉ, 2005, p.66-67; MENIN; SILVA, 2018, p. 4-5).

No segundo caso, os acontecimentos são tratados como “começos”, ou seja, como a origem ou fonte de novos sentidos que se abrem sobre o mundo (QUÉRÉ, 2005, p. 66-67; MENIN; SILVA, 2018, p. 4-5). Aqui o autor afirma que há uma inversão de perspectivas:

[...] em vez de ser o contexto no qual o acontecimento se produziu a esclarecê-lo, passa a ser o acontecimento a esclarecer o seu contexto, a modificar a inteligência de acontecimentos ou de experiências anteriores, a revelar uma situação com os seus horizontes, a descobrir uma paisagem inesperada de acções e de paixões’ (Arendt), a fazer surgir possibilidades e eventualidades insuspeitas, a projectar a sua luz sobre o que o terá precedido e sobre o que lhe poderá seguir. Em síntese: o acontecimento passará a projectar um sentido novo sobre o mundo. Sentido do qual ele será a origem (QUÉRÉ, 2005, p. 67).

Nesta citação fica evidente o que o sociólogo francês aponta como uma característica marcante de certos acontecimentos: o seu poder hermenêutico ou revelador. Isso porque, ao surgir, ele tem o potencial de originar novos sentidos e esclarecimento sobre ocorrências e experiências anteriores, de revelar problemas ou possibilidades antes não pensadas a respeito do passado e do futuro (MENIN; SILVA, 2018).

Ainda sobre a dualidade (fato/sentido), é importante destacar que ela não quer dizer dois tipos de acontecimento, mas sim duas formas complementares de tratá-lo ou, como diz Quéré (2005, p. 66), de individualizá-lo, de lhe dar significação. Uma delas destacando mais o passado revelado pelo acontecimento e a outra destacando mais o seu caráter “inaugural”, de origem de novos sentidos, de abertura de futuros e possibilidades (QUÉRÉ, 2005, p. 66-67). Ou seja, são duas modalidades de experienciar ou individualizar os acontecimentos, que são

distintas, mas se completam, não estão dissociadas na vida real (QUÉRÉ, 2005, p. 66; SILVA, 2013).

A individualização do acontecimento assim apreendido excede o momento da sua ocorrência: o acontecimento continua a ocorrer e a singularizar-se enquanto produzir efeitos sobre aqueles que ele afeta. Não efeitos causais, mas efeitos na ordem do sentido. Isso só é possível porque o acontecimento não só acontece, mas acontece a alguém (QUÉRÉ, 2005, p. 67).

Este “acontecer a alguém” é o que o sociólogo francês denomina de “passibilidade do acontecimento”, pois, segundo o autor, todo acontecimento possui uma dimensão de “travessia” e de “provação”; implica “um suportar e um agir” (QUÉRÉ, 2005, p. 67). Este aspecto se relaciona à segunda característica marcante (além do poder hermenêutico/revelador), que este autor atribui a determinados acontecimentos: o seu poder de afetação ou afecção. Ou seja, um acontecimento é uma ocorrência que afeta indivíduos ou coletividades, que os vivenciam e que, afetados, reagem através de diferentes práticas buscando interpretar o ocorrido e reorganizar a experiência. Práticas que atuam sobre o acontecimento e o constituem ou transformam conforme a apropriação que dele se faz (QUÉRÉ 2005; SILVA, 2016).

Assim, o autor chama a atenção para o fato de que um acontecimento não é apenas da ordem da produção de sentido, mas também possui uma dimensão pragmática: é provocado por ações ao mesmo tempo em que desencadeia ações. É através dessa apropriação social ou coletiva – denominada por Quéré (2005, 2012) de “recepção pública” – que o acontecimento é individualizado, adquirindo identidade e significação próprias (SILVA, 2013).

A individualidade do acontecimento não é determinada, apenas, pelas características de sua ocorrência como fato, mas também pelas reações e pelas respostas que suscita, via uma compreensão e uma apropriação, seja qual for o suporte [...]. O acontecimento entra na experiência não somente como fato, mas ainda como termo de uma transação. O acontecimento e aquele a quem ele acontece são, ambos, coisas que “se tornam no quadro de uma transação” (QUÉRÉ, 2005, p. 68).

Compreendido desta forma, conforme o sociólogo, o acontecimento “já não é só um facto no mundo, composto de dados actuais e susceptível de ser explicado causalmente ou interpretado à luz de um contexto” (QUÉRÉ, 2005, p. 69). Seguindo ainda a argumentação do autor e conforme sistematizamos em outro trabalho (MENIN; SILVA, 2018, p.6):

Um fato se inscreve no tempo e no espaço, permite expectativas, antecipações, lembranças e pode ser compreendido a partir de seu passado. Já a ocorrência de um acontecimento não pode ser claramente datada e delimitada como a de um fato. Um acontecimento ocorre contra todas as expectativas, se define pela forma como toca ou afeta à experiência dos sujeitos, e somente pode ser compreendido,

individualizado, a partir do seu futuro, das consequências que produz. Ele transborda as circunstâncias de sua ocorrência, se desdobra no tempo e no espaço, pode provocar efeitos para além do lugar onde ocorreu e continuará a acontecer enquanto continuar afetando indivíduos ou coletivos [QUÉRÉ, 2005; SILVA, 2013]. Distinto do fato, que delimita um fenômeno para permitir que seja relatado, o conceito de acontecimento possibilita pensar o fenômeno em sua complexidade e a existência de um real não estanque [MENDONÇA; SARMENTO, 2017]. (MENIN; SILVA, 2018, p. 6).

Assim, para essa abordagem – pragmatista –, um acontecimento “refere-se a uma ocorrência, um fato concreto do cotidiano com grande poder de afetação, que suscita inquietações, demanda escolhas e provoca ações, este fato convoca e revela sentidos, que dizem da sociedade na qual ele ocorre” (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 73-74). Ou seja, um acontecimento se define pela forma como toca e afeta a experiência dos sujeitos (poder de afetação) e pelo que revela do contexto em que ocorre (poder de revelação):

[...] o acontecimento é algo que provoca uma ruptura na continuidade da experiência individual ou coletiva, que afeta os sujeitos ao mesmo tempo em que é afetado por eles, e que possui um potencial de esclarecimento, ao criar condições para compreender o passado que o tornou possível e inaugurar novas possibilidades em relação ao futuro e à reorganização da experiência (SILVA, 2011, p. 51).

É importante destacar que o interesse central de Quéré (1995, 2005) não é a relação entre o trabalho das mídias ou do jornalismo e os acontecimentos ou a produção noticiosa sobre o que acontece no mundo. Sua preocupação fundamental é compreender e analisar o processo mais amplo de constituição social e simbólica dos acontecimentos. Ou seja, o processo de singularização ou “individualização” (QUÉRÉ, 2005, p. 66-67) através do qual uma ocorrência “adquire sua identidade, significação e importância como um acontecimento singular” (SILVA; SIMÕES, 2014, p. 36). No entanto, as reflexões do autor ajudam a compreender o lugar do jornalismo neste processo de individualização.

A individualização remete à ideia de que um acontecimento não tem um significado dado previamente, mas o adquire através de um processo que envolve a apropriação social (ou recepção pública) e a atribuição de sentidos ao que aconteceu (QUÉRÉ, 2005, p. 11; SILVA; SIMÕES, 2014).

Como explica Silva (2011), Quéré (2005, 2012) deixa claro que o processo social de definição dos acontecimentos ultrapassa a esfera midiática e o momento em que são divulgados. Ele destaca que as próprias mídias (e os jornalistas, podemos acrescentar) pegam emprestado do seu contexto sociocultural os procedimentos que usam para individualizar os acontecimentos, isto é, para lhes dar sentido e identidade enquanto ocorrências singulares. Assim, por esta perspectiva, pode-se dizer que as mídias e o jornalismo têm um papel

importante neste processo de constituição e simbolização de um acontecimento. Isso porque identificam, tornam acessíveis e exploram determinadas ocorrências e as questões coletivas ali reveladas; constroem e fazem circular narrativas a respeito; propõem certas interpretações ou enquadramentos. Mas este processo conta com a participação de vários outros atores e instituições também afetados ou interessados em explorar e discutir questões coletivas a partir dos acontecimentos (SILVA; SIMÕES, 2014, p. 36-37). Esses agentes, que agem em relação ao que ocorreu, são chamados por Queré de “públicos” – no sentido de “coletivos políticos” que se constituem em função do próprio acontecimento, por se sentirem afetados e/ou interessados naquela ocorrência e nas questões coletivas que ela revela⁷¹ (SILVA; SIMÕES, 2014, p. 36-37).

Como é um processo, a individualização dos acontecimentos tem alguns elementos fundamentais ou etapas, profundamente interligadas, mas que são separadas somente para melhor entendimento e análise (SILVA, 2011, p. 55 e ss). A partir das reflexões de Queré (2005, 2012), alguns pesquisadores sistematizaram em cinco as etapas principais do processo de individualização de um acontecimento, que em alguns casos são adaptadas, dependendo dos interesses e objetivos de cada pesquisa (FRANÇA, 2009; SILVA, 2011; SILVA; SIMÕES, 2014; FRANÇA; LOPES, 2017; MENDONÇA; SARMENTO, 2017). Elas são as seguintes: 1) a *descrição* do acontecimento refere-se à forma como a ocorrência é identificada, definida, nomeada, interpretada, ou seja, como é feito o seu enquadramento e atribuído sentido ao acontecido; 2) a *narração* refere-se à constituição de uma temporalidade para o ocorrido (passados e futuros) e aos atores centrais cujas ações constroem a trama; 3) a *recepção pública e dimensão pragmática* remete às ações e reações próprias daquele tipo de ocorrência e à constituição de públicos/coletivos cujas ações e posicionamentos – apoiados em valores, normas e práticas habituais –, ajudam a constituir e nomear o acontecimento; 4) a *caracterização de problema(s) público(s) ou questão(ões) coletiva(s)* que são reveladas ou expostas pelo ocorrido; 5) e a *normalização*, que se refere à forma como o acontecimento foi naturalizado/normalizado na sociedade, como a ruptura que ele provocou foi integrada à experiência (FRANÇA, 2009; SILVA, 2011; SILVA; SIMÕES, 2014). Tais categorias estão profundamente interligadas. São separadas apenas para efeitos didáticos e de análise (FRANÇA, 2009; SILVA, 2011; SILVA; SIMÕES, 2014) e podem ser adaptadas em função

⁷¹ Ao longo desta dissertação também usamos “grupos sociais” como sinônimo de “públicos” (no sentido de “coletivos políticos”) para evitar excessivas repetições do termo.

de objetivos e questões de pesquisa (SILVA; SIMÕES, 2014; MENDONÇA; SARMENTO, 2017).

Conforme destacado por Vera França (2012, p.76), esta abordagem não restringe o acontecimento a um objeto a ser explicado ou a uma construção da realidade apenas pela linguagem – jornalística ou outra. O acontecimento é tratado como algo que também revela a própria sociedade: o acontecimento esclarece o seu contexto (QUÉRÉ, 2005, p. 67; FRANÇA, 2012, p. 75). Se um dos potenciais do acontecimento é permitir identificar, através dele, tendências que apontam para a preservação e/ou renovação da vida social (FRANÇA, 2012, p. 76), consideramos importante perguntar sobre o papel desempenhado pelo jornalismo neste processo de renovação da sociedade (suas práticas, seus valores) quando realiza a cobertura de acontecimentos.

Esta é uma das questões que buscamos explorar nesta investigação a partir do estudo da queda do avião da Chapecoense – um acontecimento qualificado como uma tragédia pelas características apresentadas, tais como a existência de vítimas, sobretudo fatais; interrupção abrupta da trajetória e experiência social de um coletivo e de indivíduos; intensa mobilização social e midiática da ocorrência. Um acontecimento no sentido denso da abordagem de Louis Quéré, em função da ruptura e desorganização que provocou na experiência individual e coletiva. Um acontecimento com *potencial de revelação* de questões da vida coletiva e do contexto em que ele surge, e também com intenso *poder de afetação* (QUÉRÉ, 2005) pelo modo como afetou, tocou ou interessou diferentes grupos sociais (ou “públicos”, conforme a abordagem pragmatista), os quais participaram, junto com a cobertura do Jornalismo, do processo de constituição deste acontecimento através de discursos visando interpretar e dar sentidos ao ocorrido e de ações desencadeadas em resposta ao que passou. É o que tratamos de identificar e analisar no próximo capítulo, com o auxílio de uma grade analítica com duas dimensões de análise retiradas da abordagem do acontecimento proposta por Quéré (2005) e que serão expostas na sequência, na apresentação dos procedimentos metodológicos.

CAPÍTULO III

3 A QUEDA DO AVIÃO DA CHAPECOENSE NA COBERTURA DE JORNAIS

Percorreremos, nos dois capítulos anteriores, um caminho de fundamentação teórica necessária à compreensão de tragédia e acontecimento e de suas relações com o campo da Comunicação e o Jornalismo. Após este embasamento, tomamos decisões teóricas e metodológicas para chegar ao capítulo três e conseguir analisar o objeto empírico: a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol, ocorrida em 29 de novembro de 2016, e seus desdobramentos na cobertura jornalística do acontecimento.

Antes de partir para a análise propriamente dita deste acontecimento, considerado como uma tragédia ou acontecimento trágico pelas características antes discutidas, realizamos uma contextualização de nosso objeto de estudo. Em seguida, detalhamos as escolhas metodológicas, especialmente o processo de seleção do *corpus* da pesquisa, a ser lido e analisado a partir de uma grade analítica baseada na concepção de acontecimento de Quéré (2005) antes exposta.

3.1 O CONTEXTO E A REPERCUSSÃO SOCIAL E MIDIÁTICA

As notícias sobre a queda do avião começaram a ser divulgadas na madrugada de 29 de novembro de 2016 em portais de internet e nos plantões de redes de televisão e de rádio, em várias partes do Brasil. A informação era de que havia caído, na Colômbia, a aeronave que transportava a delegação da Associação Chapecoense de Futebol (A.C.F.) para a partida contra a equipe do Atlético Nacional, que seria disputada na noite seguinte, de 30 de novembro de 2016. Além de integrantes do time e de dirigentes do clube, que participariam do primeiro campeonato internacional – a Copa Sul-Americana –, estavam profissionais da imprensa dos mais variados veículos de comunicação brasileiros, que faziam a cobertura jornalística do jogo, e ainda convidados do clube, como empresários.

O voo 2933, da empresa boliviana LaMia, levantou voo em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, com destino ao Aeroporto Internacional José María Córdova, em Rionegro (próximo a Medellín), na Colômbia. Na noite de 28 de novembro de 2016, às 21h58 (29 de novembro de 2016 às 2h58, no horário do Brasil), a aeronave caiu em meio a mata, na localidade de Cerro El Gordo, próximo a La Unión, e a cerca de 40 quilômetros do aeroporto

onde pousaria. Poucas horas depois das primeiras informações, as notícias já haviam se espalhado pelo mundo. Torcedores saíam de suas casas e trabalhos rumo à Arena Condá – a casa da Chapecoense – para fazer orações em voz alta e esperar por mais notícias. Os familiares das vítimas também começaram a se reunir no espaço, em uma área destinada especialmente a eles. E os repórteres de Chapecó e região começaram a fazer plantão no estádio logo cedo e enviar notícias para os mais variados veículos de comunicação do estado, do país e até para agências de notícias do mundo.

Todos buscavam informações: familiares, amigos, torcedores, jornalistas e outras pessoas de todo o mundo. As horas foram passando e as equipes de busca confirmaram que 71 pessoas haviam morrido e seis haviam sobrevivido. Das 71 vítimas fatais, 19 eram jogadores de futebol, 21 eram profissionais da imprensa⁷², 13 trabalhavam como membros da comissão técnica, e ainda faleceram nove dirigentes, dois convidados (empresários) e sete tripulantes. Dos sobreviventes, três são jogadores, um é jornalista⁷³, e ainda havia uma comissária e um técnico de voo na lista.

Desta forma, a queda do avião afetou diretamente pelo menos 77 famílias de cinco países: Brasil – local de origem da maioria das vítimas; Colômbia – país onde o avião caiu; Bolívia – origem da empresa aérea que transportava as vítimas e de cinco vítimas; Paraguai e Venezuela – países de origem de duas vítimas. A repercussão foi tão longe que *#Força, Chape* foi a *hashtag* mais compartilhada no mundo digital, no dia 29 de novembro. Em 2015, um ano antes da queda do avião, a palavra “Chapecoense” não aparecia entre as mais procuradas no buscador Google. No final de 2016, após a “tragédia”, a palavra “Chapecoense” apareceu em quarto lugar⁷⁴. Nos dias seguintes, o acontecimento ainda liderou as capas e páginas internas dos impressos⁷⁵ e de outras mídias pelo mundo⁷⁶.

⁷² Seis profissionais trabalhavam na *Fox Sports*; oito eram funcionários da Globo ou de afiliadas, como a *RBS TV* de Chapecó e o jornal *Diário Catarinense*, em Florianópolis (SC); duas vítimas trabalhavam na afiliada da *Rede Record* em Santa Catarina, a RIC TV; e outros cinco profissionais exerciam suas funções em rádios de Chapecó ou região. Ainda faleceram dois jornalistas que trabalhavam na Chapecoense como assessores de imprensa.

⁷³ Este jornalista (Rafael Henzel) faleceu de infarto, no dia 26 de março de 2019, enquanto jogava futebol com amigos.

⁷⁴ Fonte: <http://bit.ly/2E5aFnR>

⁷⁵ Exemplos: na Colômbia, o jornal *El Tiempo* dedicou metade da capa para a tragédia, utilizando uma foto do local da queda e frisando no título: “Combustível, pista chave no caso de um avião acidentado”. Na Argentina, o *Olé* dedicou toda a capa para a Chapecoense, utilizando uma charge de Deus colocando uma coroa na cabeça dos jogadores e o título “Champiocoense”, trocadilho para dizer “Campeão-Chapecoense”. Na Espanha, o jornal *As* publicou, na capa, a fotografia de um menino triste sentado na Arena Condá, e com o título “Um minuto de silêncio”. Nos Estados Unidos, o *Washington Post* destacou a tragédia na capa com uma foto do local do acidente e com o título “Reviravolta trágica para o conto de Cinderela do futebol brasileiro”.

⁷⁶ Uma das principais coberturas jornalísticas deu-se no sábado, quatro dias após a queda do avião, quando a Rede Globo transmitiu o velório coletivo das vítimas, ao vivo, em rede aberta de televisão, durante 6h45min.

Além de atingir o mundo do futebol, da imprensa e repercutir em mídias do Brasil e do exterior, o acontecimento também comoveu familiares, amigos e o mundo empresarial, já que parte das vítimas também era formada por empresários conhecidos e/ou reconhecidos por serem dirigentes da Chapecoense⁷⁷. Políticos aderiram às redes sociais, publicando notas de luto e desejando força para a Chapecoense⁷⁸. E famosos de todos os cantos do mundo também publicaram imagens e frases de luto e/ou homenagem à Chapecoense.

A reverberação do acontecimento continuou ao longo do ano seguinte. Os momentos seguintes do clube foram marcados pela conquista do maior prêmio do futebol, o Laureus de 2018; a Chapecoense venceu a votação popular na categoria de Melhor Momento do Esporte, e recebeu a premiação em Mônaco⁷⁹; a Arena Condá recebeu pinturas especiais em memória às vítimas⁸⁰; e jogadores famosos auxiliaram o clube catarinense a arrecadar fundos, promovendo uma partida de futebol. Um ano depois, os sócios da Chapecoense pularam de nove para 34 mil, transformando-se na maior torcida de Santa Catarina. Os seguidores nas redes sociais aumentaram de 513 mil para seis milhões. O resultado foi também econômico: em 2016, a marca custava cerca de R\$ 33 milhões e um ano depois dobrou para R\$ 65 milhões⁸¹. Por outro lado, naquele período, o clube já enfrentava inúmeros processos na Justiça, das viúvas dos jogadores e outros familiares de funcionários, que cobram indenizações e/ou pensões.

Toda essa repercussão e ações, desencadeadas por diferentes atores, grupos sociais ou públicos, serão mais aprofundadas adiante, na análise realizada com a base teórico-metodológica de Quéré (2005). A partir do próximo tópico começamos a tratar especificamente desta parte da pesquisa, explicando as escolhas metodológicas e iniciando a análise, primeiro com o auxílio de um mapeamento temático e, em seguida, tratando da descrição, narração e afetação do acontecimento.

Canais fechados de televisão como o SporTV também transmitiram todo o evento e portais de notícias, como a Record, também veicularam o momento na íntegra.

⁷⁷ Entre eles estava Sandro Luiz Palaoro, que se tornou presidente do clube em 2011. Ele começou a trabalhar em empresas da família aos 14 anos de idade e desde 1994 assumiu a direção de uma empresa no ramo alimentício e foi eleito empresário do ano, em 2015, em Chapecó. A morte gerou uma nota da Prefeitura de Pato Branco (PR), onde Palaoro morou até a adolescência. Fonte: <http://bit.ly/2KutV1r> e <http://bit.ly/33Xl7bU>.

⁷⁸ O então presidente da República Michel Temer emitiu uma nota de luto através de sua conta no Twitter; o então presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, também fez uma declaração pela mesma rede social; assim como a ex-presidenta Dilma Rousseff; e ainda a prefeitura e o prefeito de Chapecó Luciano Buligon; o prefeito de Medellín Federico Zuluaga; diversos outros prefeitos, além de governadores, deputados e senadores brasileiros; entre outros.

⁷⁹ Fonte: <http://bit.ly/2prUVY9>

⁸⁰ Fonte: <https://glo.bo/2rR52GF>

⁸¹ Fonte: <http://bit.ly/2WD2h6z>

3.2 PROBLEMA DE PESQUISA E METODOLOGIA

Esta pesquisa toma, então, como objeto de estudo a constituição da queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol na narrativa de jornais. A ampla repercussão social e midiática já gerou alguns estudos sobre este tema, citados no primeiro capítulo desta pesquisa, tais como os de Carvalho (2017), Flores (2017), Maciel (2017), Mello (2017), Negrini; Neto (2017), Patrocínio; Silva (2017), Kochhann (2017) e Werneck (2017). No entanto, eles abordam problemas normalmente explorados na análise deste tipo de ocorrência – como o sensacionalismo, a mediação do jornalismo, o destaque de notícias falando de homenagens, luto, solidariedade. Em geral, não chegam a aprofundar certos aspectos que poderiam ser melhor discutidos e explorados como uma problemática importante para o jornalismo. Este é o caso da relação entre o acontecimento qualificado como uma tragédia, o tipo de (re)ações que ele desencadeia e os sentidos produzidos por ele na sociedade. Desta forma, o objetivo geral desta dissertação é apreender, através da cobertura jornalística realizada, o modo como o acontecimento adquire sentidos e desdobra-se em (re)ações por parte de diferentes atores que colaboram para a sua constituição social e simbólica. Busca-se compreender: 1) por que e como o acontecimento afeta e repercute tanto na esfera público-midiática⁸²; e 2) o que ele revela sobre o contexto sociocultural em que surge.

Para dar conta deste objetivo, e a partir do entendimento de que a queda do avião é um acontecimento, buscamos na abordagem teórico-metodológica proposta por Louis Quéré (2005) a fundamentação para a construção da grade de análise. Como detalhado no capítulo anterior, entendemos que esta perspectiva nos permite evidenciar o lugar do acontecimento na organização da experiência, individual e coletiva (QUÉRÉ, 2005), observando para isso ações, posicionamentos e discursos de diversos atores, entre eles, as mídias jornalísticas, através das narrativas que produz e/ou coloca em circulação.

Entendemos que a discussão feita por Quéré (2005) sobre o processo de individualização e sobre as duas características marcantes de um acontecimento – o seu poder de afetação e o seu poder de revelação – nos fornece elementos centrais para a análise, permitindo-nos apreender as ações e os sentidos produzidos sobre a queda do avião, compreender por que este acontecimento afeta tanto e o que revela de nosso contexto sociocultural. A partir desta fundamentação teórica na abordagem proposta por este autor,

⁸² O termo esfera público-midiática é usado nesta Dissertação para se referir ao conjunto de diferentes espaços – midiáticos ou não – em que o acontecimento e temas a ele relacionados são objeto de conversação ou discussão, ou seja, os espaços onde ele repercute, reverbera.

construímos nossos operadores ou dimensões de análise, identificando quais os propósitos de cada um, conforme apresentado na sequência:

1) Descrição e narração: nesta categoria interessa-nos verificar como as mídias jornalísticas analisadas e/ou os diferentes atores sociais citados em suas narrativas, descreveram e interpretaram o acontecimento, dando sentidos ao ocorrido. A *descrição* é uma etapa fundamental no processo de atribuição de sentidos a um acontecimento (QUÉRÉ, 2005) e ela se refere ao modo como uma ocorrência é identificada, definida, categorizada, interpretada por diferentes atores, entre eles as mídias (QUÉRÉ, 2005; FRANÇA, 2009). Ou seja, trata-se aqui do modo como um acontecimento é interpretado: qual é o enquadramento a partir do qual ele é narrado (SILVA; SIMÕES, 2014). Este processo de descrição e de atribuição de sentidos ao acontecimento é feito através de “quadros de sentido”, como destacado por França (2009), Silva e Simões (2014), que se apoiam na noção de “quadros da experiência” do sociólogo Erving Goffman. Esses quadros são matrizes de interpretação que as pessoas – e também os jornalistas – usam para definir o que acontece. Assim, “enquadrar um acontecimento é acionar esses quadros de sentido, essas matrizes interpretativas que permitem aos atores definir o que está acontecendo e se posicionar naquela situação” (SILVA; SIMÕES, 2014, p. 37). Então, através da *descrição do acontecimento*, analisamos o modo como os diferentes atores envolvidos (os jornalistas e suas fontes, entre elas sobreviventes, familiares das vítimas, jogadores, técnicos de futebol, políticos, empresários, torcedores, etc.) definiram ou interpretaram a queda do avião que transportava a equipe da Chapecoense. Ou seja, como eles enquadram o acontecimento. Já a *narração* refere-se à construção da temporalidade do acontecimento – os passados ou experiências antes vivenciadas que se relacionam àquela ocorrência ou ajudam a esclarecê-la, e as possibilidades de futuros abertos pelo acontecimento, suas consequências. A narração inclui ainda atores centrais cujas ações e discursos conduzem a trama de um acontecimento (FRANÇA, 2009; SILVA, SIMÕES, 2014), sendo que, no caso da presente pesquisa, tais atores e ações são mapeados prioritariamente através da análise de nossa segunda categoria, exposta a seguir.

2) Poder de afetação: nesta segunda categoria exploramos a forma como o acontecimento afeta ou toca a experiência de indivíduos e/ou coletividades que: **a)** o sentem, vivenciam, interpretam, dão sentidos a ele; e **b)** respondem ou reagem ao acontecimento através de discursos e ações (SILVA; SIMÕES, 2014; FRANÇA; LOPES, 2017). Isso por que, conforme Quéré (2005), um acontecimento “acontece a alguém”, que suporta e que

(re)age, a partir da forma como foi afetado, dando sentido ao que ocorreu, desencadeando ações e posicionando-se em relação ao ocorrido. Esta afetação se refere tanto ao fato de que os acontecimentos tocam pessoas e grupos de forma direta, que sofrem suas consequências, como também de modo indireto àqueles que se sensibilizam, se sentem convocados ou interessados por aquele acontecimento, em função dos problemas, questões coletivas ou dos valores que o acontecimento revela ou coloca em discussão. Afetados pelo acontecimento, tais atores são instados a se posicionar, a agir e a intervir a partir de diferentes práticas para interpretar o ocorrido e reorganizar a experiência individual ou coletiva cujo fluxo normal sofreu uma ruptura a partir da emergência do acontecimento (SILVA, 2016; SILVA; SIMÕES, 2014). Esta categoria de análise, portanto, nos ajuda a observar e analisar a recepção pública e a dimensão pragmática do acontecimento. Isso refere-se, na abordagem de Quéré (2005), ao modo como o acontecimento é socialmente recebido: que “públicos” são constituídos no transcurso das ocorrências e com que tipo de práticas respondem ao ocorrido, tendo em vista que um acontecimento não é constituído apenas por sentidos, mas também por ações de diferentes atores que através de suas reações – discursos, ações – também atribuem sentidos e constroem o acontecimento (FRANÇA, 2009; SILVA; SIMÕES, 2014). Os públicos, na abordagem de Quéré, são entendidos como coletivos políticos ou grupos sociais que se formam quando tocados por um acontecimento. Tais públicos podem ser identificados em diferentes espaços sociais e a partir de diferentes métodos, entre eles nas mídias jornalísticas e através das suas narrativas, que apresentam marcas desses públicos, de suas ações e posicionamentos. Assim, buscamos identificar, a partir do material jornalístico, quem são os públicos que se manifestam em relação à queda do avião da Chapecoense, com que tipo de discursos e ações, e impulsionados por que tipo de motivações.

3.2.1 *Corpus* e panorama da análise

A grade de análise exposta foi aplicada em um conjunto de 146 textos jornalísticos. Dada a amplitude e repercussão do acontecimento em diferentes mídias (locais, estaduais, nacionais), que se desdobrou em várias outras ocorrências relacionados à queda do avião, e por um longo período de tempo, tivemos que adotar estratégias e definir alguns critérios para a redução do universo da pesquisa e seleção do *corpus* para a análise.

A partir de uma primeira pesquisa exploratória – realizada entre agosto de 2017 e agosto de 2018 sobre os conteúdos publicados por diferentes mídias –, o primeiro critério para a delimitação do material empírico foi a definição de períodos considerados fundamentais em

função das ocorrências relacionadas à queda do avião e seus desdobramentos. Assim, delimitou-se que a análise da cobertura se concentraria em dois momentos, selecionados porque incluem ocorrências-chave para compreender o acontecimento e sua repercussão:

Quadro 7: Períodos e motivos para seleção da cobertura jornalística	
Período	Motivação
1) Primeira semana após a queda do avião: de 29 de novembro de 2016 a 05 de dezembro de 2016	Refere-se à ocorrência em si (a queda) e aos desdobramentos nos primeiros dias, como a discussão sobre as possíveis causas da queda do avião; as principais (re)ações após o ocorrido; o velório coletivo na Arena Condá.
2) Um ano após o acontecimento: de 25 de novembro de 2017 a 05 de dezembro de 2017	Refere-se à memória de um ano da queda do avião, que também teve considerável repercussão nas mídias jornalísticas, e onde se pode observar aspectos como a discussão sobre responsabilidades e a reconstrução do time, assim como a recuperação dos sobreviventes e familiares das vítimas fatais.

Fonte: Elaboração própria.

Após definir os períodos como critério importante para a seleção das matérias jornalísticas a comporem o *corpus*, passamos à escolha das mídias cujas narrativas de coberturas seriam analisadas. Em razão das primeiras definições, dois critérios se destacaram:

1) O primeiro deles considerava como importante que a mídia tivesse dado cobertura tanto à queda do avião quanto às ocorrências relativas à memória de um ano do ocorrido. Entendemos que esses dois momentos permitem observar desde a emergência do acontecimento e sua cobertura na fase inicial – de grande comoção social e intensa midiatização – quanto à fase de maiores discussões sobre causas e responsabilidades acerca do ocorrido, em que a repercussão público-midiática reduziu consideravelmente;

2) O segundo critério remete à importância de se incluir na análise mídias de distintas abrangências (local, estadual e nacional), por se tratar de um acontecimento envolvendo uma equipe de futebol local/estadual, mas que teve ampla repercussão nacional e internacional. Entendemos que a inclusão dessas diferentes mídias, em função de um critério de localização geográfica, permite identificar nuances no tratamento da queda do avião e em sua repercussão. A partir dessas definições, chegamos às três mídias detalhadas no quadro 8:

Quadro 8: Mídias selecionadas para a análise

Nome do jornal	Descrição do jornal
1) <i>Diário do Iguçu</i>	Jornal impresso diário produzido em Chapecó (SC), cidade sede da Associação Chapecoense de Futebol ⁸³ , sendo o que tem maior abrangência regional.
2) <i>Diário Catarinense</i>	Jornal impresso diário com maior tiragem em Santa Catarina ⁸⁴
3) <i>Folha de S.Paulo</i>	Jornal impresso diário com maior tiragem no Brasil ⁸⁵

Fonte: Elaboração própria.

Em seguida, passamos para a seleção dos textos jornalísticos publicados nos dois períodos nas três mídias selecionadas. No primeiro contato com o material, chegamos a cerca de 300 textos, incluindo notícias, reportagens, artigos opinativos e espaços de colunistas. A quantidade explica-se porque no dia seguinte à queda do avião, os jornais local e estadual foram destinados inteiramente para o assunto e, o jornal nacional, teve ampla cobertura informativa e opinativa, apesar de continuar tratando também de outros assuntos. A tendência permaneceu na semana que se seguiu, quando os três jornais continuaram publicando de forma intensa sobre o acontecimento e seus desdobramentos. Por isso, decidimos selecionar para o *corpus* da análise apenas notícias, reportagens e entrevistas⁸⁶ das três mídias, excluindo os espaços dos colunistas e outros textos claramente opinativos.

Decidimos ainda excluir os textos com informações repetitivas, considerando como tal notícias que apenas repetem informações já veiculadas em dias anteriores. É o caso de pequenas notícias sobre o estado de saúde dos sobreviventes e sobre a realização do velório coletivo. Por isso, quando os jornais trataram dessas duas ocorrências (especificamente no primeiro período), utilizamos somente a primeira e a última notícia referentes a eles, por considerar que ali já havia elementos essenciais para a análise daquela ocorrência e seus desdobramentos. Desta forma, o *corpus* da análise é composto por um total de 146 textos jornalísticos, publicados em dois períodos específicos (logo após o acontecimento e um ano

⁸³ Jornal impresso com 10.800 exemplares/dia, no ano de 2019, que circula na região Oeste de Santa Catarina, chegando a uma média de 790 mil pessoas. Fonte: <http://www.centralcomunicacao.com.br/>.

⁸⁴ Jornal impresso de maior circulação em Santa Catarina, com 33 mil exemplares impressos/dia, segundo o site <http://portfoliodemidia.meioemensagem.com.br>.

⁸⁵ Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), a *Folha* mantém a liderança em circulação no país quando levados em consideração dois tipos de distribuição: impressa e digital. São cerca de 315 mil exemplares diários (141 mil impressas e 173 mil digitais), em 2018.

⁸⁶ Para esta escolha, utilizamos como referência Lage (2005, p. 72): “O texto básico do jornalismo é a notícia, que expõe um fato novo ou desconhecido, ou uma série de fatos novos ou desconhecidos do mesmo evento, com suas circunstâncias. E o conceito da palavra inglesa news (‘novas’) é mais amplo, abrangendo outros gêneros jornalísticos, como a reportagem e a entrevista”.

depois), sendo 66 matérias jornalísticas do *Diário do Iguçu* (45% do total); 44 do *Diário Catarinense* (30% do total); e 36 da *Folha de S. Paulo* (25% do total), conforme o quadro 9:

Quadro 9: Corpus de análise em cada uma das mídias e por período				
	<i>Diário do Iguçu</i>	<i>Diário Catarinense</i>	<i>Folha de S.Paulo</i>	Total
Período 1	53	37	33	123
Período 2	13	07	03	23
Total (n°)	66	44	36	146
Total (%)	45%	30%	25%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Como detalhado acima, definimos pela busca das notícias do *corpus* de análise em três impressos, com abrangências distintas, sendo um local, um estadual e o terceiro nacional. Abaixo destacamos alguns aspectos que explicam de maneira mais aprofundada o porquê de escolher estes jornais para nossa pesquisa, como uma breve história de cada um, alguns vínculos entre o impresso, as notícias de esporte e da Chapecoense, e ainda a ligação entre a mídia e os profissionais de imprensa envolvidos no acontecimento.

3.2.2 O jornal local *Diário do Iguçu*

Maior e mais antigo jornal impresso de Chapecó ainda em circulação, o *Diário do Iguçu (DI)*, foi fundado em 1997, após a falência do jornal *O Iguçu*. Foram 17 funcionários, desempregados da noite para o dia, que resolveram fundar o *DI*. No início, se revezavam em todas as funções e conseguiam imprimir o jornal de terça a sábado com 12 ou 16 páginas. Uma década depois, o número de funcionários chegou a mais de 100 e o *DI* passou a circular todos os dias com 32 a 40 páginas e ainda um caderno especial de oito páginas (Esporte, Variedades, Classificados, etc.). Com isso, desbancou o jornal *Sul Brasil* e o *Voz do Oeste*, os outros dois diários que circulam em Chapecó⁸⁷.

Atualmente, o jornal possui dois sócios⁸⁸, sendo um deles ainda da época de fundação. Todos assumiram funções internas (direções executiva, administrativa e de operações). Conseguem distribuir cerca de 10 mil exemplares/dia, em mais de 72 municípios do Oeste de Santa Catarina, em formato tabloide e com uma média de 40 páginas. O trabalho

⁸⁷ Informação obtida a partir da comparação dos números apresentados nos sites dos três jornais.

⁸⁸ Os sócios atuais são Lenoires da Silva e Sônia Balbinot.

de produção e edição de matérias jornalísticas fica por conta da equipe de redação. Hoje conta com um editor-chefe, editores-assistentes de *Política*, *Polícia* e *Esporte* – estes são repórteres e editores –, cinco repórteres, um revisor, dois diagramadores, e dez colunistas⁸⁹.

As páginas do jornal são divididas por editorias e para os colunistas. Estes costumam se revezar em cerca de três a quatro páginas diárias, sendo que uma delas é sempre destinada à coluna de *Esporte*. Este também tem geralmente mais quatro ou cinco páginas todos os dias para notícias. Só perde, em alguns dias, para a editoria de *Cotidiano*. O jornal ainda dedica outras três ou quatro páginas para *Política*, e uma ou duas para *Variedades*. O espaço dedicado ao *Esporte* é preenchido em partes, todos os dias, com alguma nota, notícia ou reportagem sobre a Associação Chapecoense de Futebol. Estas publicações foram ganhando espaço com o crescimento do próprio jornal e especialmente em razão da ascensão do time de futebol da cidade. Há 10 anos, boa parte dos moradores de Chapecó eram torcedores de times de futebol do Rio Grande do Sul (Grêmio ou Internacional), pois a cidade faz divisa com o estado gaúcho. Em 2009, porém, a Chape – como é chamada – começou a despontar no cenário nacional. Entrou na série D do Campeonato Brasileiro e, conforme as competições passavam, o time melhorava o desempenho em campo. Em 2014 passou a disputar a Série A.

Com a entrada na elite do futebol brasileiro, o estádio da Chapecoense precisou ser reformado e ampliado, para conseguir se enquadrar nas exigências da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e passou a chamar-se Arena Condá. A diretoria cresceu, conseguiu patrocínios fortes, especialmente das indústrias de carne com sede na cidade, e começou a fazer campanhas para que os moradores de Chapecó e cidades vizinhas passassem a torcer pela Chapecoense e não mais para os clubes gaúchos. O clube virou uma marca, expandiu e no final de 2016 chegou a valer R\$ 30 milhões⁹⁰. O principal assunto da cidade passou a ser o clube de futebol, todos os dias, em todas as rodas de conversa presenciais e digitais.

Todas essas notícias foram amplamente divulgadas pela imprensa da cidade. Tanto o *DI*, quanto as duas emissoras de televisão e as cinco rádios com programação local, acompanharam *in loco* e diariamente o crescimento. Todas destinaram um repórter e, em alguns casos, também um colunista para cobrir diariamente assuntos sobre a Chapecoense. Os repórteres, editores e colunistas de esporte passaram a ser mais conhecidos e as informações e opiniões deles mais valorizadas. No caso do *DI*, quem participou deste crescimento foi o repórter e editor de esportes, Rodrigo Goulart. No dia 29 de novembro de 2016, ele decidiu

⁸⁹ Fonte: www.redecomsc.com.br

⁹⁰ Fonte: www.chapecoense.com

não viajar, pois receberia material da partida dos colegas e amigos de longas jornadas em viagens e estádios.

3.2.3 O jornal estadual *Diário Catarinense*

O jornal com maior tiragem em Santa Catarina, o *Diário Catarinense* (DC), começou a circular em 05 de maio de 1986, em um projeto idealizado pelo fundador do Grupo RBS (afiliada da Globo), Maurício Sirotsky. Em 2016, porém, a empresa iniciou a venda do DC e de todos os outros veículos de comunicação, em Santa Catarina, para o Grupo NC – conglomerado de empresas brasileiras, especialmente farmacêuticas, comandado pelo empresário Carlos Sanchez. A partir de agosto de 2017, quando o negócio se concretizou, o novo Grupo passou a controlar os impressos *DC*, *Hora de Santa Catarina*, *A Notícia e Jornal de Santa Catarina*, além da televisão, com sede em Florianópolis e cinco afiliadas pelo estado – inclusive em Chapecó –, também as oito rádios, entre elas a *Atlântida FM*, e ainda os portais de internet G1 Santa Catarina e Globo Esporte. O grupo transformou-se então na NSC Comunicação.

O DC, especificamente, veiculava edições diárias – de domingo a sábado – até o final de 2015. Em novembro daquele ano, passa a ter uma edição conjunta aos finais de semana. Segundo o site do próprio jornal, além de contar com 13 cadernos segmentados e mais de 20 colunistas, o impresso promove eventos de arquitetura, moda e esporte. O portal de internet do jornal, de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC), é o mais acessado dentre os jornais catarinenses⁹¹. Nele, estão disponíveis as leituras de nove colunistas – em fevereiro de 2019. As editorias de “Notícias”, “Política”, “Economia”, “Entretenimento” e “Esportes” parecem ser as mais valorizadas, já que aparecem no principal menu, no meio da página principal do portal. Ao passar o mouse em cima de “Esportes”, um menu secundário aponta para a próxima opção, dentre elas está “Chapecoense”, que divide espaço com outros três times de futebol de Santa Catarina: “Avaí”, “Figueirense” e “Criciúma”.

Na edição impressa, durante a semana, “Esportes” costuma ter três ou quatro páginas dentro do jornal. Já nos fins de semana, o DC chega a publicar oito páginas para a editoria, em um caderno especial. E, como a NSC Comunicação conta com correspondente em Chapecó há pelo menos uma década, as notícias referentes ao futebol da cidade são constantes em todas as

⁹¹ Fonte: www.nsctotal.com.br/dc.

edições, especialmente depois que a Chapecoense entrou para a Série A, em 2014. Desde então, o trabalho de repórter Darci Debona aumentou muito em relação à área esportiva⁹².

Como o time do Oeste estava em crescimento há alguns anos e chegou ao ápice no final de 2016, um grupo de profissionais da imprensa foi convidado e embarcou no mesmo avião que os jogadores. Eles iriam fazer a cobertura jornalística do primeiro campeonato internacional do time, a Copa Sul-Americana. Foi neste contexto que a aeronave caiu e impactou primeiro familiares, amigos, colegas, torcedores, a cidade, o mundo, e a imprensa. Além da morte de jogadores, dirigentes e/ou empresários e tripulantes, as investigações comprovaram que a falta de combustível também levou à morte de 20 profissionais de veículos de comunicação brasileiros e dois assessores de imprensa do clube.

O *Diário Catarinense* também embarcou na aeronave um jornalista, o repórter André Podiacki. Ele embarcou no lugar do jornalista Darci Debona e da fotógrafa Sirliane Freitas. O jornalista que embarcou, André, foi uma das vítimas fatais da queda do avião; Sirliane perdeu o marido e assessor de imprensa da Chapecoense, Cleberon Silva; e Darci precisou contar essas e outras dezenas de histórias.

3.2.4 O jornal nacional *Folha de S. Paulo*

A *Folha de S. Paulo* é, há muitos anos, um dos principais diários do Brasil, seja em termos de circulação nacional – com destaque para a região sudeste do país –, seja em termos de influência sócio-política, por sua capacidade de inserir temas que influenciam na agenda pública e das demais mídias. A *Folha* é, assim, um dos principais jornais de referência no país, no sentido de que conteúdos de sua pauta jornalística costumam repercutir e agendar também outras mídias e setores da sociedade, com destaque para o campo da política institucional, formadores de opinião em vários segmentos sociais e audiências de classe média e alta (DIAS, 2013).

Segundo o site do jornal, a história da *Folha de S. Paulo* começa com a criação do jornal *Folha da Noite*, em 1921. Um grupo de jornalistas, entre eles Olival Costa e Pedro Cunha, encabeçou o projeto para veicular, na época, um impresso diário menos conservador e tradicional, em oposição ao *O Estado de S. Paulo*. Quatro anos depois, o grupo cria também uma edição matutina, a *Folha da Manhã*; e, após 24 anos, é fundada a edição vespertina, a *Folha da Tarde*. Em janeiro de 1960, porém, os três títulos da empresa são fundidos e surge o

⁹² Desde outubro de 2019, o DC deixou de ser impresso.

jornal *Folha de S. Paulo*. Isso representa a estabilização da direção, que ao longo de quase cinco décadas foi mutável, já que o jornal foi comprado e vendido inúmeras vezes (DIAS, 2013). Até este momento, então, “a história da Folha seria, portanto, [...] muito mais a trajetória de muitas mudanças, do que o desdobramento linear de uma identidade permanente, estável, resolvida” (SEVCENKO, 1985 apud DIAS, 2013. p. 2).

Os estudiosos que já se detiveram a pesquisar esta história lembram que, no início da década de 1960, o jornal passava por uma situação financeira delicada. Os novos diretores que acabavam de assumir, Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, eram do ramo e tentaram adotar uma postura mais profissional frente ao jornal; se preocuparam, em um primeiro momento, em reorganizar e modernizar o jornal enquanto uma empresa capitalista (DIAS, 2013). A partir daí, a *Folha* passa a ser conhecida como um jornal da família “Frias” e conta com períodos de recuperação nas duas décadas seguintes. Entre 1962 e 1967, a *Folha* passou pela reorganização financeiro-administrativa e tecnológica; em seguida, de 1968 a 1974, é a vez da revolução tecnológica; e, o período de 1974 a 1981, é marcado pela definição de um projeto político-cultural (CAPELATO; MOTA, 1981). Aos poucos, as escolhas tecnológicas, políticas e editoriais como um todo transformam o jornal em um grupo de comunicação da família “Frias” com agência de notícias, portais de internet – como *Folha* e *UOL* –, empresa de pesquisa (Datafolha)⁹³ e editora de livros.

Ainda que no Brasil seja difícil falar de um jornal diário com abrangência nacional, a *Folha* é um dos diários que consegue ter relativo alcance nas várias regiões do país, seja em termos de assinaturas e/ou de vendas avulsas em bancas. O Instituto Verificador de Comunicação (IVC) aponta que a *Folha* mantém a liderança na circulação no Brasil desde 1986, mas o número de impressões diárias, que já chegou a mais de 1 milhão, está atualmente em 325 mil, sendo 141 mil impressos e 173 mil digitais⁹⁴. Atualmente, a *Folha* publica, de segunda a domingo, notícias relacionadas a Poder – equivalente à editoria de Política em outros jornais –, que é uma de suas prioridades, Mundo, Cotidiano, Saúde e Esporte. Esta última editoria costuma ter pelo menos duas páginas todos os dias e, em dias que antecedem e sucedem jogos de futebol – geralmente da Série A do Campeonato Brasileiro – o número de páginas destinadas ao tema sobe de duas para quatro.

⁹³ Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm

⁹⁴ Fonte: <https://bit.ly/2ucWFSO>

3.3 MAPEAMENTO TEMÁTICO

A fim de organizar o material e, conseqüentemente, facilitar a visualização do conjunto de ocorrências mais salientes na cobertura das mídias, realizamos a releitura das 146 matérias jornalísticas, dos dois períodos selecionados para o *corpus*. O trabalho rendeu-nos um mapeamento temático, o qual classificamos em cinco categorias (quadro 10), consideradas por nós como sendo as ocorrências e/ou assuntos mais significativos na trajetória do acontecimento conforme foi repercutindo nas mídias. Não se trata de categorias estanques ou temas desconectados uns dos outros; ao contrário, estão profundamente interligados. Por exemplo, nas notícias com foco nos relatos sobre *a ocorrência em si* (categoria 1) – que trata da queda do avião como um fato e as possíveis causas do que ocorreu –, as três mídias analisadas costumam mencionar as *vítimas* (categoria 3), a *reação coletiva/pública* desencadeada (categoria 2), bem como já abordam possíveis responsabilidades (categoria 4) e, em alguns casos, tratam até da *reconstrução* (categoria 5).

Quadro 10: Mapeamento temático – Categorias e descrição das características	
Categoria	Conteúdos mais importantes a que se referem às notícias, reportagens e/ou entrevistas
Categoria 1: A ocorrência e suas causas	A queda do avião em si e as causas ou hipóteses sobre o que ocorreu.
Categoria 2: As (re)ações coletivas/públicas	As ações, individuais ou coletivas, desencadeadas pela ocorrência: as manifestações de luto, de solidariedade etc. Reações e valores coletivos despertados a partir do acontecimento.
Categoria 3: As vítimas	As vítimas fatais e os sobreviventes, histórias de vida e lembranças a respeito delas.
Categoria 4: As responsabilidades, as indenizações e as conseqüências	A discussão e/ou cobrança de responsabilidades sobre a queda da aeronave, indenizações às famílias dos envolvidos, os debates suscitados para resolver os problemas expostos, como certas regras e normas.
Categoria 5: Reconstrução e recuperação	Reconstrução do time de futebol, recuperação da cidade, dos torcedores, das famílias e dos sobreviventes.

Fonte: Elaboração própria.

Com a organização do material desta forma, conseguimos observar, de forma geral, a repercussão do acontecimento em cada uma das três mídias e identificar o que ganha mais ênfase em cada uma delas, do início dos primeiros relatos jornalísticos sobre a ocorrência até

a memória de um ano da queda do avião. Assim, os gráficos e as descrições, apresentados na sequência desta análise, indicam semelhanças e diferenças em cada uma das coberturas jornalísticas acerca destas cinco categorias temáticas.

Para termos uma ideia geral e visual da forma como o acontecimento reverberou inicialmente, destacamos as capas das mídias selecionadas, no dia seguinte à queda do avião. O *Diário do Iguazu* (Fig. 1) dedicou todas as 32 páginas para a Chapecoense no dia 30/11/2016. A capa revela a *reação coletiva* (categoria 2) como foco inicial, com uma foto da Arena Condá, coberta por um filtro escuro, e com um texto voltado à dor e união coletivas. O *Diário Catarinense* (Fig.2) também seguiu a mesma linha (categoria 2), no dia seguinte à ocorrência, e utilizou as 44 páginas para tratar do acontecimento, sendo que a capa foi coberta com a fotografia de um adolescente chorando, sentado na arquibancada da Arena Condá. A capa da *Folha de S.Paulo* (Fig. 3), por sua vez, também tratou da reação coletiva (categoria 2) com a fotografia de um grupo de pessoas rezando, mas ainda abordou a ocorrência e suas causas (categoria 1), destinando uma fotografia do local da queda.

Figura 1: Capa do jornal Diário do Iguazu, edição 5.729, de 30/11/2016

Figura 2: Capa do jornal Diário Catarinense, edição 11.117, de 30/11/2016

Figura 3: Capa do jornal Folha de S.Paulo, edição 32.018, de 30/11/2016



Fonte: diariodoiguacu.com.br



Fonte: diariocatarinense.com.br

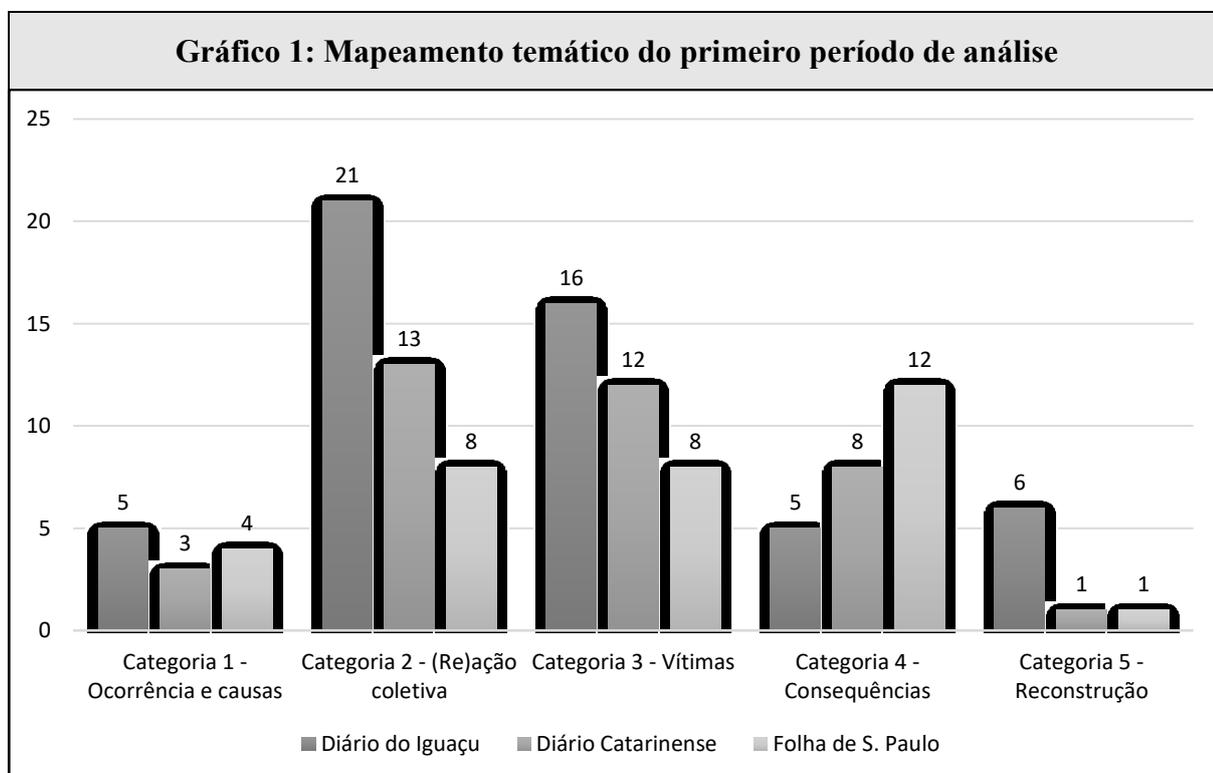


Fonte: acervo.folha.com.br

Observando para além da capa e do primeiro dia após a queda do avião, percebe-se (Gráf. 1) que o jornal local *Diário do Iguazu* priorizou dois temas nas notícias: **1)** foram 21 notícias sobre a *(re)ação coletiva/pública*, especialmente o luto e a dor sentidos e expressados pela sociedade como um todo, a união e solidariedade geradas em razão da queda do avião; **2)** e outras 16 notícias sobre *as vítimas* (histórias do time de futebol como sendo uma vítima

que ascendeu rapidamente e perdeu tudo, dos jogadores de futebol e dos empresários do clube). É perceptível que esta categoria temática (as vítimas) foi influenciada também porque 11 profissionais de imprensa locais/regionais estavam envolvidos, já que cinco notícias foram focadas especialmente sobre as histórias de vida desses profissionais e nas homenagens realizadas para eles.

O jornal estadual *Diário Catarinense* também deu ênfase às mesmas duas categorias, trazendo relatos sobre a reação de dor e luto coletivos, união e solidariedade, bem como histórias do time e das vítimas, mas de forma mais igualitária, com 13 matérias na primeira categoria (*reação pública*) e 12 na segunda (*vítimas*). Ao contrário do DI, que trabalhou com as mortes de jornalistas nas notícias, o *DC* deixou as informações sobre o envolvimento dos profissionais de imprensa, inclusive a morte de um de seus repórteres, especialmente para os comentários dos colunistas de opinião e para um caderno especial com artigos opinativos para homenagear especialmente esses profissionais⁹⁵. Além desses temas, no *DC* há um destaque mais forte do que no DI para notícias relacionadas às consequências do acontecimento, como responsabilidades pelo ocorrido e indenizações para os sobreviventes e os familiares das vítimas fatais. Enquanto o jornal estadual tratou deste assunto em oito matérias na primeira semana, o impresso local escreveu sobre o tema, de forma principal, em cinco notícias.



Fonte: elaboração própria.

⁹⁵ O caderno “*Nós*” foi publicado no domingo seguinte ao acontecimento somente com artigos de opinião, por isso está no levantamento temático, mas não entrará especificamente na análise qualitativa, mais a frente.

Parece-nos que, conforme a cobertura jornalística se afasta de Chapecó, aumentam as notícias sobre as consequências geradas pelo acontecimento e a cobrança por responsabilidades e indenizações. Na *Folha de S. Paulo*, este foi o principal viés das publicações, com 12 matérias já na primeira semana. Em segundo e terceiro lugares aparecem empatados, com oito matérias, os textos relacionados às vítimas e aqueles sobre as (re)ações públicas de indivíduos ou segmentos sociais. Ao separar a análise em dois períodos, percebe-se outra característica no mapeamento temático: a ênfase nas matérias sobre a “reconstrução” ou “recuperação” (da cidade, do time, dos familiares de vítimas fatais, dos sobreviventes), no jornal local.

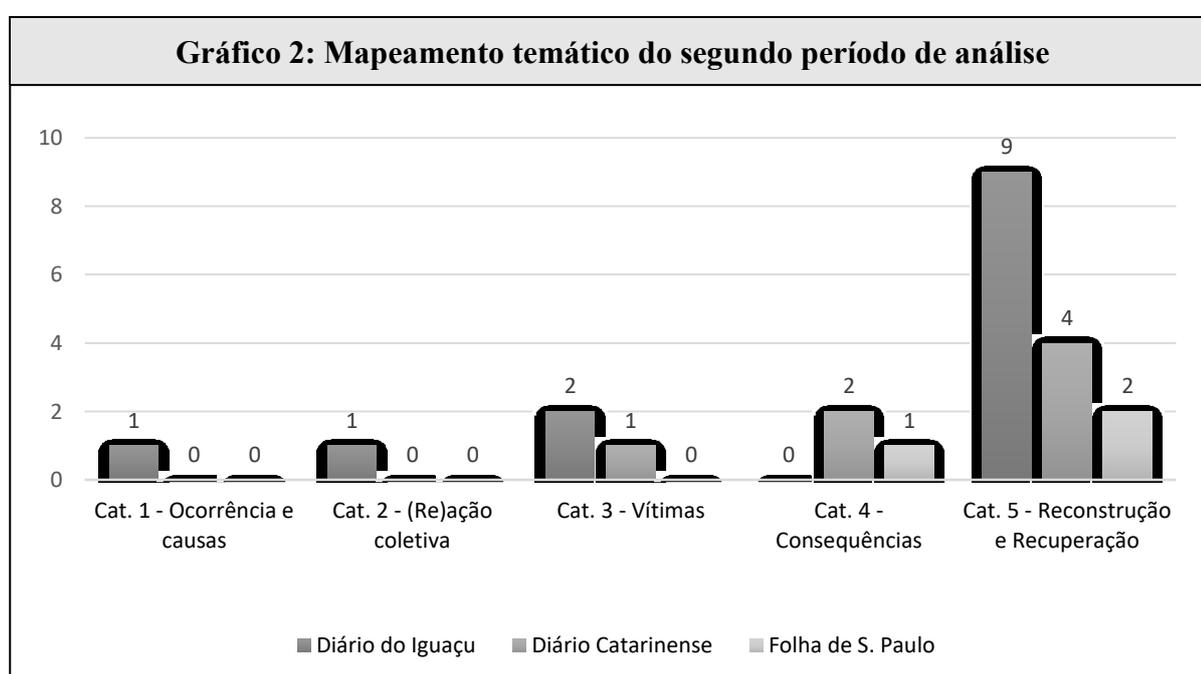
Mesmo não sendo o foco desta pesquisa, realizamos uma breve análise exploratória dos impressos nos 30 dias seguintes ao acontecimento, e nota-se que as notícias continuaram nas três mídias. O *Diário do Iguçu* publicou pelo menos uma notícia ou comentário de algum colunista sobre a tragédia em todas as 24 edições que foram para a rua entre 30 de novembro de 2016 e 30 de novembro de 2017. O *Diário Catarinense* publicou notícias e/ou comentários em colunas em 25 das 30 edições⁹⁶. E a *Folha de S. Paulo* também seguiu a mesma linha, pois apenas sete das 30 edições não abordaram o assunto. Ainda pudemos notar que o enfoque dos três, após a primeira semana, foi na “reconstrução/recomeço” do time de futebol da Chapecoense (novo técnico, novos jogadores, novos empresários). Tanto *DI*, quanto *DC* e *Folha* fizeram o acompanhamento frequente da situação de saúde dos sobreviventes, do futuro dos jogadores no futebol, do clima de reconstrução na cidade de Chapecó, entre outras.

Vemos, portanto, um acontecimento que continuou ecoando nas mídias e na sociedade, afetando e interessando diferentes públicos, impulsionando-os à ação, conforme veremos mais adiante na análise das três mídias selecionadas. Um ano após a queda do avião – ou nos dias próximos à data exata –, os três impressos também publicaram sobre o acontecimento. Foram 13 notícias no *DI*, sete notícias no *DC*, e três na *Folha*, seguindo o padrão do primeiro ano, de mais espaço jornalístico no diário local (Gráf. 2).

Os três impressos priorizaram em suas coberturas a “reconstrução” do time de futebol e a “recuperação” das vítimas envolvidas no acontecimento, especialmente jogadores. O *Diário do Iguçu* foi o jornal que deu mais ênfase a esta categoria (nove notícias), seguido pelo *Diário Catarinense* (quatro notícias) e pela *Folha* (duas notícias). No jornal local, ainda

⁹⁶ Incluindo as edições de domingo do caderno *Nós*, do *Diário Catarinense*. Ou seja, se não contarmos a edição de domingo, durante o mês que se seguiu, somente em uma edição do jornal não houve nenhuma notícia envolvendo a tragédia da Chapecoense.

houve espaço para lembrar da queda do avião em si (uma notícia) e das vítimas, especificamente do envolvimento de profissionais da imprensa (duas notícias), o que não ocorreu nos impressos estadual e nacional. Por outro lado, o *DI* foi o único dos três que não tratou diretamente das principais consequências do acontecimento, como cobrança de responsabilidades e indenizações. O que o *DI* publicou sobre esta temática está inserido dentro das notícias sobre a reconstrução do clube (recomeço do setor financeiro, do setor administrativo, do time em si, etc.). Já *DC* e *Folha* publicaram de forma explícita sobre esta categoria de temas.



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, enquanto no *Diário do Iguazu* detectamos mais espaço para a (re)ação coletiva/pública (período 1), no *Diário Catarinense* fica perceptível que além desse enfoque, também houve o mesmo espaço para as histórias das vítimas. Outra diferença entre o jornal local e o estadual é a morte de jornalistas, sobre as quais o *DI* deu destaque em formato de notícia e o *DC* no gênero opinativo. Já na *Folha*, o foco foi diferente, pois as (re)ações coletivas e as histórias das vítimas tiveram menos espaço do que as consequências geradas pelo acontecimento e a cobrança por responsabilidades e indenizações (período 1). Em contrapartida, um ano depois, os três impressos focam suas atenções para a reconstrução do time, a recuperação das famílias, sem muita ênfase – especialmente no *DI* – para as demandas por indenizações, os desdobramentos das causas da queda do avião.

Após traçar um caminho para compreender o histórico do acontecimento e das mídias selecionadas, bem como a relação entre os dois, e ainda apresentar e justificar o passo a passo da metodologia pensada para a análise do material empírico, expomos a seguir a análise propriamente dita em cada uma das mídias selecionadas, a partir das duas categorias analíticas inspiradas em Quéré (2005): **1) descrição e narração**; e **2) poder de afetação** do acontecimento.

3.4 DESCRIÇÃO E NARRAÇÃO NA FOLHA: A MAIOR TRAGÉDIA DO ESPORTE BRASILEIRO E A DISPUTA SOBRE AS RESPONSABILIDADES

A *descrição* de um acontecimento, conforme já destacado da abordagem de Quéré (2005), é o modo como uma ocorrência é definida, interpretada, a partir de quadros de sentido que são socialmente partilhados. É o enquadramento do acontecimento (FRANÇA, 2009; SILVA; SIMÕES, 2014). Como ele foi interpretado? Que sentidos lhe foram atribuídos? Já a *narração* pode ser analisada a partir de dois eixos: os passados lembrados pelo acontecimento e os futuros que ele abre. É a constituição de uma temporalidade para o acontecimento.

Na primeira edição após a queda do avião da Chapecoense⁹⁷, a *Folha* dedicou boa parte da capa para o acontecimento, definido como “*tragédia no futebol*” na cartola desta primeira página, acompanhada por elementos que indicam a ruptura da normalidade: o título “*Queda do avião da Chapecoense mata 71 pessoas; 6 sobrevivem*” e uma fotografia, dos destroços do avião, no local da queda. A capa ainda traz uma segunda fotografia de pessoas rezando, no topo da página. Apesar de todo o destaque neste primeiro dia, a *Folha* reservou espaço na primeira página para outros assuntos, diferente dos jornais local e estadual, que destinaram as capas inteiras para a Chapecoense.

A *descrição* do acontecimento na *Folha* destaca as características de um acontecimento típico desta categoria de ocorrências, definindo-o como uma “*queda de avião*” (GERAQUE; LOBEL, 2016a, p. B2), um “*acidente aéreo*” (COSENZO, 2016, p. B4), uma “*tragédia*” (MENA, 2016, p. B5), algumas vezes também como um “*desastre*” (VICTOR; VIZONI, 2016, p. B2) e como um “*trauma*” (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5). Trata-se de um tipo de acontecimento que têm características que lhe são próprias, reconhecidas socialmente: vítimas fatais e/ou sobreviventes, equipes de busca e socorro,

⁹⁷ Edição de 30/11/2016, número 32.018, ano 96.

identificação de corpos, etc. Este é o quadro de sentido a partir do qual o acontecimento é definido e narrado no jornal, um quadro que é compartilhado socialmente e que indica o que aconteceu ali: uma queda de avião, qualificada como trágica, que provocou a morte de muitas pessoas e que envolve muitos atores (vítimas, familiares, autoridades, especialistas, etc.).

No entanto, não se trata de uma tragédia qualquer. O que ganha destaque na definição do acontecimento na *Folha* e no modo como ele será narrado, são as características que o singularizam e o diferenciam de outras quedas de avião. Trata-se de uma tragédia classificada como “a maior do esporte brasileiro” (GRAGNANI; URIBE, 2016. p. B1), que interrompe abruptamente a trajetória de sucesso de um time que se tornou a sensação do futebol nacional, conforme destaca a *Folha* em sua capa de 30 de novembro de 2016, dia seguinte à queda do avião:

A tragédia interrompe a surpreendente ascensão do time de Chapecó (SC), cidade de 210 mil habitantes. Em apenas sete anos, subiu da quarta para a primeira divisão do Brasileiro e tornou-se sensação no país. É um dos raros exemplos de sucesso dentro e fora de campo (QUEDA do avião..., 2016, p. 1).

A construção narrativa da *Folha* trata de destacar, então, características que singularizam este acontecimento como “o maior acidente envolvendo nomes do esporte na história do país” (71 MORREM..., 2016, P. B1). Mostra a lista das 71 vítimas fatais e dos seis sobreviventes; a “comoção mundial” (GERAQUE; LOBEL, 2016d, p. B1) e a onda de solidariedade provocada pela tragédia com manifestações de luto, homenagens e união proveniente de várias partes do mundo e dirigidas a familiares e amigos das vítimas, à Chapecoense e aos brasileiros. Destaca também alguns dos ídolos do time mortos na queda do avião, como o goleiro Danilo, de 31 anos, representado como o “herói” da semifinal, e o atacante Bruno Rangel, maior artilheiro da história do time (COSENZO, 2016, p. B4). Destaca ainda o santuário improvisado no local da queda – o “Morro do Desastre” –, nas montanhas de Cerro Gordo, município de La Union, a 50 km de Medellín/Colômbia (GERAQUE; LOBEL, 2016d, p. B1), a mata destroçada com escombros do avião, símbolos da chapecoense e mensagens de luto deixadas neste local (VICTOR; VIZONI, 2016, p. B2). Salienta o luto e o velório coletivos (COLUCCI, 2016). Menciona ainda o modelo e as características da aeronave fretada da empresa boliviana LaMia, o trajeto feito pelo avião, detalhes da ocorrência (COSENZO, 2016), a identificação da caixa preta, e, principalmente, as hipóteses principais para a queda do avião (LOBEL, 2016; GERAQUE; LOBEL, 2016b).

É um acontecimento que provoca ruptura na experiência coletiva em um país cuja identidade nacional está associada ao futebol, esporte presente no imaginário popular de

muitos países do mundo. Provoca ruptura principalmente na experiência e nas expectativas de moradores da cidade de Chapecó, de torcedores da Chapecoense e do próprio clube, que estava em plena ascensão no cenário nacional do futebol. A *descrição e narração* da *Folha* enfatiza justamente isso: a queda de um avião, possivelmente por falta de combustível para concluir o trajeto que levava a jovem equipe de futebol do interior do Brasil para um jogo decisivo na trajetória de êxito que vinha experimentando. Uma queda que interrompe e modifica abruptamente esta história, afeta o mundo do futebol, o Brasil e a cidade de Chapecó, gerando comoção mundial, solidariedade, sofrimento e luto.

A *descrição e narração* feitas contam essa história através dos passados trazidos para a construção do acontecimento presente. A narrativa relembra outros acidentes aéreos similares que abalaram o esporte em todo o mundo. Em 1949, na Itália, um avião bateu nos muros de uma basílica e matou 18 jogadores de futebol que caminhavam para o 5º título nacional; em 1961, no Chile, um avião caiu na Cordilheira dos Andes e deixou 24 mortos (8 do time Green Cross). Em 1969, 74 morreram (16 jogadores), um avião caiu na Bolívia. Relembra também outro acidente envolvendo atletas de Chapecó no ano de 2005, no qual quatro atletas do handebol morreram. (GERAQUE; LOBEL, 2016, p. B2). Ao relembrar estes acontecimentos passados, a narrativa do acontecimento presente os atualiza na memória coletiva.

O acontecido também é associado e comparado à outra experiência traumática do passado recente no Brasil – o incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria (RS), que matou 242 pessoas em 2013. A *descrição* feita pela *Folha* destaca que “‘a reconstrução’ de Chapecó” conta com uma equipe de saúde de Santa Maria, integrada por profissionais como psicólogos que atuaram naquele caso e que ainda tratam daqueles sobreviventes, amigos e familiares das vítimas. Relata que a equipe teria chegado a Chapecó a convite do clube da Chapecoense, “para ajudar amigos e familiares das vítimas do acidente aéreo, a partir de uma experiência de perda semelhante”, já que ambas teriam “em comum a juventude dos mortos e a quantidade de vítimas”, conforme depoimentos incorporados pela *Folha* à sua narrativa do acontecimento⁹⁸ (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5). Nos dois casos, aponta-se a identificação com a cidade (jovens universitários e jogadores de um time local) como uma característica marcante do acontecimento. Distinto do acontecimento de Santa Maria (RS), porém, o velório coletivo preparado em Chapecó é definido como um ritual fundamental:

⁹⁸ Fala atribuída pela *Folha de S. Paulo* à enfermeira Patrícia Bueno e ao psiquiatra Gilson Mafacioli (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5).

“visualizar é algo muito importante para processar a morte”,⁹⁹ já que as mortes ocorreram longe da cidade, diferente do caso da Boate Kiss, onde os corpos foram identificados no local. Na relação feita entre os dois acontecimentos, evidencia-se o papel que este tipo de ocorrência desempenharia na sociedade – o de estimular valores sociais como a solidariedade e a união: “Mais que destruir, uma tragédia como essas pode unir a população. Aqui [em Chapecó] é união total” (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5).

Apesar da narrativa da *Folha* fazer resgates de outros acontecimentos trágicos, é a própria história da Chapecoense que ganha destaque na narrativa do acontecido. A *Folha* relembra que a Chapecoense nasceu em 1973, da fusão entre o Atlético Chapecó e o Independente. Conquistou o seu primeiro título em 1977, no campeonato catarinense, disputando contra o Avaí, de Florianópolis. O time de Chapecó quase chegou a ser extinto em 2005 em função de uma crise financeira. Depois de passar por recuperação financeira realizada por empresários da cidade, o clube alcançou o acesso à série C do campeonato Brasileiro em 2009, e subiu para a série B – segunda divisão do futebol nacional, em 2012. Três anos depois, em 2015, conseguiu um de seus maiores feitos, chegar às quartas de final da Copa Sul-Americana. Em 2016 o “Verdão do Oeste”, apelido dado pelos torcedores, conseguiu a classificação inédita para a final com o Atlético Nacional, de Medellín, com quem jogaria na quarta-feira, dia 30 de novembro (RANGEL; RODRIGUES, 2016, p. B6). “A Chapecoense nasceu do nada, virou um gigante, e agora o quê? Agora uma tristeza profunda nos emudece”¹⁰⁰ (LOBEL, 2016, p. B2).

Em sete anos, o clube saiu do anonimato e virou xodó nacional [...] Em apenas sete anos, a Chapecoense saiu do anonimato para se tornar uma das maiores sensações do futebol brasileiro atual [...] Menos endividado da Série A, clube sustentou ascensão com controle financeiro e buscava o primeiro grande título (RANGEL; RODRIGUES, 2016, p. B6).

A narrativa do acontecimento recupera ainda a história da própria cidade, a maior do oeste catarinense, polo nacional da agroindústria (carnes suína e aviária), que se preparava para comemorar seu centenário de fundação em 2017, mas que enfrenta uma “tragédia que modificou as prioridades do município” (GRAGNANI, 2016; p. B4). Relembra-se também a relação histórica com os índios caingangues que dão nome tanto à cidade (o nome original era Xapecó, com “x”, e significa caminho da roça) quanto ao estádio de futebol (Arena Condá), uma homenagem ao índio Condá, que vivia na região. O acontecimento faz convocar ainda

⁹⁹ Fala atribuída pela *Folha de S. Paulo* à enfermeira Patrícia Bueno (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5).

¹⁰⁰ Fala atribuída pela *Folha de S. Paulo* a Alvir Pelisser, de 80 anos, um dos fundadores do clube, em 1973 (LOBEL, 2016, p. B2).

um passado mais distante, considerado “outro trauma” da cidade, sobre o qual “até hoje não se fala direito”, mas que é resgatado por personagens entrevistados pela *Folha*¹⁰¹: em 1950, quatro pessoas foram linchadas após terem supostamente queimado uma igreja (GRAGNANI, 2016, p. B3).

A queda do avião que transportava o time local representa, assim, um novo acontecimento traumático para a cidade, outro capítulo que se incorpora à história de Chapecó. Se o Brasil estava “vivendo o luto verde do jogo que não aconteceu” (KFOURI, 2016, p. B2), “o luto que tomou conta de Chapecó” (GRAGNANI, 2016, p. B3) é associado à parte constitutiva do município, que teria sido dizimada pela “tragédia”. Trata-se da “maior perda que a cidade já teve”, como a definiram moradores, ao falarem da dor e do sofrimento provocado pelo ocorrido e por verem familiares e amigos sofrendo (GRAGNANI, 2016, p. B3). Perda da qual Chapecó “demorará para se reerguer [...] porque os jogadores faziam parte da cidade, eram encontrados na rua, no supermercado, no banco, no shopping ou na escola onde levavam seus filhos” (GRAGNANI; URIBE, 2016, p. B2). Os atletas – e sua prática esportiva – cumpriam papéis importantes no município: “O futebol supria a ausência de opções de lazer em uma cidade pequena, próxima à fronteira com outros estados, e afastada da capital”; “definia a autoestima e a identidade da região [...]; as crianças sonham em crescer e serem jogadores da Chapecoense” (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5)¹⁰². Desta forma, a vivência do luto no município é descrito pela narrativa da *Folha* assim:

A noite desta quarta (30) foi iluminada por milhares de torcedores que fizeram a vigília na Arena Condá, em Chapecó (SC), erguendo seus celulares enquanto se abraçavam. [...] Gritos de guerra foram cantados espontaneamente. [...] Os cantos reverberaram no estádio por uma hora, e então os torcedores fizeram um minuto de silêncio e assistiram a uma cerimônia religiosa. [...] Essa onda verde já havia tomado a cidade pela tarde, mas com o verde veio também o preto, de luto. [...] Desamparados, os moradores vestiram sua camisa do time e penduraram símbolos de luto em suas casas e comércios. No carro de bombeiros, um detalhe: faixas pretas nos retrovisores. [...] Em um hotel, atendentes confeccionavam pequenos broches pretos e verdes. [...] Manequins não são mais visíveis nas vitrines, cobertas por largas faixas de luto. Quem não está com a camisa do time dá um jeito de usar algo verde. (GRAGNANI, 2016, p. B4)

Nesta linha de *descrição* da vivência do luto, a *Folha de S. Paulo* salienta também “a angústia da espera dos corpos por parte das famílias” (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5). A cidade estaria vivenciando o “limbo” e “a ressaca do acidente que paralisou Chapecó”: “enquanto espera para velar seus mortos, começa a pensar em como vai se recuperar desse

¹⁰¹ Falas atribuídas pela *Folha* à professora de história de Chapecó, Elisabete Dal Piva.

¹⁰² Frase atribuída pela *Folha de S. Paulo* à historiadora e antropóloga, Miriam Carbonera, do centro de memória da Unochapecó.

trauma” (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, B5). Ganha destaque, por isso, o traslado dos corpos da Colômbia e sua chegada em Chapecó, onde é preparado o velório coletivo, para o sábado, dia 03/12/2016, na Arena Condá:

Nesta sexta, na cidade catarinense, ainda usando camisas do time, torcedores se reuniram no estádio municipal à espera do velório. À noite, dezenas de coroas de flores começaram a ser postas no campo, vigiado por torcedores que não saíram do espaço o dia inteiro. Bonés, bandeiras e adesivos são vendidos na parte de trás do estádio. Mais de 1.000 jornalistas de 184 emissoras de 15 países estão credenciados para cobrir o evento. (GRAGNANI; URIBE, 2016, p. B2)

Ainda se destaca que 50 dos 71 corpos foram trazidos da Colômbia por três aviões da Força Aérea Brasileira e depois trasladados do aeroporto de Chapecó em três caminhões abertos, no “gigantesco cortejo” na cidade, até o estádio do clube (GRAGNANI, 2016, p. B3), onde os torcedores esperavam pelo velório coletivo (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5), descrito assim:

A vontade era receber o time quase como campeão. Em vez disso, os moradores de Chapecó (SC) viram os jogadores do clube amado entrarem no estádio em caixões. A cidade abraçou a trajetória da Chapecoense, que ascendeu em cinco anos da série D para a série A e, de repente, se viu no centro do mundo por causa da maior tragédia do esporte brasileiro. [...] Sob forte chuva depois de dias seguidos de sol, o município do oeste catarinense recebeu na manhã deste sábado os caixões de 50 dos mortos, com milhares de moradores se despedindo das vítimas no estádio, nas ruas e no aeroporto. Torcedores estavam aos prantos – concretizando a perda que parou Chapecó a semana inteira. [...] O estádio com capacidade para 19 mil, não chegou a lotar [...] Por WhatssApp, moradores de Chapecó foram convocados a se voluntariar na tradução do evento para jornalistas estrangeiros – foram mais de mil credenciados, de mais de 15 países. Os torcedores repetiram a espontaneidade dos dias anteriores e cantaram gritos de guerra como se os jogadores estivessem em campo, chamando cada um pelo nome. [...] No fim da cerimônia, familiares das vítimas deram uma volta pelo gramado, erguendo fotos delas e camisas dos jogadores. O público, emocionado, respondeu gritando cada um dos nomes. À noite, em um cemitério da cidade, amigos e parentes sepultavam um jovem da delegação da Chapecoense. Finda cerimônia, todos viraram para o lado, andaram alguns passos e enterraram outro amigo. E quando não parecia mais ser possível suportar tanta dor, a cena se repetiu mais uma vez (GRAGNANI; URIBE, 2016c. p. B1).

Além da ênfase ao luto coletivo, ao interpretar o acontecimento como “a maior tragédia do esporte brasileiro”, que interrompe abruptamente a ascensão da Chapecoense, a narrativa da *Folha* dá considerável destaque também às prováveis causas para a queda do avião e as possíveis responsabilidades – ênfase presente ao longo da semana que se seguiu à ocorrência, com 12 notícias na versão digital do jornal impresso. Logo após o ocorrido, na capa do caderno de “*Esporte*” (que mudou de nome para “*tragédia no futebol*” nos dias

seguintes à queda da aeronave), a *Folha* apresenta a possibilidade de pane seca¹⁰³ provocada por falta de combustível como a principal hipótese para a queda, além de um possível “avião intruso”.

A construção de um enquadramento relacionando a explicação para o ocorrido à falta de combustível na aeronave – e, desta forma, à irresponsabilidade da empresa LaMia e do piloto Miguel Quiroga –, torna-se mais presente no segundo e terceiro dia após a queda (01 e 02/12/2016). Neste momento, a narrativa aciona ações passadas próximas ao ocorrido que ajudariam a esclarecer as causas da queda: o avião tinha plano de voo falho e sua decolagem foi considerada uma “irresponsabilidade” por especialistas incluídos na narrativa, que liga a empresa às mortes por descumprir normas de segurança: “o diálogo gravado entre uma controladora de voo colombiana e o piloto que transportava o time da Chapecoense reforçou a hipótese de que a aeronave da empresa boliviana LaMia sofreu pane seca antes de cair e matar 71 pessoas na aproximação do aeroporto de Medellín” (GERAQUE; LOBEL, 2016d, p. B1). Dois dias após a queda, o jornal explicita no título da capa (02/12/2016): “Avião que caiu e matou 71 não cumpriu norma de segurança”, chamando a atenção para o fato de que o piloto (que também era um dos donos da empresa aérea) estar em um avião que parou de ser fabricado em 2002 e assinar plano de voo sem margem de combustível para o caso de imprevistos.

Ainda indicando que o acontecimento colabora para esclarecer a sua própria ocorrência (o seu passado), como nos diz Quéré (2005), a narrativa da *Folha* relembra o passado próximo ao momento do voo da Bolívia para a Colômbia, quando o técnico aeronáutico boliviano Erwin Tumiri, sobrevivente, encarregado de fazer a checagem antes do voo, teria feito relatório prevendo uma parada para reabastecimento de combustível em Cobija (Bolívia). Porém, conforme depoimento incorporado ao relato da *Folha*, antes da decolagem, ele teria sido avisado que iriam direto para Medellín, sem paradas (LOBEL, 2016, p. B2).

A partir da edição de 03/12/2016, no entanto, nota-se algumas mudanças e a incorporação de outros sentidos para explicar o que aconteceu, indicando uma disputa interpretativa sobre o acontecimento e as responsabilidades pelo ocorrido – embora tal disputa não ocupe muito destaque na *descrição e narração* do acontecimento. Representantes da LaMia tentam responsabilizar órgãos aeronáuticos, assim como os familiares do piloto da aeronave, que dão outra interpretação para o acontecimento: “uma fatalidade” (BARBOSA,

¹⁰³ Falha no sistema de combustível que impede o fornecimento de combustível suficiente de modo a permitir o funcionamento correto do motor.

2016, p. B4). No dia seguinte, o jornal é dedicado ao velório coletivo, mas, na segunda-feira pós-tragédia (05/12/2016), a *Folha* já não mostra tanta ênfase nas críticas feitas à empresa LaMia. Limita-se a informar que a análise da caixa preta da aeronave foi enviada para a Inglaterra “e pode apresentar novos fatores para acidente” (LOBEL, 2016, p. B1). No entanto, no interior dos diferentes espaços discursivos do jornal, como o de colunistas, há outros sentidos atribuídos às responsabilidades pela queda do avião: “a maior tragédia do futebol brasileiro” teria sido “responsabilidade do piloto da empresa e do dirigente [da Chapecoense] que a contratou” (KFOURI, 2016, p.B2).

Outras ocorrências passadas são recuperadas na narrativa do acontecimento cumprindo diferentes propósitos. A morte do cantor de tango Carlos Gardel, em acidente entre dois aviões no aeroporto de Medellín, junto com outras 16 pessoas, em 24 de junho de 1935, é lembrada como forma de “ajudar a compreender o espírito solidário do povo de Medellín”, que também teria ficado consternado e chorado a perda da “estrela do tango argentino”, enterrado em cemitério local (TOSTÃO, 2016, p. B6). Por sua vez, a “quase tragédia” com o time do Corinthians, em 1996, em aeroporto do Equador e a queda do avião que transportava a banda Mamonas Assassinas, em SP, no mesmo ano, são lembrados para discutir o problema da (in)segurança e desconfiança em voos fretados (GERAQUE, 2016, p. B6).

Por fim, já no contexto em que a queda do avião com a equipe da Chapecoense completou um ano¹⁰⁴, a narrativa da *Folha* também recupera ações passadas que revelam problemas de irregularidades em procedimentos da empresa boliviana LaMia, seguradora e órgãos encarregados de controle e fiscalização, no Brasil e na Bolívia. O relato recupera ação de duas semanas antes da queda do avião, quando a seleção argentina voou para o Brasil em aeronave de LaMia para enfrentar a seleção brasileira em Belo Horizonte (MG), nas eliminatórias da Copa – embora a empresa boliviana já estivesse impedida pela ANAC de operar em aeroportos do Brasil por causa de irregularidades. Além disso, a apólice de seguro da LaMia estava suspensa por falta de pagamento – fato que não foi informado pela seguradora e companhia aérea nem checado pela agência nacional de aviação boliviana conforme obrigam as leis bolivianas (ALEIXO, COSENZO, CONDE, 2017, p. 01).

Além de retomar experiências passadas similares ou relacionadas ao ocorrido, que ajudam a explicar as causas, ou, ainda, que revelam práticas irregulares, os relatos analisados apontam possibilidades de futuros abertos pela queda do avião, ou seja, as consequências do ocorrido. Entre os futuros, destaca-se a incerteza sobre como o time irá se recuperar, já que,

¹⁰⁴ ALEIXO; COSENZO; CONDE, 2017, p. 1 – com o título: Tragédia da Chape completa um ano sem conclusões.

dos 33 atletas do elenco, 19 morreram e o time terá que recorrer aos atletas da categoria de base (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5). O processo de reconstrução da Chapecoense é tratado pela *Folha* principalmente ao completar um ano da queda do avião, quando aborda a instabilidade do time em campo, mas também a contratação de novos jogadores e técnicos, o alcance de metas atingidas nos campeonatos estadual e nacional apenas quatro meses após o time ter sido “devastado” (ALEIXO, 2017, p. B9; ALEIXO, COSENZO, CONDE, 2017, p. B1).

No horizonte de futuros instaurados pelo acontecimento, menciona-se ainda a possibilidade de longa disputa judicial para receber indenização da companhia aérea, tendo em vista que a hipótese de pane seca como causa para a queda é um obstáculo ao seguro para as famílias (CONDE, 2016, B4). Além de ações judiciais, o acontecimento instaura também um processo de recuperação e superação por parte de sobreviventes e familiares (ALEIXO, 2017), que precisam recomeçar a “vida depois da tragédia” (ALEIXO, 2017, p. B9), conforme veremos mais adiante, na análise da afetação produzida pelo acontecimento.

Como destaca a narrativa da *Folha*, as investigações sobre as causas da queda do avião estavam inconclusas um ano após a ocorrência (ALEIXO, COSENZO, CONDE, 2017, p. B1). De qualquer modo, o resultado das investigações¹⁰⁵, com o esclarecimento sobre suas causas e possíveis desdobramentos em termos de responsabilizações, integrarão o futuro aberto por esse acontecimento. O mesmo pode ser dito sobre as decisões judiciais acerca das indenizações reivindicadas, também abordadas no tópico seguinte.

3.5 A AFETAÇÃO A PARTIR DO RELATO DA *FOLHA*: O LUTO E A SOLIDARIEDADE COLETIVOS

O acontecimento, conforme a abordagem aqui adotada, é um fato concreto com grande poder de afetação, que suscita inquietações, exige escolhas, provoca ações e reações, estimula e revela sentidos que dizem da sociedade onde ele ocorre (FRANÇA; LOPES: 2017,

¹⁰⁵ A Agência Aeronáutica Civil da Colômbia divulgou o resultado das investigações em abril de 2018, apontando que o piloto decidiu não parar para abastecer, mesmo sabendo que não havia combustível suficiente; a aeronave entrou em estado de emergência 40 minutos antes da queda; e a empresa LaMia estava em situação financeira precária. Porém, até novembro de 2019, mês de conclusão desta dissertação, as famílias das vítimas ainda não haviam sido indenizadas. Em setembro de 2019, houve solicitação ao Senado brasileiro para que criasse uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para pressionar pelos pagamentos. Em outubro de 2019, a seguradora da aeronave, Tokyo Marine, começou a fazer acordos com as famílias a partir de um fundo criado para isto, mas foi criticada, pois afirmou que o ocorrido trata-se de “incidente” e o está fazendo por “compaixão”, porque não teria responsabilidade legal de fazê-lo, já que a empresa LaMia não estava segurada para aquela situação. Fontes: Folha de S.Paulo e Globo.com (<http://bit.ly/2JKm8fx> e <https://glo.bo/2poDurv>).

p. 73-74). Isto é, um acontecimento é constituído por sentidos, mas também pela ação dos sujeitos (FRANÇA, 2009; SILVA; SIMÕES, 2014). Quem foram os públicos ou atores (individuais, coletivos, instituições) afetados ou tocados pela queda do avião da Chapecoense? Que tipo de afetação esse acontecimento provocou, quais as formas de comportamento e ações decorrentes?

Em torno da queda do avião, dos seus desdobramentos, e das narrativas construídas pelas mídias, diferentes atores ou públicos manifestaram algum tipo de interesse ou afetação pelo ocorrido, posicionando-se através de variadas ações, comportamentos e discursos. Pela narrativa da *Folha de S. Paulo*, pode-se identificar alguns deles. Destaca-se o país como um todo e, em especial, moradores de Chapecó que se deslocaram para o estádio, rezaram, fizeram homenagens e vivenciaram o luto coletivo, lotaram o estádio e a igreja na cidade para a missa e a homenagem às vítimas, vestem camisa do time, lamentam o acidente (MENIN, 2016, p. B8), fazem vigília, participam do luto (GERAQUE; LOBEL, 2016b; GRAGNANI, 2016, p. B3, p. B4), homenageiam os jogadores dias após a morte, e dão um abraço simbólico na Arena Condá em homenagem às vítimas da queda do avião.

O Brasil acordou nesta terça-feira, 29 de novembro, sob o impacto da notícia do maior acidente envolvendo nomes do esporte na história do país. [...] vive desde as primeiras horas desta terça-feira um sentimento de luto coletivo em razão da tragédia com o time catarinense da Chapecoense. [...] Por volta das 9h, a Arena Condá reunia mais de 500 pessoas, incluindo familiares das vítimas. Quando um dos torcedores começava a rezar, era seguido pelos outros. [...] Vestidos com a camisa do time, torcedores carregavam bandeiras e deixavam flores na porta do estádio (71 MORREM, 2016, p. B1).

A queda do avião afeta e desencadeia ações em diferentes campos¹⁰⁶ sociais, para além do povo brasileiro, de moradores de Chapecó e torcedores da Chapecoense. O acontecimento interpela ainda empresários e comerciantes locais, que se misturam com a diretoria do clube e se dispõem a ajudar o clube assim que passar o momento de tristeza. Indígenas da etnia caingangue que vivem na aldeia Condá e também fazem homenagem às vítimas (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016, p. B5). Estudantes e professores que dormiam em uma escola da cidade, durante o movimento de ocupação de novembro de 2016, ficaram “atordoados” e fizeram cartazes em homenagem ao time; pais e mães que levavam seus filhos às mesmas escolas dos filhos dos jogadores de futebol (GRAGNANI, 2016b). Afeta também familiares e amigos das vítimas, que foram atendidos por equipes de médicos e psicólogos, alguns dos quais trabalharam na tragédia da Boate Kiss, quando também morreu um grande

¹⁰⁶ O termo campo ou campo social é usado nesta pesquisa como sinônimo de termos como “área”, “segmento”, “setor” social ou similares, não sendo utilizado no sentido discutido pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

número de pessoas jovens (GRAGNANI; RODRIGUES, 2016). Familiares e sobreviventes, que acionam a Justiça para reivindicar indenizações em processos ainda não concluídos, iniciam novas atividades após a tragédia e tentam superar o trauma.

No campo da política, o então presidente da República Michel Temer, o governador Raimundo Colombo e a prefeitura de Chapecó decretaram luto oficial de três dias no país e 30 dias em Chapecó. A narrativa da *Folha* destaca ainda o posicionamento do então ministro das relações exteriores, José Serra, que teria embargado a voz e chorado algumas vezes durante o seu discurso, na homenagem ocorrida na Colômbia: “destacou como a solidariedade nesta tragédia mostra a nobreza do esporte como catalisador e arma na construção de um mundo melhor” (VICTOR, 2016, p. B5). Ainda no campo da política, destaca-se também o posicionamento da Casa Branca, em nome do governo dos Estados Unidos, que manifestou condolências a familiares e pessoas próximas dos que morreram e a solidariedade: “o povo americano está com brasileiros e colombianos neste momento difícil” (RANGEL; RODRIGUES, 2016).

Na área do Esporte, a queda do avião da Chapecoense desencadeou diversos tipos de reações. A Confederação Brasileira de Futebol adiou a final da Copa do Brasil e a última rodada do Campeonato Brasileiro. Decretou luto de sete dias, propôs criar medidas para proteger a Chapecoense, mantendo-a na *Série A* independente da colocação no campeonato – proposta que teve apoio dos principais times da competição (RANGEL; RODRIGUES, 2016). A Fifa confirmou presença de seu presidente no velório coletivo, em Chapecó. Onze clubes de futebol brasileiros emitiram nota conjunta de solidariedade ao time, se comprometeram a empréstimo gratuito de atletas e a solicitar à CBF que a equipe catarinense fique imune ao rebaixamento mesmo nas próximas três temporadas (RANGEL; RODRIGUES, 2016).

A onda de homenagens e manifestações de solidariedade se espalhou pelo mundo, onde os “maiores times de futebol do mundo se unem em torno de uma ‘tristeza comum’” (URIBE; GRAGNANI, 2016, p. B2). Como os principais clubes do Brasil, os da Europa e seus jogadores homenagearam de diferentes formas, com orações, faixas e minutos de silêncio durante jogos “marcados por demonstrações de solidariedade” (OLIVEIRA, 2016, p. B5). Times como Real Madrid e Barcelona, fizeram homenagem em jogo clássico (REAL..., 2016), e jogadores também se expressaram publicamente: “ali não morrem só as pessoas, morrem sonhos”¹⁰⁷ (COLUCCI, 2016, p. B8). Fundadores da Chapecoense, como Alvir

¹⁰⁷ Declaração atribuída pela *Folha* ao ex-jogador Falcão.

Pelisser, para quem “essa tragédia acaba com o sonho de todo mundo”, daqueles que, como ele, viram o time crescer, chegar à Série A, à Copa Sul-Americana: “sair do anonimato e virar xodó nacional” (RANGEL; RODRIGUES, 2016, p. B6). E o Atlético Nacional – time contra quem a Chapecoense disputaria a Sul-Americana, que, por solidariedade à tragédia ocorrida com o adversário, desistiu do título de competição e solicitou à Conmebol que o time catarinense fosse declarado campeão¹⁰⁸.

Houve também quem questionou aqueles que tentavam se aproveitar da tragédia, buscando fazer negócios e sendo oportunistas. Internautas reclamaram do aumento no valor dos itens do clube após a tragédia na Colômbia, com camisetas que esgotaram nas lojas virtuais em virtude do “bom desempenho” do clube e da “onda de comoção desencadeada pelo acidente” (OLIVEIRA, 2016, p. 5). Destaca-se ainda clubes brasileiros tentando se aproveitar da situação e evitar a continuidade dos jogos do campeonato Brasileiro, caso do Internacional, manobrando para impedir o risco de rebaixamento (JORGE, 2016, p. B3).

No campo da imprensa, profissionais da área manifestam o choque e o pesar com a tragédia, solidariedade a familiares e amigos. O acontecimento provocou reação da Associação Nacional de Jornais, que exaltou os colegas mortos ao afirmar que “a cobertura de uma final internacional é reservada a poucos e que os colegas que morreram eram exemplos dessa estirpe”. Da mesma forma, a Associação Brasileira de Imprensa manifestou “profundo sentimento de pesar”, assim como a Associação de Cronistas Esportivos de São Paulo, a qual definiu o ocorrido como uma “notícia chocante e trágica” (NOVATOS..., 2016). Destaca-se o modo como o acontecido atingiu a cobertura jornalística esportiva do país, com a morte de 20 profissionais da imprensa, sendo que metade deles tinha menos de 35 anos de idade e estava no início ou metade da carreira (NOVATOS..., 2016). Sete eram radialistas de Chapecó: “eram muito conhecidos aqui na cidade. São muitos anos de contato próximo com a população. Vamos ter que reconstruir não só o time, mas também todo o jornalismo esportivo de Chapecó”¹⁰⁹ (NOVATOS..., 2016, p. B5).

Internacionalmente, destaca-se o modo como o acontecimento afetou pessoas na Colômbia, local da queda do avião. Milhares de colombianos se reuniram no estádio Atanásio Girardot, em Medellín, em tributo à Chapecoense. Vestidos de branco e carregando velas brancas, “prestaram comovente homenagem póstuma aos brasileiros mortos na tragédia” no local onde aconteceria o jogo (VICTOR, 2016, p. B5):

¹⁰⁸ Fonte: <http://bit.ly/2YnJcWk>

¹⁰⁹ Declaração que *Folha* atribui ao diretor esportivo de uma rádio de Chapecó, Ivan Carlos Agnoletto, que não viajou para deixar um colega ir em seu lugar.

No mesmo dia, no mesmo estádio (Atanásio Girardot, em Medellín) e no mesmo horário (18h45 locais, 21h45 em Brasília) em que ocorreria o primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana entre Atlético-Nacional e Chapecoense, uma multidão vestida de branco conduziu comovente homenagem póstuma aos brasileiros mortos na tragédia. Na convocação para a cerimônia, o Atlético Nacional pedia para todos irem ao estádio: “vestidos de branco e com uma vela em símbolo de solidariedade”. Os torcedores foram além. Estavam de branco sim, mas muitos vestiam camisetas, vendidas ao lado de fora da arena, com os escudos dos dois times. O estádio com capacidade para 44 mil pessoas estava cheio, e milhares não conseguiram entrar. Dentro, houve uma cerimônia inesquecível. (VICTOR, 2016, p. B5)

Técnicos, especialistas e autoridades em aeronáutica, no Brasil, Colômbia e Bolívia, também fazem parte dos públicos afetados ou interessados pelo acontecimento. São acionados para comentar e dar explicações sobre os possíveis fatores da queda do avião (GERAQUE; LOBEL, 2016c), e sobre as responsabilidades pelo ocorrido. A Aeronáutica da Colômbia confirma que o tanque estava vazio antes de o avião cair e matar 71 pessoas, que não tinha combustível para ir ao seu aeroporto de apoio, em Bogotá, capital da Colômbia (GERAQUE; LOBEL, 2016c). “A decolagem de uma aeronave nessas condições foi considerada absurda por pilotos ouvidos pela *Folha* – mais do que um simples erro, uma irresponsabilidade” (GERAQUE; LOBEL, 2016b, p. B1). O acontecimento provoca reações e consequências também na Bolívia, país da empresa LaMia, responsável pela aeronave. Posicionam-se diretores da empresa LaMia, que admitem que a distância a ser percorrida pelo avião estava no limite, mas descartam falha humana (GERAQUE; LOBEL, 2016b), e, posteriormente, tentam se isentar da responsabilidade da culpa pela tragédia. Responsabilizam o órgão público aeronáutico a quem caberia ter feito o controle e impedido a decolagem da aeronave com combustível insuficiente para o trajeto (GERAQUE; LOBEL, 2016b). A *Folha* ainda incorpora à sua narrativa – sem muita ênfase – a esposa, o pai e outros familiares do piloto da aeronave, que pedem desculpas aos brasileiros, se dizem magoados com as interpretações que responsabilizam o piloto pelo ocorrido, defendem que ele não pode ser criminalizado, que “não é um bandido” (BARBOSA, 2016, p. B4).

A discussão da hipótese de falta de combustível, as possíveis responsabilidades do piloto e da empresa – que marcam a ênfase do enquadramento da tragédia na narrativa da *Folha* – impactam diretamente na apólice de seguro contratada, abrindo um horizonte de incertezas acerca de indenizações a familiares de vítimas: “a pressão sobre as autoridades bolivianas cresceu e levou a uma verdadeira devassa em cargos do setor aéreo do país” [...]; “a Bolívia decidiu afastar os executivos dos dois principais órgãos aéreos do país” [...] “A LaMia também teve a licença para voar suspensa” (GERAQUE; LOBEL, 2016b, p. B1).

A *Folha* e sua narrativa vão mencionando públicos ou grupos interessados ou afetados pelo ocorrido e indicando como eles vão atuando e se manifestando sobre a queda do avião, participando, assim, do processo público-midiático de construção do acontecimento. Um ano depois, em 26 e 29 de novembro de 2017, a narrativa do jornal mostra um acontecimento que continua afetando, de diferentes formas e por diferentes motivos, a experiência de pessoas e grupos sociais, e impulsionando suas ações: sobreviventes, familiares, clube, instituições envolvidas nas investigações.

Destaca-se que as autoridades e instituições encarregadas das investigações na Colômbia e na Bolívia ainda não divulgaram os prometidos pareceres conclusivos sobre a queda; apenas um relatório preliminar em 22 de dezembro de 2016, reforçando a tese de falta de combustível atestada pela inexistência de explosão antes da queda (ALEIXO, COSENZO, CONDE, 2017, p. B1). A *Folha* cita ainda o Ministério Público Federal brasileiro, que concluiu, em outubro de 2017, o inquérito iniciado no ano anterior acerca da tragédia, afirmando que a Chapecoense não foi negligente ao contratar a LaMia, mas indicando a possibilidade de irregularidades e a fragilidade no sistema de autorizações expedidas pela ANAC para voos fretados. E, na Bolívia, o Ministério Público arrolou cinco pessoas como culpadas¹¹⁰, “mas a apuração ainda não foi encerrada” (ALEIXO, COSENZO, CONDE, 2017, p. B1).

A *Folha* também destaca a luta por indenizações, como o caso das viúvas de pelo menos seis jogadores mortos que foram à Justiça exigir direitos de imagem, danos morais e pagamento de pensão ao clube sob a alegação de que: “A Chapecoense me deu meu marido em um caixão se desfazendo. Ele saiu de casa vivo e voltou morto”¹¹¹ (ALEIXO, COSENZO, CONDE, 2017, p. B1). A Chapecoense, por sua vez, aparece na narrativa do jornal como um clube que pagou as rescisões trabalhistas às famílias, doou valores arrecadados em amistosos e que diz “não poder ser responsabilizado pelo acidente” (ALEIXO, COSENZO, CONDE, 2017, p. B1).

O modo como o acontecimento continua afetando a vida dos familiares das vítimas e os sobreviventes também é um destaque. A narrativa da *Folha* mostra, por exemplo, os recomeços dos seis sobreviventes, os projetos de “vida depois da tragédia”, a recuperação física e psicológica e a forma como lidam e/ou tentam superar o trauma: a comissária Ximena

¹¹⁰ O ex-gerente da LaMia, Gustavo Vargas, e o filho dele, Gustavo Villegas, que chefiou o Registro de Licenças da DGAC (Direção Geral da Aeronáutica Civil), o coproprietário da LaMia, Marco Antonio Rocha, o ex-funcionário da Aasana, Joons Tedovich, e a funcionária da Aasana que reviu o plano de voo da aeronave, Celia Castedo.

¹¹¹ Fala atribuída pela *Folha* a Valdécia Borges de Moraes Paiva, viúva do jogador Gil (ALEIXO, 2017, p. B9), no dia 29/11/2017.

Suárez que se aproximou de Deus e lançou um livro; o atleta Alan Ruschel que voltou a jogar futebol; o goleiro Jackson Follman que perdeu a perna, mas virou embaixador do clube; o zagueiro Neto que treina para voltar a jogar futebol; o narrador Rafael Henzel que segue a Chape por todo o Brasil; e o técnico de voo Erwin Tumiri que estuda para ser piloto comercial (ALEIXO, 2017).

Por meio da cobertura jornalística da *Folha* e da narrativa que ela constrói, observa-se um acontecimento que produziu afetação, teve consequências e impulsionou ações e posicionamento no Brasil e outros lugares do mundo. Pessoas em geral, atletas, figuras públicas e entidades de vários tipos se expressaram mostrando pêsames, respeito e solidariedade ao time, assim como instituições públicas nos três países envolvidos são cobradas para encaminhar ações visando dar respostas ao ocorrido e às suas consequências (morte de pessoas, vítimas, reivindicação de indenizações, penalizações, etc.). Depois, por um lado, sobreviventes tentando superar o que vivenciaram e reconstruir suas vidas, assim como familiares que cobram na Justiça as responsabilidades e indenizações pelo acontecido. Por outro lado, a Chapecoense afirma não poder ser responsabilizada; o time de futebol perdeu vários jogadores e teve que se reconstruir, mas também alcançou projeção social, esportiva e financeira com a tragédia. Ainda instituições são cobradas para encaminhar ações visando dar respostas ao ocorrido e às suas consequências (morte de pessoas, vítimas, reivindicação de indenizações, penalizações, etc.). Assim, a análise da narrativa da *Folha* mostra um acontecimento com grande poder de afetação, gerando formas de luto e de expressão de solidariedade coletivos, em razão da morte de 71 pessoas, a maioria jovem, que estavam indo realizar um sonho de conquista também de um coletivo - de um time de futebol, de uma cidade, e do país do futebol - mas que foram impedidos pela queda de um avião cujas responsabilizações e reparações ainda estão sendo cobradas e discutidas.

3.6 DESCRIÇÃO E NARRAÇÃO NO DIÁRIO CATARINENSE: A MAIOR TRAGÉDIA DO ESPORTE

Todas as edições do *Diário Catarinense (DC)* selecionadas como *corpus* para o primeiro período de análise, dedicaram as capas por inteiro para a queda do avião da Chapecoense e seus desdobramentos. Nelas, assim como nos impressos local e nacional analisados, o acontecimento foi *descrito* ou *definido* de forma semelhante e típica deste tipo de ocorrência que caracteriza uma queda de avião: “desastre” (AS VÍTIMAS..., 2016, p. 12;

GASPERIN; MACIEL, 2016, p. 6); “acidente” (WEISS, 2016, p. 10); “tragédia” (GASPERIN, 2016a, p. 7; MACIEL; MAZUI, 2016, p. 25) e ainda “trágico acidente” (DIÁRIO CATARINENSE, 2016b, p. 18). No entanto, assim como nos outros dois jornais analisados, o que ganha singularidade e destaque na definição do acontecimento é que se trata da “maior tragédia do esporte” (GASPERIN, 2016a, p. 7-8). Porque, além de tirar a vida de 71 pessoas, a queda do avião que transportava a equipe da Chapecoense rumo a Colômbia (DEBONA; MACIEL, 2016, p. 20), “interrompe a trajetória vitoriosa da Chapecoense” [...], “o sonho da Chapecoense ser campeã da Copa Sul-Americana” (BOSCHI, 2016a, p. 22). A ruptura é descrita da seguinte maneira pela narrativa do *Diário Catarinense*:

Faltavam apenas 180 minutos para a Chapecoense acrescentar um outro dia à lista dos mais felizes para o seu torcedor. A queda, a 36 quilômetros de seu destino, interrompeu uma trajetória que poderia culminar com o único título internacional vencido por uma equipe brasileira neste ano [...] um time que se tornou inspiração para os pequenos, referência para os médios e ameaça para os grandes. (GASPERIN, 2016a, p. 7)

A construção narrativa do DC destaca então, também, as características que singularizam o acontecimento como “maior tragédia do esporte”, enfatizando especialmente a comoção mundial provocada, o luto e a dor gerada no Brasil, em Santa Catarina e em Chapecó. Em vários momentos da narrativa, a tragédia é descrita com o auxílio de trechos do hino da própria Chapecoense: “leva consigo o coração de uma cidade [...] com bravura, muita raça e fervor [...] glorioso verde que se expande” (GASPERIN, 2016a, p. 7). O acontecimento é definido como uma “tragédia que comoveu o mundo e devastou brasileiros, catarinenses e, especialmente, os chapecoenses” (CASTIEL, 2016b, p. 6), e como um acontecimento que “escreve um doloroso capítulo na história do esporte e da memória de Santa Catarina” (GASPERIN, 2016, p. 6).

Com a *descrição* e a *narração* focadas nesses enquadramentos, o acontecimento vai sendo descrito sob a ótica de um DC que também está de luto, porque perdeu um repórter na queda da aeronave, e sob a perspectiva de atores escolhidos para compor a narrativa de luto, solidariedade, cobrança de responsabilidades e superação (associação de luto, psicólogos, torcedores, jogadores de futebol, políticos, familiares, etc.). Cada edição, então, enquadra o acontecimento, de uma forma geral, como uma tragédia com o avião da Chapecoense que carregava atletas e jornalistas, e que interrompeu a trajetória de conquistas do time, enfatizando, porém, o modo como ele impactou na coletividade. Trata-se de uma tragédia que causou “dor” coletiva (edição de 30/11/2016); “luto” e solidariedade coletivos (01/12/2016);

“sofrimento sem fim” pela espera dos corpos (02/12/2016); “regresso” dos corpos para o velório coletivo (03 e 04/12/2016); e, “superação” (edição de 05/12/2016).

Já no dia seguinte à queda, em 30/11/2016, a ênfase na definição do acontecimento associado à “dor” coletiva provocada está estampada na capa (com fotografia de uma pessoa chorando), no topo das páginas internas (com a palavra “dor” substituindo o nome de todas as editorias) e em boa parte da narrativa. A *descrição* destaca fotografias de pessoas conhecidas e desconhecidas chorando, dos destroços do avião, de “vítimas” fatais e sobreviventes (AS VÍTIMAS..., 2016, p. 12-17; NA LUTA..., 2016, p. 19). Mostra também o “pôster que fica para a história” (BOSCHI, 2016, p. 22), e uma Arena Condá que “se tornou palco de lamento [...] com orações, choro e abraços de solidariedade” de pessoas “incrédulas”¹¹², que “não conseguem aceitar e não tem palavras para explicar como uma coisa dessas acontece com gente tão simples e trabalhadora, que são as pessoas da nossa cidade”¹¹³ (DEBONA; MACIEL, 2016, p. 20). Detalhes do local da queda do avião reforçam a ênfase na “dor”:

Uma pasta verde de papel com o distintivo da Chapecoense. Um microfone com a canopla da Fox. Uma Bíblia. Entre poltronas reviradas e ferros retorcidos, os objetos encravados na lama do Cerro Gordo, arredores de Medellín, são sinais esparsos de vidas que não existem mais. O cheiro de combustível ainda é forte no local da tragédia, mais de 12 horas depois do acidente. Da aeronave, sobraram dois grandes pedaços – a parte central e uma das asas. O resto é escombros. [...] Ao final do trajeto, uma última subida e a visão do horror à frente. Em uma baixada, a cerca de cem metros, o branco do metal da cabine se destaca entre o verde da vegetação e a escuridão da lama. (LOPES, 2016, p. 11)

A *descrição* e *narração* destacam ainda as histórias interrompidas pelo acontecimento, resgatando passados recentes e qualificando alguns dos atores mortos: do jogador Bruno Rangel “atacante nato, goleador iluminado”; o goleiro Danilo Padilha que “com uma defesa espetacular colocou o Verdão na final”; Cléber Santana “maestro do meio de campo”. Menciona ainda empresários, como o dirigente da Chapecoense Sandro Pallaoro que tinha “o sonho de levar a Chapecoense longe, muito longe”. Destaca também cada um dos profissionais da imprensa mortos, como o repórter do *DC* André Podiacki, o “amigo de todos”; o repórter da RBSTV Giovane Klein que “aceitava os desafios da profissão com bom humor”; o técnico de externa da RBS TV Bruno Mauri da Silva que tinha “o cuidado com a qualidade do sinal de imagem nos jogos”; o repórter cinematográfico Djalma Araújo Neto, “um dos melhores olhos da televisão catarinense” (AS VÍTIMAS..., 2016, p. 12-17).

¹¹² Descrição atribuída pelo *DC* ao sentimento da torcedora Luiza Winckler, 17 anos.

¹¹³ Fala atribuída pelo *DC* ao torcedor Cristiano Marcos Pinheiro, 31 anos, que acompanha a Chapecoense desde criança.

Também no trabalho de *narração* do DC, outras tragédias do passado que causaram dor coletiva são lembradas, desde 1949 (quando a seleção da Itália perdeu 18 jogadores na queda de um avião) até 1993 (seleção da Zâmbia perdeu 18 membros da mesma forma). Tais acontecimentos são recuperados ao mesmo tempo em que se frisa a maior dimensão do atual: “o acidente com a delegação da Chapecoense é o maior da história dos desastres aéreos envolvendo times de futebol do mundo” (GASPERIN, 2016b, p. 6-7).

A *narração* destaca ainda o passado e a história do clube, a exemplo do identificado nos demais jornais analisados. O DC lembra da criação da Chapecoense, em 1973, definindo-a como “uma agremiação que, sem dinheiro nem campo, tinha na garra o seu maior patrimônio”. Conta a trajetória do time nos campeonatos Catarinense e Brasileiro ao longo das décadas seguintes até chegar em 2003, quando mostra um time que quase se afundou em dívidas. Depois se transformou no atual “modelo de gestão”, subiu para a série A do Brasileirão, para a Sul-Americana, e tornou-se o time para o qual “todos torcem”: um pequeno clube que foi crescendo, derrotando rivais maiores, tornando-se uma sensação do futebol, e construindo essa história que se espalha e comove o mundo, e que não será encerrada pela tragédia:

E, qual um Davi contra Goliás nacionais e continentais, foi batendo rivais muito maiores na mesma proporção em que se transformava em sensação no cenário do futebol. Para os estrangeiros, virou o “Leicester brasileiro”, em alusão ao pequeno clube inglês que venceu a Premier League. Para os brasileiros, o segundo time para o qual todos torcem. Para os catarinenses, o temido Verdão, atual campeão estadual. E, para os chapecoenses, motivo para aposentar o azul do Grêmio e o vermelho do Internacional (as torcidas predominantes na região) e envergar o manto verde. Não será a tragédia ocorrida ontem na Colômbia que irá acabar com essa história que surgiu em uma cidade, espalhou-se por um Estado, surpreendeu um país e, de hoje em diante, sempre comoverá o mundo. (GASPERIN, 2016a, p. 7)

Na edição seguinte (01/12/2016), ganha destaque na *descrição* e *narração* a comoção e o luto coletivos, bem como a união e a solidariedade desencadeadas “para aliviar o sofrimento e a dor” (DEBONA, 2016a, p. 12-13). Neste sentido, é ilustrativo o trecho a seguir, que descreve a homenagem feita no estádio de Medellín onde ocorreria o jogo final, reafirma a trajetória campeã dos jogadores agora transformados em “lendas”, e aponta o futuro de necessária reconstrução do clube e de apoio ao povo de Chapecó:

O Estádio Atanásio Girardot lotou ontem, mas tinha uma programação diferente da primeira partida da Copa Sul-Americana. Não havia futebol nem festa, só oração, homenagens, incredulidade, comoção e vibrações positivas. Um momento marcante e dolorido que os brasileiros, catarinenses e chapecoenses nunca gostariam de estar vivendo: nada de bandeiras, de gritos nas arquibancadas, só camisas com dizeres lembrando a Chapecoense, flores, velas, coros do público e, em muitos casos, o choro de milhares pela morte de 71 pessoas. [...] Não só a Chapecoense terá de ser

reconstruída, mas o coração de um povo terá de ser acalentado e um pequeno passo veio em forma de oração coletiva. “Vieram para ser campeões, voltaram como lendas”, diziam as camisetas. Assim Medellín fez uma reverência histórica e inesquecível à Chapecoense, ao Brasil, a Santa Catarina, a Chapecó. (CASTIEL, 2016, p. 6)

A *descrição* também enfatiza o luto em Chapecó, que “em meio à tristeza”, prepara um velório coletivo, com organização e simulação de cortejo pelas ruas e no estádio (CIDADE..., 2016, p. 14). Define esse luto (na capa e topos de página) da edição de 02/12/2016 como um “sofrimento sem fim”, fazendo alusão ao “adiamento do embarque das vítimas”, o que causa uma “espera prolongada” marcada por “um longo e desgastante dia [...] de barreiras técnicas e burocráticas” que “maltrata os familiares”, e que supera qualquer “boa vontade, dedicação e empenho” (CASTIEL, 2016b, p. 6). Retrata ainda “a hora da despedida” na edição de 03 e 04/12/2016, nomeando “O regresso” dos corpos a Chapecó, em títulos de editoriais. Descreve a “partida com honras militares”, a “homenagem para as vítimas do acidente aéreo que entristeceu o mundo” para que “saíam da Colômbia como heróis¹¹⁴” (CASTIEL, 2016d, p. 9). Mostra ainda a estrutura montada na Arena Condá para receber 50 dos 71 mortos, descrevendo “Chapecó pronta para a mais triste despedida”, na qual a cidade “reencontrará seus guerreiros” e “ídolos”, “com mais amor do que já era habitual nas tardes de domingo” (BEHS, 2016b, p. 10). O reencontro com a cidade foi descrito assim:

Às 12h30, finalmente as imagens mostraram os caminhões manobrando para estacionar atrás de uma das arquibancadas. Foi a senha para a Arena Condá inteira cantar “vamos, vamos, Chape”, enquanto a Torcida Jovem rezava um Pai-Nosso. Um a um, os caixões eram levados ao gramado por soldados até a estrutura coberta que abrigava familiares e autoridades [...] A parte final da homenagem teve a leitura do nome das vítimas, com os funcionários do clube soltando balões à medida em que eram pronunciados e se posicionando em frente às tendas com os caixões portando flores, bandeiras e camisetas do time (GASPERIN; MACIEL, 2016. p. 6).

Depois de mostrar as fases de dor, sofrimento, luto, e o regresso, narra sua cobertura jornalística do acontecimento na “superação” (05/12/2016): “A angustiante espera de Chapecó pelos corpos das vítimas [...] terminou no sábado com um velório coletivo na Arena Condá” (GASPERIN; MACIEL, 2016. p. 6), um momento descrito como “a última partida” (GASPERIN; MACIEL, 2016, p. 6), que “ajuda no processo para que familiares, amigos e comunidade aceitem a perda e consigam tocar a vida em frente” (DO LUTO..., 2016, p. 1). Mas aborda que, por outro lado, “tocar a vida em frente” depende de cada um, já que a tragédia com o avião que transportava a Chapecoense gerou um “choque (que) ganha

¹¹⁴¹¹⁴ Fala atribuída pelo DC ao tenente-coronel colombiano John Trujillo.

contornos traumáticos maiores por envolver ídolos, pais, maridos e filhos de um município de 210 mil habitantes onde todos se conhecem”¹¹⁵.

A *narração* do acontecimento também ganha espaço aqui, desta vez focada na superação. O *DC* conta histórias como a do menino Carlos Miguel, de 5 anos, que se tornou mascote do clube depois que uma foto dele com um cocar de índios ilustrou o site da Fifa, e que tenta ser protegido pelo pai, mesmo a cidade estando “arrasada, abalada com tudo isso”¹¹⁶. Ainda resgata passados, mesmo que de forma rápida, como o incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), “tragédia que também envolveu jovens que estavam em um momento festivo e tiveram a vida interrompida” (GASPERIN, 2016b, p. 12). E também trata das homenagens às vítimas, interagindo entre passado e presente nos resgates de histórias de vida, como de Delfim Peixoto, “deputado estadual por três mandatos, advogado e ex-presidente do Marício Dias”, que teve seu velório realizado no local que considerava sua casa (Federação Catarinense de Futebol), “como era hábito em décadas passadas” (HOMENAGENS..., 2016, p. 8-9). E, por fim, a *narração* trata das possibilidades de futuro, mostrando que a “Chape começa o desenho de reconstrução do clube” (DEBONA, 2016b, p. 12):

A dor e a tristeza continuam, mas a Chapecoense precisa começar, a partir desta semana, o processo de reconstrução do clube. O verde do time divide espaço com o preto de luto nas sacadas, mas há também mensagem de “Vamos, vamos, Chape”. Não só a região Oeste, mas o mundo inteiro torce pelo futuro glorioso da equipe. Se nos primeiros dias torcedores diziam ter perdido tudo, a solidariedade do resto do planeta é a força para o Verdão se reerguer. (DEBONA, 2016b, p. 12).

Assim como visto na *Folha de S. Paulo*, ao longo da primeira semana a *descrição e narração* feita pelo *DC* também constrói um enquadramento do acontecimento relacionando não apenas à comoção mundial e solidariedade geradas como também às causas e responsabilidades pelo ocorrido: falta de combustível da aeronave e erros da empresa e do piloto. Ao todo, a narrativa dá destaque às causas e responsabilidades para a queda do avião em oito das 37 matérias jornalísticas neste primeiro período. Na primeira edição após a queda (30/11/2016), o *DC* descreve a falta de combustível como “provável causa” e já afirma que “90% de probabilidade que o acidente foi provocado por erro de cálculo do piloto”¹¹⁷ (WEISS, 2016, p. 10). Nos dias seguintes, a falta de combustível transforma-se especificamente nos erros da empresa e do piloto, quando a *narração* resgata o passado da LaMia para tratar do presente e do futuro (indenizações), afirmando que a “companhia aérea tem negócios obscuros na Venezuela” (01/12/2016) e um “histórico de trajetos no limite”

¹¹⁵ Fala atribuída pelo *DC* ao psiquiatra Osmar Cassol Jr., que tem família em Chapecó e vive em Florianópolis.

¹¹⁶ Fala atribuída pelo *DC* a Alessandro Garcia, pai do mascote da Chapecoense.

¹¹⁷ Fala atribuída pelo *DC* ao ex-comandante e especialista em desastres aéreos, Carlos Camacho.

(02/12/2016). Para reforçar este mesmo enquadre, focado na responsabilização, a *narração* ainda resgata um passado recente indicando que o plano de voo não previa paradas (02/12/2016) e já sinalizando o futuro de incertezas em relação ao seguro da LaMia (03 e 04/12/2016).

Na edição de 03 e 04/12/2016, no entanto, outros dois enquadramentos são apresentados pelo *DC*. De um lado da página, a *descrição* apresenta o pai do piloto interpretando a ocorrência como uma “fatalidade” e tentativa de criminalizar seu filho (DIÁRIO CATARINENSE, 2016c, p. 15). Do outro lado da página e, em uma interpretação totalmente oposta, a *descrição do DC* incorpora fala de fonte especializada que enquadra o ocorrido como sendo um “assassinato”: “os passageiros foram assassinados na Colômbia [...], a ocorrência trata-se de um crime [...], é mais do que incompetência”¹¹⁸ (KERVALT, 2016, p. 15). Assim como na *descrição e narração* da *Folha de S. Paulo*, estes dois enquadramentos do acontecimento – ou seja, outros dois quadros de sentido acionados para definir e interpretar o acontecido – não ganham maior destaque no jornal. Na edição do dia seguinte (05/12/2016) o *DC* segue com a interpretação de uma “tragédia por falta de combustível”, sem, no entanto, defini-lo como “crime” e “assassinato”. Sua ênfase é principalmente a de apontar o futuro aberto em torno da necessidade de “superação”.

Na memória que faz de um ano do ocorrido, em novembro de 2017, a *descrição e narração* do *DC* reafirmam a definição do acontecimento como o “acidente aéreo que vitimou a Chapecoense e comoveu o futebol mundial” (MARCAS..., 2017, p. 1), provocado pela falta de combustível (ERROS..., 2016), e colocando sua ênfase nos familiares das vítimas fatais. Descreve a reconstrução do time, a união dos três jogadores que sobreviveram (Alan Ruschel, Neto e Jakson Follmann). A *narração* resgata ações do passado desses atores, especialmente a história do zagueiro Neto, que tem as “cicatrizes de um pesadelo”, que “tem na pele as marcas da dor do passado e da luta para retomar a vida” (corte no nariz, na cabeça, no rosto, na perna, nos braços, etc.), incorporando ao relato o modo como este próprio ator descreve o momento da queda do avião (CARDOSO, 2017, p. 2).

Outras ocorrências passadas são resgatadas pela narrativa do *DC* para narrar o drama das famílias, como das esposas dos profissionais de imprensa. Entre elas Mara Shardong, esposa do jornalista Fernando Schardong, que se mudou em 2010 para Chapecó para o marido narrar os jogos da Chapecoense em uma rádio, e que conseguiu recuperar uma *nécessaire* com o escudo da Chape, uma bermuda, um tênis, um livro e uma das camisetas preferidas do

¹¹⁸ Falta atribuída pelo DC ao escritor especializado em desastres aéreos Ivan Sant’Anna.

marido. Ainda Isabella Ibargoyen, que recebeu um calçado e a identidade do jornalista Giovane Klein; e Roberta Ebeliny, que conseguiu recuperar a aliança do marido, o radialista Edson Ebeliny (OBJETOS..., 2017, p. 8).

Além de lembrar perdas familiares, um ano depois, a narrativa descreve um contexto em que as investigações sobre as causas da queda não têm resultados formalizados, e, conseqüentemente, os “erros estão sem punições”, já que a falta de combustível, ou seja, o erro do piloto provocou a queda da aeronave (ERROS..., 2017, p. 14), e a empresa aérea não informou à seguradora Bisa os voos para a Colômbia, o que fez a Bisa oferecer um “fundo humanitário” para os familiares das vítimas (MACIEL, 2016, p. 12). A narrativa aborda ainda a tentativa da Chapecoense em culpar, em juízo, a LaMia e o governo boliviano pela tragédia, para resolver os 17 processos que já haviam sido ajuizados contra o clube na Justiça do Trabalho, como pelas viúvas dos jogadores. Assim, o *DC* descreve um horizonte de disputa judicial, especialmente sob a perspectiva dos familiares que tentam, desta forma, se “proporcionar um recomeço” (MACIEL, 2016, p. 12).

3.7 A AFETAÇÃO NO RELATO DO *DC*: O LUTO E A SOLIDARIEDADE COLETIVOS

Por meio da construção narrativa do *Diário Catarinense* também é possível elencar que o acontecimento afetou inúmeros públicos ou grupos sociais (familiares, colegas, amigos, torcedores, times de futebol, jogadores de futebol, outros países, veículos de comunicação, órgãos de fiscalização, etc.) e como esses setores da sociedade reagiram, por meio de ações, discursos e comportamentos. A *descrição* destaca um acontecimento “que entristeceu o mundo” (CASTIEL, 2016d, p. 9), que gerou um “luto de todos” (LINDER; 2016, p. 24) por meio do “luto do campeão” (GASPERIN, 2016, p. 6), descrito da seguinte forma:

Lidar com a perda é enfrentar o que poderia ter sido: o título que não foi conquistado, a matéria que não foi escrita, os projetos que ficaram por fazer. Familiares, colegas, amigos e torcedores das vítimas do acidente aéreo envolvendo a Chapecoense embarcam agora no luto. Embora a dor seja inevitável, a rede de solidariedade criada em momentos como estes ajudam, e muito. “Quando ocorre uma tragédia como esta você não perde sozinho, você perde junto com muita gente”, diz Alice Quadrado, presidente da Associação Brasileira de Apoio ao Luto (LINDER, 2016, p. 24).

Acompanhada à narrativa do “luto de todos”, o *DC* trata de um acontecimento que desencadeou ações de união e solidariedade vindas do mundo inteiro. Elenca ações em diferentes campos sociais: “a cidade de Chapecó fez vigília na Arena Condá, lotou a igreja e uma missa emocionada, chora a perda de jogadores e dirigentes do seu time” (DEBONA,

2016a, p. 26); “Colômbia e Brasil se uniram em um só choro” (BEHS, 2016a, p. 14), e preparam o velório coletivo, considerado o “adeus aos heróis” (DEBONA; MACIEL, 2016b, p. 8-9); a CBF adia a rodada da série A, outros times de futebol sugerem empréstimo de jogadores (BOSCHI; 2016a, p. 22-23). Ou seja, “o mundo inteiro vem demonstrando solidariedade ao clube” (CASTIEL, 2016d, p. 13), desta forma:

Acostumada a ouvir o grito da torcida nas últimas vitórias do Furacão do Oeste, a Arena Condá, no Centro de Chapecó, se tornou palco de lamento. As orações, o choro e os abraços de solidariedade tomaram as arquibancadas do estádio ontem, quando a cidade tentava assimilar as perdas com a tragédia do voo que transportava o clube, dirigentes e a imprensa para a partida em Medellín. Mais do que ídolos do esporte, todos choravam o luto de familiares, amigos, colegas (DEBONA; MACIEL, 2016, p. 20) [...] Os dois municípios (Chapecó e Medellín) se imanaram nesta semana após a queda do avião [...] as duas cidades têm pouco em comum, a não ser a solidariedade e sua gente trabalhadora (GASPERIN, 2016, p. 6) [...] Em Medellín, os moradores voltaram a se manifestar, agora nas ruas. Na partida de cortejo, centenas de moradores cercaram o prefeito de Chapecó, Luciano Buligon, e o abraçaram, chorando (CASTIEL, 2016d, p. 9)

Ainda em torno ao valor da união e da solidariedade, a *descrição e narração* do acontecimento no DC evidencia também a *afetação* de psicólogos voluntários de várias partes do Brasil, amigos, familiares, ex-dirigentes e funcionários que “correram em auxílio ao clube” ou “foram levar um abraço” para quem precisava (CASTIEL, 2016d, p. 13). Evidencia ainda que torcedores colombianos se solidarizaram transformando “a dor da Chapecoense na dor deles também” (BEHS, 2016a, p. 14). Principalmente na cidade de Medellín, definida como um “imenso reservatório de solidariedade” (CASTIEL, 2016b, p.6), e em La Unión, pequeno município onde ocorreu a queda do avião: lá “uma rede de solidariedade se uniu desde o início da madrugada no vilarejo com moradores que abriram suas residências para soldados que retornavam dos destroços. Concediam água, local de descanso e até comida” (LOPES, 2016, p. 11).

Também no DC, a afetação e a solidariedade desencadeadas pelo acontecimento se espalham por outros países. Assim, o “mundo da bola (que) abraçou a Chape” (O MUNDO..., 2016) com reações na Holanda, Inglaterra, Espanha, Argentina e outros países. Na Colômbia, o Atlético-Nacional sugeriu que a Chapecoense fosse declarada campeã da Sul-Americana; as seleções do Brasil e da Colômbia planejam amistoso beneficente. Figuras públicas reconhecidas também expressam o modo como se sentiram afetadas pelo acontecido: o ex-jogador Pelé manifestou-se afirmando que a família do futebol brasileiro está de luto; o jogador Neymar registra ser “impossível acreditar nesta tragédia” (DEBONA, 2016a, p. 27); o presidente da CBF Marco Polo Del Nero define o ocorrido como “as mais trágicas páginas da

história do esporte brasileiro” e decide adiar a rodada da Série A e da Copa do Brasil; torcedores da Chapecoense que não teriam palavras para explicar o ocorrido e não conseguem aceitar (BEHS, 2016a, p. 14); os clubes brasileiros se uniram para emprestar atletas e pedir imunidade à Chapecoense na Série A por três anos.

No campo político, e ainda em torno ao valor da solidariedade, a afetação provocada pelo acontecido fez a Força Aérea Brasileira disponibilizar quatro aviões para levar e trazer familiares da Colômbia; a prefeitura de Chapecó decretou luto de 30 dias; o governador de SC Raimundo Colombo também decretou luto, expressando o quanto o acontecimento ficará marcado: a “história de SC nunca deixará de registrar esse momento em que o grito de gol foi sufocado pelas lágrimas que brotam dos nossos corações” (GASPERIN, 2016a, p. 7). O ministro das relações exteriores José Serra também é destaque na narrativa do DC, destacando a solidariedade dos colombianos (CASTIEL, 2016b, p. 7), assim como o então presidente Michel Temer, que confirmou a presença no velório coletivo.

A afetação na imprensa também foi um destaque nas narrativas do DC. Entre eles, destaca-se o vice-presidente do jornal New York Times ofereceu condolências às famílias e colegas; o editor do Hurriet Daily News, na Turquia, lamentou as mortes e expressou solidariedade; a editora do Punch, na Nigéria, publicou um tributo no site do jornal (MACIEL, 2016, p. 18). A narrativa ainda mostra a afetação por meio de uma das entrevistas que ganhou mais repercussão neste período. O jornalista Guido Nunes, do Sport TV¹¹⁹, conversava com a mãe do goleiro Danilo, que morreu no “acidente”, quando ela surpreende o repórter perguntando: “como vocês da imprensa estão se sentindo perdendo tantos amigos queridos lá? Você pode me responder?”. O jornalista não conseguiu responder, apenas começou a chorar e foi consolado pela entrevistada. (O ABRAÇO..., 2016, p. 17).

O acontecimento ainda provoca reações ligadas às causas e responsabilidades da queda do avião, como na Bolívia, país sede da LaMia, proprietária da aeronave. Foi suspensa a licença de voo da empresa (POTTER, 2016) e dois órgãos do país – Administração de Aeroportos e Serviços Auxiliares à Navegação Aérea (Aasana) e da Direção Geral de Aviação Civil (DGAC) - tiveram funcionários afastados e investigados em razão do ocorrido (WEISS, 2016, p. 10).

No contexto de um ano após a queda do avião (25 e 26/11/2019), a narrativa do DC dedica 16 páginas de um caderno especial para mostrar que a “tragédia sem precedentes” continua afetando públicos variados (sobreviventes, familiares de vítimas fatais, o clube, o

¹¹⁹ Entrevista: <http://sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2016/12/mae-de-danilo-e-reporter-do-sportv-choram-abracados-durante-entrevista.html>

Judiciário, etc.), além de instituições. Menciona o Ministério Público Federal e o Poder Judiciário, no Brasil, cujas investigações isentaram a Chapecoense de negligência ou imprudência na contratação da empresa, etc., cita também as autoridades bolivianas que não colaboraram com o MPF brasileiro; e a Chapecoense, que está processando a Lamia, a “causadora da tragédia”, e o governo boliviano, em razão de “os órgãos fiscalizadores não terem exercido a função que era deles” (MACIEL, 2017, p. 12-13).

Destaca-se também o modo como o acontecimento continua afetando diretamente as famílias que aguardam por indenizações. Principalmente, porque as investigações não têm resultado em acusações processuais contra brasileiros, bolivianos ou colombianos: “prisões pontuais ocorreram na Bolívia [...] mas não há notícia de condenações” (ERROS..., 2016, p. 14). Neste contexto, menciona-se a criação de duas entidades criadas a partir do acontecimento: a Associação dos Familiares das Vítimas do Voo da Chapecoense (Afav-C) e Associação Brasileira das Vítimas do Acidente com a Chapecoense (Abravic), que tem dado assistência social e auxiliar financeiramente e buscado indenizações para integrantes da equipe. A narrativa revela também, uma disputa entre as próprias famílias. De um lado, estão familiares, como as viúvas, que cobram indenizações da Chapecoense e, de outro, aquelas que não culpam o clube, mas sim a empresa:

“Nós perdemos tudo financeiramente, além da nossa razão de viver. Ficamos sem convênio de saúde, sem nada. As pessoas me perguntam porque não entrei com ação trabalhista contra o clube. Como eu disse, aprendi a amar o clube junto com o meu marido, criei minha filha dentro dele. Dinheiro nenhum traz meu marido de volta. Acho que quem tem que pagar por algo são os responsáveis pela aviação”¹²⁰ (MACIEL, 2017, p. 13).

De forma mais pontual, a narrativa também menciona como o ocorrido continua a afetar os jogadores de futebol Neto, Alan Ruschel e Jackson Follmann, que sobreviveram e “precisam um dos outros para seguirem em frente” (UNIDOS..., 2017, p. 6), mas lutam para voltar a jogar futebol e/ou dar novos sentidos à vida (CARDOSO, 2017a, p. 2-7). Menciona ainda familiares, como a “mãe de ferro”, Ilaídes Padilha, mãe do goleiro Danilo, que busca auxílio por meio de um grupo de apoio ao luto, porque não consegue mais assistir televisão, os jogos e nem acompanhar mais a Chapecoense (CARDOSO, 2017b, p. 10).

Assim, da mesma forma como no processo de *descrição e narração* feito na *Folha de S. Paulo*, o jornal *Diário Catarinense*, também mostra um acontecimento que produz afetação no mundo, mas especialmente Brasil, Bolívia e Chapecó. Afetação que gerou várias

¹²⁰ Fala atribuída pelo DC para Dicléia de Jesus, viúva do massagista da Chapecoense Sérgio de Jesus.

ações, discursos e comportamentos, como expressão de sentimentos de incredulidade, envolvimento em um luto coletivo, comoção e ações de vigília, oração e homenagens, e especialmente a manifestação de valores como união e solidariedade, de indivíduos e grupos coletivos de campos variados (esporte, política, imprensa), sobretudo no Brasil e na Colômbia. Um acontecimento que impulsionou, portanto, uma solidariedade coletiva, uma forma de “abraçar” a Chapecoense, mas principalmente abraçar o que teria sido destruído na queda do avião, conforme analisado aqui: os sonhos de um time, de uma cidade e de famílias. Embora de forma reduzida, a *descrição e narração* mostram também um acontecimento cuja afetação teria impulsionado ações de respostas por parte de instituições públicas (investigações e responsabilizações), na Bolívia e, principalmente, no Brasil.

3.8 DESCRIÇÃO E NARRAÇÃO NO *DIÁRIO DO IGUAÇU*: A MAIOR TRAGÉDIA DE CHAPECÓ

A *descrição* do acontecimento no *Diário do Iguaçu (DI)* define o ocorrido – a exemplo do visto nos outros dois jornais analisados –, como “desastre” (BUSCAS..., 2016, p. 8; MARCELINO, 2016, p. 16), “acidente” (FALTAVAM..., 2016, p. 2; SIMAS, 2016, p. 4), “tragédia” (CLUBES..., 2016, p. 14; MARCELINO, 2016, p. 16; DOR..., 2016, p. 18), “tragédia no futebol” (no topo de todas as páginas de todas as edições do primeiro período) ou “acidente trágico” (SIMAS, 2016, p. 4). No entanto, enfatiza-se principalmente, na interpretação do acontecimento, a dimensão regional das consequências do ocorrido.

Assim, o “acidente com a aeronave que transportava a delegação da Chapecoense” (BUSCAS..., 2016, p. 8) e “que matou toda a delegação do Verdão” (ELES ERAM..., 2016, p. 20) é qualificado como a “maior tragédia que Chapecó pode passar”¹²¹ (FALEI..., 2016, p. 18): um acontecimento que “sacudiu Chapecó” (PICCINI, 2016, p. 10). A definição do acontecimento e os sentidos atribuídos a ele são relacionados sobretudo a Chapecó e a Santa Catarina: é “a maior tragédia no universo desportivo e da comunicação em Santa Catarina” (EMPRESAS..., 2016, p. 24).

Trata-se, também, do “acidente mais trágico da história do esporte mundial” (FALTAVAM..., 2016, p. 2), a exemplo da definição presente na narrativa dos outros dois jornais analisados. No entanto, esta interpretação não chega a ter uma saliência na *descrição e narração* elaborada pelo DI. O jornal apenas cita esta informação em meio a uma das

¹²¹ Fala atribuída pelo *DI* ao prefeito de Chapecó, Luciano Buligon.

publicações, sem resgatar outros acidentes trágicos, como fizeram os impressos estadual e nacional analisados.

A narrativa do *DI* refere-se, então, a um time que estava próximo de uma competição internacional, onde teria a possibilidade real de um título inédito quando teve o seu caminho atravessado por um desastre de avião. Já na primeira edição após o ocorrido (30/11/2016), destaca-se o impacto do acontecimento na experiência coletiva de Chapecó e do país, apontando para o que seria a sua principal consequência: “interrompeu sonhos” de um clube de futebol – “heróis” e “guerreiros” da cidade. Um clube que “é um exemplo para o Brasil” em razão dos “resultados de uma diretoria responsável, idônea e competente” (GOULART, 2016a, p. 23).

As características que singularizam o acontecimento na narrativa no *DI* ficam evidentes no dia seguinte à queda (30/11/2016), quando o *DI* ocupa todo o espaço da capa para uma espécie de poema com quatro estrofes em letras maiúsculas e reticências após cada frase. Nele, aponta as consequências imediatas provocadas pela ocorrência que o jornal interpreta como “a maior tragédia no universo desportivo e da comunicação em Santa Catarina” (EMPRESAS..., 2016, p. 24), ou seja, a desorganização da experiência social e a ruptura da normalidade gerada pelo acontecimento: “HOJE NÃO TEM BOLA ROLANDO... HOJE NÃO TEM TRANSMISSÃO AO VIVO... A ARENA CONDÁ NÃO TEM COR... HOJE SOMOS TODOS UM SÓ” (HOJE..., 2016, p. 1). A *descrição* aposta, primeiro, em três frases negativas: duas marcam o que o acontecimento interrompeu (os jogadores deveriam estar em campo naquele dia e os profissionais de imprensa deveriam estar realizando a cobertura jornalística) e a terceira marca o luto coletivo (o que não tem cor marca uma metáfora para a tristeza, o luto). A última frase, por sua vez, é afirmativa e marca a união e a solidariedade de “todos” diante das três estrofes anteriores. Unidas, então, as quatro frases constroem a narrativa do acontecimento no *DI* durante toda a primeira semana: ruptura da experiência coletiva que provoca um choque, luto/tristeza, e solidariedade coletiva:

Era a realização de um sonho. A Chapecoense estava a caminho da primeira final de uma competição internacional. Faltavam poucos minutos para chegar ao Aeroporto de Medellín, na Colômbia, onde a equipe iria disputar o primeiro jogo da final da Sul-Americana (FALTAVAM..., 2016, p. 2) [...] O mundo continua em choque após o desastre que aconteceu na madrugada de ontem (MARCELINO, 2016, p. 16) [...] Um elenco família. Não há craques, mas em Chapecó todos se superam, pois o ambiente é favorável. A Chapecoense é um exemplo para o Brasil (GOULART, 2016a, p. 22) [...] Em 11 anos, o Verdão saiu do limbo para a decisão de um título internacional. Subiu tanto, mas tanto, que alcançou o céu onde, com certeza, estão os nossos guerreiros hoje. Descansem em paz! Obrigado por tudo que vocês fizeram (GOULART, 2016d, p. 22).

O quadro de sentido trazido pelo jornal, então, para definir o acontecimento trata a queda da aeronave como a tragédia ou acidente trágico que interrompeu os sonhos da final internacional de um campeonato de futebol de um clube que estava sendo um exemplo, tanto para Chapecó quanto para o país, com a ascensão dentro de campo e fora dele, por meio do equilíbrio financeiro. Como nos outros dois jornais analisados, a *descrição* e a *narração* do *DI* enfatiza, portanto, como a tragédia que interrompeu a trajetória de êxitos que vinha sendo alcançado pela Chapecoense e os sonhos de 71 pessoas (jogadores de futebol, empresários, políticos e profissionais da imprensa) gerou luto e uma comovente solidariedade mundial.

Diferente das mídias analisadas antes, o trabalho de *descrição e narração* do acontecimento pelo *DI* destaca alguns elementos distintos, como certos detalhes sobre o clube e os personagens da Chapecoense, tendo em vista a característica de uma narrativa de jornal local da região de Chapecó. Assim, a *narração* recupera ações do passado referentes à atuação dos atletas vítimas da tragédia e do papel que desempenham no clube, bem como empresários da região envolvidos com o clube e jornalistas atuantes em coberturas esportivas. É o caso de jogadores como Danilo, “que estava no melhor momento da carreira”; Ananias, “que foi o autor do gol na primeira semi-final da Copa Sul-Americana”; Cleber Santana, “que motivava a equipe antes dos jogos”; Dener, “um dos jogadores que mais cresceu tecnicamente com a Chapecoense” (QUEM..., 2016, p. 6). A mesma ênfase é dada a empresários da cidade, como Sandro Pallaoro, que se tornou presidente do clube “pelo sentimento de amor ao time”; e Davi Barela, “pioneiro no segmento imobiliário da cidade” e um dos grandes incentivadores do clube, etc. (QUEM..., 2016, p. 7).

A *narração* no *DI* ainda resgata os passados de outro grupo de vítimas, os profissionais da imprensa, a maioria deles conhecidos por realizar com frequência coberturas esportivas e da Chapecoense. Atores citados pelo *DI* também tratam da importância dos profissionais da imprensa e colaboram com os sentidos atribuídos ao acontecimento, interpretando-o também como “a maior tragédia [...] da comunicação em Santa Catarina”¹²². Tratados como “amigos” na narrativa, os jornalistas tiveram narrados trechos de suas histórias pessoais e de vínculo com o próprio jornalista esportivo do *DI*, que não voou junto aos demais. Entre eles, Fernando Doesse, “apresentador e narrador que emocionou o Brasil com suas narrações da Chapecoense”; Douglas Dorneles, “profissional competente, de excelente escrita”; Giovane Klein, que tinha um texto envolvente; Gilberto Pace Thomaz, assessor de

¹²² Fala atribuída pelo *DI* a Cooperativa Central Aurora, quando esta se manifestou sobre o acontecimento.

imprensa da Chapecoense, que trabalhava “onde sonhou em trabalhar, no seu time do coração”, etc. (GOULART, 2016b, p. 25).

Ao mesmo tempo em que recupera a história das vítimas, o processo de *descrição e narração* do *DI* descreve momentos e ações características do acontecimento. Trata da liberação dos corpos na Colômbia, mencionando a “angústia e a tristeza” (PIVA, 2016, p. 6) de todos diante da espera. Destaca também a organização do velório coletivo, no dia 05 de dezembro, para velar 50 das 71 vítimas e a expectativa de presença de 100 mil pessoas para a despedida “dos nossos campeões” (SUDATTI, 2016b, p. 4). Descreve as ações que homenagearam “o time de guerreiros que partiram como heróis e voltaram para casa como lendas” (SUDATTI, 2016b, p. 4). Assim, menciona as honras militares, os balões brancos, as músicas, o clima de tristeza, as lágrimas, o grito de “o campeão voltou” (AMENDOLA; BATISTA, 2016, p. 5), bem como a chuva torrencial ocorrida naquele dia da recepção dos corpos e do velório: “[...] Uma chuva de boas-vindas a quem voltou para casa, voltou para aquele gramado de tantas conquistas e tantas emoções” (SUDATTI, 2016b, p. 4).

O *DI* também incorpora à sua narração manifestações de autoridades conhecidas na região de Chapecó e Santa Catarina. Através delas, relembra ações anteriores ao ocorrido para explicar os motivos que os teria feito desistir de estar no mesmo voo¹²³, ou, ainda, para trazer outro tipo de enquadramento ou interpretação ao acontecimento: “uma fatalidade que temos que compreender como um desígnio de Deus, que quis encerrar a missão de tantas pessoas ao mesmo tempo¹²⁴” (AUTORIDADES..., 2016, p. 27).

O enquadramento de “fatalidade” e seu viés religioso para explicar o ocorrido – que é semelhante ao sentido atribuído por familiares do piloto do avião, conforme analisamos na *descrição e narração* feita pela *Folha de S. Paulo* – também não ganha muito destaque na narrativa do *DI*. O que predomina como explicação para a queda do avião é a falta de combustível, a exemplo das duas outras mídias analisadas. Já no dia seguinte ao ocorrido (30/11/2016) e, ao longo da semana, o jornal tenta explicar o porquê da queda da aeronave faltando “só 50 quilômetros” (FALTAVAM..., 2016, p. 2) para chegar ao destino, mas aciona outras interpretações para o ocorrido. Relaciona a queda a causas parecidas às expostas na narração feita pela *Folha e DC*: pane seca e pane elétrica (DUAS..., 2016, p. 2). Assim como nas outras mídias, no *DI* a associação das causas do ocorrido à falta de combustível e pane

¹²³O *DI* menciona o prefeito de Chapecó Luciano Buligon e o vice-presidente da Chapecoense, Plínio de Nes Filho.

¹²⁴ Interpretação do acontecimento atribuída pelo *DI* ao presidente da Assembleia Legislativa de SC, Gelson Merísio.

seca também vai sendo conectada às responsabilidades, através de diferentes discursos sobre o piloto: inicialmente (edição de 01/12/2016) destacando sua experiência e treinamento na Suíça (HIPÓTESE..., 2016, p. 12) e, dias depois (02, 03 e 04/12/2016), colocando no papel de responsável pelo ocorrido, em função de decisões tomadas: “o cálculo de combustível foi o maior erro do piloto”¹²⁵ (SPENASSATTO, 2016, p. 14).

Semelhante à narração das mídias anteriores, também, o *DI* se dedica a resgatar o histórico da aeronave de propriedade da boliviana LaMia – um modelo Avro RJ85, pela British Aerospace, que parou de ser fabricado e vinha sendo substituído por jatos mais modernos desde 2001 (AVIÃO..., 2016, p. 3). Recupera ainda as ações passadas nos momentos anteriores à queda, entre as quais o momento em que “o LaMia pediu à torre de controle, em tom de desespero, prioridade para pousar o avião, alegando problemas de combustível”¹²⁶. Tais lembranças são retomadas também em 2017 no contexto em que o ocorrido completou um ano: “quando finalmente Quiroga admitiu que estava sem combustível, a torre perdeu o contato” (BARDAWIL, 2017, p. 2).

A narração do *DI* faz conhecer – e questiona – a contratação da LaMia pela Chapecoense e a influência de atores como a prefeitura de Chapecó e a Conmebol, e cita a suspensão das atividades da empresa para realizar voos a partir da tragédia na Colômbia (SPENASSATTO, 2016, p. 15). Já no contexto da memória do acontecimento em 2017, porém, a relembração desta ação passada dedica-se a justificar a escolha da empresa LaMia feita pelos dirigentes do clube: “os diretores (que morreram na queda) eram supercuidadosos (com as escolhas de empresas aéreas)” (O PORQUÊ, 2017, p. 7). Ao mesmo tempo, remete o problema para ANAC, pela proibição feita à operação da LaMia no Brasil em que pese a especialização da empresa em transportar equipes de futebol, como o Atlético-Nacional de Medellín e a própria Chapecoense, e de realizar viagens de seleções como Argentina, Bolívia e Venezuela (O PORQUÊ, 2017, p. 7).

A narração do *DI* também aponta consequências ou futuros abertos pelo ocorrido. Menciona-se a incerteza sobre o conhecimento das reais causas da queda do avião, tendo em vista: a demora de seis meses na análise das caixas-pretas, ainda o fato de os dois tripulantes que sobreviveram não terem recebido nenhuma informação do piloto para alertar os passageiros e, por fim, os questionamentos que envolvem a liberação do voo, mesmo após o relatório de uma funcionária do aeroporto da onde a aeronave decolou ter indagado o plano de

¹²⁵ Fala atribuída pelo *DI* ao instrutor de voo Matheus Magro.

¹²⁶ Fala atribuída pelo *DI* ao piloto Juan Upegui, que ouviu o diálogo final entre o piloto Miguel Quiroga (LaMia) e o comando, pois estava em uma aeronave da Avianca prestes a pousar.

voo da aeronave e as normas de segurança internacionais impedirem este tipo de decolagem (ANÁLISE..., 2016, p. 18; BRASIL..., 2016, p. 18). A narrativa aponta ainda a vontade das autoridades em apresentar respostas, pelo menos neste primeiro momento, diante da criação de uma força-tarefa entre procuradores federais brasileiros, colombianos e bolivianos e das primeiras investigações terem afastado o diretor de Registro Aeronáutico da Bolívia que também é filho do diretor geral da LaMia (BRASIL..., 2016, p. 18).

No contexto em que a queda do avião completa um ano, a *narração* reconstrói o passado do momento em que o avião caiu perto de Medellín, a lembrança de jogadores sobreviventes que ficaram em meio aos escombros esperando socorro, e o luto coletivo que em pouco tempo “se espalhou pelo Brasil e o mundo” (OS QUE..., 2017, p. 3), em razão da ruptura causada pelo acontecimento. Indica-se ainda o horizonte de “reconstrução” (BARDAWIL, 2017, p. 2), necessária após o ocorrido. Reconstrução da vida de alguns afetados diretamente pelo que ocorreu (como jogadores e jornalistas com atuação ligada a jogos do time, mencionados sem muito destaque pela narrativa) e, principalmente, dos planos da Chapecoense, desde então transformados: “A palavra de ordem mudou de ‘crescimento’ para ‘reconstrução’” (O TRABALHO..., 2017, p. 6). Neste contexto, a descrição e narração se dedica a mostrar um time que “ressuscitou” e ganhou o Campeonato Catarinense em 2017, que está sendo reconstruindo financeiramente, inclusive na expectativa de um horizonte de possíveis discussões e conciliações judiciais.

3.9 A AFETAÇÃO NO RELATO DO *DI*: QUANDO A IMPRENSA É AFETADA PELA TRAGÉDIA

Assim como nas narrativas dos demais jornais analisados, a queda do avião da Chapecoense na construção do *Diário do Iguçu* é um acontecimento que afetou públicos variados (jogadores de futebol, empresários, jornalistas, políticos, órgãos fiscalizatórios), os quais tiveram reações ao ocorrido. De distintas formas e graus variados, eles participaram do luto e da comoção, expressaram formas de solidariedade e união. Destaque para a afetação do próprio jornal e seus profissionais, que ao longo da narrativa, demonstram suas reações por meio de discursos.

Assim como os dois jornais já analisados, o *DI* mostra um acontecimento com amplo poder de afetação. “De todos os cantos do mundo, homenagens foram feitas aos heróis que buscavam o título inédito para o clube e para o estado” (ANA MARIA..., 2016, p. 13). O

ocorrido foi um “choque para o mundo” (MARCELINO, 2016, p. 16), fez “o planeta abraçar a Chape”, fez “o mundo se pintar de verde”, vestir a mesma camisa (SUDATTI, 2016, p. 7), realizar homenagens e expressar solidariedade a vítimas, familiares e clube:

Chapecó, sempre colorida, está cinza. O mundo se pintou de verde. A barraquinha de churros tem uma faixa preta na frente. A Getúlio Vargas repleta de caixas de som, barulhenta, movimentada, se calou. O mundo grita: “que escutem em todo o continente, sempre recordaremos a campeã Chapecoense.” O trecho é da música cantada pela torcida do Atlético-Nacional em homenagem às vítimas que se espalhou pelas redes sociais. Times de futebol de todo o mundo se solidarizaram com as famílias e o clube. Ninguém mais tem time, cor, escudo ou mascote. O planeta vestiu a mesma camisa, saiu com o mesmo uniforme, cantou a mesma música. (SUDATTI, 2016, p. 7)

Também na *descrição e narração* do *DI*, a cidade de Chapecó e os chapecoenses fazem parte de um dos públicos mais afetados pelo acontecido. Desencadearam ações visíveis nos pontos turísticos da cidade: “a Catedral, o monumento do Desbravador e a Arena Condá estavam com faixas pretas em demonstração de luto” (MÚSICA..., 2016, p. 11), pois “muito mais do que um clube e um time de futebol, a Chape era a paixão da cidade e do Oeste catarinense”¹²⁷. A prefeitura e as universidades decretaram luto oficial (de 3 a 30 dias); comemorações e festividades de Natal e Ano Novo foram suspensas; aulas nas escolas municipais, estaduais, parte das particulares, e nas universidades foram canceladas por dois dias; as repartições públicas fizeram ponto facultativo por dois dias (AULAS..., 2016). Na narrativa, o luto coletivo pelo que houve impulsiona formas de fé, união e solidariedade, descritas no dia seguinte (30/11/2016) ao ocorrido desta forma:

No fim do dia de ontem (29), cerca de oito mil chapecoenses se reuniram na Catedral Santo Antônio e arredores para participar de uma missa em homenagem às vítimas da tragédia que envolveu o avião da Chapecoense. A rua Floriano Peixoto, em frente à Igreja, e parte da Getúlio Vargas ficaram bloqueadas para veículos. Pessoas de todas as idades, algumas com velas e faixas de luto atadas nos braços, participaram da cerimônia. Música e orações marcaram a homenagem e, ao fim, o bispo Dom Odelir fez uma bênção especial às famílias das vítimas. Em seguida, os presentes cantaram o hino da Chapecoense e outras músicas de torcida. Após a missa, a multidão caminhou em direção à Arena Condá. [...] No estádio, milhares de pessoas cantavam o nome dos jogadores e um círculo de oração foi formado no centro do campo. (MÚSICA..., 2016, p. 11)

Afetada pelo acontecido, a torcida do time se reúne na Arena Condá para orar e esperar por notícias (MÚSICA..., 2016, p. 11), e, nos dias seguintes, para participar de celebração ecumênica e homenagear os jogadores e demais vítimas. Crianças e adolescentes tentam entender o que aconteceu, manifestam-se em postagens criativas nas redes sociais e/ou

¹²⁷ Fala atribuída pelo *DI* à FCDL/SC, que emitiu nota de pesar e solidariedade.

expressam o sonho de jogar no time quando crescerem (GOBBI; PIVA, 2016, p. 3). Destacam a importância do clube para torcedores e para a cidade: “a Chapecoense estava sendo a felicidade de Chapecó e Santa Catarina”¹²⁸; “conquistou nova geração de torcedores” (ARENA..., 2016, p. 27).

Empresas e entidades empresariais, tanto da região de Chapecó quanto de outras cidades, surgem com certo destaque, na narrativa do *DI*, enquanto públicos tocados pelo acontecimento. Várias se posicionam a respeito, manifestam condolências, cancelam atividades programas, decretam luto e “fecharam as portas em respeito às vítimas” (EMPRESAS..., 2016, p. 24). Destacam tanto a relação histórica de apoio ao time, como no caso da patrocinadora Aurora Alimentos (“fiel apoiadora e parceira desde o tempo em que a Chapecoense era apenas uma promessa”), quanto o papel do clube “para engrandecer o esporte nacional”, caso da Federação das Indústrias de São Paulo (APOIO..., 2016, p. 24), etc. Destaca-se ainda certos aspectos da história dos próprios empresários vítimas da tragédia. Cita-se, entre outros, o “apoiador e patrocinador da Chapecoense”, Davi Dávi; o ex-presidente por duas vezes do clube, “empresário e proprietário do posto De Marco”, Edir de Marco; o “maior presidente da história da Chapecoense”, Sandro Palloro. (GOULART, 2016c, p. 4).

Como nos outros dois jornais, o *DI* mostra o mundo do esporte afetado, com diferentes manifestações e reações acerca do ocorrido. Menciona-se os dirigentes de futebol da própria Chapecoense, como o vice-presidente Ivan Tozzo, que foi o primeiro a chegar na Arena Condá e receber os familiares (“FALEI..., 2016, p. 18); o presidente do Conselho Deliberativo da Chapecoense, Plínio Arlindo de Nes Filho, para quem “o sonho acabou nesta madrugada” (PICCINI, 2016, p. 10). Os clubes de futebol do Brasil e do exterior manifestaram-se pelas redes sociais, por meio da hashtag “Força, Chape” (em português e espanhol), expressaram solidariedade com as famílias e com o time, e afirmaram que seus “corações e pensamentos estão com a Chapecoense”¹²⁹, que o “futebol está de luto”¹³⁰(CLUBES..., 2016, p. 14). Destaca também a postura do Atlético-Nacional – com quem a Chapecoense disputaria a final do campeonato –, que pediu à Conmebol que o time brasileiro fosse declarado campeão (AGÊNCIA ESTADO, 2016, p. 29) e cuja torcida lotou o Estádio Atanásio Girardot para homenagear as vítimas no dia e horário da partida (ARENA..., 2016, p. 27).

¹²⁸ Fala atribuída pelo *DI* à torcedora Renata Scheffer.

¹²⁹ Fala atribuída pelo *DI* ao AC Milan, da Itália.

¹³⁰ Fala atribuída pelo *DI* ao Boca Juniors, da Argentina.

Registra-se ainda reações provocadas na forma de manifestações de entidades do esporte, como a Federação Catarinense de Futebol, em razão da perda de seu presidente na queda do avião, Delfim Peixoto; a CBF, decretou luto oficial por sete dias e adiou as partidas dos campeonatos; e a Fifa afirmou estar profundamente triste e em choque”. Além deles, ex-técnicos e ex-jogadores da Chapecoense, que lamentam e destacam momentos de glória da Chapecoense, assim como os “maiores jogadores da história do futebol”, como Pelé, Maradona, Messi e Neymar, que exaltam a história do clube e expressam apoio às famílias e ao time (AUTORIDADES..., 2016, p. 27)

Atores políticos de âmbito regional, estadual e nacional também aparecem na *descrição e narração* do DI. É o caso do então presidente Michel Temer, que confirmou presença no velório coletivo (PALÁCIO., 2016, p. 20) e outros que lamentam o ocorrido, qualificam “a campanha histórica da Chapecoense” como “motivo de orgulho para todos os brasileiros”¹³¹ (EMPRESAS..., 2016, p. 24), recordam a história do time (AUTORIDADES..., 2016, p. 27) ou definem o acontecimento como uma “fatalidade” que representa “o fim de um sonho”¹³² (“FALEI..., 2016, p. 18).

A queda do avião e suas consequências provocam afetação ainda em outros grupos sociais ou indivíduos que atuam como voluntários. São médicos, enfermeiros, psicólogos e outros profissionais da saúde que acompanham os parentes das vítimas e fazem atendimento especial aos filhos. Moradores de Chapecó também surgem como voluntários diante do ocorrido, a exemplo da professora aposentada Helenice da Silva, que abrigou torcedores de outras cidades que queriam prestar homenagens à Chapecoense, mas não tinham onde ficar.

Em um acontecimento que provocou tanta afetação no mundo esportivo e, além disso, envolveu a morte de profissionais que trabalhavam em mídias, jornalistas e imprensa também se configuram como público tocado pelo ocorrido. Mais do que nas outras duas mídias analisadas, isso é especialmente visível na *descrição e narração* feita pelo *Diário do Iguacu*. Os relatos mostram manifestações de oito redes de televisão, rádio e impressos de partes diferentes do mundo. Cita-se, entre outras, a rádio Caracol, da Colômbia, que foi a primeira a divulgar detalhes sobre a queda do avião; o jornal britânico *Telegraph*, que definiu a Chapecoense como um “time pouco conhecido fora de seu país e que ganhou as manchetes em circunstâncias trágicas”; o norte-americano *The New York Times*, que qualificou o momento da Chapecoense, anterior à queda, como “uma história de Cinderela” (CLUBES...,

¹³¹ Manifestação atribuída pelo DI à nota do Ministério dos Esportes.

¹³² Posicionamento atribuído ao então presidente da Assembleia Legislativa de SC, deputado Gelson Merísio.

2016, p. 14-15). Mostram ainda jornalistas que estiveram no local da tragédia¹³³ e cerca de 900 profissionais da imprensa que participaram do velório coletivo (IMPRENSA..., 2016, p. 8), alguns dos quais relataram a experiência de “cobrir a tragédia em Chapecó”, chamando atenção para a cidade parada e o silêncio diante do ocorrido¹³⁴, a comoção¹³⁵, o engajamento de Chapecó homenageando as vítimas¹³⁶, a solidariedade¹³⁷ e o fato de ser uma cobertura que envolve a morte de amigos jornalistas. Menciona-se ainda as homenagens realizadas às vítimas que trabalhavam na imprensa e recupera-se breves relatos sobre eles, especialmente daqueles que trabalhavam em Chapecó e região.

Um ano depois, a narrativa do *DI* revela um acontecimento que continua reverberando através de algumas ações de vários atores. O clube Chapecoense atua para sua recuperação, tanto em campo como na gestão do futebol e ainda financeira e juridicamente. O *DI* focou-se muito mais no clube de futebol e nas pessoas que o compõem para explicar inclusive questões de responsabilidade e indenizações, ao invés de abrir espaço para famílias, viúvas e associações criadas após o ocorrido – vistas nas narrativas dos outros dois jornais – que cobram respostas, pensões e indenizações da Chapecoense e da Lamia, em pelo menos 15 processos movidos na Justiça até então. Além disso, o clube atua em relação à sua marca, que foi bastante impulsionada pelo acontecimento, com as redes sociais alcançaram 5 milhões de seguidores, o número de sócios dobrou para 14 mil, as franquias de escola de futebol aumentaram para 42, os consulados aumentaram de quatro para 12. Na memória de um ano do acontecimento também, a prefeitura de Chapecó anunciou uma possível modernização da Arena Condá e a Colômbia a criação de uma cápsula do tempo, que virá ao Brasil com mensagens de jogadores e dirigentes, e deverá ser aberta dentro de 40 anos.

A análise do *Diário do Iguazu* revela, portanto, um acontecimento que, a exemplo das outras duas mídias jornalísticas analisadas, também é definido como uma ocorrência trágica, um desastre provocado por falta de combustível no avião, que acaba interrompendo tragicamente o percurso de sucesso e o sonho de um título internacional inédito, acalentado por jogadores, dirigentes do clube, torcedores e de uma cidade. O acontecimento é interpretado também como uma “fatalidade”, embora seja um enquadramento mencionado de

¹³³ Entre eles, Roberto Urrea, o primeiro jornalista que chegou ao local da queda do avião e descreveu o ocorrido como um “acidente muito trágico [...] com um cenário desolador, um panorama muito dramático” (SIMAS, 2016, p. 4).

¹³⁴ Trechos de falas atribuídas pelo *DI* aos jornalistas Francisco Barón, da CNN, e Guilherme Testa, do Correio do Povo.

¹³⁵ Trechos de discursos atribuídos pelo *DI* ao jornalista Janniter de Cordes, da Rádio CBN.

¹³⁶ Trechos de discursos atribuídos pelo *DI* à jornalista Jucimari dos Santos, da RedeTV.

¹³⁷ Trechos de discursos atribuídos pelo *DI* à Gabriela Moreira, do ESPN Brasil.

forma muito pontual, não chegando a configurar uma controvérsia ou disputa de sentidos sobre a interpretação do que aconteceu.

No que se refere à afetação do acontecimento na narrativa do *DI*, o jornal também mostra – como as outras mídias - um acontecimento que tocou e comoveu pessoas e grupos em várias partes do mundo, do Brasil e particularmente Chapecó: torcedores, entidades e jogadores de futebol de outros países que acompanhavam a ascensão do clube; torcida e moradores de Chapecó e região que acompanharam e auxiliaram, com incentivos financeiros, estruturais e morais, na trajetória do clube. Chama atenção na narrativa do *DI*, enquanto diferencial, o destaque que é dado à afetação junto a dois segmentos específicos: jornalistas e imprensa, e empresários e entidades empresariais. Pouco destaque foi dado, especialmente na memória de um ano do acontecimento, aos familiares de vítimas, que demandam na justiça indenizações pelo que aconteceu.

Salvo essas ações judiciais desencadeadas pelas famílias, no *Diário do Iguazu* – como também no *Diário Catarinense* e na *Folha* de S. Paulo – o modo como os diferentes públicos ou grupos sociais antes mencionados se sentem afetados pelo acontecimento remete mais a outro tipo de ações. Elas são relativas principalmente a: 1) expressões de estado de choque, incredulidade, condolências e pesar; 2) homenagens como honras militares e músicas; 3) vivência do luto, como clima de tristeza, orações, lágrimas, gritos no estádio, fechamento de lojas e escolas, e decretos de luto oficial; 4) manifestações de solidariedade, principalmente à Chapecoense e às famílias, expressas através de mensagens ou de gestos como demonstração de apoio e afetos, trabalhos voluntários diversos, renúncias, doações ou anúncio de benefícios para a Chapecoense por parte dos outros clubes de futebol.

3.10 O ACONTECIMENTO NA NARRATIVA DOS TRÊS JORNAIS: SENTIDOS E AÇÕES

A partir da análise realizada nos jornais *Folha de S. Paulo*, *Diário Catarinense* e *Diário do Iguazu* para apreender o modo como a queda do avião que transportava a equipe da Chapecoense foi *descrita e narrada* e como *afetou* públicos ou grupos sociais, desencadeando discursos e ações que também constroem o acontecimento, buscamos neste tópico interpretar o que o conjunto desta análise revela. Procuramos mostrar como se deu, de forma mais ampla, o trabalho de *descrição e narração* da queda do avião, bem como o *poder de afetação* do acontecimento – nossas duas categorias de análise. A partir disso, tentamos explorar algumas respostas para as questões que estimularam esta pesquisa: **1)** que sentidos e ações são

desencadeados pelo acontecimento? **2)** Por que e como ele afeta e repercute consideravelmente na esfera público-midiática; e **3)** o que o acontecimento revela sobre o contexto sociocultural em que surge. Não é nosso objetivo fazer uma análise comparativa entre as narrativas das três mídias jornalísticas estudadas. Interessa-nos, sim, indicar algumas interpretações mais gerais. No entanto, nem sempre a generalização é possível. Por isso, consideramos pertinente e necessário apontar algumas nuances ou diferenças mais significativas na maneira como se dá a *descrição e narração* e a *afetação* produzida pelo acontecimento a partir das narrativas desses jornais.

A análise da *descrição e narração* do acontecimento mostra que a queda do avião foi definida ou interpretada tanto como “acidente” e “desastre” quanto como uma “tragédia”, qualificação que mais se sobressai enquanto “quadro de sentido” (FRANÇA, 2009) utilizado para interpretar ou enquadrar o que aconteceu. Não é, porém, uma tragédia qualquer. É a maior tragédia do esporte no país, para a *Folha*, “o maior desastre aéreo envolvendo times de futebol do mundo, para o *Diário Catarinense*, e também a maior tragédia do esporte mundial para o *Diário do Iguçu*, que a interpretou ainda como a maior tragédia de Chapecó e da comunicação de Santa Catarina, produzindo, assim, sentidos para o acontecimento mais relacionados à localização geográfico-cultural de origem das vítimas e da Chapecoense, bem como a um dos grupos sociais e instituição afetados pelo acontecimento: jornalistas e imprensa. Além destas formas de interpretação do ocorrido, outros sentidos são trazidos por diferentes atores incorporados nas narrativas das mídias estudadas, embora com menos destaque. A queda do avião foi definida ou enquadrada também como uma “fatalidade” (nas três mídias) e até mesmo “crime” e “assassinato” (*Diário Catarinense*).

A análise evidencia, portanto, que não chega a haver uma clara ou ampla disputa de sentidos em torno da definição do acontecimento, interpretado, de forma geral, como a maior tragédia ou desastre do futebol. Tal disputa de sentidos se torna um pouco mais evidente, porém, quando se discute as causas e responsabilidades pelo ocorrido: a pane seca provocada pela falta de combustível, fazendo recair a responsabilização sobre o piloto e a empresa boliviana LaMia, sobre órgãos públicos da Bolívia (*Folha, DC e DI*), ou ainda interpretações que atribuem responsabilidades também à Chapecoense pela contratação da empresa (*Folha e DI*). No centro de tal disputa está uma das principais consequências do acontecimento e um futuro que continua em aberto: quem pagará as indenizações reivindicadas na Justiça por famílias ou sobreviventes.

Se a *descrição e narração* mostra que a interpretação ou enquadramento do acontecimento é o de uma ocorrência trágica definida como a maior do futebol – por causa da morte de 71 pessoas – uma análise ainda mais detida permite entender de forma mais completa o poder de *afetação* deste acontecimento. Por que e como ele afetou tanto e que tipo de ações impulsionou junto àqueles que se sentiram tocados? Como dito antes, não foi uma queda de avião ou tragédia aérea qualquer. Um conjunto de características a tornaram um acontecimento singular: a quantidade de vítimas (71 mortos e sete sobreviventes); idade (a maioria jovem), com uma vida que foi interrompida abruptamente; os vínculos sociais (futebol, imprensa e setor empresarial); a atuação social (atuantes e conhecidas, especialmente em Santa Catarina e Chapecó, onde os jogadores são vistos como “ídeos” e “guerreiros” da cidade, conforme na narrativa do *DI*); e, principalmente, devido ao fator que unia os envolvidos: o futebol, tão valorizado no imaginário popular da maioria dos brasileiros. Além disso, acreditamos que a narrativa ou relato construído a partir do trabalho de descrição das mídias permite entender um outro fator central a singularizar este acontecimento, colaborando para a afetação que ele produziu e a consequente repercussão público-midiática. Trata-se de uma tragédia que causou a interrupção abrupta de uma trajetória vitoriosa e de sonhos de uma equipe de futebol, composta basicamente por jovens do interior, “heróis” em uma cidade que começavam a se projetar nacionalmente. Um time que vinha sendo considerado um exemplo para o futebol do país, em razão da ascensão dentro e fora de campo nos últimos anos; que estava às vésperas de poder conquistar seu primeiro título internacional, cujo jogo decisivo seria disputado na noite seguinte à queda do avião.

Em razão dessas características que tornam este acontecimento singular e o distinguem de outros desastres ou acidentes aéreos similares, a queda do avião da Chapecoense afetou públicos e campos sociais diversificados, e gerou uma série de (re)ações. Tanto os públicos quanto o tipo de ações desencadeadas são mais ou menos semelhantes na narrativa das três mídias analisadas. São torcedores da Chapecoense e moradores de Chapecó; familiares e amigos das vítimas; jogadores, clubes de futebol e entidades dessa área do esporte no Brasil e em outros países, com destaque para a Colômbia, onde o jogo seria realizado; empresários envolvidos no financiamento ou outro tipo de apoio à trajetória da Chapecoense, que ganham destaque especialmente no jornal de abrangência regional, o *Diário do Iguazu*; jornalistas e imprensa, inclusive internacional, em função dos profissionais mortos na queda da aeronave, também mais destacado no *DI*; pessoas ou profissionais especializados como médicos e psicólogos que se voluntariam para auxiliar familiares, torcedores etc. a lidar com o ocorrido; figuras públicas de diferentes áreas, desde a cultura, o esporte e o mundo da política.

As ações desencadeadas também são similares nos jornais analisados. Elas se referem principalmente a: 1) expressões de incredulidade, dor, sofrimento, estado de choque, condolências e pesar; 2) homenagens como honras militares, músicas e símbolos nos estádios, abraço simbólico à Arena Condá; 3) vivência do luto, principalmente de forma coletiva, como clima de tristeza, vigílias, participação em missa, orações, lágrimas, gritos no estádio, fechamento de lojas e escolas, decretos de luto oficial e realização de velório coletivo; 4) manifestações de união e sobretudo de solidariedade, principalmente à Chapecoense, às famílias e moradores da cidade. Tais manifestações ocorreram através de mensagens ou de gestos como demonstração de apoio e afetos, voluntariado de pessoas desconhecidas (cederam suas casas, deram abraços) e de profissionais como psicólogos, psiquiatras, enfermeiros e médicos. Da mesma forma, o adiamento de campeonatos de futebol; a oferta de jogadores de outros clubes para Chapecó; a cedência do título da Copa Sul-Americana por parte do Atlético-Nacional para a Chapecoense; a realização de jogos amistosos para arrecadar recursos ao clube e a familiares; 5) ajuizamento de ações na justiça cobrando responsabilidades e indenização; 6) abertura de investigações por parte de instituições públicas, como o Ministério Público e seus similares na Bolívia, para apurar as causas da queda do avião, enfatizada especialmente na *Folha de S. Paulo*.

Se um acontecimento, conforme a perspectiva pragmatista de Quéré (2005), é caracterizado pela *afetação* que produz e também pelo seu poder de *revelação* sobre o contexto no qual ele surge, podemos tomar esses tipos de ação desencadeada pelos públicos como indicadores importantes a revelar algo sobre a sociedade brasileira e o modo como ela se apropria deste tipo de ocorrência (a recepção pública do acontecimento, conforme Quéré). O acontecimento estudado a partir desta análise não chega a provocar um debate público (ao menos não é perceptível na cobertura das mídias analisadas), a respeito de certas questões coletivas reveladas pela queda do avião. É o caso da falta de controle e fiscalização e o respeito a normas básicas de segurança por parte de empresas públicas e privadas encarregadas desse tipo de transporte de passageiros, assim como a demora na conclusão de investigações acerca de responsabilidades sobre o ocorrido. Ainda que a análise não evidencie um destaque à discussão pública desses problemas que atingem a coletividade, não é possível afirmar aqui que tal debate não tenha ocorrido no transcurso do acontecimento. É possível que tenha existido – e outras pesquisas com outras metodologias poderiam investigar sua existência ou não em outros espaços não jornalísticos, tais como as mídias sociais.

Pela narrativa das mídias analisadas nesta pesquisa, o acontecimento provoca, principalmente, um conjunto de ações mais ligadas à expressão pública de sentimentos de tristeza, afeto, comoção geral e vivência coletiva da dor e do luto pela perda (das pessoas que morreram, do time prestes a realizar o sonho de um título importante). Da mesma forma, provoca a materialização de valores como a união e a solidariedade em ações mais voltadas a dar conta da urgência em recompor a normalidade que foi rompida pelo acontecimento: manifestações de apoio, voluntariado, destinação de certos benefícios ou doações a familiares e clube etc. Não se observa, nas narrativas, ações coletivas voltadas ao debate e cobrança de responsabilidades em relação ao respeito a normas que garantam a segurança e a vida. Nem as mídias analisadas – com certa exceção para a *Folha* – abordaram muito ou insistiram na discussão do tema.

Por fim, retomando a *descrição e narração* da queda do avião, é importante observar a construção da temporalidade do acontecimento, ou seja, o modo como a ocorrência presente (a queda e seus desdobramentos) faz lembrar certos passados e abrir possíveis futuros. Dentre os futuros abertos pelo ocorrido, destaca-se na análise: o recomeço das famílias e dos sobreviventes em novos projetos de vida e/ou profissionais (principalmente na *Folha* e *DC*): a reconstrução do time de futebol (especialmente no *DI*, que não dá muito destaque às famílias); e a incerteza em relação ao resultado das investigações sobre as causas e responsabilidades e das ações judiciais cobrando indenizações, um pouco mais evidente na *Folha* de S. Paulo.

Já em relação ao passado que é lembrado a partir do acontecimento presente, é interessante observar o quanto uma ocorrência como a queda do avião que transportava a equipe da Chapecoense tem um potencial para estabelecer relação com outros acontecimentos e, assim, alimentar a memória coletiva. Isso aparece no *Diário Catarinense* e, sobretudo, na *Folha*, sendo praticamente inexistente no *Diário do Iguaçu*. Percebe-se que experiências ou acontecimentos passados são convocados para cumprir algumas funções. Entre elas, ajudar a compreender e explicar as causas da queda do avião e possíveis responsabilidades (o passado da empresa LaMia, obscuro, segundo o *DC*, ou marcado por descumprimento de normas, conforme a *Folha*); dar uma biografia ou recuperar a história, mesmo breve, de vítimas ou personagens importantes (*DI*), do time (suas conquistas) e da cidade (*Folha* e *DC*), com seus próprios acontecimentos marcantes, como o incêndio na igreja de Chapecó em 1950; ajudar a interpretar e definir o acontecimento (o passado de acidentes aéreos, principalmente no mundo do futebol), dar-lhe uma dimensão (a maior tragédia da história do futebol) ou ainda buscar semelhanças e diferenças (o incêndio na Boate Kiss). Além de auxiliar na compreensão do próprio acontecimento presente, a recuperação dessas ocorrências passadas

faz pensar o importante papel dos acontecimentos da atualidade (e da cobertura feita pelo Jornalismo) na (re)elaboração permanente da memória coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de Mestrado surgiu dos anseios e questionamentos que apareceram a partir de 29 de novembro de 2016, data em que fui acordada com a notícia da queda do avião da Chapecoense. Mesmo não sendo adepta ao futebol, moro em Chapecó praticamente a vida toda e na época já trabalhava há 10 anos com Jornalismo. Nos cinco dias que se seguiram, após a notícia, auxiliei na cobertura jornalística para diversos veículos de comunicação e organizei uma homenagem aos colegas e amigos que trabalhavam na imprensa e morreram na queda do avião. Até hoje, penso que alguns deles não morreram, que vou ligar a televisão, o rádio ou abrir o jornal e ver ou ler os textos deles.

Diante de tudo que presenciei naqueles dias e nos meses que se seguiram, meus questionamentos e anseios individuais tornaram-se mais amplos e coletivos; tanto que resultaram nesta pesquisa de Mestrado. Assim, esta dissertação dedicou-se a estudar a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol e o modo como este acontecimento reverberou através de narrativas jornalísticas produzidas logo após a ocorrência e um ano depois. Busquei compreender os sentidos e ações desencadeados pelo acontecimento, por que e como ele afetou e repercutiu tanto na esfera público-midiática, e o que poderia revelar sobre o contexto sociocultural brasileiro.

Para responder a estes questionamentos, a trajetória da pesquisa iniciou com outra grande pergunta: por que normalmente se qualifica este tipo de ocorrência como uma tragédia? Afinal, o que é tragédia? A busca por respostas concentrou-se em pesquisa bibliográfica de estudos feitos no campo da Comunicação e do Jornalismo, nos últimos dez anos, tanto no Brasil quanto no exterior. A partir da análise de 126 artigos acadêmicos, dissertações e teses, identificamos que a nomeação de tragédia é dada a certas ocorrências como as quedas de avião, fenômenos naturais, assassinatos, incêndios, ou ainda a casos individuais que chamaram a atenção da sociedade. Porém, em boa parte dos estudos, o termo é utilizado principalmente como sinônimo para este tipo de ocorrência, sem uma preocupação maior em conceituar o que é uma tragédia.

Detivemo-nos em 10 pesquisas que trataram do tema de uma forma mais reflexiva e nas quais encontramos contribuições para caracterizar o que é uma tragédia. Conforme estes estudos, uma tragédia teria as seguintes características: 1) é singular; 2) extrapola a lógica racional; 3) envolve morte, geralmente em grande número; 4) desestrutura o ambiente e instaura a incerteza; 5) pode balançar a identidade nacional, sendo que a mídia auxilia na reconstrução desta identidade; 6) pode ser pública ou privada, sendo que a primeira causa

danos (físicos e psicológicos) para a comunidade e requer rede de apoio social, e a privada estressa, causa sofrimento individualmente; 7) desperta o terror, o sofrimento, o alerta, o pedido de socorro; 8) desperta também a união, a solidariedade e, por último, a necessidade de reabilitação e reconstrução. A partir disso, finalizamos o primeiro capítulo esboçando um conceito próprio: uma tragédia é um tipo de acontecimento caracterizado por uma ruptura negativa na experiência coletiva, que implica em vítima(s), sobretudo fatais, que gera incertezas em função das possíveis consequências, que tende a desencadear uma intensa repercussão pública e midiática, e a impulsionar um conjunto de comportamentos e práticas que colaboram com a afirmação de valores sociais, a recomposição da experiência rompida e a renovação da sociedade.

A partir da compreensão de que o jornalismo é uma prática comunicacional que está em profunda relação com a sociedade e com a cultura na qual ele é praticado, alimentando e sendo alimentado pelos valores vigentes (SILVA; FRANÇA, 2017), consideramos que as coberturas midiático-jornalísticas de acontecimentos qualificados como tragédias têm, portanto, um papel importante nesta (re)elaboração coletiva da sociedade, suas práticas e seus valores. Assim, observar as narrativas jornalísticas produzidas sobre este tipo de acontecimento é, ao mesmo tempo, observar a cultura e a sociedade, suas práticas, seus valores, os sentidos que atribuí ao que acontece, as ações que realiza para a reelaboração permanente da vida social, para a organização cotidiana da experiência individual e coletiva, às vezes desestruturada por acontecimentos considerados trágicos, como a queda de um avião.

Considerando, então, que uma tragédia é uma forma de qualificar uma ocorrência que, por suas características, principalmente de ruptura no curso da experiência cotidiana, é um acontecimento, buscamos na discussão deste conceito a fundamentação central para o estudo da queda do avião da Chapecoense. Trata-se de um conceito importante nos estudos da Comunicação e do Jornalismo, com uma crescente produção acadêmica a respeito, inclusive no Brasil, conforme mostramos. Em muitos desses estudos, porém, o acontecimento acaba sendo reduzido quase a um sinônimo de notícia (um fato transformado em notícia pelo jornalismo) e limitado a uma perspectiva midiacêntrica, que entende o acontecimento como mera construção discursiva das mídias e do jornalismo, consideradas instâncias poderosas e praticamente os únicos atores na construção social dos acontecimentos (FRANÇA, 2012; SILVA, 2013).

Por entender que um acontecimento tem, além desta dimensão discursivo-narrativa, uma dimensão concreta, da experiência e das práticas de diferentes atores, buscamos na

concepção de acontecimento de Louis Quéré (2005) a base para a construção de nosso modelo de análise da queda do avião da Chapecoense em narrativas jornalísticas. O autor enfatiza o lugar do acontecimento na organização da experiência, individual e coletiva, destaca duas características marcantes de um acontecimento – o seu poder de afetação e o seu potencial de revelação – bem como o fato de que um acontecimento não se limita à construção das mídias, mas passa por um processo coletivo de constituição social e simbólica, através do qual ele é individualizado ou singularizado, ganhando sentidos e identidade enquanto um acontecimento único, singular. Esse processo envolve certas etapas fundamentais como a descrição e narração do acontecimento feita por diferentes atores; a dimensão pragmática ou modo como eles reagem ao ocorrido com posicionamentos e ações; a formação e discussão de questões coletivas ou problemas públicos, entre outras (FRANÇA, 2009, SILVA, 2013, SILVA; SIMÕES, 2014).

Entendemos que esta “concepção mais densa de acontecimento” (FRANÇA, 2012, p. 35) permite observar e analisar tanto o trabalho de construção discursivo-narrativa que as mídias jornalísticas produzem sobre as ocorrências da atualidade quanto a participação de outros atores no processo coletivo de constituição dos acontecimentos, a partir de seus discursos, posicionamentos e ações que aparecem nos relatos jornalísticos (SILVA; MENIN, 2018). Foi o que procuramos fazer ao adotar esta concepção para compreender e analisar a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol e o modo como esta tragédia reverberou na sociedade e na cobertura das mídias.

Assim, extraímos da discussão feita por Quéré (2005) sobre o processo de individualização e sobre as duas características marcantes de um acontecimento – o seu poder de afetação e o seu poder de revelação – os elementos para apreender as ações e os sentidos produzidos sobre a queda do avião, compreender por que este acontecimento afetou tanto e o que ele revela de nosso contexto sociocultural. Construimos, a partir disso, duas categorias de análise: 1) *Descrição e narração*, a fim de verificar como as mídias jornalísticas analisadas e/ou os diferentes atores sociais citados em suas narrativas, descreveram e interpretaram o acontecimento, dando sentidos ao ocorrido, e também como a narração constrói uma temporalidade (passados e futuros) para o acontecimento, 2) *Poder de afetação*, explorando a forma como o acontecimento afeta ou toca a experiência de indivíduos e/ou coletividades, que reagem ao acontecimento através de discursos e ações.

Aplicamos esta grade analítica em um *corpus* constituído por 146 textos jornalísticos publicados, logo após o acontecimento e um ano depois, nos jornais *Folha de S.Paulo* (circulação nacional), *Diário Catarinense* (Estado de Santa Catarina) e *Diário do Iguazu*

(Chapecó e região), e encontramos que a queda do avião da Chapecoense não chegou a explicitar uma disputa de sentidos em torno da interpretação do que aconteceu. Na descrição e narração das mídias verificou-se que a ocorrência foi predominantemente definida como a maior tragédia da história do futebol, embora com variações em algum dos jornais. Outras definições distintas também aparecem, como de desastre ou acidente trágico – normalmente usados pelas mídias como sinônimo para tragédia – e ainda como “fatalidade”, quase desígnio, “crime” e “assassinato”, mas elas não ganham destaque. A disputa interpretativa ocorre nos momentos em que se avança na discussão sobre as causas e responsabilidades sobre a queda da aeronave, o que envolveria responsabilização de atores como o piloto, morto na queda, a empresa LaMia, da qual ele também era sócio, e até mesmo a Chapecoense, pela contratação de uma empresa com um histórico de problemas em voos. O que está no centro desta disputa é a quem caberá a responsabilidade pelo ocorrido e por possíveis indenizações a familiares e sobreviventes, reivindicadas desde então na justiça.

Ainda no que se refere ao processo de *descrição e narração*, é importante retomar aqui também o modo como o acontecimento constrói a sua temporalidade: recuperando passados, abrindo possibilidades de futuros. No que se refere aos futuros, destaca-se tanto o horizonte de incertezas sobre as ações judiciais impetradas por familiares e/ou os novos projetos de vida e de superação da experiência vivida, quanto, o futuro de reconstrução do time da Chapecoense, que, em mídias como o *Diário do Iguaçu* ganha até mais destaque que o futuro das famílias das vítimas. No que se refere ao passado, é importante observar como o acontecimento presente faz rememorar ações ou ocorrências passadas que cumprem distintos papéis: ajudar a explicar o próprio acontecimento, suas causas e dimensões; ajudar a defini-lo, interpretá-lo, a partir do que ele tem de semelhante e de singular em relação a outras ocorrências similares.

Assim, o que tornaria a queda do avião da Chapecoense um acontecimento singular, único, na comparação com seus semelhantes, ao ponto de ser interpretado como a maior tragédia da história do esporte (nacional e mundial), de produzir a afetação de vários públicos no Brasil e no exterior e gerar tanta repercussão público-midiática? Pela análise realizada, entre os fatores que contribuíram para este poder de afetação estão certamente o número de mortos (71) e os seus vínculos com o mundo do futebol, da imprensa e do empresariado. Mas, conforme as narrativas jornalísticas analisadas, destaca-se também a ruptura provocada pelo acontecimento na trajetória de sucesso de um time do interior do Brasil. Um time em plena ascensão no mundo do futebol, com a simpatia e apoio de diferentes torcidas e motivo de

orgulho de sua cidade (Chapecó), que viajava para o jogo decisivo, no qual tinha possibilidades de conquistar seu primeiro título internacional, quando a queda do avião interrompeu abruptamente este percurso, matando jogadores, dirigentes, empresários e jornalistas.

A afetação provocada por este acontecimento sobre públicos ou grupos de distintos campos sociais (torcedores, jogadores, familiares e clubes de futebol, inclusive de outros países; moradores e empresários de Chapecó e região; jornalistas e imprensa; figuras públicas, entre outros) não chega, porém, a desencadear um tipo de ação coletiva ou uma problematização, nas narrativas jornalísticas, sobre as causas e as responsabilidades pela queda, principalmente no campo da justiça. De modo geral, as menções ao problema das responsabilidades limitaram-se ao registro mais factual em alguns dias da cobertura midiática analisada, sem um debate mais sistemático e de continuidade. A própria demora na conclusão das investigações por parte de autoridades públicas, e de cobrança por parte das mídias quando tratam do assunto, é ilustrativo da falta de discussão sobre o problema e da falta de resposta a famílias que buscam a reparação, via justiça, pela morte de parentes. Entendemos que a ausência deste tipo de debate, no âmbito das mídias jornalísticas, em um acontecimento desta magnitude, é revelador do modo como a sociedade brasileira, ou segmentos dela, se apropriam deste tipo de acontecimento e adotam determinados tipos de comportamentos e ações – e não outros – para lidar com questões coletivas reveladas pelo acontecimento: o descumprimento a normas básicas de segurança no transporte de passageiros, a omissão de organizações públicas e privadas responsáveis por assegurar a segurança.

Se, por um lado, a afetação produzida pela queda do avião da Chapecoense não chegou a desencadear este tipo de ação e de debate (ao menos pelo observado nas três mídias analisadas), por outro, desencadeou um conjunto de ações que revela o quanto este tipo de acontecimento (a tragédia, a morte) são apropriados socialmente como momentos para a afirmação de valores - com destaque aqui para a solidariedade ao outro e a união diante da dor e da perda –, e para a experiência pública e coletiva diante de rupturas como as provocadas pela morte. A expressão pública de solidariedade e união ocorreu de várias formas, como mensagens ou de demonstrações de apoio e de afeto, trabalhos voluntários diversos, renúncias e/ou doações em favor do outro atingido pela ocorrência trágica, assim como a organização de eventos ou rituais para a vivência coletiva do sofrimento, da dor e da perda, como vigílias, luto e velório coletivos.

Pelo percurso realizado nesta investigação e os resultados antes expostos, acreditamos ter cumprido, ao final desta pesquisa, o objetivo de identificar sentidos e ações

desencadeados pela queda do avião que transportava a equipe da Chapecoense, os motivos pelos quais ele afeta e repercute tanto na esfera público-midiática, e o que ele revela sobre o contexto sociocultural em que surge. Consideramos ter indicado respostas às principais questões deste estudo. Como se trata de temática vasta e rica, porém, há um conjunto de novas investigações que podem ser feitas posteriormente. Destacamos ao menos três. Uma das mais interessantes é investigar mais detidamente o papel de acontecimentos deste tipo na atualização de valores sociais, como solidariedade, que apareceu de maneira constante na narrativa dos três jornais analisados, explorando, ao mesmo tempo, a mediação realizada pelo jornalismo neste processo. O mesmo pode ser dito sobre a relação entre acontecimento e vivência coletiva da perda e do luto ante a morte. Outra possibilidade de pesquisa é a preparação e o envolvimento (físicos, psicológicos) de profissionais de imprensa na cobertura jornalística de tragédias – temática que apareceu nas pesquisas internacionais e, durante as análises, foi possível perceber o quanto o próprio jornalismo e os jornalistas pareceram impactados diante do acontecimento. Cita-se ainda como possibilidade investigativa o papel dos acontecimentos da atualidade (e da cobertura feita pelo Jornalismo) na elaboração permanente da memória coletiva.

Acreditamos que a abordagem teórica de acontecimento adotada nesta pesquisa, inspirada na perspectiva pragmatista e na importância que dá à experiência e à ação dos sujeitos (QUÉRÉ, 2005, 2012; FRANÇA; LOPES, 2017; SILVA, 2011, 2013; SILVA; SIMÕES, 2014), permite observar, através e para além das narrativas midiáticas construídas, a ação de vários outros atores – ou “públicos” – que participam da constituição do acontecimento com variadas práticas, posicionamentos, formas de interpretar o acontecido. Enfatizar a importância da ação de outros atores na constituição social e simbólica de uma ocorrência como a queda do avião da Chapecoense não significa negligenciar o papel da construção narrativa feita pelas mídias jornalísticas. Afinal, é através das narrativas construídas pelas mídias que temos acesso ao acontecido, com as ênfases, exclusões, silenciamentos, hierarquias, etc, próprias do trabalho de seleção realizado pelos processos e rotinas do Jornalismo. Outras metodologias, envolvendo, por exemplo, entrevistas em profundidade, mídias alternativas, mapeamento de atores e suas formas de participação na constituição do acontecimento em sites de redes sociais e outros espaços, possivelmente permitiria observar outros públicos e ações, discussões, interpretações, ênfases. Seria também uma pesquisa instigante, que soma contribuições às que acreditamos trazer com o presente trabalho. Ainda assim, também estaria dependente da mediação de narrativas de outros atores

e seus meios de informação, já que não se tem acesso completo ao acontecimento e seus desdobramentos.

Seguindo o defendido por Silva e França (2017), nos distanciamos de um “construcionismo radical” – que pressupõe que tudo é construção, como se o fato não existisse, somente a narrativa do fato (SILVA; FRANÇA, 2017, p.04) -, e lembramos aqui o discutido por Louis Quéré (2012) sobre as “duas vidas” do acontecimento. Ambas estão imbricadas, mas, para efeitos de compreensão e análise, a primeira vida do acontecimento se refere à sua dimensão sensível, o fato ocorrido, que atinge e afeta; e a segunda vida, relativa ao acontecimento como objeto, transformado pela linguagem, narrado, simbolizado: “o jornalismo constituiu uma ‘segunda vida’ do acontecimento, construindo a sua narrativa. Não podemos negligenciar a primeira vida do acontecimento, sua existência sensível que afeta, que faz falar. Nem pensar na segunda vida como simples reflexo da materialidade que nos toca, minimizando os enquadramentos, os elementos de inteligibilidade acionados para interpretar os fatos do mundo que, por sua vez, são da ordem da cultura” (SILVA; FRANÇA, 2017, p. 04)

Assim, entendemos que o diferencial e contribuição da análise de um acontecimento como a queda do avião da Chapecoense a partir da abordagem teórica e modelo adotados nesta pesquisa, é radiografar e mostrar os diferentes atores, que, com suas ações, posicionamentos, interpretações, participam também da constituição do acontecimento e são incorporados, com diferentes espaços e destaques, pela própria narrativa midiática realizada. Tal perspectiva permite lançar luz sobre esses outros atores e suas práticas, os valores que estão impulsionando suas ações e fundamentando suas interpretações - o que, por sua vez, nos informam também acerca da própria cultura e sociedade brasileira atual. Permite, portanto, ver mais do que a cobertura e construção jornalística, suas rotinas e formas de produção, sem, no entanto, desconsiderá-la.

Por fim, cabe-nos relatar que ao término desta pesquisa, em novembro de 2019, se passaram três anos da tragédia com atletas e dirigentes da Chapecoense, empresários, profissionais da imprensa e tripulantes. Em outubro deste ano, as seguradoras da aeronave Tokyo Marine e Bisa ofereceram cerca de R\$ 900 mil para cada família, provenientes de um fundo humanitário, desde que elas desistam das ações na Justiça. O acordo foi aceito por 23 famílias, mas por outras 48 não. Estas criticam os pronunciamentos das seguradoras, que definiram o ocorrido de “incidente” e afirmaram que o pagamento é feito por “compaixão”, já que não teriam responsabilidade legal de fazê-lo, pois a empresa LaMia não estava segurada para aquela situação. Em novembro também deste ano, o Senado brasileiro criou uma

Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para pressionar os pagamentos das indenizações, que seriam de cerca de R\$ 16 milhões para cada envolvido, segundo cálculos dos familiares.

Três anos depois, então, o clube de futebol parece ter se reerguido, os sobreviventes estão tocando suas vidas, mas a maioria das famílias das vítimas fatais ainda não foi indenizada pela empresa aérea. Isso mostra não apenas mais uma revelação significativa do acontecimento, como também o modo como ele continua a acontecer – como nos diz Quéré (2005) – enquanto continuar afetando a experiência dos sujeitos ou enquanto persistirem as questões coletivas e problemáticas que ele revelou.

REFERÊNCIAS

- AKINRO, Ngozi. **Media and conflict management in Nigeria: analysis of war and peace frames in the boko haram crisis coverage**. Tese (Doutorado). Universidade de Benin. 2006.
- AKIRA, Harada et al. How Did the Media Report on the Great East Japan Earthquake? Objectivity and Emotionality Seeking in Japanese Media Coverage. **PLoS One**. San Francisco (EUA). Vol. 10, Ed. 5, 2015.
- ALSINA, Miquel. **A Construção da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- ALSINA, Miquel. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 2005.
- ALTIVO, Bárbara et al. Agendamento, enquadramento e noticiabilidade. BENETTI, M.; FONSECA, V. P. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. p. 187-217. Florianópolis: Insular, v. 1, 2010.
- AMARAL, Márcia; POZOBON, Rejane; RUBIN, Anaqueli. Modos de endereçar a tragédia: indignação, testemunha e piedade. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Lumina*, Juiz de Fora, v.4, dezembro 2010. ISSN 1981-4070.
- ANTUNES, E.; LEAL, B. S.; VAZ, P. B. **Jornalismo e Acontecimento: percursos metodológicos**. Florianópolis: Insular, v. 2, 2011.
- ARQUEMBOURG, J. O mito de Pandora revisitado. In: DAYAN, D. **O terror do espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.
- AZEVEDO, A. C; MARTINS, M. A perda da essência trágica na cobertura jornalística da queda do voo AF 447. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, Curitiba, Setembro 2009.
- BABO-LANÇA, I. Reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional. **Conferência de abertura do I Colóquio de Imagem e Sociabilidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- BACKHOLM, Klas; BJORKQVIST, Kaj. Journalists' emotional reactions after working with the Jokela school shooting incident. **Media, War & Conflict**. v. 5(2) 175–190. DOI: 10.1177/1750635212440914, 2012.
- BALLENGEE, Jennifer. Death, Catastrophe, and the Significance of Tragedy. **Nano: New American Notes Online**. In: <http://bit.ly/2XGu9I8>, 2014.
- BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. Jornalismo como sistema de alerta: integração entre mídia social e imprensa na tragédia de Santa Maria. **XXII Encontro Anual da Compós**, Bahia, Junho de 2013.
- BATESON, G.; RUESCH, J. (1988). **Communication et société**. Paris: Seuil.
- BHATTACHARYA, Sandhya. **The global impact of terror: 9/11 and the india-pakistan conflict**. Tese (Doutorado). Universidade do Estado da Pensilvânia. 2008.
- BAYNARD, Carimanda. **Covering Katrina: "the Washington Post," "the New York Times, and the sociology of disaster**. Tese (Doutorado). Universidade Americana de Washington. 2010.
- BENETTI, M.; FONSECA, V. P. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, v. 1, 2010.

- BENETTI, Márcia. A apropriação discursiva da morte pelo leitor. In: **Jornalismo e Acontecimento**: diante da morte. p.149-168. Florianópolis: Insular, v. 3, 2012.
- BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. p.143-164. Florianópolis: Insular, v. 1, 2010.
- BENETTI, Márcia; FINATTO, Paulo; STORCH, Laura. Jornalismo de revista, meta-acontecimento e dispositivo de autoridade. In: ANTUNES, Elton; LEAL, Bruno; VAZ, Paulo Bernardo (orgs). **Jornalismo e acontecimento**: percursos metodológicos. p. 55-78. Florianópolis: Insular, 2011.
- BERGER, C.; MAROCCO, B.; HENN, R. **Jornalismo e Acontecimento**: diante da morte. Florianópolis: Insular, v. 3, 2012.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, M; FONSECA, V. (Org.) **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121-142.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge**, Estados Unidos: Anchor Books. 1966.
- BERKOWITZ, Dan; LIU, Zhengjia. Media errors and the ‘nutty professor’: Riding the journalistic boundaries of the Sandy Hook shootings. **Journalism**. Vol. 17(2) 155–172. 2014.
- BERTOL, Sônia R.; REBONATTO, Vera L. A midiaticização da tragédia na boate Kiss em capas do jornal Zero Hora. **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Foz do Iguaçu (PR), Setembro de 2014.
- BORAWSKI, George. **CNN’S Iraq war coverage: a discourse perspective**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Nordeste de Illinois. 2016.
- BORTOLI, Jocélia da S. **“Caso Isabella”: repetição e diferença na construção do acontecimento midiático**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo (RS), 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1998.
- BRANDALISE, Roberta; NEGRINI, Michele. Os critérios de noticiabilidade no telejornalismo: uma reflexão a partir da tragédia de Santa Maria. In: **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**. Vol. 2, n. 1, p. 74-90, Ponta Grossa – PR, 2015.
- BRITTEN, Robert. **The face of what came after: memorialization of september 11 in news images and the Shanksville site**. Tese (Doutorado). Universidade de Missouri-Columbia. 2008.
- BRYAN, Annie; LORENZO-DUS; Nuria. Recontextualizing participatory journalists’ mobile media in British television news: a case study of the live coverage and commemorations of the 2005 London bombings. **Discourse & Communication**. 5(1) 23–40. DOI: 10.1177/1750481310390164. 2011.
- BUENO, Wilson Costa. A cobertura jornalística de catástrofes ambientais: entre a vigilância e a espetacularização da notícia. **C&S – São Bernardo do Campo**. v. 39, n. 1, p. 21-41, jan./abr. 2017

BURR, Priscilla. **The Kenya Westgate Attack: The Role of Newspapers in the Portrayal of Peace and War through Journalism, with a Comparison to 9/11.** Dissertação (Mestrado). Universidade Regent. 2017.

BUTLER, Enelda. **After the Storm: A Case Study of Tuscaloosa, Alabama's Communication Response to the April 27, 2011 Tornado.** Dissertação (Mestrado). Universidade da Carolina do Norte (EUA). 2012.

CALLOWAY, Candance. **News Media, Black Women, and Hurricane Katrina: Comparing Localized Content to Local Perceptions.** Tese (Doutorado). Universidade de Howard. 2009.

CAMPOS, Maira Lobato. Caso Yoki: Uma análise à luz do conceito de acontecimento. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, São Paulo, Jul. 2013.

CAPELATO, Maria Helena; MOTA, Carlos Guilherme. **História da Folha de S. Paulo (1921-1981).** São Paulo: Imprensa, 1981.

CARVALHO, Anabela. Discourse analysis and media texts: a critical reading of analytical tools. **Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.** Apresentado na 33ª reunião da Associação Internacional de Sociologia. Out. 2000.

CARVALHO, Daniel S. S. A criança síria e a Chapecoense: solidariedade, cooptação e oportunismo. **Revista Posição**, 2017.

CARVALHO, Douglas Elias. **O caso Samarco no Jornal Nacional: narrativa e personagens do maior desastre socioambiental do Brasil.** Dissertação (Mestrado). 2018. 116 f. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CHAMPAGNE, P. La construction médiatique des "malaises sociaux". **Actes de la recherche en Sciences Sociales**, v. 90, p. 64-76, 1991.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

CONTRERA, Malena. **Jornalismo e realidade – A crise da representação do real e da construção simbólica da realidade.** São Paulo: Mackenzie, 2004.

COSENZA, Bárbara C. Discurso sobre uma tragédia sem imagens: Le Figaro e a cobertura do voo AF 447. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, setembro de 2009.

COUTINHO, I; MATA, J. A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 10, n. 2, Julho-Dezembro 2013. ISSN 1984-6924.

CRANFIELD, Joseph. **The utilization of information operations coupled with agenda setting and integrated marketing communication in the prevention of genocide, mass atrocities and or mass killings.** Dissertação (Mestrado). Universidade de Missouri. 2011.

CRISP, Jeremy. **Media framing, proximity and spheres: the media account before and after the august 21, 2013 syrian chemical attack.** Dissertação (Mestrado). Universidade de Gonzaga. 2013.

DAGGETT, Chelsea. **What We Don't Know: The Media Legacy of the Columbine Massacre and Present-Day Prevention.** Tese (Doutorado). Universidade de Colorado. 2017.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

DELEVATI, Ananda. Campos sociais na cobertura de desastres: uma análise da revista Istoé na tragédia da região serrana do Rio de Janeiro. **XIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul**, Caxias do Sul, Junho 2013.

DIAS, André Bonsanto. “64- Brasil continua”: História, memória e as impressões da Folha de S. Paulo sobre o golpe militar de 1964. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** - v.2, n.1, jan.2013/jun.2013 - ISSN 2238-5126.

DOURADO, Flávia M.; SILVA, Gislene. O método análise de cobertura Jornalística na compreensão do crack como acontecimento noticioso. In: ANTUNES, Elton; LEAL, Bruno; VAZ, Paulo Bernardo (orgs). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. Florianópolis: Insular, 2011, v. 2, p. 37-54.

DOWNMAN, Scott. Reporting disasters from inside a repressive regime. **Australian Journal of Communication**. v. 40 (1), 2013.

ECKLER, Petya; KALYANGO, Yusuf. International journalists’ expectations from the US media coverage of Hurricane Katrina. **Journalism**. v. 11(3) 277–292. DOI: 10.1177/1464884909360920. 2010.

ENTMAN, Robert. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. **Journal of Communication**. v. 43, nº 4, p. 51-58, 1993.

EPKINS, Heather. **Media framing of terrorism: views of “front lines” national security prestige press**. Tese (Doutorado). Universidade de Maryland. 2011.

ETGES, Hélio; OLIVEIRA, Vanessa. O discurso do jornal Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss. **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, Foz do Iguaçu, Setembro de 2014.

FALKHEIMER, Jesper; OLSSON, Eva-Karin. Depoliticizing terror: The news framing of the terrorist attacks in Norway, 22 July 2011. **Media, War & Conflict**. Vol. 8(1) 70–85. DOI: 10.1177/1750635214531109. 2014.

FARINOSI, Manuela; TRERÉ, Emiliano. Challenging mainstream media, documenting real life and sharing with the community: An analysis of the motivations for producing citizen journalism in a post-disaster city. **Global Media and Communication**. Vol. 10(1) 73–92, 2014.

FERRACIOLI, Paulo; SAMPAIO, Rafael Cardoso; FONTES, Giulia Sbaraini. Molduras de uma tragédia anunciada: enquadramentos do desastre de Mariana. Intercom, **Rev. Bras. Ciênc. Comunicação** [online]. 2017, vol.40, n.3, pp.55-72. ISSN 1809-5844.

FLORES, Isadora Gomes. A tragédia do voo da Chapecoense e o gatekeeper do Catraca Livre. **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Caxias do Sul, Junho 2017.

FRANÇA, Renné; VAZ, Paulo Bernardo. Através do Espelho: o acontecimento Isabella na revista Veja. **Logos 30 - Tecnologias de Comunicação e Subjetividade**, Janeiro-Julho 2009.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. In: **Galáxia**, São Paulo [Online], n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

FRANÇA, Vera. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. **VI Congresso SOPCOM**, Lisboa, Universidade Lusófona, 2009.

FRANÇA, Vera. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. **Caleidoscópio**, p. 59-72, 2011.

FRANÇA, Vera; LOPES, Suzana. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. In: **Matrizes**, São Paulo, v.11, n. 3, p. 71-87, set./dez. 2017.

FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, L. D. (Orgs). **Acontecimento: Reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FRANÇA, Vera; SILVA, Terezinha.; VAZ, Geraldo Frances F. Enquadramento. In: FRANÇA; B.G. MARTINS; A.M. MENDES, **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte, UFMG, p. 82-85, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2012.

GUIMARÃES, Isabel Padilha; ORELLANA, Carlos. Tragédia e solidariedade direcionada no discurso jornalístico. **36º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, Manaus, 2013.

HA, Eun; LEE, Mina; PAE, Jung. The exposure to traumatic events and symptoms of posttraumatic stress disorder among Korean journalists. **Journalism**. p. 1–18. DOI: 10.1177/1464884917707596. 2017.

HALLIN, Daniel (1986). *The Uncensored War: The Media and Vietnam*. New York. **Oxford University press**. pp. 116–118. ISBN 978-0-19-503814-9.

HAYES, Rebecca; SMUDDE, Peter; WADDELL, Julia. Our thoughts and prayers are with the victims: Explicating the public tragedy as a public relations challenge. **Public Relations Inquiry**. Vol. 6(3) 253–274. DOI: 10.1177/2046147X16682987. 2017.

HENN, Ronaldo. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, M; FONSECA, V. (Org.) **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 77-93.

HENN, Ronaldo. O acontecimento em sua dimensão semiótica. **VII Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo (SBPJor)**, São Paulo, Novembro 2009.

HENN, Ronaldo. O ciberacontecimento. In: MEDITSCH; SILVA; VOGEL. **Jornalismo e Acontecimento: Tramas conceituais**. Insular, v. 04, p. 31-48. Florianópolis, 2013.

HERBIN, Victor. **Silent Voices: The New York Times And The Washington Post Coverage Of The Rwandan Genocide And The American Response**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Missouri. 2011.

HIGGINS, Michael; SMITH, Angela. The convenient ambiguity of ‘tone’: Style and the politics of witnessing in Kate Adie’s reporting of the Dunblane tragedy. **Journalism**. v. 13(8), p. 1083–1097. DOI: 10.1177/1464884911433252. 2011.

HILT, Michael; LIPSCHULTZ, Jeremy. Local Television Coverage of a Mall Shooting: Separating Facts From Fiction in Breaking News. **Electronic News**. v. 5(4) 197-214. DOI: 10.1177/1931243111432286. 2011.

HUCKSTEP, Susan. **The Media's Framing of Poverty Following Hurricane Katrina**. Tese (Doutorado). Universidade Regent. 2008.

ISA, Abu Daud. **MH17 Tragedy: A Comparative Analysis of Cold War and Post-Cold War Media Framing of Aviation Disasters**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Oeste da Virgínia. 2015.

JENKINS, Joy; TANDOC JR, Edson. The power of the cover: Symbolic contests around the Boston bombing suspect's Rolling Stone cover. **Journalism**. Vol. 18(3) 281–297. DOI: 10.1177/1464884915614240. 2015.

JONES, Bradley. **Hurricane Katrina, the Politics of Pity and the News Media**. Tese (Doutorado). Universidade de Michigan. 2011.

KATZ, Elihu. Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Florianópolis, Ed. Insular. p. 83-93, 2016.

KEGLER, Bruno. **Redes de comunicação pública, visibilidade e permanência do acontecimento público Tragédia Kiss (Santa Maria, Brasil, 2013)**. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. In: <https://bit.ly/2DJPCx>.

KOCHHANN, Fernanda. **Estratégias jornalísticas acionadas pelos jornais A Hora do Vale e o Informativo do Vale no processo de noticiabilidade do acidente aéreo envolvendo a equipe da chapecoense em novembro de 2016**. 2017. 118f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Universidade do Vale do Taquari, Curso de Jornalismo, Lajeado, 2017. In: <https://bit.ly/2S0SJPL>

LACKEY, Tara. **Is quality all the same?** A comparative study of print and television coverage of the Syrian conflict. Dissertação (Mestrado). Universidade de Iowa. 2015.

LAGE, Leandro. **Elementos de uma poética jornalística do acontecimento: narrativas do massacre de Realengo em Veja e Folha de S. Paulo**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Belo Horizonte, 2013b

LAGE, Leandro. **Journalism, memory, forgetting: The Realengo Massacre in the Veja Magazine's Retrospective Insight**. *Brazilian Journalism Research*. Vol. 9, n. 1, p. 208-223. 2013a.

LAGE, Leandro. O massacre de Realengo na retrospectiva de Veja: entre a memória e o esquecimento. **10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. Curitiba (PR), Nov. de 2012.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Ed. Elsevier. ed. 7ª. 2005.

LAGERKVIST, Amanda. 9.11 in Sweden: Commemoration at Electronic Sites of Memory. **Television and new media**. DOI: 10.1177/1527476412457996. Vol. 15(4) 350–370. 2012.

LEAL, Bruno; MATA, João. Os atentados de 11 de setembro e suas implicações enquanto acontecimento. **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Ouro Preto (MG), Jun. 2012.

LEARY, Kerry. **Qualitative analysis of the impact of a mass shooting on a broadcast journalist**. Dissertação (Mestrado). Unviersidade de Missouri (EUA). 2013.

LEE, Chin-Chuan; SONG, Yunya. 'Collective memories' of global media events: Anniversary journalism of the Berlin Wall and Tiananmen crackdown in the Anglo-American elite press, 1990–2014. **Journalism**. p. 1–20. DOI: 10.1177/1464884917720304. 2017.

LINGLE, Colin. **Where the power lies: a case study of ABC's "the path to 9/11" and the political blogosphere**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Yale. 2007.

LIU, Daqi. **A comparative look at the coverage of the Sichuan earthquake in Chinese and American newspapers.** Dissertação (Mestrado). Universidade de Iowa, Estados Unidos. 2010.

LONG, Carmen. **Sense from the senseless:** Understanding how journalists make sense of everyday trauma. Dissertação (Mestrado). Universidade Royal Roads. Canadá. 2013.

MACHADO, Helena; SANTOS, Filipe. The disappearance of Madeleine McCann: Public drama and trial by media in the Portuguese press. **Crime, Media, Culture.** Vol 5(2): 146–167 [DOI: 10.1177/1741659009335691], 2009.

MACIEL, L.; MELO, F.; SILVEIRA, J. #ForçaChape: A Tragédia da Chapecoense na Óptica da Rede Globo. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste,** Fortaleza, Junho 2017.

MAIA, Marta; REIS, Leidiane. A construção de um acontecimento jornalístico. **XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste,** São Paulo, Maio de 2011.

MAKINSTER, Nicholas. **Covering Qana: Israeli, Lebanese, and Iranian Media Reactions to the 1996 Shelling of Qana.** Dissertação (Mestrado). Universidade Tufts. 2014.

MAMADIEV, Behzod. **Crisis communication in authoritarian regimes: the case of andijan tragedy in Uzbekistan.** Dissertação (Mestrado). Universidade da Carolina do Norte (EUA). 2011.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela. Vertentes dos estudos de acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos.** Florianópolis: Insular, 2010. p. 97-120.

MCCAN, Marie. **A Framing Study of Media Coverage on Climate Change from 1989 to 2009.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual São José. 2010.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly,** v. 36, n. 2, p. 176-182, summer 1972.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos.** São Paulo: Summus, 2008.

MEDITSCH, E. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos.** Florianópolis: Insular, p. 19-42. 2010.

MEDITSCH, E. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Conferência feita nos Cursos da Arrábida - Universidade de Verão.** Santa Catarina, 1997.

MEDITSCH, E.; SILVA, G.; VOGEL, D. **Jornalismo e Acontecimento: Tramas conceituais.** Insular, v. 04, Florianópolis, 2013.

MELLO, M. S. Força, Chape? Narrativas da rivalidade futebolística em jornais catarinenses antes e depois da queda do voo LaMia 2933. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,** Curitiba, Setembro 2017.

MENDONÇA, Ricardo; SARMENTO, Rayza. Luana, Eliza e a lei Maria da Penha: o acontecimento em discussão. **Revista Contemporânea – Comunicação e Cultura.** v. 15, n. 03, p.842-865, set.-dez. 2017.

MENIN; Rafaela; SILVA, Terezinha. Da onda de solidariedade ao drama da injustiça: enquadramentos e valores na cobertura jornalística da “tragédia” da Chapecoense - uma

análise preliminar. **41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Intercom. Joinville (SC). Set. 2018.

MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Ed. Melhoramentos Ltda. ISBN: 978-85-06-04024-9. 2015

MIRANDA, José A. O acontecimento como invenção necessária da história. **Trajectos** – Revista de Comunicação, Cultura e Educação. Lisboa, nº 6, 2005.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. University of California, Santa Barbara. **American Sociological Review**, 1974, Vol. 39 (February): 101-12.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. p. 61-81. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Florianópolis, Ed. Insular. 2016

MORETZSOHN, Sylvia. Noticiar a dor: possibilidades e dificuldades do jornalismo na tragédia de Santa Maria. **XXII Encontro Anual da Compós**. Bahia, Jun. 2013.

MORIN, Edgar. Le retour de l'événement. **Communications**, Paris, Seuil, n. 18, p. 6-20, 1972.

MORROW, Stephanie. **Twelve days of hell: a study of violence, historical memory, and media coverage of the york, pennsylvania race riots, 1968-2003**. Tese (Doutorado). Universidade de Temple. 2016.

MOUILLAUD, M; PORTO, S. D. (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: UNB, 2002.

NEGRINI, Michele; NETO, V. O. Mediadores nas tragédias: um estudo sobre as coberturas da morte de Senna e da queda do avião da Chapecoense. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (Intercom), Curitiba, 2017.

NORA, P. O regresso do acontecimento. In: LE GOFF, Jacques. **Fazer história**. São Paulo: Bertrand, 1974.

OLIVEIRA, Juliana Motta. **Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). 2016.

OLIVEIRA, Valdir de Castro; FRANCISCO, D.; MATTOS, M. A.. **Telejornalismo cívico e solidariedade: um estudo de caso sobre as coberturas da TV Globo e TV Alterosa na tragédia do Morro das Pedras em Belo Horizonte**. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais.

ORGERET, Kristin. Cheap clothes: Distant disasters. Journalism turning suffering into practical action. **Journalism**. p. 1–18. DOI: 10.1177/1464884916671902. 2016

PATROCÍNIO, K. R; SILVA, J. P. Imprensa sensacionalista: análise da cobertura do acidente da Chapecoense pelo site Catraca Livre. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (Intercom), Curitiba, Junho 2017.

PECHÊUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

PERREAULT, Mildred. **Covering The Haiti Earthquake Of 2010: How Journalists Used Technology To Capture The Conditions Of Haiti In The Aftermath**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Georgetown. 2010.

PÉRSIGO, Patrícia Milano. **Entre a crise e a notícia: as estratégias organizacionais da Air France e a construção do acontecimento “Voo 447” pela mídia impressa brasileira e francesa.** 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Santa Maria, 2011.

PIMENTA, Thales H. N. **Memórias midiaticizadas da tragédia escolar de Realengo e as suas marcas nas recordações individuais de moradores do bairro carioca.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo (RS), 2014.

PINHEIRO, Lidiane Santos de Lima. **A construção do acontecimento histórico: o discurso do jornal o Estado de São Paulo sobre a Guerra de Canudos e sobre as comemorações do seu centenário.** (Tese – Doutorado). Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2012.

PONTES; Felipe; SILVA, Gislene. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos.** Florianópolis: Insular, 2010. p. 43-61.

PORCELLO, Flávio. A linguagem verbal e não verbal na busca de uma teoria do acontecimento telejornalístico. In: MEDITSCH; SILVA; VOGEL. **Jornalismo e Acontecimento: Tramas conceituais.** Insular, v. 04, p. 49-64. Florianópolis, 2013.

PORTO, Mauro. Frame diversity and citizen competence: towards a critical approach to news quality. **Critical Studies in Media Communication**, v.24, n.4, p.303-321, 2007.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, Salvador, 2003.

PORTO, S. D.; MOTA, C. L. **Hermenêutica e análise de discursos em jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2017.

PORTO, Sérgio D. O acontecimento social e midiático: possibilidades de interpretação. In: **Centro Internacional de Semiótica e Comunicação.** Acesso: <http://bit.ly/2Db3NET>. 2014.

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: V.R.V FRANÇA; L Oliveira (orgs), **Acontecimento: Reverberações.** Belo Horizonte, Autêntica, p. 21-38, 2012.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajectos.** Revista de Comunicação, Cultura e Educação, nº 6. Lisboa: ISCTE / Casa das Letras / Editorial Notícias, p. 59-75, 2005.

RAMOS, Roberto; ZAMBERLAN, Liège. A tragédia no Rio de Janeiro na revista Veja: os mitos e a complexidade sócio-ambiental. **Revista Alterjor (ECA-USP).** Ano 01, v. 02, Ed. 02, 2010.

ROBERTS, Shearon. **The 2010 earthquake and media in Haiti: journalistic transformations, democracy and the politics of disaster.** Tese (Doutorado) Universidade de Tulane. 2010.

ROBINSON, Sue. ‘If you had been with us’: mainstream press and citizen journalists jockey for authority over the collective memory of Hurricane Katrina. **New media & Society.** Vol 11(5): 795–814. DOI: 10.1177/1461444809105353. 2009b.

ROBINSON, Sue. ‘We were all there’: Remembering America in the anniversary coverage of Hurricane Katrina. **Memory studies.** Vol 2(2): 235–253 [DOI: 10.1177/1750698008102054]. 2009a.

- RODRIGUES, A. D. O acontecimento. In: TRAQUINA, N (Org.). **Jornalismo: Questões, teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, p. 27-33. 1993
- ROSENBERG, Leah. **Mourning News: Grief, Memory, and Television Viewership of 9/11**. Tese (Doutorado). Instituto de Artes Liberais. 2011.
- RUBIN, Anaqueli. **Da previsão do tempo às catástrofes: os valores-notícia dos acontecimentos climáticos do jornal Zero Hora (RS)** – Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2011.
- SANTAMARIA, José. The crisis of investigative Journalism in Spain. The journalism practice in the Spanair accident. **Revista Latina de Comunicación Social**. p. 516-537. DOI: 10.4185/RLCS-65-2010-916-516-537-EN, 2010.
- SANTOS, José Manuel. Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos. Trajectos – **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, nº 6, 2005.
- SANTOS, Juliana F. A. **Do desastre para o risco: qualidade na cobertura em revistas semanais de informação**. 2014. 261 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2014.
- SCHEUFELE, D. Framing, agenda setting, and priming: The evolution of three media effects models. **Journal of communication**, v. 57, 9-20, 2007.
- SEELY, Natalee. **Reporting on trauma: the psychological effects of covering tragedy and violence**. Tese (Doutorado). Universidade de Chapel Hill. 2017.
- SHERIFF, Nicole. **Best practices for disaster coverage: an analysis of how the sun herald newspaper and wlox-tv covered hurricane Katrina**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Mississippi (EUA). 2011.
- SILVA, Carolina M. **Mobilização social no Facebook: conectando solidariedade e justiça no caso da Boate Kiss**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria (RS), 2014.
- SILVA, G.; COELHO, G. S.; TAVARES, L. Imagens e experiências nas notícias sobre morte. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 1-19, Julho-Dezembro 2013b. ISSN ISSN 1984-6924.
- SILVA, M. S. O acontecimento e a atividade jornalística. Anagrama - **Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 1-12, Março-Maio 2012.
- SILVA, Terezinha. **A constituição simbólica de um acontecimento - análise do processo de individualização do Mensalão**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação e Informação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte (MG), 2011.
- SILVA, Terezinha. A pesquisa sobre escândalo político: panorama de 10 anos. **Revista Fronteiras-Estudos Midiáticos**. Unisinos. p. 160-169, set.-dez. DOI: 10.4013/fem.2013.153.02, 2013
- SILVA, Terezinha. A ‘Tragédia em Mariana’ e o Poder Hermenêutico do Acontecimento – uma Análise Preliminar. **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, Setembro de 2016.
- SILVA, Terezinha; FRANÇA, Vera. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. In: **Revista ECompós**, Brasília, V. 20, N.3, set-dez de 2017. Disponível em:

<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/1398/948>. Acesso: Dez/2019.

SILVA, Terezinha; SIMÕES, Paula G. Um acontecimento em disputa: sentidos da exumação de Jango. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, nº 1, p. 34-50, 2014.

SIMÕES, Paula G. Da morte à biografia de Mandela: acontecimento, celebridade e problema público. **Ciberlegenda** – Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. n.31, p. 86-98, 2014.

SMITH, River. **Trauma and journalism: exploring a model of risk and resilience**. Tese (Doutorado). Universidade de Tulsa. 2008.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato – notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, Vozes, 2009.

SOMERSTEIN, Rachel. Newspapers commemorate 11 September: A cross-cultural investigation. **Journalism**. Vol. 16(3) 359–375. DOI: 10.1177/1464884913519033. 2015.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUZA, Rogério; SILVA, Renan. Tragédia em dois tempos: a cobertura jornalística dos incêndios do Gran Circo Norte-Americano e da boate Kiss, separados por 50 anos. **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Manaus (AM), Set. 2013.

STAWICKI, Melanie. **Framing The Israeli-Palestinian Conflict: A Study Of Frames Used By Three American Newspapers**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Missouri, Columbia. 2009.

SURYANARAYAN, Renuka. **U.S. Elite Newspapers' Pre- And Post-Tsunami Coverage, 2003-2006: A Case Study Of Sri Lanka**. Universidade de Ohio. Tese (Doutorado). 2008.

TAKAHASHI, Bruno; TANDOC JR, Edson. Journalists are humans, too: A phenomenology of covering the strongest storm on earth. **Journalism**. p. 1–17. DOI: 10.1177/1464884916657518. 2016

THEYE, Kirsten. **The reconstruction of national identity following tragic events**. Tese (Doutorado). Universidade de Kansas. 2008.

TOWNLEY, Wendy. **Stories, stresses, and strains: what working local media experience when covering human tragedy**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Nebraska. 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis:Insular, 2005.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1983.

UMAMAHESWAR, Janani. 9/11 and the evolution of newspaper representations of incarcerated Muslims. **Crime, Media, Culture**. Vol. 11(2) 177–199. DOI: 10.1177/1741659015588403. 2015.

VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento: los médios de comunicación massiva y el accidente em la central nuclear de Three Mile Island**. Barcelona: Gedisa, 1995.

VERÓN, Eliséo. **Construire l'événement: les médias et l'accident de three mile island**. ISBN 2-7073-0323-2. Paris, 1980.

VERÓN, Eliséo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VOGEL, Daisi. O acontecimento no jornalismo e na arte. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 63-76.

WADE, Patrick. The 'living room war' in the escalation period: Romance, irony, and the narrative ambivalence of tragedy in Vietnam War era photojournalism. **Media, War & Conflict**. Vol. 8(3) 312–328. 2015.

WERNECK, Guilherme Oliveira. **O dia em que o mundo abraçou a chape: análise da cobertura jornalística do acidente com a chapecoense**. 2017. 175f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

WISE, Nicholas. Interpreting Media Content Post-Conflict: Communications Of'travel' And 'Bosnia And Herzegovina' In U.S. Newspapers, 20 Years Post-Dayton. **Dru Istra Zagreb God**. v. 3, p. 363-383. <https://doi.org/10.5559/di.26.3.03>. 2016.

WONDEMAGHEN, Meron. Media construction of a school shooting as a social problem. **Journalism**. Vol. 15(6) 696–712. DOI: 10.1177/1464884913496498. 2013.

WUCHER, Brian. **The bullet or the brain: a framing comparison between the New York Times and Toronto Star coverage of The Sandy Hook Elementary school shooting**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Nebraska. 2014.

ZHANG, Weimin. Discourse of resistance: Articulations of national cultural identity in media discourse on the 2008 Wenchuan earthquake in China. **Discourse & Communication**. Vol. 9(3) 355–370. DOI: 10.1177/1750481315571177. 2015.

ZIMMERMANN, Arnaldo. **A participação do público na cobertura radiofônica do desastre de 2008 em Blumenau**. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito**. Ed. Zahar. ed 1. Rio de Janeiro, 2017.

ZUVERINK, Evan. **The storm after the storm: a comparative framing analysis of governmental and news reporting on hurricane Katrina**. Dissertação (Mestrado). Universidade Marshall. 2012.

REFERÊNCIAS DOS JORNAIS

71 MORREM no maior acidente do esporte brasileiro. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016, Caderno Esporte, p. B1.

A DUPLA dinâmica foi separada. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.730, 1º dezembro 2016. p. 23.

AGÊNCIA ESTADO. Jogadores do Atlético Nacional pedem que a Chape seja declarada campeã. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 29.

ALEIXO, Fábio. Vida depois da tragédia. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.382, 29 novembro 2017. Caderno Esporte, p. B9.

ALEIXO, Fábio; COSENZO, Luiz; CONDE, Paulo. Tragédia da Chape completa um ano sem conclusão sobre culpados. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.379, 26 novembro 2017. Caderno Esporte, p. B1

AMENDOLA, Gilberto; BATISTA, Daniel. Equipe chega ao grito de “o campeão voltou” em velório. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.733, 5 dezembro 2016. p. 5.

ANA MARIA Braga apresenta programa vestindo camisa da Chapecoense. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.732, 3 e 4 dezembro 2016. p. 13.

ANÁLISE das caixas-pretas pode levar seis meses. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.733, 5 dezembro 2016. p. 18.

APOIO da FAB e do Itamaraty. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 10.

ARENA Condá tem dia histórico em homenagem às vítimas da tragédia. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.730, 1º dezembro 2016. p. 27.

AS VÍTIMAS do desastre na Colômbia. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.117, 30 novembro 2016, p. 12-17.

AULAS canceladas e eventos adiados na cidade. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 12.

AUTORIDADES lamentam a morte da delegação da Chapecoense. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 27.

AVIÃO foi projetado para operar em pistas curtas. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 3.

BARBOSA, Jairo. Mulher de piloto pede desculpas e diz que ‘ele não é bandido’. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.021, 3 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B4.

BARDAWIL, Olga. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 20, n. 6.028, 29 novembro 2017, p. 2.

BEHS, Leandro. Chapecó pronta para a mais triste despedida. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.119, 2 dezembro 2016b, p.10-11.

BEHS, Leandro. Solidariedade continental. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.119, 2 dezembro 2016a, p. 14.

BOSCHI, Upiara. Clubes sugerem empréstimo de atletas e pedem imunidade ao rebaixamento. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.117, 30 nov. 2016b, p. 23.

- BOSCHI, Upiara. Pôster que fica para a história. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.117, 30 novembro 2016a, p. 22-23.
- BRASIL, Colômbia e Bolívia criam força-tarefa. **Diário do Iguçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.733, 5 dezembro 2016. p. 18.
- BUSCAS por sobreviventes foram encerradas no começo da noite. **Diário do Iguçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 8.
- CARDOSO, João Lucas. A mãe de ferro. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 32. n. 11.426, 25 e 26 novembro 2017b, p. 10-11
- CARDOSO, João Lucas. Cicatrizes de um pesadelo. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 32. n. 11.426, 25 e 26 novembro 2017a, p. 2-5.
- CASTIEL, Marcos. Empresa admite possibilidade de erro. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.118, 1º dezembro 2016, p. 10-11.
- CASTIEL, Marcos. Espera prolongada. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.119, 2 dezembro 2016a, p. 6-7.
- CASTIEL, Marcos. Fraternidade colombiana. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.120, 3 e 4 dezembro 2016c, p. 8
- CASTIEL, Marcos. Partida com honras militares. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.120, 3 e 4 dezembro 2016d, p. 9.
- CASTIEL, Marcos. Reverência histórica. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.118, 1º dezembro 2016b, p. 6-7.
- CIDADE prepara velório coletivo. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.118, 1º dezembro 2016, p. 14.
- CIDADE que possui time de futebol forte tem divulgação. **Diário do Iguçu**. Chapecó, ano 20, n. 6.028, 29 novembro 2017, p. 10.
- CLUBES lamentam tragédia e prestam homenagens à Chapecoense. **Diário do Iguçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 14.
- COLUCCI, Cláudia. Luto coletivo empresta dor para chorarmos nossas próprias perdas. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016, Caderno Esporte, p. B8.
- CONDE, Paulo Roberto. Confirmação da pane seca barraria pagamento de seguro para famílias. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.020, 2 dezembro 2016b, Caderno Esporte, p. B4.
- COSENZO, Luiz. Herói da semifinal, goleiro Danilo morreu no hospital. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016, Caderno Esporte, p. B4.
- COZENZO, Luiz; CONDE, Paulo; RANGEL, Sérgio. CBF e clube preveem pagamento de seguro para famílias. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.019, 1º dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B3.
- DEBONA, Darci. Orgulho em verde e branco. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.117, 30 novembro 2016b, p. 27.
- DEBONA, Darci. Uma noite de vigília e pesar. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.118, 1º dezembro 2016a, p. 12.

DEBONA, Darci; MACIEL, Roelton. União para superar a tristeza. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.119, 2 dezembro 2016b, p. 20-21.

DOR para quem fica. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 18.

DUAS hipóteses são investigadas. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 2.

EMPRESAS e entidades manifestam solidariedade. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 24.

ERROS sem punição. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 32. n. 11.426, 25 e 26 novembro 2017, p. 14-15.

FALEI vão com Deus. A gente se vê em Curitiba”, diz vice-presidente. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 18.

FALTAVAM só 50 quilômetros. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 2.

GASPERIN, Emerson. Duas cidades unidas na dor. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.120, 3 e 4 dezembro 2016b, p. 6-7.

GASPERIN, Emerson. O luto do campeão. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.117, 30 novembro 2016a, p. 6-7

GASPERIN, Emerson; MACIEL, Roelton. A última partida. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.121, 5 dezembro 2016, p. 6-7.

GERAQUE, Eduardo. Acidente alerta o mercado de voos fretados. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.022, 4 dezembro 2016a, Caderno Esporte, p. B6.

GERAQUE, Eduardo; LOBEL, Fabrício. Avião da Chape tinha plano de voo falho e não poderia ter decolado. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.020, 2 dezembro 2016b, Caderno Esporte, p. B1.

GERAQUE, Eduardo; LOBEL, Fabrício. Conversa de piloto e autoridades reforçam tese de pane seca em voo da Chapecoense. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.019, 1º dezembro 2016d, Caderno Esporte, p. B1.

GERAQUE, Eduardo; LOBEL, Fabrício. Pane seca e ‘avião intruso’ são hipóteses. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016c, Caderno Esporte, p. B2.

GOBBI, Suzane; PIVA, Bia. Chape conquistou nova geração de torcedores. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.732, 3 e 4 dezembro 2016. p. 3.

GOULART, Rodrigo. Descansem em paz, amigos! **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016b. p. 25.

GOULART, Rodrigo. Nascido para surpreender. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016d. p. 22.

GOULART, Rodrigo. Pallaoro: o maior presidente da história da Chapecoense. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.732, 3 e 4 dezembro 2016c. p. 4.

GOULART, Rodrigo. Resultado de um trabalho sério. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016a. p. 23.

GRAGNANI, Juliana. Luto toma conta de escolas e deixa alunos e professores atordoados. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.021, 3 dezembro 2016b, Caderno Esporte, p. B3.

GRAGNANI, Juliana. Mãe, a Chape morreu? **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.019, 1º dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B4.

GRAGNANI, Juliana; RODRIGUES, Eduardo. 'Reconstrução de Chapecó conta até com psicólogos que atuaram na Boate Kiss'. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.020, 2 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B5.

GRAGNANI, Juliana; URIBE, Gustavo. Temer irá somente a evento reservado; pai cobra 'dignidade'. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.021, 3 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B2.

GRAGNANI, Juliana; URIBE, Gustavo. Vítimas do voo da Chape são recebidas por milhares sob chuva e emoção de parentes. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.022, 4 dezembro 2016c, Caderno Esporte, p. B1.

HIPÓTESE de pane seca ganha força com versão de testemunhas. **Diário do Iguçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.730, 1º dezembro 2016. p. 12.

HOMENAGENS pelo país. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.121, 5 dezembro 2016, p. 8-9.

IMPRENSA de 14 países acompanhará o funeral. **Diário do Iguçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.732, 3 e 4 dezembro 2016. p.

JORGE, Mariliz. Até quando choraremos os mortos? **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.021, 3 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B3.

JORNALISTAS relatam experiência de cobrir tragédia em Chapecó. **Diário do Iguçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.733, 5 dezembro 2016. p. 16.

KERVALT, Marcelo. "O acidente vai servir de divisão entre aviação aventureira e aviação séria". **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.120, 3 e 4 dezembro 2016, p. p.15.

KFOURI, Juca. Como dizia Bill Shankly. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.022, 4 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B2.

LINDER, Larissa. Quando o luto é de todos. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.117, 30 novembro 2016, p. 24.

LOBEL, Fabrício. Caixa-preta deve desvendar lacunas da queda de avião da Chapecoense. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.023, 5 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B1.

MACIEL, Roelton. Direitos além dos direitos. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 32. n. 11.426, 25 e 26 novembro 2017, p. 12-13.

MACIEL, Roelton; MAZUI, Guilherme. Força Aérea Brasileira mobiliza quatro aviões. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.117, 30 novembro 2016, p. 25.

MARCAS no olhar. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 32. n. 11.426, 25 e 26 novembro 2017, p. 1.

MARCELINO, Giovane. Reações após a tragédia. **Diário do Iguçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 16.

MENA, Fernanda. 'Não é para você ir nesta viagem', pediu noiva a lateral sobrevivente. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016, Caderno Esporte, p. B5.

MENIN, Rafaela. Torcedores lotam estádio e igreja em Chapecó. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016, Caderno Esporte, p. B8.

MÚSICA e orações marcam reunião da torcida da Chapecoense. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 11.

NA LUTA pela vida. **Diário Catarinense.** Florianópolis, ano 31. n. 11.117, 30 novembro 2016, p. 18.

NOVATOS e veteranos da imprensa estavam em voo. **Folha de São Paulo.** São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016, Caderno Esporte, p. B5.

O ABRAÇO de Dona Alaíde. **Diário Catarinense.** Florianópolis, ano 31. n. 11.120, 3 e 4 dezembro 2016, p. 17.

O MUNDO da bola abraçou a Chape. **Diário Catarinense.** Florianópolis, ano 31. n. 11.121, 5 dezembro 2016, p. 38.

O PORQUÊ da escolha pela LaMia. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 20, n. 6.028, 29 novembro 2017, p. 7.

O TRABALHO de quem cuida do dinheiro no clube do Oeste. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 20, n. 6.028, 29 novembro 2017, p. 6.

OBJETOS recuperados guardam lembranças e afeto. **Diário Catarinense.** Florianópolis, ano 32. n. 11.426, 25 e 26 novembro 2017, p. 8-9.

OLIVEIRA, Filipe. Venda de camisetas da Chapecoense cresce, mas preço aumenta. **Folha de São Paulo.** São Paulo, ano 96, n. 32.019, 1º dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B5.

OS QUE SOBREVIVERAM. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 20, n. 6.028, 29 novembro 2017, p. 3.

OS QUE sobreviveram. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 20, n. 6.028, 29 nov. 2017, p. 3.

PALÁCIO do Planalto confirma que Temer vai a Chapecó, mas não deve ir ao funeral. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 19, n. 5.731, 2 dezembro 2016. p. 20.

PICCINI, Audrey. “Acredito que Deus preferiu que estivesse aqui ajudando as famílias”, diz Luciano Buligon. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 10.

PIVA, Bia. Organizadores pedem colaboração da população. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 19, n. 5.732, 3 e 4 dezembro 2016. p. 6.

POTTER, Hyury. Histórico de trajetos no limite. **Diário Catarinense.** Florianópolis, ano 31. n. 11.119, 2 dezembro 2016, p. 11.

QUEDA do avião da Chapecoense mata 71 pessoas; 6 sobrevivem. **Folha de São Paulo.** São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016, p. 1.

QUEM estava no voo. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 nov. 2016. p. 6-7.

RANGEL, Sérgio; RODRIGUES, Eduardo. Em sete anos, clube saiu do anonimato e virou xodó nacional. **Folha de São Paulo.** São Paulo, ano 96, n. 32.018, 30 novembro 2016, Caderno Esporte, p. B6.

REAL e Barça fazem homenagem em clássico. **Folha de São Paulo.** São Paulo, ano 96, n. 32.022, 4 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B6.

SILVEIRA, Natan. Amizade entrelaçada pelo jornalismo e futebol. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 19, n. 5.733, 5 dezembro 2016. p. 17.

SIMAS, Fernanda. “Foi muito dramático”, conta jornalista colombiano. **Diário do Iguçu.** Chapecó, ano 19, n. 5.729, 30 novembro 2016. p. 4.

SPENASSATTO, Gabriel. “Chapecó será sempre minha segunda cidade”. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.732, 3 e 4 dezembro 2016. p. 15.

SPENASSATTO, Gabriel. Tripulação foi alertada na Bolívia sobre problema com combustível. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.731, 2 dezembro 2016. p. 14.

SUDATTI, Isabela. “A Chapecoense não vai acabar aqui”. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.730, 1º dezembro 2016. p. 19.

SUDATTI, Isabela. A despedida dos nossos campeões. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.733, 5 dezembro 2016b. p. 4.

SUDATTI, Isabela. Essa força que a Chape tem. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.732, 3 e 4 dezembro 2016c. p. 10.

SUDATTI, Isabela. O mundo se pintou de verde. **Diário do Iguaçu**. Chapecó, ano 19, n. 5.730, 1º dezembro 2016a. p. 7.

TOSTÃO. Românticos e pragmáticos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.022, 4 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B6.

UNIDOS pela vida. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 32. n. 11.426, 25 e 26 novembro 2017, p. 6-7.

VICTOR, Fábio. Milhares de colombianos se reúnem em estádio em tributo à Chapecoense. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.019, 1º dez. 2016, Caderno Esporte, p. B5.

VICTOR, Fábio; VIZONI, Adriano. No morro do desastre. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.020, 2 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B2.

VOO previa parada para abastecer. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 96, n. 32.023, 5 dezembro 2016, Caderno Esporte, p. B2.

WEISS, Cristian. Hipóteses para explicar a queda. **Diário Catarinense**. Florianópolis, ano 31. n. 11.117, 30 novembro 2016a, p. 10.

ANEXO

O material empírico utilizado como *corpus* de análise desta pesquisa, os textos publicados pelos jornais *Diário do Iguaçu*, *Diário Catarinense* e *Folha de S.Paulo*, sobre a queda do avião que transportava a equipe da Associação Chapecoense de Futebol está acessível no link: http://bit.ly/Anexo_DissertaçãoRafaelaTMenin e também em DVD anexado à versão impressa da Dissertação de Mestrado.